

BRUNO M. FRANCO

VINGANÇA MORTAL

O AGUARDADO REGRESSO DA SAGA MORTAL



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

BRUNO M. FRANCO

VINGANÇA 3 MORTAL

O AGUARDADO REGRESSO DA SAGA *MORTAL*



BRUNO M. FRANCO

VINGANÇA MORTAL





Edição em formato digital: agosto de 2024

VINGANÇA MORTAL

© 2024, Bruno M. Franco

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Edição: Diana Garrido

Revisão: C. Santos

Capa: André Cardoso

Imagem da capa © iStock photos

ISBN: 978-989-583-173-9

Composição digital: leerendigital.com

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [sumadeletrasportugal](https://facebook.com/sumadeletrasportugal)

Instagram: [topseller.suma](https://instagram.com/topseller.suma)

Índice

Vingança Mortal

Créditos

Epígrafes

Aviso

Vingança Mortal

Nota de Autor

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre o autor

O amor é a força mais subtil do mundo.

MAHATMA GANDHI

A tolerância é a melhor das religiões.

VICTOR HUGO

Aviso

Todas as personagens deste livro são obra de ficção e alguns locais podem ter sido alterados simplesmente para benefício da narrativa.

Caso existam semelhanças com pessoas reais será pura coincidência.

PRÓLOGO

O jogo estava prestes a mudar.

Um jovem caminhava com passadas ansiosas. Passou a mão pela testa para limpar as gotas de suor que lhe escorriam desde a linha do cabelo. Ao chegar à frente do Burj Khalifa, aproximou-se da fonte. Jatos de água fresca eram disparados com precisão em várias direções.

Carlos Caetano consultou o relógio. Faltava um minuto para as dez da manhã.

No dia anterior, para cumprir um acordo que fizera com a PJ, ao encontrar Margarida Rosa a sair do edifício mais conhecido do Dubai, telefonara imediatamente à inspetora Marta Mateus, confirmando que a mãe do inspetor Leonardo Rosa se encontrava ali.

Tinham-na encontrado. Finalmente.

No entanto, Margarida fora mais inteligente, tendo-lhe apresentado uma proposta para os inspetores: ela ajudava-os a deter a pessoa que matara Laura e Raul e, em contrapartida, Leonardo teria de deixar de a procurar pelos crimes que cometera.

— O Leo está ainda no recobro, mas consegui falar com ele — dissera-lhe Marta num novo telefonema, horas depois de ele lhe apresentar a proposta. — A prioridade dele é apanhar quem matou o filho. A qualquer custo.

— Isso significa que...

— O Leo aceita a proposta.

Carlos estava de acordo com a decisão. A forma como Laura Capuchinho e o bebé de Leonardo tinham sido assassinados fora de

uma violência perturbadora. O assassino, que conheciam apenas como RS, estava a monte, e afirmara, num bilhete deixado na cena do crime, ter feito o que fez para se vingar. Mas quem seria essa pessoa? E vingar-se do quê?

Afastando os pensamentos do dia anterior, Carlos inspirou o ar abafado do Dubai e sentiu-se bem por estar em liberdade. Passara a noite num hotel lindíssimo e tinha devorado o pequeno-almoço. Era a melhor parte das viagens.

Passavam precisamente dezasseis segundos das dez da manhã quando uma mulher alta e loura saiu pelas portas do edifício e se encaminhou na direção do português. Carlos endireitou-se e todos os pensamentos se esfumaram perante o respeito que tinha por ela. E receio. Muito receio.

— Olá, Carlos — cumprimentou ela assim que estacou a um metro dele. Vestia roupas leves, de bom gosto. — Presumo que tenhas uma resposta.

Carlos susteve o olhar intenso de Margarida.

— Para que saiba, a operação do seu filho correu bem. O Leonardo vai recuperar rapidamente e está livre do cancro. Vai ficar como novo.

Pareceu notar um esboço de um sorriso no rosto sério de Margarida.

— Eu sei disso. Soube-o ainda antes de o Leonardo acordar.

— Então, suponho que também saiba a resposta dele à sua proposta.

— Imagino qual seja, mas quero uma confirmação verbal.

— Ele aceita.

— E, no final, vai deixar de me perseguir? Vou poder viver em paz?

— Sim.

Ela olhou por cima do jovem, pensativa. Mesmo agora, com mais de sessenta anos, a sua beleza era desarmante.

— Diz-lhe que chego a Portugal no início de junho. Para ele ter tempo de recuperar a cem por cento da operação e podermos tratar destes... negócios.

— Em que dia, exatamente?

— Não sei, rapaz — atirou, saturada. No entanto, perante o ar

determinado de Carlos, desfez o ar arreliado e ponderou noutra resposta. — No dia 1 parece-me razoável. Está bem assim?

Carlos assentiu.

Margarida agradeceu com um breve aceno e desapareceu, deixando-o de coração acelerado, imaginando como se comportariam os dois Rosas quando se encontrassem.

A reunião entre mãe e filho estava para breve.

Fora a morte que os separara.

Agora, era a morte que os juntava.

DOIS MESES DEPOIS

CAPÍTULO 1

A promessa da chegada do verão era excitante. O calor aumentava de dia para dia, e a expectativa de passar horas na praia, a pele bronzeada, o cabelo a clarear, as bebidas frescas, os amigos, era difícil de controlar na adolescência.

Com o ano letivo a terminar, a ansiedade era maior.

Não era de admirar, por isso, que Matilde não tenha conseguido pregar olho a partir das seis da manhã, principalmente quando alguns raios de sol se infiltraram pelas frestas dos estores, banhando-a docemente e enchendo-a de promessas.

Minutos antes das sete da manhã, pegou no telemóvel e mandou mensagem ao namorado a perguntar se queria fazer uma pequena loucura.

«Sabes bem que sim. Contigo, estou pronto para tudo.»

Matilde sorriu abertamente, deitada na cama com o telemóvel a pairar centímetros acima do rosto, ameaçando cair-lhe na testa, como já acontecera inúmeras vezes quando ficava a falar com o namorado até altas horas da noite e adormecia a meio de uma mensagem.

«E se fôssemos à praia dar um mergulho? Não aguento mais, ainda faltam algumas semanas de aulas e disseram que hoje iam estar temperaturas de verão. Bora? <3»

Aguardou apenas uns segundos, até obter a resposta positiva do namorado, que acrescentou que ia convidar o gangue do costume. De certeza que iam alinhar num mergulho antes de irem para as aulas. Tinham Português às 11h30, dava tempo suficiente.

Entusiasmada, levantou-se com rapidez e foi a correr preparar-se.

Com dezasseis anos, Matilde usufruía de uma certa independência, conseguida ao longo de anos de bom comportamento e de cumprimento das regras que os pais lhe impunham, principalmente quando começou a querer sair à noite.

O que interessava agora era apanhar o Uber para a praia, o qual iria dividir com o namorado e os três amigos da turma.

— É bom que não faltes às aulas, Matilde — advertiu o pai, enquanto laçava a gravata em frente ao espelho e a via a andar quase aos pulos pela casa.

— Está descansado, vamos só dar um mergulho. Já viste bem o calor que vai estar hoje?

— Olha que se eu souber...

Ela aproximou-se dele, de mochila às costas e toalha de praia na mão, e deu-lhe um beijo na face, cortando-lhe a palavra.

— Não te preocupes, não vou faltar.

Ele assentiu, deixando escapar um sorriso.

A viagem correu com alguma lentidão, com a Marginal entupida pelo trânsito matinal. Quando a carrinha virou para o parque de estacionamento que antecedia o acesso à Praia da Torre, os jovens mal continham os sorrisos perante o cenário que tinham pela frente e que iriam ver diariamente nos próximos meses.

O Sol já subia, glorioso, no céu limpo de um azul cristalino, e o mar, lá ao fundo, reluzia ao refletir os raios de sol, criando um cenário idílico.

— Chegámos!

A Praia da Torre, localizada ao lado da Fortaleza de São Julião, era a preferida do grupo. Possuía um extenso areal que lhes permitia jogar raquetes ou voleibol, tinha chuveiros e era o ponto de partida do Passeio Marítimo de Oeiras.

Saíram da carrinha, agradecendo ao motorista, passaram por um café de madeira, que começava já a atender os primeiros clientes, e desceram a rampa de acesso.

— Que saudades de sentir a areia nos pés — comentou Matilde, pisando o areal com os pés descalços, que se enterravam a cada passada.

Caminharam até à frente da praia, pousando as mochilas e toalhas

a mais de trinta metros da linha de água. Estava maré vazia, ondas suaves, sem grande rebentação. Algumas pessoas já se tinham aventurado na água, mas a praia estava bastante deserta, longe da enchente do verão.

— Vamos lá dar o primeiro mergulho do ano? — convidou Matilde, a que mais adorava banhar-se e a mais destemida a entrar na água.

Despiram-se rapidamente, atirando a roupa para cima das coisas. Correram em direção à água sem pensarem duas vezes, o som das pisadas velozes a acompanhá-los. Matilde adiantou-se ao grupo por ter sido a primeira a iniciar a corrida; envergara apenas um vestido, que tirara em segundos. A adrenalina era tanta que os seus pés não assimilaram a diferença de temperatura quando entraram na água gelada. Continuou a correr mais uns metros, ouvindo os amigos logo atrás a rirem-se e a gritarem com o choque térmico, mas ela ignorou o frio e atirou-se de cabeça, mergulhando o corpo todo.

Todos os sons foram abafados. Mais nada existia.

Sentiu uma mão pegar-lhe no braço.

A puxá-la.

Fincou os pés na areia e levantou-se, encarando o namorado que a puxava para perto dos amigos. Envolveu-a num abraço gelado e bem apertado, para depois a largar e a atirar à água novamente.

— Estúpido! — praguejou, sorridente, enquanto limpava os olhos e avançava a custo sobre ele, as pernas a lutarem contra a resistência da água.

Pouco depois, todos atiravam água uns aos outros, e as suas gargalhadas e guinchos sobrepuseram-se ao sempre constante som do mar.

— Porra, que está fria!

No meio da confusão, Matilde conseguiu localizar o namorado e partiu para cima dele. Ele reparou e começou a fugir. Era costume provocarem-se desta forma, com empurrões, atirando água para as costas um do outro e perseguindo-se, a pé, a nado ou submersos. Ela adorava isso nele. Ao fim de uns segundos, alcançou-o e saltou para cima dele.

Embrulharam-se na água e ele, sempre submerso, nadou para longe dela. Matilde conseguiu vê-lo afastar-se e partiu atrás dele com

a genica e excitação habitual de quem é o perseguidor e sente que está perto da vitória.

Como odiava abrir os olhos debaixo de água, limitou-se a perceber em que direção ele ia e, fechando os olhos, bracejou velozmente nesse sentido, certa de que o apanharia em pouco tempo. Esticou o braço para a frente e agarrou-lhe o tornozelo.

Sorriu, vitoriosa.

Puxou-o para si e ele não resistiu, admitindo a derrota.

Apoiando os pés no fundo, Matilde pôs-se de pé. A água dava-lhe, agora, pelo peito. Com o namorado ainda debaixo de água, pegou-lhe no pé e decidiu arrastá-lo até chegarem aos amigos. Ele tinha a mania de fingir que desmaiava quando ela lhe ganhava. Queria ver quanto tempo mais aguentava ele sem respirar.

No entanto, o namorado devia ter enterrado as mãos na areia, porque sentia alguma resistência ao puxá-lo, embora ele não se debatesse para se soltar.

Puxou com mais força, sabendo que ele não teria grandes apoios para se agarrar com mais firmeza do que ela.

— Que estás a fazer, Matilde?

A voz do namorado surgiu atrás de si. Para a enganar, tinha dado a volta debaixo de água, deixando-a a pensar que seguira em linha reta.

— Eu... como é que...

Olhou com olhos de ver para o que estava a agarrar.

Era, de facto, um pé.

Mas não era o do namorado.

Parou uns segundos para que a água ficasse novamente cristalina para conseguir ver com clareza o que estava a agarrar.

Era um corpo. Morto. Um cadáver.

Largou-o imediatamente, fugindo e gritando, aterrorizada de morte.

CAPÍTULO 2

LEONARDO E MARTA

Leonardo Rosa acordou com algum alívio.

Sonhara, como em tantas outras noites nos últimos meses, com Laura e o seu filho por nascer. Assassinados. Laura fora esfaqueada no pescoço e no peito, levando a que Raul morresse no útero. Lembrava-se constantemente de lhe tocar no ventre, e de lhe cair tudo perante a ausência de movimento. Não sentiu absolutamente nada. Raul morreria pouco depois da mãe.

Com trinta e sete anos, o inspetor da Brigada de Homicídios da Polícia Judiciária de Lisboa ansiava ser pai. Quando soube que Laura, uma mulher com quem tivera um breve caso, engravidara, apaixonou-se pela ideia da paternidade. Criara inúmeras fantasias que envolviam o seu filho. Queria muito pegar em Raul, ouvir o primeiro choro, dar-lhe de comer. Vê-lo crescer. Queria ser o melhor pai possível para ele.

Mas alguém, que assinara «RS» num bilhete deixado na cena do crime, acabara com esse sonho.

RS.

Quando conseguiu limpar a cabeça de todo o ódio, de toda a fúria que o tinha assolado ao observar o assassinato, tentou raciocinar, ser mais prático. O primeiro pensamento fora para o mentor do assassino em série do Caso Segredo Mortal, mas esse homem, para o bem de todos, estava morto. Ainda ponderara que tivesse sido outro criminoso que capturara no passado.

Mas não.

RS só podia apontar para uma mulher. Uma mulher muito em particular, perigosa e sem escrúpulos.

Roberta Schulz.

Esse nome não lhe saía da cabeça. Fora a mesma mulher que engendrara o Projeto Segredo Mortal e que provocara o Desastre de Lisboa, uma enchente que ceifara a vida de centenas de pessoas e que causara uma destruição desmesurável na cidade.

Fora Roberta a responsável pela morte de Diana, a sua ex-mulher, e agora do seu filho. Fora detida nos Estados Unidos da América após o desvendar do caso, mas sem grandes consequências. Saíra da prisão ao fim de pouco tempo graças a uma superequipa de advogados que a protegia. Assim, Leonardo sabia que desta vez não haveria prisão para ela. Não, se isso não a parava.

Tinha de haver outra forma de a travar. Permanentemente.

Leonardo sentia-se cada vez mais envolvido por uma escuridão que o levava a querer fazer justiça com as próprias mãos. Esse sentimento nascera no final do ano anterior, quando disputara a tarefa final das Olimpíadas da Morte. O inspetor tivera de matar para sobreviver. No Caso Estripador de Lisboa, meses depois, atacara uma pessoa de interesse e ameaçara outra. Só não matara o primeiro porque Marta estava lá e conseguira impedi-lo a tempo. A voz dela salvara-o de cometer um erro fatal.

Porque ele a amava.

Marta. Marta Mateus.

M&M.

Ao pensar nela, toda a raiva, tristeza e mágoa se evaporavam como que por magia. Amava-a com todas as suas forças. Sempre a amara, mas só recentemente o conseguira perceber e admitir. Ela era a mulher da sua vida.

Um leve gemido e um encostar de cabeça no seu peito fizeram-no sorrir.

Ela era a sua ilha de felicidade no meio de todo o caos em que vivia.

— Bom dia.

A voz suave de Marta apagou todos os pensamentos. Emoldurado pelo seu cabelo ruivo, estava o seu lindo rosto sardento e ensonado, o corpo estendido na cama ao seu lado.

— Bom dia — respondeu, depositando-lhe um beijo nos lábios.

Após o assassinio de Laura Capuchinho, Marta fora um apoio incondicional. O inspetor sofrera muito com o luto nas semanas que se seguiram, e só conseguira ultrapassar a perda com a sua ajuda. Ao mesmo tempo, ela própria lidava com os seus monstros após o desfecho do Caso Estripador de Lisboa. Com Leonardo quebrado, Marta recorrera com frequência a um psicólogo para não se perder no sofrimento e repulsa provocado pelo que lhe acontecera. Ajudar Leonardo a sobreviver ao luto e a recuperar da cirurgia fora terapêutico e distraía-a do seu próprio trauma. Apoiaram-se um no outro. Leonardo dera-lhe todo o espaço e carinho que ela precisava. A compartimentação fora essencial para que Marta se distanciasse desse acontecimento. Foram semanas penosas, mas agora sentiam que estavam a renascer.

Marta passou a mão pelo abdómen dele e demorou-se na cicatriz.

— Estás acordado há muito tempo?

— Não.

— Mentiroso. Estavas a pensar na tua mãe?

— Talvez — Leonardo fez um meio-sorriso.

— É já depois de amanhã. Como te sentes?

— Não sei. Nem sei como vou reagir quando estiver à frente dela.

— Até eu estou nervosa. Descobriste em que avião é que vem?

— Ela disse ao Carlos que vinha dia 1 de junho, mas não encontrei o nome dela em nenhum voo nesse dia.

Marta ergueu o tronco, apoiando a cabeça no braço, mais espevitada.

— Portanto, ou a tua mãe vem com um nome diferente...

— Ou veio mais cedo — completou Leonardo. — O que significa...

— Que já pode estar em Portugal.

CAPÍTULO 3

LEONARDO E MARTA

— Já contaste ao Teodoro que estamos juntos, M&M?

Marta, com a atenção virada para a estrada, mãos no volante, abriu a boca de espanto.

— Porque é que tenho de ser eu?

— Porque sente que te deve um favor por ter agido mal contigo o ano passado. Por ter sido um cabrão.

— E achas que se fores tu a dizer-lhe, ele não vai aceitar? Tu és um sobrevivente de cancro, pelo amor de Deus.

— Ou, então, não dizemos, deixa lá. Que eu saiba, não há nenhuma regra que nos impeça de namorar.

— Exatamente. Não sei qual é a tua preocupação.

O inspetor engoliu em seco e ficou em silêncio a ver as praias de Oeiras passarem ao longe. Por vezes, ainda se sentia um estranho na sua própria vida. Se lhe perguntassem, uns anos antes, se se via a namorar ou a apaixonar-se por outra mulher que não Diana, a mulher com quem casara aos vinte e oito anos, diria que não com todas as suas forças.

Mas a vida dava muitas voltas, e aqui estava ele, viúvo, com um filho assassinado, destroçado e apaixonado por Marta. Amava-a, mas, no fundo, sentia uma estranha inquietação que não conseguia sossegar. Talvez tornando a relação oficial junto do inspetor-chefe essa sensação passasse.

Ao ouvir Marta puxar o travão de mão, foi transportado para o

presente. Tinham chegado ao destino. Saíram do *Chevrolet* verde da inspetora e avançaram pelo caminho alcatroado, tentando furar por entre uma pequena multidão curiosa que se formara. Desceram os degraus de acesso à praia e caminharam pelo areal até alcançarem um novo aglomerado de mirones em meia-lua. Estavam de telemóveis em riste, sem qualquer respeito pelo que se passava junto ao mar.

A generosa área delimitada pela fita da polícia estava bloqueada por vários agentes da GNR. Leonardo e Marta identificaram-se e passaram o bloqueio. Mais à frente, avistaram dois peritos forenses da Judiciária, com os seus macacões brancos, a rodearem o local de interesse. Para a direita, afastados uns vinte metros, estava um agente e um grupo de jovens sentado no chão, uns a chorar, outros de olhar caído, mas todos claramente em choque.

Tiveram de calcorrear cerca de quinze metros até chegarem ao local. O calor começava a apertar, e pior ficou quando vestiram o fato protetor. A maré estava praticamente vazia, distante do cenário que levava os inspetores à Praia da Torre. As ondas começavam a fazer mais barulho, pontuando a situação.

— Bem-vindos, inspetores — cumprimentou um dos técnicos ao avistá-los.

— Bom dia — cumprimentaram, observando o que provocara aquele alarido.

— Bela forma de começar a semana, hem? — lançou Marta, na tentativa de aligeirar o ambiente. — Já começa a ser um hábito.

— Faz parte da nossa profissão. Não temos nem inícios, nem finais, nem meios das semanas bons — lamentou o perito forense, agachado, a documentar toda a cena com a máquina fotográfica.

Diante dos inspetores encontrava-se um corpo nu, estendido no chão, pernas e braços afastados. O tornozelo estava preso a um disco de ginásio de dez quilos por uma corda grossa. A pele estava macilenta, os olhos, fechados, os genitais, intactos.

— Bom dia, rapaziada — cumprimentou o médico-legista, caminhando com um gingar estranho, como se não quisesse encher as meias de areia. Cristóvão Martins era o médico-legista responsável pela Delegação do Sul e tinha um ar sempre desajeitado, como se tivesse acabado de sair da cama após uma bela noite de sono. Caminhava ao lado do seu jovem assistente, o qual carregava a mala

com as ferramentas do ofício. Leonardo esticou a mão e o médico retribuiu o gesto, cumprimentando-o e a Marta Mateus. Ajeitou os óculos muito graduados para analisar a cena que tinham à frente.

— O que nos podes dizer assim à primeira vista, Cristóvão?

Ele ajeitou novamente os óculos e assentiu com a cabeça, para que Leonardo percebesse que ouvira a sua pergunta. Nem sempre era óbvio, dado o ar de constante distração que apresentava. No entanto, era o melhor na sua área e com quem eles mais desejavam trabalhar. Cristóvão agachou-se ao lado da vítima e, de mãos enluvadas, tocou no corpo, sentindo a rigidez cadavérica, para depois medir a temperatura corporal e analisar os olhos, mexendo nas pálpebras.

— Temos um jovem, possivelmente entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos de idade, sexo masculino, caucasiano, ainda em *rigor mortis*. Apresenta uns sulcos muito ligeiros no pescoço. A pele, apesar de já ligeiramente engelhada, como podem ver principalmente nas mãos, parece estar em boas condições. Tem as unhas pintadas, um resto de sombra nos olhos e um brinco. Terei de fazer a autópsia para poder analisar melhor. Aqui não é o melhor local, como devem entender.

— Consegues ter já uma ideia da causa e da hora da morte?

— Não estava nada à espera de que me fossem perguntar isso.

Marta sorriu perante o ar bonacheirão do médico. Era um homem com vasta experiência, o que lhe permitia distanciar-se das situações e aligeirar sempre o ambiente, relativizando o horror que observavam.

— A vítima foi encontrada na água, certo?

Marta fez sinal a um militar da GNR, o qual se aproximou rapidamente.

— Conte-nos o que aconteceu aqui.

Ele olhou para a vítima, mas rapidamente desviou o olhar, focando-se nos inspetores.

— Pelas nove e um quarto da manhã, recebemos a chamada telefónica de uma jovem chamada Matilde, que faz parte daquele grupo de jovens. Foram eles que encontraram o corpo na água, a cerca de vinte metros da zona de rebentação. Quando chegámos, já havia várias pessoas a tentar puxar o corpo para terra, pelo que afastámos toda a gente e definimos um perímetro de segurança.

— Acabaram por ser vocês a carregar o corpo até aqui? —

perguntou Marta, vendo como as calças do agente estavam húmidas.

— Exato. Eu e mais dois colegas transportámos o corpo para terra e deixámo-lo como se encontra agora. Quando vimos o peso preso à perna da vítima e percebemos que podia tratar-se de homicídio, contactámos imediatamente a PJ, como é protocolo.

— O corpo estava virado de bruços ou de costas?

— Estava de bruços, nós é que o colocámos de costas porque parecia-nos indigno deixar a vítima com o rosto virado para o chão. Ainda que, bom, ela não respire.

Os inspetores concordaram, respeitosos.

— Já identificaram aqueles jovens?

— Sim.

— Muito bem, depois passe-nos essa informação. Queremos falar com eles, mas sem ter de passar por essas questões mais técnicas.

— Vamos já tratar disso.

— Obrigado.

O agente afastou-se e viraram-se todos novamente para o corpo.

— Diria que a nossa vítima deve ter morrido de madrugada — avançou Cristóvão. — Algures entre as últimas seis e oito horas. Como o corpo esteve na água, não consigo ser tão preciso. A temperatura corporal, neste caso, pouco me ajudará, visto ter havido a influência da água, mas tendo em conta a temperatura do mar e a do corpo, creio que esta margem estará acertada.

— Causa da morte? Terá sido afogamento? — sugeriu Leonardo.

— É possível. Como podem ver, a vítima apresenta algumas equimoses na face, os livores cadavéricos são avermelhados, e vê-se ainda alguma espuma no interior da boca e no nariz, a qual certamente a água do mar terá limpado uma boa parte. Tudo leva a crer que a previsão da hora da morte esteja acertada porque ainda não há sinais de lesões *post-mortem* provocadas por animais aquáticos. Tirando a cútis anserina e a ondulação da epiderme nos dedos, a pele está ótima.

— Cútis... quê?

— É pele de galinha. É a ondulação da epid...

— São os dedos engelhados — concluiu Marta, com um sorriso irónico. — Reparei que no pescoço há umas equimoses. Sabes do que poderá ser? Estrangulamento?

Cristóvão aproximou-se do pescoço da vítima e analisou a pele com ponderação.

— É possível que alguém tenha estrangulado a vítima, mas não foi essa a causa da morte. Se fosse asfixia, as marcas seriam mais profundas e evidentes. Uma constrição cervical desse tipo pode matar em cinco minutos, o que acaba por ser muito tempo. A ideia que me dá é que esta constrição terá sido apenas a suficiente para deixar a vítima inconsciente ou, talvez seja o mais certo, apenas para imobilizá-la. Na autópsia saberei melhor, até porque, ao analisar os pulmões e o parênquima pulmonar, terei resultados certos.

Leonardo e Marta observaram atentamente o corpo, imaginando o que teria acontecido àquele homem nos seus últimos momentos de vida. Ainda que fosse uma reconstituição difícil, ambos adoravam o desafio desse exercício mental.

— Achas que lhe apertaram o pescoço para o deixar inconsciente e não o matar? Ou, pelo menos, para o imobilizar?

— É o mais provável, sim.

— Ou, então, para o conseguirem drogar — sugeriu Leonardo.

— Está bem, mas como é que estrangulas e drogas alguém ao mesmo tempo?

— Achas que não é possível?

— Não digo que seja impossível, mas é pouco provável.

— Estás a sugerir que existe um cúmplice?

— Possivelmente, sim.

— Alguém que se quis vingar deste homem por algo que ele lhes fez.

— Podem ser familiares, amigos...

— Mas, se a vítima foi drogada, tem de haver algum rasto.

Olharam ambos para o médico-legista e para o seu assistente.

— Vamos analisar o corpo à procura de marcas de agulhas, e retirar amostras de sangue e de urina da vítima. A ver se essas amostras seguem já hoje para exame toxicológico e aí saberemos tudo. Ou assim o esperamos.

— És o homem certo para isto, Cristóvão.

O médico sorriu e agradeceu o elogio com um gesto. Aproximou-se e verificou os dedos da vítima, pedindo aos peritos forenses que recolhessem todas as impressões digitais.

Leonardo voltou a analisar bem o rosto da vítima. Era esguio e estava bem barbeado. Tinha sombra nos olhos, bastante esborratada. O cabelo era preto e ondulado. Os olhos pareciam de vidro. Sem vida. Uma janela baça. O que teriam eles visto?

— Cristóvão, consegues fazer a autópsia já hoje? — perguntou Leonardo.

— Não, não consigo. Só amanhã.

— Não podes passar o nosso caso à frente?

— É precisamente isso que estou a fazer.

Os inspetores lamentaram, mas não insistiram mais. A forma pragmática como o médico respondera não lhes dava margem de manobra.

Seguiu-se a remoção do corpo do areal para a maca, a fim de ser transportado para a morgue. Além da autópsia, esperavam poder identificar a vítima, para que fosse confirmado posteriormente pelos seus familiares.

Com suavidade, os peritos colocaram a vítima na maca, já envolvida pelo saco de cadáveres. Todavia, dado o *rigor mortis*, os braços e as pernas, esticadas e bem hirtas, impedia o saco de fechar.

Mantinham a pose com que morrera.

— Já sabem, não me citem no vosso relatório até ter feito a autópsia e confirmado estas informações. É tudo muito preliminar e, no caso da hora da morte, fiz as contas de cabeça. Como sabem, a cronotanatognose nem sempre é tão fidedigna quanto gostaríamos. Mas, neste caso, pelos motivos que referi, creio não estar longe da verdade. Pior são os cadáveres de quem morreu há dias ou semanas.

— Obrigado, Cristóvão.

Os inspetores olharam um para o outro, as informações a serem o foco dos seus pensamentos.

— Mas que merda... — soltou o médico-legista, segundos depois.

— O que é que se passa? — perguntou Marta, rodeando a vítima, seguida por Leonardo.

Rodrigo, o assistente de Cristóvão, analisava com estranheza o disco de musculação preso ao tornozelo da vítima. No meio, no orifício onde era suposto passarem as barras no ginásio, avistaram um pequeno objeto colado com adesivo transparente, praticamente invisível.

Leonardo e Marta aproximaram os rostos do pequeno objeto.

Parecia tratar-se de um quadrado cor de marfim. Os inspetores viraram-se para o médico-legista, que avançou de imediato para a remoção do mesmo, assegurando que era efetuado o registo fotográfico por um dos técnicos. Com cuidado, removeu o objeto, o adesivo a descolar com relativa facilidade por estar molhado. Colocou-o na palma da mão.

Pediu que se tirassem mais fotografias pormenorizadas ao objeto e que se procurassem impressões digitais, tanto nele como no adesivo. Os técnicos forenses da PJ executaram o trabalho com ligeireza, utilizando a técnica do pó, mas rapidamente concluíram que o objeto estava limpo, sem qualquer vestígio. Só então o médico o virou, revelando o seu conteúdo para os colegas.

Na palma da mão de Cristóvão Martins repousava uma peça quadrada, com uma letra preta inscrita no meio.

A letra G.

CAPÍTULO 4

LEONARDO E MARTA

— Olá, Matilde — cumprimentou Marta, acompanhada de Leonardo.

A maca com o cadáver já tinha sido transportada até à carrinha, estacionada no parque da Praia da Torre. Fora um percurso demorado e preenchido por olhares curiosos dos civis, munidos do telemóvel para captarem imagens que os tornariam o centro das atenções naquele dia. Levado o corpo, as pessoas começaram a dispersar, pelo que os inspetores se puderam finalmente aproximar do grupo de jovens, ainda visivelmente em estado de choque.

— Sou a inspetora Marta Mateus e este é o meu colega, o inspetor Leonardo Rosa. Já avisaram os vossos pais do sucedido ou querem que avisemos nós?

Uma jovem encarou-os com os olhos vermelhos e os lábios torcidos num lamento desesperado.

— Sim, eles já estão a caminho.

Ao perceberem que os inspetores estavam a interpelar Matilde, os amigos aproximaram-se com ar sério, como se estivessem numa cerimónia fúnebre.

— Foste tu que encontraste o corpo na água, correto? — prosseguiu Leonardo, no tom mais tranquilo que conseguiu.

— Sim.

— Podias contar-nos como aconteceu? — pediu Marta.

— Nós adoramos praia e, quando soubemos que hoje ia estar

calor, combinámos vir dar um mergulho antes das aulas.

— Chegaram a que horas?

— Mais ou menos às nove.

Ela olhou para os amigos em busca de confirmação.

— Sim, eram 9h02 — assegurou um dos rapazes. — Sei disso porque foi quando mandei mensagem à minha mãe a confirmar que tínhamos chegado — acrescentou, mostrando o telemóvel.

— E o que fizeram quando chegaram?

— Deixámos as nossas coisas ali, tirámos as roupas e viemos logo a correr para a água.

— Como é que encontraram o corpo?

— A maré está mais baixa agora, mas foi mais ou menos ali — disse, apontando para a zona após a rebentação. — Mergulhámos, mandámos água uns aos outros, o normal. Depois, o meu namorado começou uma brincadeira que temos, que é perseguir-nos debaixo de água, e quando pensei que estava a agarrar o pé dele... percebi que não. Era...

Não terminou a frase, erguendo o queixo para o local onde instantes antes estivera pousado o corpo da vítima.

— O que fizeram?

— Nem sei. Entrei em pânico.

— Entrámos todos, na verdade.

— Sim, ver a Matilde aos gritos assustou-nos — avançou outro rapaz. — Até pensei que tinha sido picada por um peixe-aranha ou assim.

— Mas depois fomos ter com ela e vimos o corpo debaixo de água. Foi horrível.

— Conseguiram ver o rosto logo à primeira?

— Não, porque estava virado para baixo. Mas a água está muito limpa e calma. Dá para ver os nossos pés na boa.

— O que fizeram a seguir?

— Eu fui a correr para as toalhas para buscar o telemóvel e liguei para o 112, enquanto eles ficaram perto do corpo para não o perderem de vista.

— Mas não era preciso — lamentou Matilde. — Com aquele peso no pé ele não ia para lado nenhum.

— Conhecem a vítima?

— Não.

Os inspetores assentiram e agradeceram.

— Se precisarem de ajuda, não hesitem em falar com os vossos pais — aconselhou Marta. — É perfeitamente normal e compreensível que queiram desabafar sobre o que viram. Não é todos os dias que encontramos um cadáver como vocês encontraram. Pode ser um choque muito grande e, até, traumatizante.

Eles assentiram. Seria estranho regressarem à vida normal assim tão depressa, mas a verdade é que o tempo não parava e a vida não fazia pausas. Havia que continuar.

Ficaram no local a entrevistar as restantes pessoas durante mais uma hora, na esperança de que alguém tivesse visto alguma coisa, mas ninguém contribuiu com o que fosse que ajudasse na investigação.

Terminadas as entrevistas, e dando o local como limpo e com luz verde para retomar a normalidade, os inspetores regressaram ao gabinete na Polícia Judiciária e passaram o resto da manhã a verificar a lista de desaparecidos, sem darem com o rosto correspondente ao da vítima. Era uma tarefa cansativa; já tinham os olhos a arder.

— Merda — soltou a inspetora, despertando Leonardo da sua letargia.

— Que foi?

— Olha só para isto.

Leonardo levantou-se e aproximou-se da secretária da colega, que lhe mostrou o ecrã do telemóvel.

Várias fotos que mostravam diversos ângulos do cadáver estendido no areal, algumas enquanto era retirado da água pelos peritos forenses, estavam a ser partilhadas nas redes sociais. Centenas de comentários e de partilhas estavam a tornar aquela publicação viral.

Contra o que era sensato, alguém quisera angariar seguidores a todo o custo. Que melhor maneira se não publicar fotografias inéditas de um crime hediondo? Afinal de contas, o ser humano adorava o macabro.

— Agora é uma questão de minutos até a comunicação social bombardear a PJ com perguntas e pedidos de esclarecimentos. Aquele peso mostra claramente que foi homicídio.

— Mas pode ter sido suicídio — comentou Leonardo, andando de

um lado para o outro no fundo do gabinete, em frente ao quadro de cortiça onde tinham colocado a fotografia do corpo e os primeiros apontamentos sobre o crime. — Imagina que ele queria garantir que ia ao fundo e não saía de lá?

— Sim, mas um peso de dez quilos não é assim tão difícil de manobrar. Não era isso que o impediria de se salvar. Ainda por cima, numa zona onde eles tinham pé. E a vítima era um homem jovem, não te esqueças.

— Mas quando a morte se deu podia estar maré cheia e ele não ter pé. Ou, então, atirou-se para a água mais à frente e depois tentou nadar para a costa ou algo do género, e já não conseguiu avançar.

Marta olhou para ele com um olhar de descrença.

— A vítima foi claramente assassinada.

— Então, para quê o peso? É um local público, não é como se quisesse prender a vítima no mesmo local para a ir visitar, por exemplo. Era óbvio que seria encontrada facilmente. Como se comprovou, aliás.

— Se calhar, era isso que ele queria.

Leonardo ficou intrigado e voltou a olhar para a vítima.

— Achas que o assassino queria que encontrássemos o corpo?

— Sim. Se pensares bem, tem lógica.

— Pois tem. O assassino mata a vítima presumivelmente por afogamento, mas quer que seja encontrada. Coloca o peso de dez quilos que prende o corpo àquele local de fácil acesso. Depois, coloca a letra do *Scrabble* como se estivesse a passar a uma mensagem. — Assentiu, cada vez mais certo daquela teoria. — O assassino quer passar-nos uma mensagem.

Marta levantou-se e aproximou-se do quadro, os braços à frente do peito.

— Como é que o assassino transportou a vítima para a água?

— Há várias hipóteses. Pode ter sido de barco ou com um objeto, como um carrinho de mão, por exemplo. Não é fácil transportar um corpo inerte sozinho. A vítima até era bastante magra, mas o corpo parece mais pesado quando fica desfalecido.

— Pois, dá a ideia de que o assassino não fez o trabalho sozinho.

— Cada vez mais me convenço disso. Não digo que estejamos perante dois psicopatas, mas o assassino teve de ter alguém que o

ajudou. Só pode.

— Temos de manter a mente aberta para as duas hipóteses.

Ficaram em silêncio alguns minutos, como se ao olharem intensamente para as fotografias do local do crime as respostas aparecessem magicamente.

— Ainda temos tantas questões para responder — lamentou Marta, que se sentia impotente por terem tão pouco com que trabalhar.

— Pode ser que a autópsia nos dê algumas respostas. Agora, a grande questão é...

— Que mensagem quis o assassino passar?

O cansaço abateu-se sobre ambos de uma forma inexorável, deixando-os em baixo, a precisar de recarregar energias.

— Vamos é almoçar antes que esta bomba expluda.

Dirigiram-se ao refeitório, localizado na cave, onde também podiam encontrar a carreira de tiro e um pequeno ginásio. Sentaram-se numa mesa, no meio do burburinho característico de um refeitório cheio de colegas dos mais variados departamentos.

— Então, e quando é que pensamos seriamente em morar juntos?

A pergunta tão frontal de Marta quase fez o colega engasgar-se. Pegou no copo e deu três longos tragos, não só para aliviar a garganta, como também para ganhar algum tempo. Olhou para ela antes de responder. As sardas em torno do nariz eram adoráveis, o olhar dela era doce e o sorriso deixava-o sem palavras. Engoliu em seco. Nem conseguia acreditar que uma mulher daquelas estivesse apaixonada por ele. Merecia ele tal sorte?

— Só me sinto confortável se assumirmos a relação perante o nosso chefe. Parece que andamos a namorar às escondidas.

Marta bufou de impaciência e pegou no telemóvel. Teclou durante uns momentos, até que o colocou ao ouvido, o olhar carregado de desafio, bem-humorado.

— Olá, chefe. Olhe, é só para dizer que eu e o Leonardo namoramos, sim? É sério e prometo que isso nunca irá interferir com o nosso trabalho. Obrigada e até já.

Desligou a chamada e sorriu para Leonardo.

— Dizias o quê, Leo?

Ele só conseguiu sorrir. Adorava a espontaneidade dela. Ficou

sério e chegou-se à frente, pousando os talheres. Ela dera o primeiro passo. Era a vez dele.

— Muito bem. Sendo assim, vou ter de vender a minha casa. Tem demasiadas memórias da Diana e sabes como me foi difícil guardar tudo o que era dela e seguir em frente.

— Sim, demoraste muito tempo. Demasiado, se queres saber a minha opinião.

— Foi o tempo que precisei. Vender a casa é mesmo a última coisa que falta.

— Vem morar comigo.

Leonardo fez um esgar divertido.

— Hmm, a tua casa também não me parece o ideal.

— Por causa de todos os homens que lá levei no passado?

— Talvez isso seja um pouco aborrecido para mim.

Ela sorriu e assentiu, compreensiva.

— Muito bem. Livramo-nos das nossas casas e compramos uma nova. Onde gostavas de viver?

Leonardo ficou subitamente muito sério. Ali estava a barreira final para remover Diana da sua vida por completo. A mulher com quem fora casado, supostamente para sempre, mas que tivera um fim abrupto. Mais tarde, quando namorara com Laura e a situação estava a ficar séria, também tinham ponderado o mesmo que agora. Na altura, ele recusara-se a vender a casa, era inconcebível para ele.

No entanto, sentia que, por Marta, estava disposto a fazê-lo. Mas isso não significava que estivesse cem por cento bem com isso. Diana morrera e deixara um vazio gigante na sua vida; ela fora o seu primeiro grande amor, a primeira mulher, a pessoa com quem tentara ter filhos e não conseguira.

Sentiu-se claustrofóbico. Aquilo era demais para si.

Levantou-se e saiu do refeitório sem dizer uma palavra.

Marta encheu-se de paciência e deixou-o ir. Tinha de ter calma e aceitar o tempo que ele precisava para se habituar à ideia de que a vida de ambos iria mudar para sempre com aquele relacionamento. Mas ela estava descansada. Sabia que ele a amava.

Só precisavam de tempo. E tempo era o que não lhes faltava.

CAPÍTULO 5

LEONARDO E MARTA

Uma hora depois, vindo do ginásio e de banho tomado, Leonardo percorreu o corredor que o levava ao seu gabinete. Sentia-se ligeiramente enjoado por ter treinado com tanta intensidade com a comida a assentar no estômago, mas o treino fizera-lhe bem. Limpou a cabeça, esclarecera as ideias. Conseguiu perceber que estar com Marta era o que mais queria. Diana ficaria sempre no seu coração, mas não podia ficar preso ao passado. Quem ficava preso ao passado deixava de existir porque não vivia o presente, e muito menos planeava o futuro. E ele não queria ser um espectro que andava por aí. Queria viver e ser feliz. E Marta era a chave para tudo isso.

Entrou no gabinete, disposto a pedir desculpas por ter saído assim do refeitório e com a intenção de recomeçar tudo de novo. Queria apenas esquecer o que acontecera.

— M&M, desculpa...

Estacou a meio da frase e deu um pequeno salto ao avistar uma mulher de aspeto nórdico, alta e alourada, com o cabelo pelos ombros, ao lado da colega.

— Ora, ora, se não é o meu irmão!

— Mafalda!

A irmã, sete anos mais velha, uma mãe para si na adolescência, era das pessoas que Leonardo mais amava no mundo. Por isso, esqueceu-se do que ia dizer e abraçou-a com força, o peso de toda uma vida naquele abraço.

— Estás assim tão feliz por me veres?

Leonardo ficou ligeiramente embaraçado ao ver o olhar de Marta brilhar de emoção com aquele reencontro. Afastou-se e segurou o rosto da irmã com as mãos. Estava linda.

— O que... o que vieste cá fazer, Mafalda?

— Tu não cumpriste o que prometeste, lembras-te?

Leonardo franziu a testa, confuso. Tentou lembrar-se que promessa podia ter feito.

— Eu cumpro as minhas promessas, sabes bem disso.

— Pois, mas esta não cumpriste.

— Referes-te ao quê?

— Prometeste que ias visitar os teus sobrinhos depois de seres operado. Já passaram, o quê, dois meses? — Olhou para Marta a pedir confirmação, que a teve no momento. — E nada. Dois meses e nem sequer sondaste se podias ir visitar-me. Bolas, Évora não é assim tão longe. E os teus sobrinhos têm saudades tuas. Já não os vês desde o início do ano.

— Na prática, não quebrei a promessa.

— Ai não? — Mafalda cruzou os braços.

Leonardo tentou manter a expressão séria.

— Mesmo que eu vá a tua casa daqui a um ano, não deixa de ser *depois* da operação.

Mafalda ficou alguns segundos na expectativa, tentando perceber se o irmão estava a falar a sério ou a gozar com ela, mas quando vislumbrou um sorriso no rosto dele, deu-lhe bofetadas nos braços.

— Olha que brincalhão que me saístes! Já vi que mexeram com o teu cérebro na operação. Devem ter-se enganado.

Marta riu-se e Mafalda virou-se para ela, com o dedo apontado de forma acusadora.

— Não te rias que a culpa também é tua, menina. Eu sei que vocês andam enrolados.

— Não, nós...

— Eu não sou parva, mas fico feliz por vocês. Vê-se que lhe fazes bem. Depois de tanta tragédia na vida dele, acho que o Leonardo merece ser feliz. Verdadeiramente feliz.

Marta corou e Leonardo tocou ao de leve no ombro da irmã.

— Onde estão hospedados?

— Quem?

— Tu, a Joana e os miúdos.

— Vim só eu. E fico em tua casa, certo? Ou vocês estão a viver juntos?

— Não, ainda não.

— Nem pensar.

Marta olhou com surpresa para o colega.

— «Nem pensar»?

— Foi só uma maneira de dizer, calma. — Virou-se novamente para a irmã. — És muito bem-vinda, obviamente. Mas vieste sozinha porquê? — O olhar sério que ela lhe devolveu disse tudo.— Queres ver a mãe — percebeu ele. — Mas como é que...

Marta desviou o olhar e o inspetor compreendeu tudo. Ele nunca dissera a Mafalda que a mãe deles vinha no início de junho para se encontrar com ele.

— M&M, porque é que...

— A tua irmã tem o direito de saber que a vossa mãe vem a Portugal. Se esperasse que lhe dissesse alguma coisa, ela vinha e ia embora sem estar com ela.

Leonardo ia argumentar, mas sabia que ambas tinham razão. E ele sabia admitir a derrota. Estava a ser egoísta ao esconder algo tão importante para ela.

— Tudo bem, mas eu encontro-me primeiro a sós com a mãe.

— Porquê?

— Tenho assuntos profissionais a tratar.

— Profissionais? Vais prendê-la? Nem acredito que vais pôr a mãe na prisão...

Em pânico, começou a respirar de forma ofegante e sentou-se numa cadeira que Marta se apressara a ir buscar. Leonardo agachou-se em frente dela e pegou-lhe nas mãos.

— Não a vou deter. Se a mãe vem a Portugal é precisamente porque prometi que não o faria. Ela vem cá ajudar-nos.

— Como assim, ajudar-vos?

Uma mancha de escuridão agitou-se no peito do inspetor. Tinha conseguido manter essa sombra dominada com a presença constante de Marta na sua vida, mas sempre que pensava naquele tema não a conseguia travar.

— Com a morte do Raul.

Ao ouvir o nome do sobrinho que nunca chegou a nascer, os olhos de Mafalda encheram-se de lágrimas.

— Nem sabes o quanto eu e a Joana lamentamos a morte do nosso sobrinho. Teríamos amado tanto esse puto...

Leonardo começou a piscar os olhos para evitar também chorar.

— Mas é por isso que ela está cá. Vai ajudar-nos a fazer justiça.

— Sabes quem o matou?

— Roberta Schulz.

Mafalda mudou de expressão, parecendo ter captado o significado naquele nome.

— Essa não é a daquela cena do Segredo...

— Mortal. Ela mesma.

— Cabra! Mas ela não foi presa nos Estados Unidos ou lá o que foi?

— Sim, foi presa, mas usou o dinheiro para ter um batalhão de advogados que foram apresentando recursos atrás de recursos nos tribunais, o que acabou por a devolver às ruas — informou Marta.

— Cabra a duplicar. E ela matou o Raul e a mãe dele para se vingar?

— Sim.

— Filha da puta...

Leonardo segurou-lhe novamente nas mãos, mas ela surpreendeu-o, apertando-lhe o antebraço com genica.

— Promete que vais fazê-la pagar. Que tu e a mãe vão vingar o meu sobrinho.

Naquele olhar azulado, Leonardo avistou uma mancha de determinação como nunca lhe vira.

— Prometo.

CAPÍTULO 6

LEONARDO

Com falta de resultados forenses com que trabalhar, Leonardo levou a irmã a casa e ajudou-a a instalar-se, sempre contra a vontade dela, que dizia conseguir desenvencilhar-se sozinha. Jantaram juntos e falaram sem filtros. Abordaram inevitavelmente o tema «Laura Capuchinho», a mulher que o retirou de vez das garras do luto. Nessa conversa, enquanto deambulavam pela casa, Mafalda reparou numa escova de dentes a mais na casa de banho.

— Já tinhas uma escova preparada para a minha visita surpresa?

A pergunta estava carregada de veneno, e Leonardo limitou-se a dizer a verdade.

— Eu e a M&M temos dormido juntos esporadicamente.

— Porque não permanentemente?

— Já me esquecia que não tens filtros.

Mafalda riu-se.

— Não estás habituado à frontalidade?

— Acredita que com a Marta tenho que baste.

— Eu vi logo que ela era das minhas, mas não respondeste à questão — lembrou, ao ver o irmão ir para a sala e pegar numa garrafa de whisky e em dois copos de vidro.

— Queres beber um copo ou falar?

— As duas coisas.

Despejou o líquido âmbar com delicadeza, pousou a garrafa na mesinha da sala e ergueu o copo.

— A ti, por seres a melhor irmã do mundo, melhor mulher e melhor mãe.

Mafalda ficou emocionada e quis retribuir o brinde.

— A ti, que demonstras todos os dias uma fibra que mais ninguém tem. O país agradece tudo o que fazes por nós, ainda que não sintas esse reconhecimento.

— Não sinto mesmo. Quer dizer, a questão das Olimpíadas da Morte trouxe-me à ribalta, mas não da forma que eu queria.

— O meu irmão, uma celebridade. Quem diria?

— Eu não. Sabes bem que odeio essa atenção mediática. Deixa-me mesmo desconfortável e pode prejudicar o meu trabalho.

Beberam uns goles em silêncio.

— Fica a saber que estou mesmo feliz por te ver assim — admitiu a irmã. — E estive este tempo todo ao teu lado na PJ, já viste?

— É — sorriu, saudosista, recordando-se de como conhecera Marta —, o amor tem destas coisas. Temos tendência para procurar a alma gémea, a nossa cara-metade, em todo o lado menos no mais óbvio. E muitas das vezes percorremos milhares de quilómetros em busca da tal, quando ela esteve ao nosso lado a cada metro desse caminho.

— Estás um homem muito sábio.

O inspetor riu-se e abanou a cabeça, divertido.

— Se a Marta é a mulher da tua vida, do que é que estás à espera?

— De quê?

— De viveres com ela. Eu não me importo que vocês se enrolem no teu quarto. Claro que ela pode achar estranho andar por aqui em trajes menores por eu saber apreciar um corpinho de mulher, mas garanto que só tenho olhos para...

— Mafalda — interveio Leonardo. — Sabes bem que nenhum de nós tem problemas com isso. Podes chamar-me antiquado, mas há algo que eu quero fazer primeiro, antes de vivermos oficialmente juntos. É por isso que tenho evitado essa questão.

— O quê?

— Quero pedi-la em casamento.

CAPÍTULO 7

MARTA

Marta chegou a casa e sentiu-se leve, animada. Feliz.

Nunca pensara, até muito recentemente, que seria possível assentar. Achava-se a versão feminina do Barney Stinson, de *How I Met Your Mother*, ou o Joey, de *Friends*. Sempre adorou e apreciou a vida de solteira e de mulher independente. Foi para a cama com mais homens do que se lembrava e sempre viu isso como sinal do seu poder feminino. Ela fazia o que queria e ninguém tinha nada que ver com isso.

Adorava a emoção da caça, fazia-a sentir-se poderosa e uma autêntica predadora.

Recordou vários momentos caricatos durante o jantar, como aqueles homens que atingiram o orgasmo demasiado cedo e que disseram que a culpa era dela, que era demasiado sexy e provocadora. Claro, os homens só podiam atribuir a culpa à mulher. Típico.

Apesar de tudo, foi uma viagem muito engraçada e onde aprendeu imenso. Mas, como tudo na vida, também essa faceta mais boémia tinha de ter um fim. Um ponto final definitivo.

Sorriu ao recordar-se do colega e amante.

Se dependesse dela, teria apenas um homem o resto da vida.

Isso chegaria para si, para a saciar, certo?

De certeza que sim.

Nunca na vida se iria aborrecer por estar sempre com o mesmo homem ao deitar, ao acordar, sempre o mesmo rosto, os mesmos

gestos, as mesmas palavras. As mesmas rotinas.

As mesmas teimas, as mesmas picardias, as mesmas discórdias constantes.

Começou a transpirar, sentindo-se ligeiramente em pânico, mas tentou acalmar-se.

Eram apenas devaneios de quem mudara radicalmente de vida. Era como se parasse abruptamente de se drogar ou de fumar. Era normal sentir aquele formigueiro que a incitava a voltar ao mesmo, aquela vontade de ser ela mesma. Mas essa versão de si própria era a antiga.

Bebeu o copo de vinho e pegou na garrafa para engolir vários goles de seguida.

Iria adorar assentar. De certeza.

Depois do que lhe acontecera no Caso Estripador de Lisboa, só com Leonardo é que se sentia segura. Nunca mais se conseguiria entregar a outro homem. Embora não partilhasse com ele, não eram poucas as noites que ela acordava transpirada, aflita, acabada de sonhar que tinha um homem nojento em cima dela, a penetrá-la contra a sua vontade. Desde então que o álcool se tornara o seu melhor amigo, abafando esses monstros que não a deixavam descansar. Ansiava poder dar o próximo passo porque as melhores noites, as mais calmas, era quando dormia ao lado de Leonardo. Sozinha, em sua casa, sabia que esses monstros voltariam a aparecer.

Pegou outra vez na garrafa e virou a base para cima.

Sim, ia correr tudo bem.

Não havia nada a temer.

CAPÍTULO 8

LEONARDO E MARTA

O último dia de maio trouxe consigo notícias e mais notícias sobre o corpo encontrado na manhã anterior. A pressão dos *media* estava ao rubro. Por muito que Leonardo e Marta se tivessem habituado a ver o seu trabalho escrutinado na televisão, analisado por pseudo-especialistas que nada sabiam do contexto em que o caso se inseria, e às partilhas descontroladas de publicações por vezes enganadoras, era sempre estranho depararem-se com pessoas desconhecidas a comentar o seu objeto de trabalho.

— O lado positivo — disse Marta, quando se encontraram no gabinete na PJ de Lisboa e se preparavam para prosseguir a investigação — é que a identificação da vítima será mais rápida. De certeza que alguém que a conhece irá ver aquelas fotos de merda que o pessoal anda a partilhar e isso vai ajudar-nos.

— Realmente, é de muito mau gosto partilharem fotos assim — comentou o inspetor, mostrando o seu telemóvel à colega, onde se via uma fotografia em que fora feito zoom no rosto, mostrando a face da morte.

— Cabrões.

— Tenho pena da família da vítima.

— Concordo, mas temos de ser egoístas. No fundo, isto só nos vai ajudar. É nisso que temos de pensar. Há que ver o copo meio cheio.

Sentaram-se à secretária e procuraram atualizações dos peritos da Polícia Científica. Tinha dado entrada, minutos antes, um relatório

preliminar. Muito curto.

A vítima tinha vestígios nas unhas. Provavelmente, células epiteliais do agressor. Iria ser feita a extração do ADN dessas células da pele assim que possível. De resto, dado que a vítima tinha estado submersa longas horas, não havia mais nada que pudessem usar. A Natureza tinha o poder de limpar os vestígios de um crime, e o meio aquático era exímio nisso. Estaria o assassino a contar com isso?

— Esse ADN que vão extrair das unhas da vítima é importante — ponderou Marta.

— Pois é, podemos comparar o ADN dessas células com os possíveis suspeitos.

— Exatamente — concordou, ainda que desanimada por haver tão pouca coisa em que pegar. — Sabes o que me inquieta?

— O quê?

— A maneira como a vítima nos foi apresentada.

Leonardo assentiu.

— Também estava a pensar nisso há bocado. Não é uma morte normal.

— Sinto vibes de assassino em série. Estou louca por isso?

— O peso para que o corpo não fosse arrastado pela corrente e fosse facilmente encontrado, a letra G... É possível, mas espero que não.

— Desde o primeiro momento em que chegámos ao local que fiquei com a sensação de que estaríamos a lidar com um assassino em série, embora só tenhamos uma vítima conhecida. Se fosse um assassinio único, por que raio se daria a esse trabalho todo com o corpo e com a encenação?

Leonardo concordava, mas não queria que fosse verdade. Significava que mais pessoas iriam morrer. Ou que já tinham morrido.

— Faltam duas vítimas para ser considerado oficialmente um assassino em série, mas compreendo o que dizes. Também sinto isso. — Leonardo era um poço de conhecimento no que tocava a este assunto, por tê-lo estudado a fundo quando era mais jovem. O seu interesse, visto por alguns como um pouco mórbido, levava-o a conhecer a mente dos assassinos em série. — O que os distingue dos assassinos comuns é a preferência por modos de homicídio «manuais», como esfaquear, estrangular ou espancar. Costumam preferir uma

abordagem interativa, que oferece uma experiência física mais intensa. Quando o objetivo é retirar esse prazer sádico, um disparo a seis metros de distância não serve. Este caso encaixa na perfeição.

— Qual será a mensagem que quer passar?

— Teremos de saber mais sobre a vítima para elaborarmos uma hipótese mais acertada.

— A letra G pode ser a inicial do nome da vítima, por exemplo.

— Sim, mas, para já, a única previsão que podemos fazer é que se trata de um ou mais homens, diria entre os vinte e os quarenta anos. Segundo o perfil clássico, serão solteiros, inteligentes, podem ter dificuldade em manter o emprego durante muito tempo, tiveram famílias instáveis, com episódios traumatizantes que os desviaram do dito normal. Este crime poderá surgir de algum ressentimento social, mas de certeza que, e eu espero que sim, se os encontrarmos, serão pessoas charmosas, encantadoras e dóceis, como se nunca tivessem feito mal algum no mundo. Teremos de ter mais informações para perceber em que tipo de assassinos eles se encaixam.

— Achas mais provável haver uma dupla de assassinos?

Leonardo coçou o queixo, a ponderar.

— Haverá sempre um que é o dominante, que é o verdadeiro assassino. Não acredito que seja provável duas pessoas com gostos exatamente iguais encontrarem-se e formarem uma equipa. A probabilidade seria muito baixa. Mas claro que é possível acontecer.

— Então, teremos um assassino e um cúmplice?

— Talvez.

A conversa foi interrompida pelo telefone do escritório, pousado na secretária de Marta.

Ela atendeu e colocou em alta voz para o colega poder ouvir.

— Tenho notícias para vocês, meus caros. Conseguem dar cá um salto?

Era o médico-legista, Cristóvão Martins.

— É sempre bom ouvir a tua voz. Vais fazer a autópsia agora?

— Já a comecei, sim. Decidi em cima da hora. Tinha mais corpos para autopsiar antes, mas a comunicação social está a pressionar tanto que comecei já. Desculpem. Podem vir? Tenho algo que vos pode interessar.

CAPÍTULO 9

LEONARDO E MARTA

O Instituto Nacional de Medicina Legal localizava-se a cerca de um quilómetro, pelo que chegaram em menos de dez minutos, beneficiando do pouco trânsito e do facto de a comunicação social estar focada na entrada do edifício e não no acesso à garagem.

Chegaram ao segundo piso e entraram na sala de autópsias, onde Cristóvão e o seu técnico assistente estavam a trabalhar no corpo da vítima. Pela quantidade de macas ocupadas ao fundo, perceberam que estavam atolados de trabalho. Aproximaram-se da mesa metálica, equipada com torneira e um candeeiro articulado, onde estava a ocorrer a dissecação do cadáver. O cheiro a decadência e putrefação era apenas suplantado pelo odor férreo. Marta fez uma nota mental para passar a trazer consigo algum produto para colocar no nariz para camuflar aquele odor nos dias mais agressivos. Óleo de lavanda seria maravilhoso. O lado positivo é que ali a temperatura era bem mais fresca que no exterior.

— Antes de mais, a vítima trata-se de um homem, a rondar os trinta anos de idade, um metro e sessenta e cinco de altura, sessenta quilos de peso, caucasiano, com mostras de ter tido uma boa infância, sem marcas nem lesões antigas. Boa dentição e boa nutrição; bastante saudável, por sinal. Todos os órgãos apresentam dimensões e aspetos normais para uma pessoa saudável, exceto a zona pulmonar, mas já lá vamos. No fundo, era alguém que cuidava de si.

Marta abriu a aplicação de notas no telemóvel e apontou as

características da vítima.

— Como tinha dito, ontem recolhi amostras de sangue da vítima para análise, para ter hoje já alguma informação. Depois, pedi o relatório das minhas análises e das recolhidas no local do crime.

— E conseguiste já esses resultados?

— Os das amostras de sangue, sim. A vossa colega, a Carolina Pinotes, é muito eficaz.

— Lá isso, é — concordou Leonardo.

A vítima, agora com o corpo flácido, parecia apenas dormir pacificamente. No peito e abdómen era visível a incisão em Y invertido executada pelo médico-legista para abrir o corpo, a fim de lhe examinar os órgãos. A pele apresentava um tom azulado e os lábios sem cor.

— Chuta — pediu Marta.

— A vítima é do tipo sanguíneo AB+, mas não é isso que é interessante. — Fez uma pequena pausa. — Não foi fácil de detetar esta droga no exame toxicológico, porque é uma substância rapidamente eliminada pelo organismo, o que dificulta a confirmação do seu uso, principalmente se formos pelas análises de urina normais. No entanto, como pode ter a duração de ação de seis horas ou mais, ainda fomos a tempo de a detetar, principalmente nas amostras recolhidas no local. As minhas, realizadas aqui após o transporte do corpo, já apresentavam valores demasiado residuais.

— De que droga estamos a falar?

— Do gama-hidroxibutirato.

— GHB, claro — comentou Marta.

— A droga da violação — sentenciou Leonardo, utilizando o nome comum que se dava a esta droga nas ruas.

Era mais que sabido na PJ que o GHB era uma das armas preferidas dos predadores sexuais porque podia ser colocada numa bebida sem que a pessoa detetasse a sua presença ao ingeri-la; o líquido não tinha sabor, apenas um leve toque salgado. O GHB era uma droga que podia causar inconsciência em vinte minutos por ser um poderoso depressor do sistema nervoso central, com efeitos idênticos aos do ecstasy, mas com uma ação mais acelerada e uma potência superior. Por isso, não era de estranhar que fosse uma droga relativamente fácil de se encontrar em bares, festas e discotecas, locais

onde a mistura disfarçada da substância era facilitada pelo ambiente festivo. Era auxiliadora de abusos sexuais e violações pela sua ação sedativa que provocava uma certa paralisia física e mental na vítima.

— O assassino drogou a vítima com GHB para a deixar imobilizada, mas viva — concluiu Marta, com um toque de horror.

— Sim, tendo em conta o que encontrei nos pulmões e no parênquima pulmonar, ela terá sentido tudo o que lhe aconteceu — confirmou Cristóvão. — A questão aqui é que a vítima foi torturada. Não foi apenas paralisada e atirada para a água, onde morreu afogada, ponto final. Não, senhor.

— Que queres dizer com isso?

— Os pulmões estavam muito aumentados e pesados, com dez vezes o peso normal de um pulmão. Apresentavam enfisemas aquosos e manchas de Paltauf no parênquima pulmonar. Além disso, o sangue da vítima estava bastante diluído e havia líquido no sistema digestivo e nos ouvidos médios. Encontrámos também hemorragias temporais e etmoidais. As vias respiratórias apresentavam lesões consistentes com tortura por afogamento. Ele foi torturado antes de ser colocado no mar.

— Estamos a falar de waterboarding? — disse Marta, a última palavra um sussurro carregado de choque. Waterboarding, ou Tortura com Água, era um método conhecido de tortura em que o interrogador prende o prisioneiro a uma prancha, coloca-lhe um pedaço de pano molhado na face a tapar as vias respiratórias e verte água através desse mesmo pano. Esta técnica induz um afogamento controlado pelo interrogador. É uma técnica de tortura há muito considerada crime de guerra, de tão horrível que é. — Se for feita com mestria, é como provocar uma morte controlada.

— Como podes ter a certeza de que a vítima foi torturada dessa forma? — perguntou Leonardo, mais objetivo e curioso com este novo dado sobre o perfil do assassino.

— Por tudo o que referi e porque encontrei fibras nas vias respiratórias que pertencem ao mesmo tecido. Tanto na zona da boca como nas fossas nasais. Além de que, após exames de raios X, detetámos que a vítima partiu alguns ossos nos pulsos e nos tornozelos.

— Há registos de pessoas que, ao serem submetidas a esse tipo de

tortura, partiram ossos devido às convulsões ou por lutarem contra as amarras que os prendiam — informou Leonardo, a cofiar o queixo.

— A pele nessas zonas também está com várias escoriações, como já puderam ver no local onde foi encontrado.

— Que, pelos vistos, não foi o local onde morreu.

— Não. O local do crime pode ter sido em qualquer lado. A água que ficou retida nos pulmões era doce, potável. Não era água do mar.

— Portanto, a vítima foi transportada sem vida para a praia.

— A menos que o assassino tivesse uma fonte de água doce consigo e tivesse matado a vítima na praia. Enfim, a parte das deduções é o vosso trabalho.

— Mas se a vítima lutou contra as amarras, significa que o assassino apenas a drogou o suficiente para a levar consigo e prendê-la. Torturou a vítima com ela bem consciente.

— Aí é que surgem algumas dúvidas.

— Então?

— Vejam bem o pescoço da vítima, do lado esquerdo.

Os inspetores contornaram a mesa e aproximaram o rosto do pescoço da vítima.

— O que é suposto vermos?

— Aqui — indicou Cristóvão, apontando para uma zona em específico do pescoço, perto da clavícula.

A pele azulada dificultava a procura do que quer que fosse, mas ao fim de alguns segundos avistaram o que causara estranheza no médico.

— São duas marcas de agulha?

— Isso! — exclamou, entusiasmado pelo quebra-cabeças. — Estão aí duas marcas de agulha. O que quererá isso dizer?

— Ou o assassino se enganou a espetar a agulha e teve de a espetar duas vezes... — sugeriu Leonardo.

— Pouco provável, ambas as marcas sugerem a inserção da agulha com sucesso na pele da vítima.

— Ou usou duas doses da GHB.

— O assassino sentiu necessidade de drogar ainda mais a vítima? Será que se enganou na dose? — sugeriu Marta, intrigada.

— Também pode ter demorado mais tempo do que queria a chegar ao local do crime e teve de prolongar o efeito da droga —

complementou o colega.

— O mais interessante nisto é que esta descoberta pode significar que o assassino não está certo do que está a fazer.

— Parece estar a apalpar terreno.

— A aperfeiçoar a sua técnica. O seu *modus operandi*.

— Pelo menos, já tem a assinatura.

— A letra do *Scrabble*.

— Só falta mesmo aperfeiçoar a técnica.

— O que significa calibrar melhor a dose da droga.

— Ou mudar para uma droga mais eficaz.

— O que sugere que possa não ter assim tantos conhecimentos de Medicina como achávamos inicialmente.

— A primeira dose foi um teste para perceber a duração do seu efeito paralisante na vítima.

— O certo é que este pobre homem foi torturado em perfeita consciência e acabou por morrer afogado, sendo depois atirado para o mar.

Cristóvão ficou a olhar para os inspetores, enquanto estes comunicavam entre si de uma forma quase íntima, como se lessem os pensamentos e linhas de raciocínio um do outro. Ficaram alguns momentos a assimilar a informação, enquanto Marta apontava no telemóvel as novas informações, que mais tarde iriam anexar ao quadro de cortiça.

— Só é pena a droga ser tão vulgar. Ele pode tê-la adquirido num sítio qualquer. Nunca saberemos. Não dá para limitar uma busca.

— Infelizmente, tens razão. E que mais, Cristóvão?

— Depois de todas as análises e observações que executámos, diria que a vítima morreu entre as três e as cinco da manhã de segunda-feira.

— Muito bem. Alguma coisa naquela peça encontrada no disco de musculação?

— Nada. Estava limpo.

— Usaram luvas, portanto.

— Parece que sim.

— Mais nada?

— Não. Acho que está tudo por agora. Só falta perceber o porquê daquele presente. Porquê a letra G. — Cristóvão encolheu os ombros e

sorriu. — A minha parte do trabalho está feita, amigos. Agora cabe a vocês descobrirem essas coisas todas. Boa sorte. Acho que vão precisar.

CAPÍTULO 10

LEONARDO E MARTA

— Portanto, a vítima estava drogada. Paralisada — retomou Marta, assim que regressaram ao gabinete na PJ e colocaram as informações recolhidas no quadro de cortiça, por trás das suas secretárias, bem no centro da parede branca. — Imagino que o assassino a terá apanhado sozinha e administrado a substância. Pelas marcas no pescoço, dá a ideia de que o assassino agarrou a vítima por trás, conseguindo assim injetá-la. Não será possível ter sido apenas uma pessoa a executar este trabalho, tendo em conta estas novas informações?

Leonardo parecia ainda pouco convencido.

— A parte da imobilização até poderá ter sido obra de uma só pessoa, mas toda a manobra para levar o corpo para o mar parece-me difícil sem ninguém a ajudar. Tinha de haver um cúmplice. Ou, então, terá de ser alguém jovem e robusto.

— O assassino pode ter usado um carrinho de mão.

— Claro. Ainda assim, teria de arrastar o corpo para a água, colocar o peso agrilhado à vítima... É a melhor explicação. Sei que seria melhor procurarmos só uma pessoa em vez de duas, mas é o mais lógico.

— A vantagem é que, tratando-se de duas pessoas, a probabilidade de alguma cometer um erro que nos ajude é maior.

— Ora nem mais.

Continuaram a analisar o quadro.

— Tens noção de que podemos estar a assistir ao nascimento de um assassino em série mesmo debaixo das nossas barbas? — sentenciou a inspetora.

— Espero é que não assistamos à ascensão desse assassino.

— É bom que não. — Os olhos de Marta deslizaram até encontrarem uma fotografia em particular que a despertou. — Bom, e a peça do *Scrabble*?

— Que tem?

— Qual será o significado?

— Eu acho que sei, mas tenho medo de estar certo.

Marta apontou para a letra G, preto sobre a cor de marfim da peça.

— Será uma pista para o nome da vítima? Começa por G?

— Não creio que seja isso.

— Então?

— A vítima tinha sombra nos olhos, as unhas pintadas e estava depilada de cima a baixo. Isso leva-me a pensar que a letra G significa outra coisa.

Marta compreendeu onde o colega queria chegar.

— Estás a dizer que a vítima era homossexual. Mas há muita gente que se depila e pinta as unhas e não é homossexual.

— Claro, eu sei disso, mas é o cenário todo, transmite-me essa sensação.

— Daí a letra G. Achas que o assassino estava a indicar-nos que a vítima era gay?

— Ou está a dizer-nos o motivo do crime.

Os olhos de Marta encheram-se de emoção ao compreender o que estava implícito naquela ideia.

— Nesse caso, o assassino é um psicopata.

— Sim. Até pode ser alguém religioso e conservador; ou ex-militar, para saber executar waterboarding.

Leonardo engoliu em seco. Era inevitável pensar na irmã, que desde cedo se debatera com crises de identidade pela sua orientação sexual. Foram tempos horríveis, mas ela não só ultrapassara todos os obstáculos discriminatórios, como vivia uma vida plena e muito feliz com a sua mulher e os seus filhos lindos.

— Acho que estamos mesmo perante um assassino em série. Quem

se dá a este trabalho para matar e passar a mensagem de que o motivo se prende com a orientação sexual, não fica por aqui.

— Infelizmente, concordo contigo, Leo.

— Merda.

Mantiveram-se a admirar o quadro com as ainda poucas informações que tinham sobre o caso. Não havia muito mais que pudessem fazer para já.

— Jantar, logo? — convidou Marta, sorrindo abertamente.

Leonardo correspondeu ao sorriso. Sabia bem sorrir um pouco naquele dia tão negro. Olhou-a e apreciou como a pele dela, com as suas sardas no rosto, parecia tão pura, tão desejável. O cabelo ruivo meio desalinhado deixava-a ainda mais atraente. Mas o que o deixava mais feliz era ver aquele sorriso de volta. Durante semanas estivera ausente, apagado, tristonho. Era bom vê-la a regressar ao normal aos poucos. Estavam a sair do inferno.

— Hoje não dá. A minha irmã quer jantar comigo. Amanhã é dia 1 de junho.

— E vocês vão reencontrar-se com a vossa mãe — anuiu, compreensiva. — Há quantos anos ela tinha desaparecido ou «morrido»?

— Há vinte e três anos. Eu tinha catorze na altura.

Marta recostou-se na cadeira, o peso daquele tempo em que o colega achava a mãe morta a abater-se sobre si ao imaginar todo o sofrimento daqueles dois irmãos.

— Vai ser cá um reencontro...

Leonardo abanou a cabeça, tentando acalmar a ansiedade, que lhe dava a sensação de ter uma bola de ténis na boca do estômago.

— Quero que esse momento chegue, mas, ao mesmo tempo, receio o que vá acontecer.

— Sabes que tens aqui o meu apoio. Se quiseres, posso ir contigo.

Perante a mancha de escuridão que se mexia no seu interior ao pensar na dor que a mãe lhe causara, a ideia de ter Marta perto de si era tentadora. Com ela perto, poderia controlar esse seu lado.

— Gostava muito. Obrigado.

Marta aproximou-se, estendendo a mão. Mas não chegaram a tocar-se. O telefone da secretária de Marta voltou a tocar. Era do piquete da PJ. A disseminação das imagens do crime tinham dado os

frutos que eles mais ansiavam.

A identidade da vítima já era conhecida.

CAPÍTULO 11

LEONARDO E MARTA

Alberto Duarte. Vinte e oito anos de idade, licenciado em Matemática, professor substituto numa escola secundária em Lisboa. Vivia em casa dos pais, em Alenquer, porque recebia precariamente. Ainda não tinha entrado nos quadros da escola.

— O meu filho é um ótimo professor. Os alunos adoram-no. O que lhe vale é que o professor que ele está a substituir está de baixa há uns anos por doença prolongada. Mas o Estado nunca mais o mete como professor a sério. É sempre o substituto. Está quase nos trinta e não tem a vida assegurada. É triste. Depois como querem que os jovens hoje em dia saiam de casa dos pais e comprem uma casa própria? Ele adorava viver em Lisboa, mas os preços das casas e das rendas são estupidamente altos! Gastar quase um salário só na renda é absurdo, já para não falar das contas da luz, água, comida, por aí fora... É insustentável.

Os inspetores, encostados à secretária de Leonardo, aguardaram pacientemente que Marina Duarte, mãe da vítima, sentada na cadeira de Marta, desbobinasse e desabafasse tudo o que tinha para dizer sobre a situação do filho. Queriam-na o mais colaborante possível. Tinham tirado o quadro de cortiça para a entrevista e pousado num canto, face contra a parede. Não queriam que ela o visse.

— Portanto, vivem em Alenquer? — começou Marta, tentando levar a conversa pelo rumo que lhes interessava, anotando tudo no seu telemóvel.

— Sim.

— E o Alberto vinha todos os dias de casa para o trabalho?

— Todos os dias, não.

— Então?

— Às vezes, dormia em casa de amigos, principalmente quando queria beber uns copos.

— Sabe quem são esses amigos?

— Não. Os que eu conhecia, os de infância, deixaram de se ver. É o rumo natural das coisas. Os amigos dele atualmente eram outros. Não os conhecia — lamentou.

— O pai do Alberto está vivo? Não pude deixar de reparar que veio sozinho.

— Eu e o pai do Alberto separámo-nos há uns bons anos.

— Quantos?

— Vinte.

— Só para percebermos o contexto em que o Alberto cresceu: separaram-se por desentendimentos conjugais ou algo que envolvesse o seu filho?

— Como assim?

— Havia... violência doméstica?

Marina ficou sem resposta, o rosto preenchido por espanto e alguma repulsa.

— Não, não. Nada disso. O Zé jamais nos faria mal fisicamente.

— E psicologicamente?

Aqui, a reação da mãe da vítima despertou algo em Leonardo, que olhou sub-repticiamente para a colega e encontrou o olhar dela, que espelhava o mesmo.

— N... não, quer dizer, ele era muito estúpido e só dizia coisas desagradáveis...

— Que tipo de coisas?

Ela ficou sem palavras novamente e desmanchou-se em lágrimas.

— Marina — disse Leonardo com uma voz calma, compreensiva —, percebo que seja difícil falar sobre isto, mas é importante que nos conte tudo para podermos descobrir quem terá feito mal ao seu filho.

— O meu filho, ele é... era especial, e o meu ex-marido não gostava de pessoas...

— Gays? — ajudou Marta, olhando para Leonardo.

Marina captou esse olhar e isso deixou-a intrigada, começando a compreender a dimensão do que tinha acontecido.

— Sim, mas o que é que a orientação sexual dele tem que ver com isto? — Marina olhava para os inspetores indignada.

— Acreditamos que possa ter sido por isso que foi assassinado... — Leonardo não conseguiu terminar a frase. Os uivos de dor de Marina encheram a sala.

— O meu filho sofreu tanto... meu Deus! O meu filho era tão querido... Ele não merecia nada disto... Era um rapaz tão bom, tão perfeito...

Os inspetores ficaram em silêncio. Marta estendeu um pacote de lenços e Leonardo foi buscar um copo com água. Esperaram que Marina se recompusesse um pouco, antes de avançarem com a próxima pergunta.

— Sabe se o seu ex-marido apenas o molestou verbalmente?

A pergunta de Marta pareceu ter sido noutra língua, pois a expressão de confusão de Marina para isso apontava.

— Desculpe?

— O seu ex-marido, o José. Sabe se ele apenas o agrediu verbalmente?

O rosto de Marina endureceu.

— Ele chamava-lhe nomes horríveis, renegava-o, fingia que não tinha filho junto dos amigos. Mas nunca lhe tocaria

— Acha, portanto, que ele não seria capaz de matar o próprio filho?

Marina abanou a cabeça, enquanto limpava as lágrimas.

— Ele não queria saber do filho, para ele era como se não existisse. Não faria isso. Quando é que posso ver o Alberto? — perguntou, levantando-se.

CAPÍTULO 12

LEONARDO E MARTA

Após a dramática conversa com Marina Duarte, Leonardo e Marta ficaram sentados às suas secretárias, o olhar distante e pensativo.

Alberto sofrera abusos verbais em criança. Pelo menos até o pai se ter ido embora e ele ter ficado só com a mãe.

Assim que Marina se fora embora, pesquisaram os perfis da vítima nas redes sociais. Encontraram-no com facilidade e navegaram calmamente pelas publicações efetuadas. Nas suas redes sociais, Alberto não escondia quem era, postando imagens da marcha LGBT em Lisboa, em que surgia feliz, rodeado de amigos e arco-íris, com os hashtags #pride, #orgulhogay, #gay, #gayboy e #queer.

No entanto, quando começaram a ler os comentários, a felicidade deu lugar à raiva. O perfil de Alberto era público e havia muito discurso de ódio, resguardado pela segurança dos perfis falsos.

Os inspetores continuaram a fazer scroll e perceberam que teriam de investigar todos os comentários negativos, perceber se algum se destacaria e tentar encontrar a pessoa por detrás dele. Nunca conseguiriam fazê-lo sozinhos. Precisavam da equipa dos nerds informáticos, como lhes chamavam, um grupo de jovens agentes especializados em tudo o que fosse relacionado com computadores e servidores.

— Sabes o pior disto tudo?

— Há pior?

— Amanhã é 1 de junho.

Ela deixou cair os ombros, agastada com toda a situação.

— Eu sei, vais reencontrar a tua mãe.

— Não é isso.

— Então?

— Amanhã começa o mês do orgulho LGBTQIA+. E vai haver uma marcha para assinalar o dia.

Marta endireitou-se, preocupada.

— Achas que este assassino... pode mesmo voltar a atacar? E já amanhã? Parece-me um período de acalmia muito curto.

— Tratando-se de um assassino em série recente, a fome é mais difícil de saciar. É todo um mundo novo para descobrir.

— Como o sexo o é quando somos jovens e o descobrimos pela primeira vez.

— Precisamente. Muitos assassinos retiram mais prazer da morte e do sofrimento do que do sexo. Para alguns, matar é um substituto do sexo.

— E se ele nos quer passar alguma mensagem, amanhã é o dia perfeito para marcar uma posição.

Leonardo pousou o telemóvel e recostou-se na cadeira.

— Se o que o levou a cometer este crime foi precisamente a homofobia, de certeza de que não vai parar por aqui.

— A menos que provemos que é algo pessoal e que seja um caso isolado — lançou Marta, não querendo que eles cometessem o erro de se focarem demasiado numa teoria e descurarem outras.

— Verdade. Temos de compreender melhor o contexto da vítima.

— Temos mesmo de encontrar o pai do Alberto. E depressa. E pedir ao nossos nerds que desenterrem os comentários mais estranhos e encontrem os seus autores.

Olharam para um post-it colocado em cima da secretária de Marta. Nele, Marina Duarte havia escrito a morada do último emprego do ex-marido, de que tivera conhecimento.

CAPÍTULO 13

LEONARDO E MARTA

A cobertura do caso seria estrondosa, se houvesse novo assassinio de uma pessoa queer. No dia seguinte começava oficialmente o mês do orgulho gay, e serem assassinadas pessoas envolvidas nesse movimento iria despertar uma atenção mediática que ninguém desejava que acontecesse.

A Polícia Judiciária não teria paz. O inspetor-chefe, Paulo Teodoro, ficaria agitado, o que significaria, em última instância, que nem Leonardo nem Marta teriam sossego para fazerem o seu trabalho.

Por isso, foi com algum nervosismo que chegaram à Azambuja.

Dirigiram-se a uma pastelaria que dava pelo nome de Sabores Perfeitos, no centro da cidade, entre a estação de comboios e a igreja local.

A zona era constituída por edifícios baixos, pintados de branco, mas a maioria com aspeto antigo, decadente. Assim era a pastelaria em questão. Era uma superfície pequena, com algumas mesas de um lado e um balcão do outro. Uma pequena televisão entretinha os seus clientes, que almoçavam o menu do dia: sopa, bitoque, bebida, sobremesa e café.

Dois homens, com as camisas desabotoadas para enfrentarem as temperaturas mais elevadas, olharam-nos com desconfiança, parando até de fumar por segundos.

Leonardo e Marta, vestidos com as suas roupas mais formais de trabalho, davam a entender que não eram dali nem que lá estavam

por terem fome.

Entraram no estabelecimento e sentiram um cheiro forte a tabaco. Dirigiram-se ao funcionário, que estava apoiado com os cotovelos em cima da superfície de vidro do balcão que mostrava alguns alimentos. Olhava fixamente para a televisão quando entraram e demorou alguns segundos a dar pela presença de ambos.

— Bom dia, chamo-me...

— Boa tarde, quer a menina dizer — interveio um homem sentado no canto, de jornal aberto sobre a mesa, com uma chávena de café vazia ao lado. — Já é quase uma da tarde.

— Sim, mas nós ainda não almoçámos, portanto... — Virou-se novamente para o empregado, mas este já se estava a mexer.

— Querem o menu do dia, suponho. Podem sentar-se onde quiserem.

— Não, não é nada disso. Ouça-me, por favor. Somos da Polícia Judiciária e procuramos um homem que sabemos ter trabalhado aqui há algum tempo.

Ao dizer «Polícia Judiciária», chamou toda a atenção para si. A televisão já não interessava a nenhum dos clientes.

— Podemos falar num sítio privado? — pediu, incomodada com os olhares curiosos.

— Que tal lá fora? — sugeriu Leonardo, querendo por tudo sair dali antes que o reconhecessem e comesçassem com conversas que o levariam a ver tudo vermelho e a remexer no monstro que tinha dentro de si.

Saíram do café, enfrentando o sol a bater de chapa.

— Em que vos posso ajudar, inspetores?

O funcionário era um homem de braços peludos, queixo largo e barba por fazer. Olhava-os com dureza; não gostava que alterassem as suas rotinas.

— Conhece um homem chamado José Conceição?

Ele pensou durante uns segundos.

— Conceição?

— Sim.

— Ele trabalhou aqui?

— Exatamente.

— Não me lembro de nenhum Conceição. Há quanto tempo disse

que ele trabalhou aqui?

— Não disse, mas foi há algum tempo.

— Um ano? Dois anos?

— Vinte anos.

— Vão-se lixar. Pelo amor de deus. Só me faltava esta — resmungou, enquanto voltava para a sua árdua tarefa de colocar os cotovelos no balcão e ver televisão.

— Vamos atrás dele para o repreender ou...

— Não vale a pena — garantiu Leonardo, já focado no próximo passo. — Perdemos tempo e não ficamos mais perto de encontrar o pai da vítima. Ele não parece saber quem é. Temos é de procurar a última morada conhecida dele.

— Sim, mas onde?

— Temos de ir à Junta de Freguesia ou à igreja, que é já ali...

— Procuram pelo Conceição?

Um dos homens da esplanada, com a camisa aberta no peito, revelando os pelos brancos contra a pele morena, levantou-se e aproximou-se deles, terminando o cigarro. Deu uma última passa e atirou a beata para o chão, pisando-a de uma forma natural.

— Sim, José Conceição — confirmou Leonardo. — Conhece-o?

Ele riu-se, mostrando uma fileira de dentes amarelados.

— Se o conheço? É meu primo.

CAPÍTULO 14

LEONARDO E MARTA

José Conceição era um homem barrigudo, de ar sisudo, com um bigode que muito o orgulhava, e um olhar severo, mas acessível.

— Por que motivo estão aqui? — perguntou ele, após as apresentações cordiais. — Não fiz nada de mal nem sei de nada que tenha acontecido a quem quer que seja. Além de que tenho de ir trabalhar.

O primo de José foi para a cozinha fumar, enquanto José Conceição e os dois inspetores se sentaram na sala. Era uma divisão suja, com manchas negras nas paredes e pó pelo chão e em cima dos móveis. A casa não devia ver uma vassoura havia anos.

Tinham chegado ali a pé. Cinco minutos bastaram. No caminho, o homem do café tinha telefonado ao primo para se encontrar com ele ali em casa. Chegara meia hora depois, preocupado que tivesse ocorrido alguma desgraça ao primo.

— Ontem foi encontrado o corpo do seu filho — anunciou Marta, sempre no seu tom de voz extremamente delicado e cheio de tato.

José abriu muito os olhos, deixou cair a cabeça e murmurou:

— Eu não tenho filhos.

— O que é que disse? — Leonardo fitou-o, sério.

— Disse que não tenho filho nenhum — respondeu o homem, com cara de poucos amigos. — Nem da primeira, nem da segunda mulher. Nada.

Eles sabiam que José tivera duas filhas com uma segunda mulher,

mas optaram por não insistir nesse assunto de momento, focando a questão essencial.

— Precisamos de saber onde estava na madrugada de 29 para 30 de maio, senhor Conceição — atirou Marta, enfadada.

— Isso foi quando?

— Foi há dois dias. De domingo para segunda.

— Estive aqui em casa, a dormir. Levanto-me cedo para ir para a pastelaria.

— A Sabores Perfeitos?

— Naaa, nessa trabalhei alguns anos, mas já foi há muito tempo. Agora estou numa pastelaria a meia hora de caminho para norte. É uma pastelaria a sério.

— Saiu de casa a que horas, na segunda-feira?

— À seis e meia, por aí. O normal.

— Entrou no trabalho a que horas?

— O nosso turno começa às sete da manhã.

— E foi a essa hora que entrou?

— Obviamente.

— Na pastelaria...

— Mil Delícias — ajudou José, observando com algum nervosismo Marta a apontar tudo no telemóvel com minúcia.

— Há formas de comprovar que entrou à hora que nos diz?

— Há.

— Precisamos desses registos para confirmar a veracidade do que nos disse.

— Não há registos, são as pessoas. Os meus colegas comprovam que entrei com eles às sete da manhã.

— As pessoas podem ser manipuladas, senhor José.

— Os registos também. E agora, o que vamos fazer sobre isso? Acham que fui eu quem matou o meu próprio filho?

— Ainda agora acabou de nos dizer que não tinha filhos — relembrou Marta.

— Separei-me das minhas mulheres e ambas nunca me deixaram ver os filhos. Portanto, finjo que não existem.

— O Alberto já não existe mesmo — relembrou Leonardo, respeitoso. — Morreu.

— Lamento muito, mas não o vejo há uns vinte anos. Nem o

conheço.

— Por que razão ambas as suas ex-mulheres o proibiram de ver os seus filhos?

José encarou-a com um fogo no olhar que a arrepiou.

— O que quer dizer com isso, inspetora Mateus?

— Bem, é simples. Teve filhos com duas mulheres, acabou por se separar de ambas e elas não o deixam vê-los. Não acha que é muita coincidência?

— Se calhar é dos que acha que estão todos errados e só o José é que está certo — atirou Leonardo, na esperança de o provocar e de o levar a falar sem pensar.

José ficou em silêncio, pasmado. Leonardo jurava que ouvia as poucas engrenagens que aquele ser tinha na sua cabeça a trabalharem ao máximo.

— Já respondi a tudo o que queriam. Vão-se embora. Por favor.

— Nós sabemos que abusava verbalmente do Alberto. Aposto que se formos falar com a sua segunda mulher, ela vai dizer-nos o mesmo. Do que é que não gostava nas suas filhas? Eram queer, também?

José ficou vermelho e bateu com o punho na mesa, assustando Marta.

— Que merda de pergunta é essa? — berrou.

— Acho que falei português. Odeia ou não odeia homossexuais?

— Acho-os uma aberração, mas daí a matar o meu próprio filho?! Se não me vão prender, vou-me embora que tenho mais que fazer. — Levantou-se e fez menção de sair.

— Lamento, mas não vai a lado nenhum sem nos dar uma amostra do seu ADN. — Leonardo cerrou os punhos e a sua altura considerável deixou José nervoso. — Pode fazê-lo aqui ou na PJ. É como preferir.

José aquiesceu, resignado, e Marta calçou um par de luvas de látex que tinha sempre na mala, e abriu o kit. Pediu a José que abrisse a boca e esfregou a zaragatoa com assertividade. Quando a selou no saco de provas, tirou as luvas.

— Eu não matei o meu filho — disse o homem, saindo e batendo com a porta.

O primo entrou na sala, estranhando a atitude de José.

— O que é que lhe disseram?

— Quão bem conhece o seu primo?

— Desde que nasci. Somos como irmãos, porquê?

— O filho dele morreu. Assassinado. E ele detestava quem o filho era.

O homem sentou-se e tirou a boina, passando a mão pela testa.

— Assassinado? Mas como? Porquê?

— Isso é o que estamos a tentar descobrir. Mas para já tudo aponta que teve que ver com o facto de Alberto ser gay. — Marta aproximou-se do homem. — Consigo perceber que está em choque. Conhecia-o?

— Claro que sim. Era um bom miúdo. O meu primo é que... Os larilas faziam-lhe impressão. Não os compreendia, sabem? No fundo, acho que ele tinha medo de que isso fosse contagioso e só queria que desaparecessem todos.

— Ele acha que a homossexualidade se pega?

— Não é o único, acreditem. Ele vê isso como uma doença grave que devia ser erradicada. Como uma epidemia, estão a ver?

Foi com algum alívio que saíram dali. Próxima paragem seria a pastelaria Mil Delícias, para poderem confirmar o álibi de José.

CAPÍTULO 15

LEONARDO E MARTA

Chegaram à pastelaria em menos de trinta minutos e não precisaram mais do que três para chegarem à conclusão de que o álibi de José Conceição era sólido.

Três colegas confirmaram que ele chegara às sete horas em ponto na segunda-feira e que era um homem cumpridor, que trabalhava com ritmo e que fazia bolos com distinção. Era, até, dos melhores funcionários que a pastelaria tinha.

Já no carro, a caminho da PJ, Marta suspirou.

— O que foi? — perguntou Leonardo.

— Estava com esperança de que tivéssemos encontrado o culpado.

— Assim significaria que não é um assassino em série, certo?

— Certo... Mas ainda tenho esperança de que se encontrem vestígios nas unhas da vítima e que isso nos leve ao culpado.

— Estás muito otimista. Vamos esperar pelo resultado da análise — Leonardo sorriu, tentando animar Marta, mas sem grande sucesso.

Regressaram à PJ de Lisboa e a primeira coisa que fizeram foi enviar o kit de recolha de ADN à Polícia Científica, para que comparassem o de José Conceição com os parciais encontrados no local do crime.

Depois, almoçaram e decidiram reconstruir a fatídica noite de Alberto. Com quem tinha ele saído? Com um homem ou com um grupo de amigos? Ou sozinho?

Com a ajuda do departamento informático, que tinha elaborado

um relatório naquela manhã sobre a investigação efetuada ao telemóvel, às contas das redes sociais e de e-mail da vítima, conseguiram perceber que Alberto combinara um encontro com uma pessoa cujo nome de contacto no telemóvel era «Amorzinho». Esse encontro seria após o jantar no domingo; depois, iriam a uma discoteca em Santos para se divertirem e «irem até à loucura».

— A vítima sabia divertir-se — comentou Leonardo, enquanto lia a transcrição da conversa em que ficou combinado o encontro que culminaria na morte de Alberto.

Marta reparou em algo numa outra conversa entre os dois, mais à frente.

— Leo, isto não é nada bom.

— O quê?

Marta desviou o olhar do computador para o colega.

— Vê só uma das mensagens do «Amorzinho».

Intrigado, dirigiu-se à secretária da inspetora e leu a passagem que ela lhe indicava com um dedo ligeiramente trémulo.

— «Tenho é de ver se consigo fugir da minha mulher e dos meus filhos.»

CAPÍTULO 16

CARLOS

Chegou a casa esgotado, com vontade de fechar os olhos e de dormir um dia inteiro, apesar de ainda estar a meio da tarde. Pousou as chaves na bancada da cozinha e deixou cair a mochila no meio da sala. Sentou-se no sofá e ali ficou, a desfrutar de um momento de silêncio e de calma.

Tinham sido semanas muito cansativas. O trabalho na clínica de fisioterapia fora intenso. Tinha muitos clientes, a maioria ainda na fase inicial de recuperação, o que lhe dava mais trabalho. Mas Carlos Caetano adorava o que fazia. Sentia-se realizado. Dava ainda mais valor ao seu emprego depois de ter estado encarcerado durante longos meses no Estabelecimento Prisional de Lisboa, onde ainda estaria não lhe tivesse o inspetor Leonardo Rosa estendido a mão e pedido ajuda para uma missão em troca da sua liberdade.

Agora, vivia num pequeno apartamento no centro de Corroios, Seixal, perto da clínica onde trabalhava. Comprara-o com a ajuda dos pais e já tinha estabelecido um plano para lhes devolver o dinheiro, embora eles se recusassem terminantemente a receber qualquer cêntimo do filho.

Minutos volvidos, levantou-se com preguiça e foi tomar banho. No caminho para a casa de banho, pareceu-lhe sentir uma presença na casa. Esperou alguns segundos. Nada. Devia ter sido impressão sua. Ligou a televisão para não parecer que estava sozinho, despiu-se e tomou um banho retemperador.

Depois de se secar e de vestir uns calções e uma T-shirt, foi para a cozinha e começou a tratar do jantar.

Então, pareceu-lhe ouvir novamente algo no apartamento. Um som fora do habitual.

O seu sentido de alerta tomou conta de si.

Abriu a gaveta dos talheres e pegou numa faca afiada. Fez silêncio absoluto para captar o mínimo som que não lhe fosse natural.

Lentamente, saiu da cozinha e entrou na sala, o olhar a disparar em todos os sentidos, à procura de algo que fugisse à norma. A faca pronta a ser utilizada.

Ao virar-se para o sofá, sentiu um baque no coração.

Sentada com uma naturalidade surpreendente, o rosto decorado com um sorriso tão suave que se diria que tinha sido convidada a entrar e a sentar-se, estava uma mulher de aspeto nórdico a olhar para si.

CAPÍTULO 17

CARLOS

— Olá, Carlos. Há quanto tempo.

Carlos pousou a faca na mesinha da sala e sentou-se numa poltrona puída a dois metros do sofá. A dois metros de Margarida Rosa.

— Que faz aqui? Não era suposto vir só amanhã?

A mulher sorriu, mostrando umas rugas de expressão que lhe assentavam muito bem. Com a sua altura elevada, o seu cabelo dourado a emoldurar um rosto delicado, seria capaz de intimidar qualquer homem. Envergava um vestido azul, leve e fresco. Via-se que era uma mulher distinta.

— É suposto encontrar-me com o meu filho amanhã, sim, mas não disse que chegaria a Portugal nesse dia.

— OK. Então...

— Por que motivo estou aqui, queres tu saber?

Ele assentiu, ainda estupefacto por ver a mãe de Leonardo Rosa.

— Preciso de um sítio onde ficar.

— Como assim? Com o dinheiro que tem não arranja forma de ir para um hotel de forma anónima?

Margarida sorriu perante a perspicácia dele.

— Já percebi que não te engano — suspirou. — A verdade é que me dava jeito ganhar a simpatia de alguém próximo do meu filho e de ter um sítio que lhe seja amigável para nos encontrarmos. Para que ele me veja com outro olhar, percebes?

— Além de que se ficar aqui, é impossível alguém encontrá-la.

— Isso é apenas um bónus.

Carlos não acreditou totalmente na justificação, mas sentia que podia confiar nela. A aura dela levava-o a isso.

— Já deixei a minha mala no quarto que não usas. Espero que não tenha mal — continuou ela. — Também tive a liberdade de instalar lá uma cama decente. Só no teu quarto é que havia cama, e não queria ser uma daquelas convidadas que impõe demasiado a sua presença e que empatam a vida dos anfitriões.

— A Margarida... o quê?

Ela sorriu com agrado.

— Vê-se mesmo que és solteiro. Nem verificaste o segundo quarto desde que chegaste. Já está minimamente mobilado e pronto para receber convidados. Não tens de quê.

— Como assim?!

— Ora, não vou revelar os meus segredos, mas aconselhava-te a colocares uma fechadura decente na porta do apartamento, daquelas mais difíceis de arrombar, sabes? Era positivo para ti e para a tua segurança. Mas quem sou eu para me meter na tua vida?

Carlos ficou alguns momentos a olhar para ela, na esperança de que confessasse que estava a mentir, mas ao ver a sua postura séria, o jovem riu-se com o ridículo da situação.

— A Margarida mobilou o meu quarto de hóspedes?

— Sim.

— A sério?

— Podes ir lá ver. Não estou a mentir.

Carlos levantou-se, ainda com a sensação de que tudo aquilo era produto da sua imaginação e que estava a falar com alguém criado pela sua mente.

— Dê-me só um segundo.

Foi espreitar ao quarto de hóspedes numa passada rápida, ansioso. Ao abrir a porta, viu uma cama king size, duas mesinhas de cabeceira e um guarda-fatos. Tudo novo. E de melhor qualidade do que o que ele tinha no seu quarto.

Voltou a rir-se, nervoso. Ao virar-se para sair, Margarida sorria-lhe do corredor.

— Está tudo bem arranjado?

— Está excelente, melhor do que eu faria.

— Boa. E não há problema em me teres aqui como hóspede? É só um par de noites.

— Tudo bem. Pode ficar. Espero não estar a cometer um erro.

Margarida aproximou-se e deu-lhe um beijo na face, deixando-o corado.

— Então, posso receber aqui o meu filho?

— Claro.

— Obrigado, Carlos. Nunca esquecerei a tua ajuda.

O jovem assentiu.

— Vi que ias começar a cozinhar. Já comia qualquer coisa...

Enquanto caminhavam para a cozinha, Carlos não pôde deixar de olhar para a sua própria casa de outra forma, com outro olhar. Ali estava o palco onde Leonardo e Margarida Rosa, filho e mãe, se iriam reencontrar. Não era nada com ele, mas até Carlos se sentia nervoso por esse reencontro. Temia que desse para o torto.

E, na verdade, tinha todos os ingredientes para que isso acontecesse.

CAPÍTULO 18

LEONARDO E MARTA

A tarde alongava-se naquelas horas finais, prolongando o calor que começava a aumentar no país.

Os inspetores chegaram a Massamá, onde vivia o contacto de Alberto. Tinham encontrado a morada no histórico da conversa entre os dois no WhatsApp. Certificaram-se, antes de abandonarem a PJ, que o inspetor-chefe ficava a par da linha de investigação que estavam a seguir e das teorias que tinham em cima da mesa. Ficaram de preencher o relatório para colocar no ficheiro do caso ainda naquele dia. Mas apenas após a conversa com o amante da vítima.

— Estou com um feeling de que vamos arruinar um casamento — exteriorizou Marta, bufando de nervosismo e ansiedade. — Não queria nada destruir um lar.

— Este lar tem os dias contados. Viste bem pelas conversas. O namorado da vítima estava cada vez mais convencido de que era isso que queria: assumir-se como homossexual. Eles falaram horas sobre isso.

— Eu sei, mas também fiquei com a ideia de que era aquela história clássica do homem rico que se envolve com uma empregada e faz promessas e mais promessas à amante para a manter no isco, tendo assim o melhor dos dois mundos; depois, quando realmente é confrontado com tudo, acaba por ficar com a mulher e não com a amante, que seria o seu grande amor. É igual, só que aqui são dois homens a envolverem-se.

Leonardo sorriu perante a comparação.

— Já sabes que nós temos de cumprir a nossa função, seja quais forem as consequências.

Estacionaram o carro numa rua ladeada por prédios em tons bege de aspeto recente e limpo. Aproximaram-se do número 2 e tocaram à campainha do segundo esquerdo.

A voz metálica de uma mulher surgiu no altifalante, a perguntar quem era.

— Somos da Polícia Judiciária e precisamos de falar convosco — anunciou Leonardo. — Queira fazer o favor de abrir a porta.

Notou-se uma certa atrapalhão na voz da mulher, mas a porta do prédio abriu-se e os inspetores subiram. Ao chegarem ao patamar do segundo piso, viram a porta do apartamento aberta e um homem a segurá-la.

Era ele. O amante de Alberto.

— Boa tarde, sou o inspetor Leonardo Rosa. Esta é a minha colega, a inspetora Marta Mateus.

— Eu sei quem são. Por causa das Olimpíadas da Morte.

— Claro que sabe.

Um rasgo de vermelho e um toque de escuridão, que passou num segundo.

— Querem falar com quem?

— Acho que você sabe, senhor...

— Augusto Teixeira. — O seu olhar perdeu dignidade quando se aproximou mais dele para perguntar, num sussurro: — É por causa do Alberto? Foi ele quem morreu na Praia da Torre, não foi? Não param de falar nisso nas notícias, e aquelas fotos... Tenho a certeza de que sim, mas tinha a esperança...

— Foi ele, sim. E é sobre isso que queremos falar consigo — afirmou Leonardo, sem preâmbulos. — Onde podemos conversar?

Augusto olhou para o interior com insegurança. Os inspetores podiam ouvir duas crianças a ajudarem a mãe a cozinhar, gritando o nome dos ingredientes com aquele entusiasmo característico da tenra idade.

— Venham para o meu escritório.

Sentados em duas cadeiras rijas, que Augusto trouxera da sala para o escritório, aguardaram que ele se sentasse na cadeira da sua secretária, onde repousava um computador e muita papelada desorganizada, que ele se apressou a arrumar.

— Digam, inspetores — pediu, quando finalmente se sentou.

— Nós sabemos que o Augusto esteve com o Alberto na noite em que ele morreu — lançou Marta, mostrando imagens da conversa de domingo onde constava a combinação.

Ele olhou, mas não leu. Passou as mãos pelo rosto e abanou a cabeça, aterrorizado.

— Que querem que vos diga? Que fale do nosso relacionamento, daquela noite em específico...

— Primeiro, diga-nos que tipo de relacionamento mantinha com Alberto.

— Éramos amigos.

— Por favor, Augusto, não comece já com mentiras ou isto vai correr muito mal — pediu Leonardo, sem paciência para rodeios.

— Nós sabemos que eram amantes — completou Marta. — Mais vale saltar já para essa parte. Ninguém nos está a ouvir. Pode falar à vontade.

Apontou tudo enquanto ele falava, ainda meio perdido no discurso.

— Nós... nós conhecemo-nos na escola onde eu trabalho.

— Há quanto tempo?

— Há uns cinco anos. Claro que não foi amor à primeira vista. Não acredito nisso. Mas vi que, sei lá, ele tinha algo de especial.

— Nessa altura, já sabia que era homossexual?

— Sim, soube desde sempre. O Alberto nunca teve problemas em mostrar quem era.

— Então...

Augusto baixou a cabeça, mexendo nervosamente na aliança.

Os inspetores continuaram em silêncio, apenas Marta escrevia as suas notas com ligeireza.

— Como surgiu a sua mulher e o vosso casamento?

— A Catarina era amiga de um amigo meu. Eu era o único solteiro do meu grupo de amigos, vá-se lá saber porquê, e ele achava que eu era infeliz assim. Há uns dez anos, arranjou um encontro entre nós. A

verdade é que com a Catarina é muito fácil de conversar, temos muitas coisas em comum, e houve logo uma ligação muito forte entre nós. A diferença é que ela interpretou essa ligação como amor, enquanto eu via apenas uma amizade muito forte. Somos os melhores amigos, e acabámos por nos casar e ter filhos, porque era algo que eu também queria, embora não desta forma.

— E como entra o Alberto nessa equação?

— Como disse, conheci-o há cinco anos, quando foi substituir outro professor. Achei-o simpático, divertido, até. Ele tem menos uns sete anos do que eu, e foi refrescante ver a jovialidade dele, acabado de terminar o curso e a querer mudar a mentalidade de todos os estudantes. Ele vinha e ia com frequência, até que, há três anos, um professor de Matemática ficou de baixa prolongada e o Alberto começou a aparecer com regularidade. Ficámos com horários parecidos e acabei por vê-lo todos os dias na sala de professores. Ele foi oferecendo café, lá da máquina, e eu a ele, até que decidimos beber um café fora da escola, depois uma bebida após as aulas para falar dos nossos alunos em comum... Quando demos por isso, enrolávamo-nos na casa de banho dos homens.

— Quando é que as coisas começaram a complicar-se?

— Há uns meses. O Alberto começou a ficar farto de viver esta paixão às escondidas. Queria que eu me assumisse para não viver uma vida infeliz. Eu percebo-o, mas não sou infeliz, tenho dois filhos lindos e uma mulher que é a minha melhor amiga.

— Como foi a noite de domingo para segunda-feira?

— Encontrámo-nos para jantar num restaurante em Santos.

— Qual?

Augusto indicou o nome e Marta apontou, para verificarem no dia seguinte.

— E depois de jantar?

— Depois de jantar fomos a uma discoteca.

Marta apontou o nome da discoteca ao lado do nome do restaurante.

— Às duas e tal da manhã, demos a noite por terminada, e ele começou a insistir na questão de eu me assumir enquanto caminhávamos. Depois, chateámo-nos e acabámos por nos separar, porque ele ia para o carro e eu fui de táxi.

— E nunca mais o viu?

— Nunca mais o vi.

Lágrimas começaram a formar-se nos olhos tristonhos de Augusto.

— Conhece alguém que pudesse querer fazer mal ao Alberto?

— Ele era assumidamente gay na escola? Era algo do conhecimento geral? — acrescentou Leonardo, com receio do tamanho do trabalho que iriam ter em caso afirmativo.

Teriam de entrevistar todos os alunos da escola e pessoal.

Podia ascender às mil pessoas.

Sentiu Marta ficar tensa ao seu lado; devia ter pensado o mesmo.

— Sim, era do conhecimento público que o Alberto era homossexual.

— E era gozado por colegas ou alunos?

— Não abertamente. Mas os miúdos são complicados. Deixam-se influenciar, e às vezes basta uma maçã podre no grupo para tudo descambar.

— Mas aconteceu alguma coisa específica?

— Cartas anónimas, riscos no carro, obscenidades escritas no carro... aconteceu duas ou três vezes.

— E nunca fizeram nada sobre isso?

— Fizemos, mas era tudo fora da escola. Só se se passasse no interior é que dizia respeito à direção. É estúpido, mas é assim.

Leonardo captou o olhar de Marta. Conheciam-se bem o suficiente para comunicarem sem palavras.

— Pois bem, toda essa situação acabou de passar para dentro da escola. Vamos entrevistar cada aluno e cada membro do pessoal. Alguém há de saber algo sobre a morte do Alberto.

Augusto deixou descair os ombros e chorou.

Se de tristeza pela morte de Alberto ou por haver a séria probabilidade de ser descoberto, não sabiam ao certo.

CAPÍTULO 19

LEONARDO

O primeiro dia de junho nasceu radioso, como se inspirasse a dias perfeitos e felizes, mas para Leonardo era exatamente o oposto. Por dois motivos.

Primeiro, porque temia o que ele próprio faria ou diria no reencontro com a mãe, o qual aconteceria no final daquele dia, ainda que não tivesse tido notícias dela.

Segundo, porque, juntamente com agentes da PSP que Marta pedira às esquadras da zona, ia passar o dia todo a verificar álibis e motivações de todos os elementos da escola onde Alberto lecionara. Podia residir aí a solução do crime.

Além de tudo isto, a meio da manhã, teriam de vigiar a marcha de orgulho LGBTQIA+ que partia do Príncipe Real, durante a qual a probabilidade de haver um assassinio era mais elevada, dado o número de pessoas que podiam encaixar no perfil de vítima do assassino. Isto, caso a ideia do assassino em série se confirmasse.

O inspetor acordou sozinho. Queria dar à irmã a atenção que ela merecia, já que tirara dias de folga para estar com ele e para reencontrar a mãe.

OuvIU um leve ressonar vindo do quarto ao lado.

Sorriu. Já se tinha esquecido que a irmã ressonava. Aliás, «respirava alto», segundo dizia ela, sempre que era confrontada com algum comentário sobre o assunto.

Levantou-se e preparou o pequeno-almoço. Panquecas com mel,

doce de frutos vermelhos e chocolate. Eram os três sabores preferidos dos irmãos Rosa.

— Yey, panquecas! — gritou Mafalda, assustando o irmão, que deixou cair ao chão uma acabada de fazer.

Ela baixou-se com rapidez e pegou na panqueca, soprando com força.

— Regra dos dez segundos!

— São cinco segundos.

— Ah, já diminui? As bactérias estão mais rápidas, é? É melhor avisar a Joana e os miúdos. — Riu-se da cara do irmão.

— És mesmo criança.

— Vamos comer?

Sentaram-se e deliciaram-se com a comida.

— Vai correr tudo bem. Só estou a meter-me contigo para aligeirar o ambiente.

— Desculpa, tens razão. Estou demasiado stressado com isto. É só porque...

— Não sabes como vais reagir quando vires a mãe em carne e osso?

Ele anuiu.

— E tu sabes como vais reagir quando vires a mãe?

Os olhos da irmã ficaram brilhantes ao imaginar a situação. Fora algo por que ansiara durante anos, até perder a esperança. Agora, ia mesmo acontecer. Era real.

— Sei. Vou abraçá-la até ficar sem forças. Ela é a nossa mãe, e eu sofri tanto quando ficámos sem ela... Fiquei perdida, sabes? Eu amava-a. Ela era uma ótima mãe. Não achas que terá sido difícil para a mãe deixar-nos para trás? Independentemente do que ela disse naquele vídeo das Olimpíadas da Morte?

Leonardo digeriu cada palavra da irmã. Compreendia o que ela dizia.

— Eu sinto o mesmo, mas apenas em parte. A outra, a que teve de sobreviver a todo o custo na Madeira, só a quer ver presa para sempre. Morreram centenas de pessoas por culpa dela.

Mafalda passou a mão pelo braço do irmão.

— Leonardo, só te peço que tenhas calma. E que a deixes explicar-se. Dá-lhe uma oportunidade, pelo menos. Deixa-a falar.

— Não sei. Juro que não sei o que farei quando a vir.

Comeram em silêncio, o peso do dia que se estendia à frente a enchê-los de pensamentos privados e de sentimentos novos, estranhos para eles.

Iam ver Margarida Rosa, a mãe que supuseram morta durante duas décadas.

A conversa de ambos foi subitamente interrompida, de forma definitiva. O telemóvel do inspetor clamava por atenção, e este atendeu a chamada quando viu que era do seu chefe. Entre os gritos furiosos e estridentes de Teodoro, percebeu duas palavras que o deixaram em sentido e o fizeram ligar a televisão para confirmar.

Uma pessoa tinha sido encontrada morta no Príncipe Real.

Queimada.

CAPÍTULO 20

LEONARDO E MARTA

Centenas e centenas de pessoas entoavam cânticos e brandiam os seus cartazes com orgulho, com a bandeira arco-íris a pintar as ruas.

Dada a urgência da situação, os inspetores chegaram ao local, cada um no seu respetivo veículo, mas foi algo desesperadamente demorado.

O crime ocorrera no Jardim do Príncipe Real, o ponto de partida para a Marcha. Quando tentaram furar a multidão com os seus veículos, ainda os civis estavam a ser afastados por um forte braço policial da PSP. Leonardo estacionou o carro ao lado do de Marta, em plena estrada, precisamente quando esta saía e vestia o macacão branco. Reparou em Leonardo e aguardou que ele fizesse o mesmo.

Munidos com equipamentos de proteção individual para não contaminarem o local, atravessaram a estrada e entraram no jardim, onde foram brindados com um olhar feroz de Paulo Teodoro.

— Finalmente.

— Está assim tão mau? — arriscou Marta, ajeitando o capuz do fato de proteção.

— Sim, está. A comunicação social está ao rubro, chovem telefonemas de pessoas a criticar, a mandar vir, a dar pistas inúteis. Façam alguma coisa. Por favor.

Marta sentiu-se corar, e ia contra-atacar, mas Leonardo falou primeiro, no tom mais tranquilo que conseguiu.

— Vamos manter a calma, OK? Estamos a fazer o possível para

descobrir o culpado. Tendo em conta que passou pouco tempo...

— Diz isso às duas vítimas e às famílias delas. Vamos mas é a despachar, que quero isto resolvido rapidamente!

— Ainda não temos dados suficientes para fazer uma detenção. É demasiado precoce — esclareceu Marta, sem ressentimento na voz. — Explicámos tudo no relatório de ontem.

— Arriscaria até dizer que ele está numa espécie de missão.

— Que tipo de missão? — perguntou Teodoro.

— Se provarmos que as vítimas não têm qualquer ligação, é possível que o assassino esteja a matar pessoas apenas por serem da comunidade LGBTQIA+. São crimes de ódio.

— Então, ainda é mais urgente encontrá-lo. Vou deixar-vos trabalhar. Mantenham-me informado.

Teodoro deu meia-volta e abandonou a cena do crime de telemóvel encostado à orelha, um movimento que se estava a tornar demasiado familiar. O Ministério da Administração Interna já o estava a pressionar e os jornalistas perseguiam-no como cães a um osso.

Marta e Leonardo avançaram para o impressionante Cedro-do-Buçaco, uma árvore com mais de vinte metros de diâmetro, cento e cinquenta anos e o ex-líbris do jardim do Príncipe Real. Encostado à árvore estava um bidão azul de metal. Dois peritos da Polícia Científica já se ocupavam a analisar o local, e Cristóvão Martins, com o assistente ao lado, olhava para o interior do bidão com a cabeça inclinada e uma mão no queixo. Estava completamente focado na vítima; nem dera pela chegada deles. Passaram a pequena grade e cumprimentaram os peritos com um gesto, que eles retribuíram de forma apressada. Analisaram o interior do bidão com olhos profissionais.

A imagem era medonha, arrepiante.

A vítima era uma mulher. Tinha sido enfiada à força no bidão, ficando com o corpo torcido. O rosto parecia intacto, apenas chamuscado no queixo e numa orelha. Avistaram um piercing no nariz, bem na ponta do septo, e o cabelo, embora parcialmente queimado, apresentava madeixas cor-de-rosa. No entanto, do que era possível avistar do corpo desnudado da vítima, observaram, com horror, a pele carbonizada, queimada e irreconhecível.

— Cristóvão, o que é que já concluíram da vossa análise?

A pergunta foi para o médico-legista, que só então se apercebeu da presença dos inspetores.

— É sempre um prazer vê-los, inspetores, ainda que nestas circunstâncias.

— Que me diz deste assassínio?

— Já tivemos tempo de analisar a cena do crime com minúcia.

— O que nos podes dizer?

— Bom, para começar, temos este bidão de chapa metálico, provavelmente fabricado em aço laminado, com 582 milímetros de diâmetro, 88 centímetros de altura e capacidade para 216 litros. O tampão de cima não foi encontrado.

— Provavelmente, para que o conteúdo fosse encontrado rápido. Quanto pesa o bidão?

— Uns vinte quilos.

Marta e Leonardo entreolharam-se.

— Acho que isto deixa claro que o nosso assassino terá um cúmplice — sentenciou Marta.

— Certo. Seriam vinte quilos, mais uma pessoa desfalecida ou morta que deveria pesar uns cinquenta ou sessenta quilos — acrescentou Leonardo, avaliando a vítima.

— Concorde com a vossa dedução.

— Como foi a vítima assassinada?

— Não consigo alcançar grandes conclusões para já, uma vez que não pude fazer muito além de observar e tirar umas medidas, mas a vítima foi severamente queimada do pescoço para baixo, e depois enfiada neste bidão de rabo, com o tronco e as pernas unidos no topo. Como podem observar, conseguimos ver a cabeça da vítima, ao lado temos as mãos e, logo abaixo, os pés.

— Portanto, ela está dobrada com o tronco sobre as pernas?

— Exatamente. O bidão é largo o suficiente para ela caber, mas em termos de altura não daria para ser colocada em pé. Dobrada, cabe sem extravasar para fora do recipiente.

— Como é que o assassino conseguiu deixar a cabeça quase intacta?

— Terei de analisar tudo na autópsia. Assim, à primeira vista, não vejo grandes indícios que vos possam ajudar.

— Poderá ele ter utilizado um combustível para carbonizar o

corpo da vítima e acelerar essa combustão? Queimar pele humana, ainda para mais despida, não é propriamente fácil.

— É possível, sim. Quando retirei amostras de sangue para análise, reparei que a carbonização foi muito superficial, quase exclusivamente na pele, o que se coaduna com esse tipo de líquido inflamável, que queima sempre mais em extensão e à superfície.

— Sendo assim, o assassino poderá ter parado o fogo com um extintor antes de este atingir o rosto — raciocinou Leonardo, olhando para a colega. — Para que ela fosse facilmente identificável.

— Terei de procurar por partículas que se encontram nos extintores de pó ABC, que são os usados em incêndios deste tipo, mas é uma teoria que me agrada. No entanto, poderei não encontrar vestígios desse hipotético combustível, dado que normalmente desaparecem com as chamas.

— Mas se ele realmente controlou o incêndio, podem existir vestígios.

— Sim, se foi controlado, é possível. Vamos ver. Vou estar atento a isso.

— Será o mesmo assassino? — perguntou Leonardo. As dúvidas eram inúmeras.

— Só consigo confirmar na autópsia. Terei de procurar marcas de agulha e analisar o sangue para encontrar semelhanças. Para já, não há muito mais que vos possa dar.

— Consegues dar uma aproximação da hora da morte? — pediu Marta.

— Pelas medições que fiz da temperatura da vítima, o que neste caso pode não valer de muito por motivos óbvios, e pelo estado em que esta se encontra, as contas indicam que terá sido assassinada a meio da madrugada, como o outro jovem. Mas como foi queimada, podem existir algumas diferenças.

— Mas dirias há umas seis horas, portanto?

— Sim, por aí. Mas já sabem: só irei ter mais detalhes com a autópsia. Já recolhemos sangue para análise e já foi tudo fotografado. Estão agora a verificar o espaço para ver se encontram outros vestígios.

— Fazer uma autópsia a um corpo queimado... boa sorte.

— Não é fácil, mas é desafiante. E eu gosto de desafios — disse,

com um ligeiro sorriso na cara. Cristóvão era, de facto, uma pessoa muito peculiar, perfeita para a profissão.

— Há uma forma muito fácil de perceber se foi o mesmo assassino da Praia da Torre — anunciou Marta, dando a volta ao bidão e analisando cada centímetro da superfície lisa. — Basta encontrarmos a letra do *Scrabble*.

— A assinatura dele. Claro — concordou Leonardo, começando a procurar o pequeno objeto. — Se foi queimado com a vítima, não dará para recuperar.

— Duvido. Se ele quer passar uma mensagem, não vai perder a oportunidade.

Procuraram por todo o lado, mas não havia meio de encontrarem a suposta letra deixada pelo assassino.

— Ou escondeu a letra nalguma cavidade da vítima ou debaixo do bidão. De resto, pelo que estamos a ver, começo a achar que se calhar não é o mesmo assassi... — começou Leonardo, parando de repente ao avistar algo que lhe captou todo o interesse. — Esqueçam o que disse.

Num dos ramos retorcidos da árvore, exatamente por cima do bidão, via-se uma peça de *Scrabble* presa como se fosse um ornamento natalício. Leonardo pediu aos peritos que tirassem várias fotografias à peça; depois, esticou o braço e arrancou-a com firmeza.

Marta aproximou-se, admirando a prova de que o assassino da Praia da Torre era o mesmo que o do Príncipe Real, apesar do *modus operandi* diferente.

Tudo por causa daquela peça cor de marfim.

Que continha a letra L.

CAPÍTULO 21

LEONARDO E MARTA

Depois de analisada para identificar possíveis impressões digitais, a letra L foi guardada num saco de evidências e armazenada pelos peritos. Tal como a letra G estava limpa, sem quaisquer vestígios.

— O assassino é cauteloso, planeia muito bem as suas ações — comentou Leonardo. — É metódico e sádico. Retira prazer do sofrimento da vítima, mas não me parece que tenha cariz sexual. Não. Ele odeia as vítimas. Isto são crimes de ódio.

— É como disseste há bocado, começa a dar a ideia de que ele está numa missão.

— Uma missão que facilmente atrai seguidores, daí o cúmplice.

— Achas que ele...

— Inspetores — interrompeu um dos peritos, aproximando-se. — Desculpem, mas temos de ir para outra cena de crime e já estamos atrasados. Terminámos por aqui. Para que o saibam já, em vez de aguardarem pelo relatório, encontrámos um pedaço de tecido preto que parece ser de algodão, mesmo ao lado do bidão.

— Pode ser de qualquer pessoa — lamentou Leonardo. Afinal de contas, aquele jardim era muito frequentado. Deviam passar por ali centenas de pessoas diariamente. No entanto, com que probabilidade uma pessoa perdia um pedaço de tecido da roupa e logo ali, ao pé daquela árvore gradeada?

— Encontrámos várias pegadas quando chegámos aqui, mas há uma que se destaca por ser mais profunda. Se olharem com atenção

em torno do bidão, conseguem observá-la.

Os inspetores agacharam-se e, utilizando as lanternas dos respetivos telemóveis, angularam a luz de forma a perceberem os relevos do terreno. Em torno do bidão, o chão era irregular, ao contrário do resto do espaço.

— Aham que esta pegada é do assassino?

— Ou do cúmplice — acrescentou Marta. — As pegadas devem estar mais demarcadas porque a pessoa que as calçou teve de suportar este peso todo. Provavelmente, foi o que acartou com a maior parte do peso entre os dois cúmplices. Deve ser o que tem mais força.

Leonardo olhou-a com orgulho, os rostos perto um do outro.

— Muito bem observado, colega.

Ela mostrou a sua fileira de dentes brancos, sorridente.

— Foi o que pensámos também — concordou o perito, cortando o momento.

— Sabem o tamanho?

— O formato da marca assemelha-se muito à sola dos ténis Nike mais vulgares. O tamanho é o 43/44.

— O nosso assassino, ou o cúmplice, calça o 44. É capaz de ser da tua altura, não? — perguntou Marta, avaliando os pés do colega.

— Eu calço o 45 ou 46. Ele deve medir cerca de um metro e oitenta, diria.

— Pois, tu medes quanto mesmo?

— Um e oitenta e seis.

Ela olhou-o de cima abaixo e sorriu.

— É possível que o José Conceição calce esse tamanho. Ele era mais baixo que tu, mas não demasiado. Temos de verificar.

— Eu sei, mas pode ter sido outra pessoa a passar por aqui. Uma pessoa que nada tem que ver com este crime.

Ficaram em silêncio enquanto se levantaram.

— Mais alguma coisa?

— Encontrámos algumas fibras, cabelos, tudo armazenado para análise.

— Muito bem. Bom trabalho.

Foram interrompidos com a chegada de um agente da PSP. A sua expressão consternada deixou os inspetores intrigados.

— Que se passa? — perguntou Leonardo.

— Está ali uma rapariga que diz conhecer a vítima.

Eles entreolharam-se. Pelos vistos, fotografias da cena do crime já teriam sido difundidas pelas redes sociais e Internet, à semelhança do assassinio da Praia da Torre. Só assim alguém poderia aparecer e afirmar que conhecia a vítima.

— Ela que venha até aqui — pediu Leonardo, encaminhando-se na direção de onde viera o agente, a fim de intercetar a pessoa a meio caminho para que esta não visse tão de perto a desgraça. Tanto ele como Marta baixaram os capuzes dos fatos de proteção ao passarem por cima do gradeamento e despediram-se de Cristóvão, pedindo que ele os chamasse quando fosse fazer a autópsia.

Segundos depois, surgiu uma rapariga de calções e T-shirt, com o cabelo pintado de azul e verde, com piercings e tatuagens. O rosto desfez-se de horror ao avistar o bidão metálico atrás dos inspetores. Correu, conseguindo evitá-los, e chegou com sucesso perto da árvore. Apesar de Cristóvão se ter intrometido para a impedir de se aproximar mais, ela conseguiu avistar o interior do recipiente. O seu olhar encheu-se de pavor, o rosto desfigurado de sofrimento e terror. Aquela seria uma imagem que a iria atormentar o resto da vida.

— Pipa? PIPA!!!

Leonardo aproximou-se da jovem, tentando afastá-la. A rapariga esbracejou, tentou fintá-lo outra vez, mas o inspetor segurou-a com firmeza, chegando a sentir o antebraço dela contra o seu rosto. Manteve a sua posição e a rapariga acabou por perder as forças. Afastaram-se alguns metros.

— Pipinha, que te foram fazer...

Leonardo abraçou-a e deixou-a chorar tudo.

— Não, não, não... não...

As lágrimas fluíam ao ritmo dos soluços desesperados de mágoa.

Leonardo olhou para Marta com uma certeza bem escrita no seu olhar.

Aquela rapariga não era apenas amiga da vítima, o que fazia da vítima uma lésbica, corroborado pela letra L. Ninguém da comunidade estava a salvo.

O pânico não tardaria a instalar-se.

E eles tinham cada vez menos margem de manobra.

CAPÍTULO 22

LEONARDO E MARTA

Quinze minutos depois, o bidão foi removido do local, sendo necessárias duas pessoas para o transportar.

Entretanto, com a ajuda da amiga que desconfiavam ser a namorada, os inspetores contactaram os pais da vítima para que fossem prestar declarações à PJ. Souberam, da boca amargurada deles, que viviam no Algarve; o choque fora tremendo, mas os pais da vítima conseguiram reunir forças para se porem a caminho de Lisboa.

A rapariga de cabelo verde e azul continuava a soluçar e olhava para a árvore como se a vítima ainda ali estivesse. Não tirava o olhar daquele tronco majestoso.

— Como te disse há pouco, sou o inspetor Leonardo Rosa e esta é a inspetora Marta Mateus. Não nos queres dizer quem és e como conhecias a vítima?

A jovem tinha rastos de rímel escorrido pelas lágrimas e os olhos inchados.

— Chamo-me Maria. Sou a namorada da Filipa.

— São estudantes?

— Sim, estamos a tirar Engenharia Biomédica na FCT.

— Ela veio do Algarve para tirar esse curso?

— Sim.

— Que idade têm?

— Vinte.

— As duas?

— Sim, somos do mesmo ano de nascimento. Estávamos a acabar o terceiro ano...

— Namoram há quanto tempo?

— Há dois anos. Foi logo mal começaram as aulas.

— Amor à primeira vista?

— Não, ela é que era bem jeitosa. E lésbica. Tive de aproveitar, e acabei por me apaixonar, e ela por mim.

— És de cá?

— Não, sou de Castelo Branco.

— Têm algum quarto ou casa alugada?

— Sim, cada uma tem um quarto no mesmo apartamento.

— Preciso da morada, por favor — pediu, ao que ela assentiu e ditou-a a Marta.

— Deves ser a pessoa que a conhece melhor, suponho — continuou a inspetora após assentar a morada nas notas do telemóvel.

— Sim, vivíamos juntas, namorávamos... Sabíamos tudo uma da outra.

Leonardo ficou feliz ao constatar que a conversa que estavam a ter com Maria estava a acalmá-la e a fazê-la pensar com mais clareza. Precisavam que ela lidasse com o luto de uma forma positiva, para os ajudar.

Pediram-lhe alguns dados importantes, para que a cabeça dela se afastasse do caso, até que o inspetor lhe lançou uma questão importante que o incomodava desde que percebera que eram namoradas.

— E ela saiu de casa à noite porquê?

— Passámos a noite toda a colorir cartazes para a Marcha. Estávamos ansiosas por este dia. Foram noites mal dormidas, muito trabalho, ainda por cima com os exames da faculdade à porta. Estávamos mesmo cansadas, e ela acabou por dizer que ia buscar café à estação de serviço mais próxima da nossa casa.

— A que horas?

— A questão é essa: eu disse que sim, porque estava a morrer de sono por causa dos estudos e dos cartazes, e acabei por adormecer com a cabeça na mesa quando ela saiu de casa.

— Não tinham café em casa?

— Esgotámos as cápsulas todas. O nosso curso... enfim.

— E depois?

— Acordei a pensar que ainda era de noite, mas depois percebi que já tinha amanhecido e que ainda tínhamos alguns detalhes para limar antes de irmos para a Marcha. Não vi a Pipa, nem café nenhum na mesa. Procurei-a no apartamento e nada. Liguei-lhe e nada. Comecei a ligar para os nossos amigos mais chegados e ninguém sabia dela. Até que vi fotos dela, morta, queimada, a circular no Instagram e o meu mundo foi destruído...

Ela mostrou-lhes uma fotografia da vítima, a sorrir, abraçada a Maria. Em vida, Filipa tinha a pele lisa e brilhante e um olhar feliz. A imagem levou a rapariga a chorar e eles deram-lhe espaço.

— Sabes se a tua namorada tinha inimigos? Houve alguma rixa ou discussão com alguém recentemente, algum problema em que estivesse metida?

Maria negou com veemência.

— Como disse, nós partilhávamos tudo entre nós. Se houvesse algum problema, eu saberia. A Pipa era um doce de pessoa, a sério.

Marta e Leonardo entreolharam-se, comunicando não verbalmente. O assassino parecia estar realmente a matar pessoas da comunidade LGBTQIA+, mas o que tinham de descobrir era como eram selecionadas as vítimas. O assassino escolhia-as por as conhecer pessoalmente ou era por impulso, ao encontrá-las por acaso nas ruas?

As identidades das vítimas baralhavam tudo. À partida, Filipa não tinha nada que ver com um professor do ensino secundário de quase trinta anos que vivia em Alenquer e lecionava em Lisboa.

Já a motivação para os crimes, essa, era cada vez mais óbvia.

CAPÍTULO 23

LEONARDO E MARTA

O resto do dia fora extremamente cansativo.

Entre falar com os pais da segunda vítima e conciliar isso com as entrevistas aos funcionários, professores e alunos da escola onde a primeira vítima trabalhava, não tiveram mãos a medir. Nem tempo. Nem recursos.

Não conseguiram almoçar nada decente, apenas um croquete e um sumo oferecido por um agente mais preocupado. Conseguiram identificar os autores de algumas das partidas de mau gosto a Alberto, mas nenhum desses alunos encaixava no perfil do assassino, além de que tinham álibis sólidos. Não viram nem detetaram qualquer sinal suspeito, qualquer indício que os fizesse duvidar do que lhes fora dito. Ao mesmo tempo, os nerds do departamento informático tinham identificado alguns dos autores de vários comentários de ódio para com Alberto Duarte e iam enviar inspetores para confirmarem os seus álibis.

— Caraças, preciso tanto de pousar a cabeça e fechar os olhos — confessou Marta, ao sentar-se ao lado do colega após o último dos professores se ter ido embora.

— Eu também. Mas só de pensar que... — parou de falar ao ouvir o telemóvel tocar. Consultou quem lhe ligava. — Estou, Carlos?

A ansiedade que sentira do outro lado da chamada chegou para o espevitar, contagiando a colega. Deixara de haver sonolência por aqueles lados. Marta esticou a mão e clicou na opção de alta voz.

— A tua mãe quer combinar a hora e o local do vosso reencontro.

— Porque é que ela não me contactou diretamente?

— Ela diz que é porque fui eu que a contactei no Dubai e quis manter as coisas assim.

— Tudo bem — consentiu, sem vontade de quezílias desnecessárias. — Onde e quando?

— Às dez da noite em minha casa.

O local deixou-os intrigados.

— Em tua casa?

— Bem, digamos que ela está aqui a passar uns dias.

Leonardo parou uns momentos, incrédulo.

— Tu... a minha mãe está aí a viver em tua casa e não me dizias nada?

— Desculpa, mas ela pediu expressamente que não queria ser incomod...

— OK, Carlos. Não quero entrar por aí. Estou demasiado cansado para isso — consultou o relógio. — Vemo-nos daqui a... uma hora.

— Combinado. Até já.

Desligou a chamada. Faltava uma hora para o reencontro mais ansiado da sua vida. Para o bem e para o mal.

CAPÍTULO 24

LEONARDO E MARTA

A noite arrefecera ao passarem por Almada, rumo a Corroios, uma brisa fresca e bem-vinda a entrar pelas janelas abertas do carro de Marta. Não disseram uma única palavra durante o caminho. A ansiedade era demasiado opressora para conseguirem falar, até mesmo para a inspetora. Sabia da importância deste momento e estava a torcer para que ele não fizesse nem dissesse nada de que se arrependesse.

No entanto, era possível que tal acontecesse. Neste momento, Leonardo era completamente imprevisível. Podia sair qualquer resultado daquele reencontro. Era muita coisa a pairar sobre mãe e filho, muita história, muita morte, muito sofrimento.

Quando estacionou o carro e desligou o motor, o silêncio súbito deixou-os ainda mais nervosos perante a inevitabilidade da hora combinada.

Faltavam dez minutos.

— Leo, por favor, tenta só manter a calma e ouvir o que a tua mãe tem para dizer.

— Vou tentar não perder a cabeça. Mas se ela me mentir... — Leonardo deu por si a cerrar os punhos, com o corpo tenso, numa antecipação de luta. A escuridão parecia envolvê-lo cada vez mais.

A três minutos das dez da noite, Leonardo abriu a porta do carro sem aviso prévio e avançou com determinação para a porta do prédio de Carlos.

Marta, atrapalhada pela súbita determinação do colega, saiu atabalhoadamente do carro, fechou a porta e trancou-o, seguindo o amante. Leonardo pressionou o botão da campainha e aguardaram.

A porta abriu-se com um clique e tudo em redor deixou de existir. Subiram ao primeiro andar em modo automático e repararam que a porta do lado direito estava entreaberta.

Leonardo avançou com ainda mais determinação para enfrentar o seu futuro, mas sentiu uma mão puxá-lo e virá-lo.

Os lábios doces da inspetora tocaram nos seus e, por momentos, pareceu-lhe estar tudo bem. Não tinha de enfrentar nenhuma situação difícil ou embaraçosa. Estava em casa, estava feliz. O feitiço durou uns longos e prazenteiros dez segundos.

— Boa sorte, Leo.

— Obrigado, M&M.

Terminado o beijo, terminou o feitiço; Leonardo voltou a encarar a porta entreaberta. Do outro lado, aguardava-o a sua mãe. Ia reencontrá-la após mais de vinte anos a julgá-la morta e a carregar essa mágoa todos os dias da sua vida. Uma infelicidade que sempre o atormentara.

Ainda sem saber como ia reagir ao vê-la, percorreu o espaço que o separava do apartamento de Carlos. Colocou a mão na porta e empurrou-a.

Tinha chegado o momento.

Sem pensar mais, entrou.

CAPÍTULO 25

JUSTICEIRO

Passou o dia a navegar nas redes sociais e nos sites dos canais informativos e dos jornais. Leu tudo o que fora escrito sobre o assassinio da Filipa Domingos, no Jardim Príncipe Real, tal como tinha feito no dia em que matara Alberto Duarte.

Uma lésbica e um larilas.

Riu-se perante o medo das pessoas de um assassino de quem não sabiam nada.

Sabiam apenas uma coisa, e isso era importante: que odiava as pessoas da comunidade LGBTQIA+. Estava no rumo certo e tinha muita margem de manobra. Afinal, a Polícia não tinha qualquer suspeita sobre si.

E nunca iria ter.

No que dependesse de si, iria continuar o seu plano para sensibilizar a população para o erro que era aceitar esse tipo de pessoas na sociedade, onde o normal e o certo era mulher e homem casarem-se e terem filhos. Tudo o resto era uma pouca-vergonha que a moda da inclusão estava a permitir, uma que levava as crianças a acharem normal homens beijarem homens e mulheres com mulheres.

Nem falava do casamento entre pessoas do mesmo sexo, que era só nojento.

Como é que podiam aceitar essas aberrações? Como é que havia tanta gente a achar esse desvio da natureza algo normal, algo que devia ser celebrado? De tal forma que até os políticos e as figuras

públicas que queriam passar boa imagem tinham de ser sempre a favor da comunidade LGBT.

Como é que se tinha chegado ao ponto de se apoiar essa comunidade para se ficar bem visto? Eles deviam era ser escorraçados, não celebrados. Na selva, nunca se conseguiriam reproduzir, seriam eliminados da existência como um erro na evolução. Tão simples como isso.

Mas não, os seres humanos tinham de os aceitar e até incentivar a que não tivessem vergonha de mostrarem o que eram e como se sentiam.

Não fazia qualquer sentido.

Depois de terminados os programas noticiosos da noite, e sem mais nada de novo para ler sobre si, desligou o telemóvel e focou-se nas informações que tinha sobre a próxima vítima num ficheiro impresso.

Nem sabia o que a esperava.

CAPÍTULO 26

LEONARDO E MARTA

Marta fechou a porta com delicadeza e, seguindo Leonardo bem de perto, entrou na sala de estar. Viram Carlos Caetano, estático entre a kitchenette e a sala. Entretanto, uma mulher alta e loira entrou na sala e parou ao lado do jovem.

Leonardo olhou para Margarida Rosa pela primeira vez em mais de duas décadas.

Ela tinha o rosto ruborizado e os olhos emocionados.

Mãe e filho reencontravam-se, como que por milagre.

— Se calhar, o melhor é mostrares-me a tua casa nova, Carlos — pediu Marta, sem esconder que a verdadeira intenção era deixá-los com privacidade.

— Sim, vamos lá — acedeu ele, compreendendo a manobra da inspetora.

Carlos e Marta saíram para o corredor, mas ficaram parados imediatamente ao lado da entrada da sala, escondidos atrás da parede. Não queriam perder nada do que fosse dito.

Leonardo olhava para a mãe, comparando as feições que observava com as que se lembrava da infância. Aqueles olhos analíticos e inteligentes, a maneira de ficar de pé, numa pose em que a perna direita se afastava um pouco da linha média do corpo e o pé apontava para o lado, a uns quarenta cinco graus, a postura das costas, os lábios...

Era mesmo ela.

Era a sua mãe.

A mãe que ele encontrara morta quando tinha catorze anos estava viva, e a qual era, afinal, uma assassina responsável por centenas de mortes.

Mas era, e nunca deixaria de o ser, sua mãe.

Leonardo decidiu que seria ela a iniciar a conversa. Era ela quem estava na mó de baixo ao nível moral, por tudo o que fizera e por esconder que estava viva. Não seria certamente ele a iniciar a conversa. Não ia ceder. Ia marcar uma posição.

Margarida Rosa desviou-se do olhar frio do filho e contornou o sofá por trás, sentando-se no braço mais afastado com delicadeza.

— Leonardo — disse, num sopro de incredulidade. — Olá, filho. Não te queres sentar?

Ouvi-la dizer o seu nome, com aquela voz que era a dela, da qual se tinha esquecido, provocou-lhe um baque no coração. Sentiu lágrimas ameaçarem surgir nos olhos e, durante segundos, sentiu-se a criança que adorava a mãe, que adorava os seus mimos. Era tão estranho uma pessoa esquecer-se da voz de alguém que amava e estava morto.

Precisou de toda a sua compostura para não ceder às emoções.

— Muito bem, já vi que não. Tu e a Marta estão a investigar o caso da vítima afogada e da outra, queimada? Parece puxado.

— O que me podes oferecer para não te prender neste momento?

Margarida abanou a cabeça, percebendo em que pé estava o filho a nível emocional.

— Nunca foste fã de conversa de circunstância. Sempre foste direto ao assunto. Vejo que continuas igual.

— Devias estar presa.

— É tarde demais para essas conversas. Fizemos um acordo.

— É a tua sorte, porque a minha vontade está a mudar.

— Ias mesmo prender a tua própria mãe?

— Tu és uma criminosa. Por tua causa morreram centenas de pessoas nas Olimpíadas da Morte.

— Eu limitei-me a cumprir a minha função. Mais nada. As pessoas podiam simplesmente não matar ninguém e não haveria competição. O problema é que os concorrentes quiseram fazê-lo. Que culpa tive eu?

— Só sei que todos os que estavam envolvidos nas Olimpíadas da Morte foram presos. Tu também devias ser.

— Lamento que penses isso. Foste brilhante e senti um orgulho enorme em ti.

— Tu mandaste o teu próprio filho para a morte na Madeira! Como queres que me sinta ao ver-te aqui?

— Eu sabia que te ias safar.

— Era impossível saberes!

— Mas ganhaste — disse, com orgulho.

— Ganhei, sabes o quê? Noites mal dormidas, irrita-me com facilidade, por vezes não me sinto a mesma pessoa... por tua culpa, para fazerem mais dinheiro em apostas...

Vejo vermelho, sou invadido por uma escuridão no peito e tenho pensamentos obscuros que não gosto, pensou, mas deixou essa parte para si.

— Como me pudeste manipular através da Laura? Tu contrataste-a para me seduzir e manter-me debaixo de olho — lembrou, vendo a sua atrapalhação. — Conhecia-la bem, sequer? Preocupavas-te com ela?

— Quem achas que a safou da prisão? Eu preocupava-me com ela.

— Só para que ela mantivesse a missão intacta e para me controlares. Ela ter engravidado, também foi ideia tua?

— Não. Assim que ela engravidou, rompeu com o nosso acordo. Não queria que tu achasses que a gravidez fora uma armadilha. Eu deixei-a ir. Afinal, tinha o meu neto no útero dela. Não a queria afugentar nem stressar. Foi a sorte dela.

— Daqui a uns tempos isto há de acabar e vais desaparecer para sempre.

— Foi o que ficou combinado.

Ficaram breves momentos em silêncio, o ambiente carregado de tensão. Ainda lhe custava acreditar que a mãe estava viva. Ele vira-a morta há vinte e três anos. Era impossível.

— Como é que tu me enganaste? Eu vi-te, tu... estavas morta.

Ela encolheu os ombros.

— Eu era muito nova e estava perturbada depois de ter vencido as Olimpíadas e de o teu pai ter morrido... Engendrei uma forma de fingir a minha morte e desaparecer para sempre. Sentia-me danificada, e só vos faria mais mal do que bem se continuassem comigo.

— Como é que o fizeste? Eu tinha catorze anos, podia ser fácil de enganar, mas não ao ponto de não perceber que estavas viva.

— Se queres mesmo saber...

— Quero.

Ela ergueu os braços na defensiva.

— Haloperidol. Fiquei em estado catatónico, como se estivesse morta.

— E a ambulância...

— Tudo combinado. Não eram bombeiros de verdade.

— Mas eu telefonei...

— Para o 112, do meu telemóvel que estava mesmo ao lado do meu corpo, certo? Formatei-o para que a chamada fosse intercetada. É mesmo sobre isto que queres falar com a tua mãe?

— A minha mãe morreu há vinte e tal anos.

— Quer queiras, quer não, sou tua mãe e sempre serei. Mas não é por isso que estamos aqui. Não venho em busca do teu perdão. Sei que não há hipótese de voltarmos a ser mãe e filho como antigamente.

— Ao menos, temos uma coisa em que concordamos.

— Jamais teria vindo para ganhar a tua confiança e afeto. Não penses que em algum momento isso me passou pela cabeça. Seria estúpido da minha parte.

— Muito estúpido.

Margarida abanou a cabeça e puxou uma madeixa do cabelo dourado para trás da orelha, pensativa. Devia estar a ponderar o rumo que devia dar à conversa. Leonardo manteve-se em silêncio. Para ele, esse assunto estava encerrado e enterrado, como a mãe deveria estar. Não queria falar sobre isso.

— Roberta Schulz.

Esse nome, esse temível nome, voltou a captar a atenção de Leonardo.

— Diz.

— Vou ajudar-te a apanhá-la. Não prometo que tenhamos sucesso como desejas, mas prometo que ajudarei a apanhá-la. Ela merece isso e muito pior pelo que fez.

— Como?

— Sabes, foi por causa de todo o mediatismo do Caso Segredo Mortal que decidi seguir-te ainda mais de perto. Quando simulei a

minha morte, decidi esquecer a minha vida antiga. Mas esse caso... Foi nessa altura que também decidi ir monitorizando os passos dessa mulher, embora ela desaparecesse de tempos a tempos. Não fazia disso uma prioridade, mas ia tentando estar a par. Ela sabe desaparecer.

— Tudo bem. E agora?

Margarida ergueu as sobrancelhas e aproximou-se do filho.

— O que sabes sobre a análise da cena do crime?

— Qu... qual?

A súbita proximidade da sua mãe deixou-o aturdido.

— Da morte da Laura e do Raul.

Leonardo fez um esforço de memória, tentando encontrar algo que queria esquecer.

— A causa da morte da Laura foi um corte limpo na artéria carótida, o que a levou a esvair-se em sangue na cama, na posição em que a encontrámos. Isto foi corroborado pela dispersão do sangue.

— Ao menos, não sofreu.

— Depois de morta, foi esfaqueada no peito. A busca por vestígios foi infrutífera — prosseguiu, ignorando o comentário frio da mãe. — Os peritos da Polícia Científica não encontraram nada em que pegar para a investigação. Havia algumas fibras e pegadas, mas nada de útil. A pessoa que fez isto sabia o que fazia.

— E não era a primeira vez — complementou Margarida. — Podemos estar a falar de um assassino a soldo. Alguém que devíamos temer. Faz o estilo da Schulz.

— Possivelmente. Não tinha pensado nisso.

— Se visse a mulher que estava a gerar o meu filho morta daquela forma, também teria dificuldades em pensar. Mas é para isso que aqui estou. Posso encontrá-la.

— Encontrar a Roberta Schulz?

Margarida assentiu com seriedade.

— Só que preciso de ajuda para este trabalho.

— Porquê? Devias ser capaz de fazer isto sozinha.

— Sim, mas não tenho a juventude para algo desta natureza. Preciso de apoio. Preciso de alguém novo e fisicamente bem para conseguir levar esta missão a bom porto.

— O que estás a querer dizer?

— Quero que venhas comigo.

Leonardo julgou estar a ouvir mal. Nunca pusera a hipótese de que a conversa o levasse a ponderar sequer o cenário em que ele formaria uma equipa com a mãe. Ele só queria distância dela.

— Sabes onde é que a Roberta Schulz está?

— Sei.

O coração bateu com força no peito, preenchido de expectativa.

— Onde?

— Na Suíça.

CAPÍTULO 27

MARTA E CARLOS

No corredor, Marta e Carlos escutavam com toda a atenção o desenrolar da conversa. Apesar de não estarem envolvidos diretamente na discussão, sentiam-se tão tensos como Leonardo e Margarida. Em surdina, iam comentando pontos-chave, e ela acabou por dizer que admirava a forma contida como Leonardo estava a lidar com a situação, apesar de usar palavras duras e frias que mostravam como ele se sentia na verdade.

Quando perceberam que Margarida estava a convidar Leonardo para ir com ela à Suíça, de modo a capturarem Roberta Schulz, e que o silêncio do colega mostrava como ele considerava essa opção, Marta não aguentou mais ficar nas sombras e entrou sala adentro.

— Não estás a considerar aceitar essa missão louca, pois não, Leo?

Margarida sorriu com algum calor, como se a conhecesse de algum lado e fosse uma presença que ela apreciasse. No entanto, a inspetora não tirou os olhos do colega.

— Preciso de vingar o meu filho, M&M.

— Morreres é vingares o teu filho?

— Eu não vou morrer. Confia em mim.

— Claro, porque é perfeitamente possível safares-te da morte tantas vezes. É como se achasses que ias ganhar o Euromilhões pela terceira vez.

— Isto é diferente. Vamos sempre com cuidado e com tudo planeado e precavido.

— Tu tens um caso aqui para resolver comigo. A comunicação social está prestes a invadir a nossa Judiciária e estás a pensar fugir? Para ser eu a ficar com a batata quente?

Leonardo olhou com ternura para Marta.

— Tenho total confiança de que serás capaz de resolver o caso sozinho.

— Mete essa confiança num sítio que eu cá sei — atirou, o rosto vermelho, tanto de fúria como de incredulidade.

— M&M...

— Tu estás a cumprir pena suspensa. Tens de informar o tribunal de que vais viajar.

— E aviso.

— E vais dizer o quê? «Ah, vou só à Suíça vingar-me da morte do meu filho e já volto»? Não podes ir, Leo. — Deu-lhe a mão, vendo como ele estava a ficar emocionado. — Eu percebo essa demanda, mas ires com a Margarida só te vai prejudicar mais. Confia em mim. Tenta pensar com clareza, por favor.

Margarida chorava, mas tentava a todo o custo não o mostrar. No fundo, ela tinha sentimentos. Nunca deixara de se sentir mãe de Leonardo e de Mafalda. E avó de Raul, o menino que não chegou a nascer.

Pelo outro canto do olho, viu Carlos Caetano entrar na sala com determinação, como se já tivesse tomado uma decisão irreversível.

— O Leonardo fica. Vou eu com a Margarida para a Suíça.

CAPÍTULO 28

CARLOS

A surpresa que a frase assertiva de Carlos gerou nos restantes foi suficiente para secar lágrimas e recompor Leonardo, que quebrou o abraço com Marta e o olhou fixamente, como que à procura de um laivo de loucura ou de gozo.

— Eu ouvi bem?

— Sim. Quero ir com a Margarida. Quero ajudar a vingar o teu filho.

Leonardo engoliu em seco, ainda escandalizado.

— Fazias isso por mim?

— Se estou livre, é graças a ti. Tu deste-me liberdade, deste-me a verdade sobre a minha vida. Que melhor forma de retribuir senão assim? Depois disto, ficamos quites.

— Mas ir atrás da Schulz pode ser perigoso. Podes morrer...

— Eu sei disso. É um perigo que estou disposto a enfrentar. Tenho noção das consequências. Não te preocupes.

— Ainda assim, queres avançar com isso?

— Sim — olhou diretamente para Leonardo. — O teu destino é ficares cá e limpares as ruas de assassinos. O meu é ajudar-te a vingares o teu filho e a terminar o que se começou quando a Diana me envolveu no Segredo Mortal dessa Schulz. Enquanto vos ouvia e pensava nisto, mais me apercebi de que, no fundo, sempre soube que estava destinado a enfrentá-la, por tudo o que me aconteceu e pela forma como ela alterou a minha vida. É o terminar de um ciclo. A

Schulz começou isto, e é com ela que tudo vai terminar.

— Tal como o meu destino seria sempre voltar a Portugal e tentar remediar o mal que fiz a ti e à Mafalda — avançou Margarida. — Alguma vez teria de surgir algo em que eu pudesse realmente fazer a diferença. E a hora chegou. Mas atenção que quero ressaltar um aspeto: a última localização que eu conheço da Roberta Schulz é, de facto, a Suíça, mas ela tem tendência para não ficar muito tempo no mesmo sítio. E a verdade é que...

— Não sabes onde ela está? — perguntou Leonardo, num misto de acusação e incredulidade.

— Eu costumo estar a par da sua localização, mas ela nem sempre fica no meu radar. Por várias vezes tive de fazer esforços para a encontrar novamente e mantê-la debaixo de olho.

— E neste momento, sabes onde ela está ou não? Disseste que ela estava na Suíça. Pensei que tivesses a certeza.

— Sim, foi a última localização de que tive conhecimento, mas ela viaja muito. Fica difícil de perceber onde está realmente fixada. Terei de investigar novamente.

— Então, não tens nada para mim — concluiu o inspetor. — Disseste-o para eu pensar que podias ser útil? Essa informação de que ela esteve na Suíça é de há quanto tempo?

— Meio ano.

Leonardo bufou de impaciência e passou as mãos pelo rosto, impaciente.

— O que estamos aqui a fazer, afinal? Não tens nada para nos ajudar. Em seis meses pode ter acontecido muita coisa. Vai-te embora antes que perca a cabeça.

— Calma — pediu Margarida. — Tens de compreender que manter a Schulz debaixo de olho não era propriamente algo que achasse assim tão importante. Ia sabendo, de tempos a tempos, apenas porque informação é poder e porque ela ia surgindo no meu radar. Mas agora a sua localização é extremamente importante e vou encontrá-la. Garanto-te.

— Como?

— Como te disse, acho que é óbvio que ela contratou alguém para matar a Laura.

— Sim, nisso estamos de acordo.

— Conheço uma pessoa que me poderá ajudar a descobrir quem foi.

— E achas que esse assassino contratado pode indicar-nos a localização atual da Roberta Schulz?

— Sim. Creio que será melhor do que irmos para a Suíça atrás dela e correremos o risco de perder tempo precioso.

— E achas que vais descobrir a identidade do tipo que executou o trabalho?

— Sim — garantiu, com uma confiança que era apenas traída pelo olhar.

Leonardo ficou alguns momentos a ponderar. Margarida dera a entender que sabia mais do que realmente sabia, mas se ela tinha meios para a encontrar, não podia desperdiçar a oportunidade de se vingar. Pouco era melhor que nada. Virou-se novamente para ela, o ar ameaçador.

— Se falhares nesta missão...

Mas a ameaça ficou no ar, subentendida.

Margarida engoliu em seco, tensa, e aproximou-se de Carlos. Estendeu a mão e ele retribuiu o gesto com um aperto de mão vigoroso.

— Está na hora de cumprirmos o nosso destino.

CAPÍTULO 29

LEONARDO E MARTA

A serenidade com que Carlos aceitava o seu destino era desconcertante para os inspetores, que ficaram embasbacados pela forma como ele parecia brindar a decisão que tinha tomado.

— Carlos, já te sacrificaste por nós há uns meses por causa do Estripador de Lisboa. Já estamos quites há muito tempo.

Ele negou-o com um sorriso.

— A minha decisão está tomada. Vocês os dois ficam cá e apanham o cabrão que anda a matar pessoas LGBT, enquanto eu e a Margarida vamos atrás da Roberta Schulz.

Leonardo ia ripostar, mas conteve-se, pensando no que faria se estivesse na posição dele. Assentiu perante as suas palavras. Faziam todo o sentido.

— Qual é o vosso plano para a encontrarem, Margarida?

Ela olhou-o com surpresa.

— Não me vais chamar de mãe? Desculpa, bom, como disse, vamos ter com um contacto meu aqui no... «submundo», para perceber quem é que matou o Raul. A partir daí, tentaremos descobrir se ela ainda está na Suíça ou se já foi para outro local. É melhor tirares a próxima semana de férias — disse diretamente para Carlos.

Este concordou, com um sentimento de realização a abater-se sobre si perante uma missão que dava significado à sua vida. Pegou no telemóvel e ligou para o chefe da clínica, indo para o quarto para falar à vontade.

Margarida aproximou-se de Marta.

— Obrigado por cuidares do meu filho estes anos, por teres salvado a vida dele algumas vezes e por manteres aquele coração duro apaixonado. Ele tem muita sorte em teres aparecido na vida dele.

— Ele também já me salvou, faz parte do trabalho. Agora veja se não é a Margarida que lhe parte o coração.

— Prometo que vou fazer tudo bem desta vez.

Margarida olhou para Leonardo e esboçou um sorriso fraco.

— Como está a tua irmã? A mulher dela e os filhos?

— Ela está feliz. Está cá em Lisboa para te reencontrar. Por algum motivo que me escapa, está feliz por saber-te viva.

— Ao menos alguém que está feliz por mim.

Leonardo olhou para a mãe com extrema frieza, virou-lhe as costas e abandonou o apartamento sem olhar para trás.

Margarida inspirou fundo e expirou lentamente. A primeira conversa com o filho tinha terminado. Não correra muito bem, mas podia ter sido pior.

— Dê-lhe tempo — sugeriu Marta, com um ar compreensivo. — O Leo é mesmo assim, mas tenho a certeza de que, no fundo, está feliz por vê-la.

— Bem no fundo, só pode.

— Ele sofreu muito com a sua morte e sente-se enganado. Traído. Só precisa de tempo para se habituar à ideia de que a mãe está viva.

— E que é uma criminosa.

— Isso também, sim.

— Obrigada, Marta.

— Não tem de agradecer. Só tem de cumprir a sua parte do acordo.

Marta saiu e deixou-a sozinha com os seus pensamentos e conjecturas. Ia dar tudo para encontrar Roberta Schulz a fim de não desiludir o filho.

Nem que fosse a última coisa que fizesse.

CAPÍTULO 30

LEONARDO E MARTA

«Nem menos, nem mais, direitos iguais!»

O segundo dia de junho nasceu mais soalheiro do que o anterior. A praça do Rossio estava apinhada de pessoas vestidas de forma colorida, com os rostos pintados e desenhados com motivos que remetiam para a causa pela qual lutavam. A bandeira arco-íris, símbolo máximo da comunidade LGBTQIA+, era uma constante por toda a praça. Estava a decorrer um protesto motivado pelos recentes assassinios de Alberto Duarte e Filipa Domingos, ambos cada vez mais falados na comunicação social.

Marta abanava-se com a mão para combater a temperatura elevada; estava vestida com roupa formal de trabalho, umas calças de corte flare beges e uma blusa azul-marinho; o cabelo ruivo flamejava ao ser beijado pelo sol escaldante. Leonardo arregaçou as mangas da camisa verde que encaixavam numas calças castanho-claras. Continuaram a observar a manifestação com seriedade.

«Nem menos, nem mais, direitos iguais!», gritavam em uníssono as pessoas concentradas à frente da multidão, ostentando uma faixa que apelava a essa igualdade, palavras de ordem que queriam que assentassem na sociedade. «Não queremos mais direitos que os outros, queremos os mesmos direitos!»

— É tão absurdo que os direitos LGBT ainda sejam um tema. São cidadãos, pagam impostos, cumprem os deveres na sociedade e, no entanto, não têm os mesmos direitos que o resto da população —

criticou Marta.

— A minha irmã passou por muito para se sentir bem consigo mesma e com a opinião dos outros. Não foi nada fácil. Aliás, até acho que ela está na multidão.

— A sério? Não tens medo...

— Que o assassino a apanhe? Já pensei nisso. Ela está cá por causa da minha mãe, mas agora há um assassino a matar pessoas como ela... Não é o cenário ideal, mas ela prometeu-me que não vai andar fora de casa à noite. Ela sabe o que faz.

— Espero bem que sim.

Ficaram mais um bom bocado a vigiar a manifestação, até que Cristóvão Martins telefonou a avisar que ia começar a autópsia em breve. Foi a deixa para os inspetores abandonarem o local e dirigirem-se para o Instituto Nacional de Medicina Legal, localizado a cinco minutos. A verdade é que já não era necessária a presença deles no local, porque se mais alguém tivesse sido assassinado, já teriam encontrado a vítima.

Chegaram ao segundo piso do INML e entraram na sala de autópsias, onde Cristóvão e o seu técnico assistente começavam a trabalhar o corpo da vítima. Aproximaram-se da mesa metálica onde estava a ocorrer a dissecação do cadáver. Marta esfregou um bocado de óleo de lavanda por baixo do nariz.

Observaram Filipa Domingos, desta feita com os braços esticados ao lado e coberta por um lençol branco que apenas deixava expostos cabeça e pescoço. O rosto estava, como era comum nos cadáveres, pacífico e calmo. No entanto, a pele estava ligeiramente queimada na zona do pescoço e na nuca, apresentando um tom chamuscado e uma aparência quebradiça.

— Este assassino não é nada burro — começou Cristóvão, quando os inspetores se mostraram prontos para assimilar as informações. — A morte de Alberto Duarte foi limpa pela ação da água do mar; esta foi limpa pela ação do fogo.

— Pois, são estratégias ótimas para eliminar quaisquer vestígios — concordou Marta, os dentes cerrados de frustração.

— Além de que nos dificulta a vida para descobrir a causa da morte.

— Mas consegues descobrir qual foi? Terá sido asfixia ou foi

mesmo do fogo?

— Já lá vamos. Ainda mal comecei a autópsia. Só tive tempo de apontar os meus achados visuais, sem mexer no cadáver. É consensual que existem seis tipos de lesões provocadas pela ação de elevadas temperaturas, mas, neste caso, parece-me óbvio que é do tipo de carbonização, em que existiu um verdadeiro contacto entre a chama e o corpo da vítima, o que provocou, como podem ver, lesões progressivas na pele até carbonizar. Posso afirmar com propriedade que o assassino utilizou um líquido inflamável para acelerar a destruição da pele, provocando queimaduras de quarto grau, o mais grave e danoso de todos.

— Querosene, gasolina? — perguntou Leonardo.

— Ainda não tenho dados sobre isso, mas será certamente um desses.

— Ele queria que a vítima fosse reconhecida e identificada. Tal como no crime anterior, ao deixar a vítima submersa à beira da água — associou Leonardo, que adorava encontrar padrões de comportamento. — Consegues perceber se ela morreu pelas altas temperaturas ou se já estava morta quando foi queimada?

— É isso que vamos descobrir daqui a pouco, mas antes de iniciarmos o exame interno, queria referir duas descobertas que fizemos no exame externo.

— O que descobriram?

— Primeiro, encontrei algumas partículas de pó branco nalguns pontos na pele da vítima.

— Que partículas são essas?

— Essas partículas correspondem ao pó que é utilizado nos extintores com pó químico seco ABC.

A conclusão pesou sobre os inspetores.

— Tal como suspeitávamos, o assassino queimou o corpo todo com a ajuda de um líquido inflamável e protegeu o rosto da vítima apagando o fogo com um extintor de pó ABC, que é bastante comum.

— Precisamente.

Ficaram a olhar para Filipa, as mentes deles a imaginarem a situação, o sofrimento e o desespero que a vítima terá sentido.

— E qual foi a segunda descoberta? — lembrou Marta, pronta a apontar.

— Segundo, procurámos marcas de agulha na zona do pescoço onde a primeira vítima apresentava duas.

— Encontraram?

— Não foi fácil, porque essa zona está muito queimada, mas conseguimos discernir uma marca de agulha.

Cristóvão apontou para uma perfuração quase impercetível no meio da pele carbonizada.

— Também apresenta marcas de estrangulamento — acrescentou.

— E as unhas?

— Nada. Nem impressões digitais temos. Os dedos foram todos queimados.

— Precisamos mesmo que comparem o ADN encontrado no primeiro assassinio com o do nosso suspeito — lembrou Marta, referindo-se a José Conceição, o pai homofóbico da primeira vítima.

— Sim, passei a mensagem à vossa colega, não se preocupem. Vamos começar a analisar os órgãos da vítima, mas até agora tudo indica que estamos a lidar com o mesmo assassino.

Cristóvão Martins fez sinal a Rodrigo com a cabeça. O assistente anuiu, inspirou fundo e, munido de bisturi, aproximou-se do corpo, enquanto o médico-legista registava as horas a que iriam começar a abrir o corpo. Iniciou a análise interna, fazendo a incisão de Y invertido, que lhes dava acesso à cavidade torácica e do abdómen.

— Voltando à questão de ser apenas uma marca de agulha — referiu Leonardo. — Isso significa que o assassino só precisou de drogar a vítima uma vez?

— Era aí que ia chegar — assinalou Cristóvão, sorrindo perante a perspicácia do inspetor. — Creio que desta vez a dose da droga administrada tenha sido mais bem calculada, porque dá a ideia de que a vítima ficou paralisada, sem dar luta.

— Aprendeu com o primeiro crime e evoluiu a técnica — concluiu Marta, observando o assistente de Cristóvão a trabalhar.

— O GHB, usado na primeira vítima, é uma droga muito comum, mas há muitas drogas para esse efeito, e o grande problema desta, e foi com isso que o assassino teve de lidar, é que a metabolização é muito rápida. Se calhar aliado a uma certa inexperiência, fez com que a vítima ganhasse controlo sobre o corpo a meio da sua execução.

— O assassino não é burro e sentiu que tinha de mudar para

evoluir.

— E mudou com sucesso, pelos vistos — notou Marta.

— Podes começar por tirar os pulmões e pesá-los. Regista tudo, Rodrigo, já sabes. — prosseguiu Cristóvão, depois de ver o assistente completar a incisão e começar a abrir a caixa torácica. Voltou-se para os inspetores. — Bom, onde ia? Ah, sim. Na primeira vítima, foi utilizado o ácido gama-hidroxibutirato. Nesta, foi detetada uma benzodiazepina: o flunitrazepam, que também atua no sistema nervoso central e é utilizado para diminuir e tratar as crises de ansiedade e os distúrbios do sono. Um dos efeitos, principalmente se a dose for mais elevada do que a receitada pelo médico, é precisamente a paralisação do corpo. Os efeitos costumam começar entre vinte e trinta minutos após a ingestão da droga, e o ápice acontece cerca de duas horas depois, prolongando-se o efeito até umas incríveis doze, vinte e quatro ou até setenta e duas horas, como já vi nalguns casos. Os consumidores desta droga dizem que ficam tão incapacitados que desfalecem; caem no chão, de olhos abertos, capazes de observar os acontecimentos em redor, mas completamente incapazes de se mexerem. A memória também pode ser prejudicada, mas aqui não é relevante por motivos óbvios.

— Portanto, há uma perda de controlo muscular, sonolência e amnésia — resumiu Marta.

— Sim, e este medicamento, cujo nome comercial é *Rohypnol*, é vendido na Europa e na América latina como um comprimido para dormir.

— Fácil acesso, portanto.

— *Rohypnol*. Já ouvimos falar, sim.

— O assassino passou do GHB para o *Rohypnol* para obter melhores resultados, nomeadamente no aumento de tempo em que a vítima está paralisada.

— Exatamente. A questão é que ele tem de ter muito cuidado com a dose, ou pode haver uma sobredosagem e provocar uma paragem respiratória ou uma depressão no sistema cardiovascular, que mata a pessoa em segundos.

— Ele quer que as vítimas sofram — comentou Marta.

— Achas que é fácil acertar na dose certa para cada vítima?

Cristóvão pensou um pouco.

— Sabendo o peso da pessoa, creio que não é muito difícil, mas também não é qualquer pessoa que faz esse cálculo. Embora haja a ajuda da bula do flunitrazepam comercializado em medicamento.

— Então, é possível que o assassino tenha alguns conhecimentos médicos, afinal.

Cristóvão assentiu.

— É possível, sim. — disse o médico, aproximando-se do cadáver para proceder ao exame interno. Ia começar pelos pulmões para verificar a questão mais premente: se a vítima tinha sido queimada viva.

Marta agarrou no braço de Leonardo e olhou-o com surpresa, deixando-o em alerta.

— A segunda ex-mulher do José Conceição é enfermeira.

CAPÍTULO 31

LEONARDO E MARTA

- Obrigado por nos receber tão em cima da hora.
- Não têm de quê. Eu só saio para o hospital mais logo.
- Turno da noite?
- Sim. Sentem-se, não fiquem aí à porta.

Marta e Leonardo assentiram e sentaram-se no sofá de três lugares colocado no fundo da sala, virado para uma televisão que transmitia um programa da manhã; discutiam a melhor receita de bacalhau.

Marília Sá, ex-mulher de José Conceição, tinha o rosto chupado, a figura franzina e aparentemente frágil; o cabelo escuro estava arranjado, esticado até aos ombros, e as mãos eram ossudas, bem visíveis ao gesticular, enquanto falava com um tom de voz sempre muito atencioso.

- Querem alguma coisa para beber? Sumo, chá, café?
- Um café para mim, se não houver problema — avançou Leonardo, que se sentia ligeiramente ensonado por ter dormido pouco após todas as emoções da noite anterior.

— Para mim também, por favor.

Marília assentiu com um sorriso doce e foi para a cozinha preparar os cafés na máquina de cápsulas, despachando o assunto num minuto.

— Posso saber o que vos traz aqui? — perguntou, ao regressar com três chávenas de café a fumar. Distribuiu duas pelos inspetores e ficou com uma, que começou a beber de imediato.

Leonardo fez sinal para que Marta avançasse; ela tinha mais jeito para comunicar com as mulheres, principalmente em situações em que eles dependiam da sua colaboração.

— Estamos aqui por causa do seu ex-marido.

— Do Zé?

— José Conceição. Certo?

— Sim, é ele.

— Quando é que se casaram?

— Casámo-nos há dezassete anos.

— Quanto tempo durou o vosso casamento?

— Oito anos.

— Portanto, divorciaram-se há nove?

— Sim.

— O que aconteceu?

— Sabem como é, ele era um galã quando me estava a cortejar, era tudo um mar de rosas. — Olhou para Marta. — Mas nunca é assim depois. Os homens fazem tudo por um rabo de saias, mas depois de o conquistarem, é a desgraça.

— Sabemos que ele teve problemas com o álcool no passado — informou Marta, ignorando o comentário. — O vosso divórcio teve que ver com isso?

— Claro. Ele era um alcoólico inveterado. Conseguiu disfarçar nos tempos em que namorámos, e até nos primeiros anos de casamento, mas aos poucos tornou-se um hábito chegar a casa bêbedo. Foi tudo muito gradual.

— Como é que se conheceram? E quando? É que, pelo que sabemos, o José vivia em Alenquer com a primeira mulher, e a Marília é daqui de Lisboa.

— Conhecemo-nos no Hospital de São José, que era onde eu trabalhava há vinte anos. Na altura, era destacada muitas vezes para as Urgências, e um dia aparece-me ele à frente para eu fazer a triagem. Tinha tido um acidente de automóvel e deslocara o ombro. Nada de especial. Ficou com senha verde. Ele estava muito falador, apesar das dores, e acabou por me ir visitar ao hospital uns dias depois como forma de agradecimento. Levou-me flores, chocolates, estão a ver a pintura?

— E isso foi há vinte anos?

— Sim.

— Sabe se ele já estava divorciado?

— Estavam prestes a assinar os papéis.

— O que lhe disse ele desse divórcio? Suponho que tenha sido tema de conversa nos vossos encontros.

— Ele disse-me que a mulher o sufocava, que ele gostava de ter mais tempo para si mesmo, que o filho tinha uma deficiência profunda e que isso arruinara-lhes o casamento. Claro que tive pena dele. A questão aqui é que ele foi sempre tão atencioso e carinhoso comigo que nunca me passou pela cabeça que o problema fosse dele e não da mulher, e muito menos do filho.

— Sabe que o filho não tinha deficiência nenhuma?

— Depois soube, sim. Ele nunca mo apresentou, mas uma das coisas que nos fez romper com o casamento foi quando vi fotos do Alberto no telemóvel dele e percebi quem era. Vi que não tinha deficiência nenhuma. Era apenas gay, o meu ex-marido é que é um homofóbico de merda que me tinha enganado à grande. Desculpem.

Bebeu o resto do café e aclarou a garganta, a emoção a chegar à flor da pele.

— A única parte positiva foi o nascimento das minhas filhas, a Tulipa e a Adriana. A mais velha tem quase vinte anos e a mais nova tem dezassete.

— Casou-se depois das vossas filhas nascerem?

— Sim. A Tulipa foi por acaso, foi num desses encontros iniciais, e a Adriana já foi planeado. O casamento era o passo natural a seguir e assim o fizemos. A Adriana tinha apenas meses de vida quando me casei com o Zé.

O olhar de Marília brilhou a falar nas filhas; era palpável o quanto as amava.

— Onde estão elas?

— Elas vivem comigo, mas estão na escola. A Tulipa na faculdade, e a Adriana na escola secundária. São o meu bem mais precioso; é graças a elas que consegui manter-me sã e andar com a minha vida para a frente.

— Neste momento é enfermeira no Santa Maria?

— Sim, desde há onze anos para cá.

— Que faz lá?

— A minha principal função é assistir os médicos nas cirurgias cardiotorácicas, mas também sou destacada para fazer banco nas Urgências, como é o caso de hoje.

— É um trabalho exigente — comentou Marta, tentando virar a conversa no sentido que pretendia.

— Sim, a exigência é muita, e com a falta de enfermeiros tenho de me desdobrar em duas ou três. Não tem sido fácil.

— Como concilia a sua vida profissional com a familiar?

— Tenho a sorte de ter criado duas filhas responsáveis e que não me trazem problemas sérios. Só os normais, mas nada de grave.

— Estando inserida nessa área, certamente tem noção de medicamentos e as respetivas dosagens no que toca a anestésicos, por exemplo?

— Ah, sim, claro. Muitas vezes sou eu que preparo tudo para a anestesista. A médica pede e eu dou uma ajudinha.

— Costumava discutir essas coisas com o seu ex-marido?

— Sim, ele adorava a minha profissão. Era das coisas que eu mais apreciava nele era a forma como ele gostava de me ouvir falar de trabalho. Olhem que não é fácil encontrarmos alguém que nos ouça com a atenção com que ele me ouvia.

— E falava de tudo com ele?

— Claro, era o meu marido.

— Por acaso falava dessa questão das anestésias e doses?

Marília ergueu as sobrancelhas subtilmente.

— Sim, mas, a bem da verdade, foi um interesse que também acabou por desaparecer ao longo do casamento. Como tudo o resto.

Marta apontou tudo nas notas do telemóvel, sentindo os olhos de Leonardo cravados em si, cheios de significado. Ignorou-o e tentou seguir para o segundo ponto que queriam discutir com Marília.

— Os últimos meses, ou anos, do vosso casamento, pelo que nos disse, foram muito difíceis, devido ao abuso de álcool por parte dele. Ele chegou a, digamos, maltratar-vos por estar bêbado?

Marília piscou os olhos, devastada pelas memórias que a inspetora trouxe de volta.

— Inicialmente, não. Ele chegava a casa e eu conseguia manipulá-lo, se é que me entendem. Ele até era um bêbedo fácil de lidar e acatava o que eu dizia. Dormia sempre no sofá.

— E depois piorou?

— Sim.

— Consegue elaborar? Sei que não pode ser fácil, mas precisamos de saber. Se preferir, podemos vir noutra altura, ou...

— Não, não há problema. Mas o Zé está metido nalguma encrenca convosco? Ele fez alguma coisa de mal? — esbugalhou os olhos, provavelmente imaginando cenários horríveis.

— É isso que pretendemos descobrir, Marília. Como era ele depois?

— Aos poucos, o Zé foi-se tornando violento e...

— Bateu-lhe?

Marília começou a chorar, o rosto subitamente vermelho e as mãos a taparem os olhos enquanto soluçava.

— Sim, bateu-me algumas vezes... Foi horrível, nem sei como aguentei tanto tempo aquela situação...

— Nunca fez queixa dele?

— Fiz, mas depois, quando ele foi notificado pela polícia, ainda levei mais por causa disso. Mas desde que ele se mantivesse longe das nossas filhas estava eu bem. Preferia levar eu as estaladas e pontapés do que elas sofrerem um bocadinho que fosse.

— Mas, Marília, sabe que...

— Eu sei, eu sei! Acham que não me recrimino por ter sido burra e estúpida ao ponto de não fazer mais queixas dele, nem que fosse na APAV? Daquela vez o polícia que me recebeu não me levou muito a sério, e como eu não tinha marcas nenhuma e nem as minhas filhas sabiam o que se passava, ninguém acreditou em mim. Só quem passa por isto percebe como é difícil para uma mulher conseguir que a ajudem. No fundo, sempre achei que o verdadeiro Zé, aquele que eu conheci no hospital, pudesse aparecer novamente. Claro que não podia ser mais ingénua. O verdadeiro Zé era aquele que estava à minha frente.

— Ele manteve-se sempre longe das vossas filhas?

— Durante uns tempos, sim. Mas houve um dia em que elas acordaram com o barulho, porque ele atirou-me um prato e acabou por partir o vidro de um móvel que fez um estardalhaço do caraças. Ele acabou por se virar contra elas. Foi a gota de água. Nunca mais o vi desde esse dia. Tratei do divórcio através do advogado e ele acabou

por se ir embora.

Marta demorou uns segundos a apontar tudo, aproveitando para que Marília descansasse um pouco e recuperasse as emoções antes de avançar para o terceiro e último ponto que os levaram até ali.

— Disse que nunca mais o viu desde que ele espancou as vossas filhas numa noite em que regressou a casa bêbado. Diz isso de forma literal?

— Como assim?

— Nunca mais o viu, mesmo? Saiu de casa e nunca mais lhe pôs os olhos em cima? Durante todos estes anos?

Marília baixou o olhar e Leonardo avançou no sofá, interessado nesse gesto. Parecia envergonhada.

— Nunca mais o vi... até há uns dias. Ele há semanas que me anda a ligar e eu a rejeitar, até que ele veio cá bater à porta.

— Quando?

— No domingo passado.

— Aqui, a esta casa?

— Sim.

— Explicou porquê?

— Ele disse que tinha dado a volta à sua vida, que tinha pedido ajuda depois do nosso divórcio e que frequentou os Alcoólicos Anónimos. Disse que estava sóbrio há dois anos.

— E o que queria ele?

— Queria voltar a ver as filhas. Queria dar uma nova oportunidade ao casamento, principalmente depois de saber que eu não me voltei a casar nem arranjei ninguém.

— E a Marília, o que fez?

— Mande-o embora, mas ele deixou o contacto, caso mudasse de ideias. Perguntei às minhas filhas se o queriam ver, e elas, apesar de se recordarem bem do inferno que foram os últimos meses do casamento, queriam dar uma nova oportunidade ao pai. São demasiado boas pessoas para o que ele merece. Por mim, não o voltavam a ver. Juro.

— E a Marília deu essa oportunidade, no entanto?

— Tentei, pelo menos. Convidei-o a vir cá jantar para perceber como ele estava. Mas tenho medo de encontrar o falso Zé charmoso, o que me conquistou antes de casarmos, para que ele depois se volte a

revelar novamente o Zé bêbado. Não quero passar por isso outra vez. — Os ombros descaíram. — Mas ele é pai das minhas filhas, afinal de contas. E já se passaram quase dez anos, acredito que ele tenha mudado, mas não lhe vou facilitar a vida.

— Desculpe, mas vamos só recapitular. Ele veio cá no domingo, e depois quando?

— Anteontem.

— Terça-feira à noite?

— Sim. Mas não fez nada de mal, foi tudo muito pacífico. O que torna as coisas ainda mais difíceis para o meu lado.

Marta e Leonardo trocaram um olhar. José Conceição era homofóbico e estivera em Lisboa nas duas noites em que Alberto Duarte e Filipa Domingos foram assassinados.

CAPÍTULO 32

LEONARDO E MARTA

De volta à sede da Judiciária, Leonardo Rosa e Marta Mateus passaram primeiro pelo laboratório da Polícia Científica, no quarto piso, dirigindo-se diretamente ao gabinete da técnica responsável, Carolina Pinotes, que já havia colaborado com eles em casos anteriores.

— Olá, Carolina! Já conseguiste comparar o ADN do José Conceição com o encontrado nas unhas da vítima da Praia da Torre? É urgente.

Carolina rodou no seu banco até ficar de frente para os inspetores. Era dona de um sorriso radiante e parecia já estar a contar com a aparição deles os dois. Retirou os óculos e limpou-os à bata branca.

— Vi isso esta manhã. Não há correspondência.

Praguejaram em surdina, frustrados.

— Não o exclui como suspeito, mas dificulta um pouco — comentou Marta.

— De resto, não há novidades?

— Não. Tanto a água do mar como o fogo eliminaram a maioria dos vestígios. Ainda assim, temos algumas impressões digitais parciais no bidão, um fio de cabelo loiro, umas fibras de roupa, mas nada de significativo. Lamento.

— E a toxicologia da segunda vítima?

Carolina abriu muito os olhos, levantou-se e procurou algo numa gaveta carregada de documentos. Retirou uma pasta após confirmar o

nome a que estava associado e assentiu.

— Foi detetado carboxiemoglobina no sangue.

— Isso significa o quê, exatamente?

— Este componente no sangue surge quando há a combinação do monóxido de carbono gerado pelo fogo com a hemoglobina do sangue.

— Isso, combinado com as lesões que o Cristóvão encontrou nas vias respiratórias — raciocinou Leonardo, referindo-se ao exame interno realizado naquela manhã onde detetaram uma depressão respiratória e laringospasmo na vítima, que funcionam como mecanismos de proteção contra a exposição aos gases tóxicos do fumo em vítima conscientes —, significa que a vítima estava viva e que inalou o fumo que o fogo estava a criar ao queimar o próprio corpo.

— Sim, tudo indica que a vítima foi queimada viva. E, tendo em conta o nível de benzodiazepinas que as análises detetaram...

— Ela estava paralisada enquanto era queimada — terminou Marta.

Despediram-se e regressaram ao gabinete, onde observaram as imagens adquiridas na autópsia realizada pelo doutor Cristóvão Martins.

— Não há dúvidas de que o assassino e o cúmplice estão a atacar esta comunidade. Filhos de umas grandessíssimas putas — atirou a inspetora, surpreendendo o colega, que se aproximou dela e lhe segurou o rosto com ternura.

— Não podemos deixar que este caso nos atinja, ou cometemos erros que condenarão mais pessoas. Temos de ser frios, racionais, sem emoções a toldar-nos.

— Eu sei, mas porra... Não tens mesmo nojo deste tipo? Nem medo pela tua irmã?

— Eu voltei a falar com ela no caminho para cá, tu ouviste — disse, referindo-se a um telefonema que fizera após a entrevista a Marília Sá. — Ela garantiu que ia ser cuidadosa. Temos de ser o mais imparciais possível, ou o Teodoro tira-nos o caso.

Como se estivesse à espera de ser mencionado, o inspetor-chefe Paulo Teodoro irrompeu porta adentro até parar à frente das suas secretárias. Leonardo largou o rosto da colega e colocou o seu ar mais sério e profissional.

— «Caso Elementar» — anunciou. — É assim que a comunicação

social o apelidou.

Com isto, deixou cair três jornais em cima da secretária de Marta. Cada um tinha uma frase em destaque à frente de fotos demasiado explícitas sobre os dois crimes ocorridos. Ao que parecia, estavam a dar tudo pelas vendas.

«Quererá o assassino purificar as vítimas com este ato?»

«Caso Elementar: um ataque à luta pelos direitos de todos.»

«Terá começado uma guerra contra a comunidade LGBT?»

O nome dado pela comunicação social era um trocadilho claro entre a maneira como o assassino matava, usando os elementos principais da Natureza, com a célebre frase de Sherlock Holmes: «Elementar, meu caro Watson.»

— Há dezenas de páginas em todos os jornais sobre o caso, websites, milhares de partilhas nas redes sociais... Nunca houve nada assim. Nunca, meus caros. Nem com o cabrão do Estripador. Preciso que façam alguma coisa ou vamos ter a comunicação social a entrar-nos pelo gabinete adentro. Tenho tentado contê-los, mas está a ficar difícil com tantas manifestações LGBT em todo país, nas redes sociais... Está a ficar impossível. O diretor já está a pensar numa conferência de imprensa. Normalmente, resulta.

O rosto ligeiramente anafado de Teodoro estava vermelho de cansaço e o olhar descaído, como se não dormisse há semanas. Tinha, no geral, um ar acabado.

— Acho muito bem que a comunidade LGBT se manifeste, estão no seu direito — avançou Leonardo, com o pensamento na irmã. — Porque é que eles são sempre as vítimas? Eles têm os mesmos direitos que outra pessoa qualquer, não achas?

Marta assentiu, concordando com o colega. Teodoro encolheu os ombros.

— Claro, só estou a falar do ponto de vista do frenesim da comunicação social. Digam-me, ao menos, que têm algo com que apanhar o assassino. Duvido que o diretor avance para a comunicação social sem nenhum trunfo.

Eles entreolharam-se. Leonardo ergueu as sobrancelhas e Marta tentou falar com calma, antevendo a reação do chefe.

— Sabemos que ele tem um cúmplice, que um deles calça o tamanho 44 e que odeiam a comunidade LGBTQIA+. E que paralisam

as vítimas de forma a sofrerem com a morte.

Teodoro aguardou um pouco para que ela continuasse aquilo que ele esperava ser uma extensa lista de indícios. Quando percebeu que era só isso, deu um murro na mesa.

— Porra! Vou colocar os outros inspetores dos homicídios convosco. Precisamos de tudo para resolver este caso.

— Teodoro, dá-nos mais tempo — pediu Leonardo, aproximando-se. — Se nos deixares trabalhar à vontade, vamos conseguir descobrir mais. Mas tens de nos deixar em paz. Assim, com estes stresses todos, não vamos lá.

Teodoro demorou-se a olhar para o inspetor, respirando pesadamente. Para bem deles, a vontade do chefe acreditar neles era maior que a vontade de fazer alguma coisa sobre isso.

— Dou-vos até ao início da próxima semana.

E saiu sem dizer mais nada.

— Ele já nem pára no gabinete.

O gabinete do inspetor-chefe separava o gabinete de Leonardo e Marta do outro da Brigada de Homicídios, onde trabalhavam mais três inspetores. Era apelidado de «aquário», devido às janelas que dominavam o gabinete e que permitiam a Teodoro ter uma linha visual para ambos os gabinetes.

— Está na hora de vermos os possíveis pontos em comum entre as duas vítimas — sugeriu Marta, virando-se para o quadro de cortiça com a informação compilada.

Durante o resto da manhã, reviraram tudo o que fora descoberto das vidas de ambos, até que Marta franziu o cenho perante um ponto do texto que estava a ler.

— Diz aqui no ficheiro da Filipa que ela faz parte da AUPDL, a Associação Unida Pelos Direitos LGBT, nomeadamente no Serviço de Apoio à Vítima LGBTI+. Viste aí se o Alberto também está na AUPDL de alguma forma? É que eles são de gerações diferentes, vivem em locais diferentes e não têm formações sequer parecidas. Se não for por aqui, não sei...

Leonardo observou com atenção o documento sobre a primeira vítima, até que encontrou essa informação mais à frente.

— Sim. O Alberto também fazia parte da associação, como voluntário permanente. E ajudava a dinamizar os Clubes de Leitura e

de Música.

Marta ergueu o pulso em sinal de vitória, mas Leonardo encolheu os ombros.

— Isto não mostra nada. Eles são da comunidade LGBTQIA+, não é assim tão estranho que queiram participar e fazer parte da AUPDL.

— Ah, vá lá, Leo! Isto é algo que têm em comum. É a única coisa que encontrámos e não estás entusiasmado?

— Estou, só que...

— Não parece.

— Só que fazerem parte da AUPDL não é assim algo tão estranho.

— Mas já nos dá que fazer.

— Isso é verdade.

— Vamos. Temos de mostrar trabalho, senão o Teodoro mata-nos.

Embora Leonardo não estivesse confiante com aquela pista, deixou-se entusiasmar pela atitude e esperança de Marta e foi com energias renovadas que saíram da PJ rumo a alguma descoberta que os levasse mais perto do assassino.

CAPÍTULO 33

LEONARDO E MARTA

A AUPDL, Associação Unida Pelos Direitos LGBT, defendia e lutava pela igualdade e contra a discriminação das pessoas da comunidade e das suas famílias. Localizava-se nas imediações do Terreiro do Paço, relativamente perto da casa de Leonardo Rosa.

Marta estacionou o carro do outro lado da estreita estrada, com passeios empedrados. Saíram do veículo e absorveram o calor que abrasava a capital e os turistas que por ali passavam. Abriram a porta da associação e atravessaram o pequeno vestíbulo até ao balcão da receção. Por todas as paredes, avistaram imagens de pessoas com roupas coloridas, rostos felizes, pessoas pintadas e com adereços arrojados, sempre com a bandeira arco-íris como fundo.

— Boa tarde — saudou uma mulher com sorriso benévolo, a mostrar a sua linha de dentes perfeitos. Era uma mulher jovem, com cabelo pelos ombros e uma franja bem penteada. Tinha um fio de ouro ao pescoço, que parecia cintilar. — Sou a Joana. Em que posso ajudar?

— Olá, Joana. Sou o inspetor Leonardo Rosa, e esta é a minha colega, a inspetora Marta Mateus. — Perante o ar confuso da rececionista, acrescentou: — Somos da Polícia Judiciária.

— Ah, muito bem. Posso saber o que pretendem?

— Gostaríamos de falar com a presidente da associação, se for possível.

Ela perdeu parte do sorriso.

— A presidente deve chegar daqui a pouco. Se quiserem podem

aguardar na zona de espera. Têm cadeiras, uma televisão e podem tirar água, se assim o desejarem. Estejam à vontade.

— Obrigado.

Afastaram-se um pouco para dar alguma liberdade a Joana para poder avisar a presidente da associação da presença deles.

Aguardaram mais vinte minutos, até que uma mulher de estatura média-alta, loira, com um sinal perto da narina esquerda e um fio de prata ao pescoço, entrou na sala e fechou a porta atrás de si com delicadeza. Cumprimentou Joana e esta indicou com o olhar a presença dos inspetores.

— Boa tarde, inspetores.

Avançou prontamente para os cumprimentar, apertando a mão a ambos com firmeza.

— Sou a inspetora Marta Mateus. Este é o meu colega, o inspetor Leonardo Rosa.

— Prazer. Eu sou a Ana Pardal, presidente da AUPDL. Venham comigo.

Encaminhou-os para uma sala de reuniões, com uma mesa redonda ao centro, seis cadeiras em redor, e várias fotografias e pósteres nas paredes. Leonardo sentou-se e percebeu um lampejo de reconhecimento no olhar de Ana relativamente a si, mas ela foi educada o suficiente para fingir que não o reconhecia. Já estava a gostar dela à partida. Era um bom começo.

— Imagino que saiba por que razão estamos aqui.

— Aqueles dois assassínios — referiu Ana, o rosto ensombrado de tristeza e um toque de medo. — Caso Elementar, não é?

A porta voltou a abrir-se e um homem encorpado, de óculos e com a linha do cabelo bastante recuada, entrou, com algum receio de interromper uma conversa importante, e sentou-se ao lado de Ana, com um bloco de notas em branco à frente. Pousou uma caneta azul na mesa e pediu desculpas a Ana pelo atraso.

— Apresento-vos o Hélder Carvalho. É um autor de uma das maiores editoras do país.

— A Penguin Random House Portugal — acrescentou, numa voz grave e cheia de orgulho. — Não sei se leram algum livro meu... — Perante os olhares vazios dos inspetores, acrescentou: — Escrevo romances, pelos quais fiquei mais conhecido, e alguns de não ficção.

Se calhar, não são os vossos géneros favoritos.

— Pois, eu é mais policiais — admitiu Marta, por simpatia.

— O Hélder está a acompanhar-me há uns meses para compreender a nossa realidade, aquilo com que lidamos diariamente e para perceber os problemas que a comunidade LGBTQIA+ enfrenta e que o grande público tende a não estar a par.

O escritor anuiu.

— Vou fazer um livro sobre todos os tipos de crime de ódio, ou bullying, que as pessoas desta comunidade sofrem. Quero levar essa mensagem a todo o país. Sinto que posso fazer a diferença.

— E também para mostrar algo muito simples: somos todos seres humanos, todos iguais — complementou Ana, orgulhosa. — É preciso saber aproximar, dialogar e conectar com a forma como recuperamos e reconquistamos a felicidade e as vivências que nos foram e ainda nos são continuamente negadas — acrescentou. — As pessoas têm de saber que grande parte de nós não nasceu nem cresceu em espaços seguros e privilegiados. Têm de saber que sofremos de violência, seja de género, seja sexual, física, psicológica ou discursiva. Têm de saber que lutamos e que podem juntar-se a esta luta mesmo sendo heterossexuais.

— Com o meu livro, quero dar às pessoas a oportunidade de irem para o lado certo da História — rematou Hélder, sorrindo com nervosismo.

— Não é um policial, então? — perguntou Marta, achando que ele podia estar a analisar tudo o que faziam em benefício do livro. A última coisa que queria era ter cada movimento, cada palavra, minuciosamente estudada.

— Não, mas talvez até me inspire e escreva um thriller baseado no Caso Elementar. A verdade é que estes crimes também me interessam bastante, pois são o mais extremo ato de violência que pode existir contra estas pessoas da comunidade, e quero muito compreender porque aconteceram.

— Isso faz parte do nosso trabalho. É por isso que estamos aqui — afirmou Leonardo.

Marta fez um olhar desconfiado, mas não comentou. Virou-se para Ana:

— Há quanto tempo é diretora da associação?

— Sou presidente da AUPDL há quatro anos. A minha ligação com esta instituição começou há catorze anos, como voluntária, e nos últimos anos tenho colaborado ativamente na definição da visão comunitária, política e estratégica da associação. Para lá do voluntariado, desenvolvo a minha atividade profissional nas áreas das Ciência Políticas e Comunicação. Coloco aqui o meu coração, a minha vida. Por todas estas pessoas — terminou, apontando vagamente para as fotografias nas paredes da sala.

— E o que faz exatamente a AUPDL?

— Ui, tanta coisa. Mas para simplificar: o objetivo principal é a integração social das pessoas da comunidade LGBTQIA+ com programas de apoios sociais para garantir melhor qualidade de vida e para lutar contra a discriminação que se vê na sociedade. Apesar de haver mais inclusão nos filmes e nos livros, ainda existe muita discriminação na vida real.

— Basta vermos as redes sociais das vítimas do Caso Elementar. Os comentários de ódio, carregados de desprezo, é o que mais abunda por lá — comentou Marta.

— Infelizmente, é a nossa realidade. Temos vários serviços disponíveis para ajudar as pessoas. Fazemos de tudo para combater esse ódio.

— A minha irmã assumiu-se muito jovem, mas se ela tivesse tido este apoio talvez tivesse sido mais fácil para ela. Havia dias muito difíceis e eu não sabia como lidar com isso da melhor forma... Foi um período difícil.

— A sua irmã é feliz? — perguntou Hélder imediatamente, de caneta em riste para apontar as informações, algo que deixou o inspetor desconfortável.

— Sim, é casada e tem três filhos.

— Acha que a sua irmã estaria interessada em falar comigo para recolher informações para o livro? O testemunho de uma mulher lésbica, casada, com filhos e inserida na sociedade é uma história excelente.

— Teria de falar com ela. — disse o inspetor.

— Ótimo — Hélder procurou algo no bolso e retirou de dentro um cartão e entregou-o a Leonardo. — Fale com a sua irmã e, se ela aceitar, pode contactar-me para marcarmos a entrevista.

Leonardo aceitou o cartão e leu-o na diagonal.

«Hélder Carvalho, escritor.»

— A Ana conhece alguma das vítimas? Alberto Duarte ou Filipa Domingos?

Para complementar a sua questão, colocou uma fotografia de cada vítima em cima da mesa. Ana chegou-se à frente para as observar melhor.

— Só reconheço o Alberto. Vendo o rosto dele, consigo-o situar. Como devem imaginar, não tenho contacto com todas as pessoas envolvidas na AUPDL, mas decoro bem os rostos. E o rosto do Alberto não me é estranho.

— E o da Filipa?

— Não me diz nada.

— Temos a informação de que ambos colaboram com a AUPDL.

— Honestamente, não sei onde é que eles se inserem, visto que temos tantos ramos de atuação, mas...

— Eu sei — interrompeu Hélder, com alguma naturalidade.

— Sabe?

— Sim, eles também estão envolvidos numa atividade que me diz muito.

— Em qual?

— Fazem ambos parte do Clube de Leitura LGBTQIA+.

CAPÍTULO 34

LEONARDO E MARTA

Por sorte, por pura coincidência, ou por desígnio superior, o grupo de leitura reunia-se mensalmente no Centro LGBTI na primeira quinta-feira do mês. Ana Pardal referiu que as sessões começavam às dezanove horas, mas que a responsável máxima pela dinamização do grupo costumava chegar uma hora antes.

E não falhou por muito.

Passavam dez minutos das seis da tarde quando Tânia Amaral, a moderadora do grupo, chegou à associação. Vinha com o à-vontade de quem fazia aquilo todos os dias.

O cabelo ruivo era curto e encaracolado e os dentes da frente eram ligeiramente mais saídos; envergava roupas confortáveis e tinha um olhar ausente, focado em algo na sua mente que estava fora do alcance dos inspetores.

Tânia passou o umbral da porta, cumprimentou a rececionista e nem prestou atenção aos inspetores, prosseguindo caminho para o interior do edifício como fazia todas as vezes.

— Tânia? Tânia Amaral?

A moderadora do grupo de leitura pareceu achar ter ouvido mal, pois hesitou se devia parar de andar ou não.

— Tânia Amaral, verdade?

Só com a derradeira tentativa de Marta é que Tânia teve a certeza de que estava a ser interpelada e virou-se para os inspetores.

— Sim, sou eu.

Aproximaram-se de Tânia e cumprimentaram-na com apertos de mão e alguns sorrisos. Ela pareceu um pouco insegura, sem conseguir perceber de onde vinham os inspetores e o que teriam para falar com ela.

— Sou a inspetora Marta Mateus e o meu colega é o inspetor Leonardo Rosa.

— Inspetores? Da PJ?

Marta e Leonardo assentiram, e Tânia ficou ainda mais confusa.

— Da Polícia Judiciária?

— Sim, investigamos crimes.

— Neste caso, homicídios.

Tânia pareceu sustar a respiração. Estava com um aspeto cansado, os olhos adornados com olheiras largas e escuras.

— E o que podem querer saber de mim?

— Já ouviu falar do Caso Elementar?

— Já, mas não sei nada sobre isso. Tenho tido imenso trabalho no escritório, tenho vivido praticamente lá, e não tenho seguido as notícias como deve ser. Até estava feliz por vir aqui para me distrair do trabalho. Têm de ser mais claros comigo.

Passou as mãos pelos olhos avermelhados, cansados. Parecia estar a fazer um esforço para se manter acordada.

— As vítimas do caso chamam-se Alberto Duarte e Filipa Domingos. Estes nomes não lhe dizem nada?

Tânia fechou os olhos e tapou a boca, tentando conter o choque.

— Conheço-os, claro que sim.

— De onde?

— Do grupo de leitura do nosso centro.

— Acha que podíamos falar sobre eles antes da sessão de hoje?

Ela consultou o relógio e ponderou por momentos.

— Sim, temos tempo. Que querem saber?

Os inspetores acharam estranho falarem ali, no corredor, pelo que pediram para falar num sítio mais privado. A rececionista, agarrada ao seu colar tentando disfarçar que não ouvia, manteve o olhar distante. Tânia encaminhou-os para a sala onde iria decorrer a sessão do grupo de leitura. Era uma sala espaçosa, preenchida com filas de cadeiras de madeira viradas para a parede do fundo, onde existia um estrado que fazia as vezes de palco.

— Precisamos de saber como funciona o grupo de leitura, quantos são, quem dinamiza... Qual a importância do Alberto e da Filipa para este grupo? — orientou Marta, com a aplicação das notas aberta no telemóvel.

Tânia pareceu sorrir com orgulho.

— A ideia de criarmos este grupo de leitura foi minha. A ideia é reunirmo-nos com pessoas da comunidade LGBTQIA+ que sentem pouca representatividade na cultura em geral. A maioria dos livros, filmes e músicas representam mais as pessoas heterossexuais e brancas; se alguém estiver confuso com a sua identidade de género ou orientação sexual, não é fácil identificar-se com esses filmes e livros que andam em voga. Mas eles existem. Cada vez mais, temos livros e séries com representatividade LGBTQIA+ e nós, com o grupo de leitura, quisemos aproximar a nossa gente da literatura inclusiva. Durante hora e meia, conversamos sobre livros, partilhamos ideias, sentimentos, emoções e até confusões geradas pelas páginas que cada pessoa leu. O importante é falarmos sobre como as pessoas se sentem com o que leram e se isso as fez sentir melhor ou mais representadas.

— Têm um livro fixo para o grupo ler por mês?

— Não, somos muito flexíveis. Cada um lê o que achar mais apropriado, até porque há pessoas que podem querer ler um livro com representatividade homossexual, outros podem querer sobre identidade trans, outros com personagens não-binárias... o leque é vasto. O que queremos é conversar sobre esses assuntos, sobre as visões de cada um sobre o que leram. Há pessoas que chegam a não ler nada, mas vêm na mesma para debater esses assuntos e até interessar-se por determinados livros para lerem para o mês seguinte.

— Portanto, são informais e flexíveis.

— Claro, estamos aqui para ajudar e sabemos que nem sempre as possibilidades de cada um, ou os ritmos de leitura são iguais de pessoa para pessoa.

— Quantas pessoas costumam ter nas sessões de leitura?

— As inscrições são por e-mail, mas eles são livres de faltarem se não puderem comparecer. Em média costumamos ter entre vinte e trinta pessoas.

— E o Alberto e a Filipa fazem parte desse grupo?

— Sim, e até são dos mais assíduos. Aliás, se não me engano, eles

também integram a estrutura da AUPDL, o Alberto como voluntário permanente e a Filipa na parte de apoio social.

— É possível fornecer-nos a lista de inscritos?

Tânia ficou um pouco reticente perante essa ideia.

— Não sei se devia partilhar informações privadas. Há aqui pessoas que ainda não se assumiram publicamente e querem manter a sua orientação sexual ou identidade de género escondida de todos.

— Garanto-lhe que apenas queremos saber quem está inscrito; não nos interessam minimamente esses aspetos tão pessoais.

— E posso saber porquê?

— Porque se o assassino matou duas pessoas deste grupo, significa que pode querer matar outros elementos daqui.

— Não, não pode ser — negou Tânia, bastante chocada com essa ideia.

— Ou, no pior dos cenários, o assassino pode ser um dos inscritos no grupo de leitura — rematou Leonardo, levando Tânia Amaral a negar com a cabeça, não querendo acreditar que as pessoas com quem tanto adorava discutir esses assuntos pudessem estar a assassinar pessoas da mesma comunidade.

— Não, isso seria horrível, seria catastrófico! Seria um revés para o nosso grupo, para a associação... Meu Deus...

— Exato. Sugiro que nos forneça a lista. Mas também podemos pedir um mandado de busca — disse, indicando-lhe o seu e-mail na PJ.

Aturdida, Tânia consentiu, como se nem soubesse bem com o que estava a concordar. Sentou-se na cadeira mais próxima e olhou para o vazio.

— Consegue pensar em alguém do seu grupo que seja, digamos, diferente, que tenha demonstrado interesses diferentes dos restantes?

Tânia pareceu não ter ouvido a inspetora, mas respondeu na mesma, num tom ausente.

— Não... claro que não. Somos todos participativos, ajudamo-nos uns aos outros. Somos uma comunidade ótima.

— Nunca houve desentendimentos, nada?

— Só houve uma vez, mas foi porque...

— Porque...?

— Porque aquele autor costuma assistir às nossas reuniões e há

pessoas que não gostam de o ter por perto.

— Como assim?

— Porque ele é normativo — disse, utilizando o termo que aponta para uma pessoa heterossexual. — Não se enquadra bem aqui, mas a Ana Pardal autorizou-o a comparecer sempre que quisesse.

— Está a falar de Hélder Carvalho?

— Sim. Ele costuma aparecer de vez em quando para pesquisar para o seu novo livro. Ele defende que, assim que o publicar, irá ajudar-nos imenso, até porque uma parte das receitas será para a AUPDL, mas a verdade é que deixa alguns elementos desconfortáveis por não partilhar absolutamente nada com os restantes do grupo de leitura. Não se sentem bem a serem estudados e observados. E eu compreendo, mas a presidente autorizou-o.

— Sabe quem especificamente é que exteriorizou essa indignação?

Tânia desviou o olhar. Limpou os olhos a um lenço que retirou de um bolso das calças de fato de treino. Tinha os olhos inchados e um cansaço geral que era aflitivo de ver.

— Tânia, o Alberto e a Filipa faziam parte dessas pessoas que se indignaram perante a presença do Hélder Carvalho nas vossas sessões de leitura?

A moderadora demorou longos segundos a reagir, mas falou quando Marta se preparava para insistir na questão.

— Sim.

CAPÍTULO 35

CARLOS

Caminhavam sem preocupações aparentes pelas ruas empedradas do Bairro Alto. Era noite de quinta-feira e grupos de estudantes aglomeravam-se nas ruas, de bebida na mão e sorriso rasgado, a desfrutarem de mais uma noite académica.

Carlos sofreu um encontrão de uma jovem, que entornou cerveja sobre a sua T-Shirt.

— Desculpa, meu!

Mas Carlos seguiu caminho sem responder. Estava ligeiramente nervoso pelo motivo que o levava ali.

— A rapariga não tirou os olhos de ti. Acho que até ficou interessada.

— Ainda falta muito?

Margarida Rosa, deslumbrante com um vestido preto que se ajustava às suas formas e demonstrava como tinha umas pernas longas e torneadas, sorriu para o acalmar e colocou um braço sobre os ombros dele, caminhando junto a si. Carlos sentia-se mal vestido ao olhar para ela, tendo em conta que levava uns calções e uma camisola simples, em tons escuros.

— Estamos quase a chegar.

Estavam a subir há vários minutos, até que viraram uma esquina para uma rua plana, também ela preenchida com grupos de jovens a conversar e a rir às gargalhadas, com música alta a tocar em cada estabelecimento noturno.

— Chegámos.

Carlos parou repentinamente e observou o destino do primeiro passo da missão a que foram incumbidos. Andy's. Era o nome do bar onde a busca iria começar.

— Pronto?

Carlos assentiu, expirando para libertar as réstias do nervosismo.

— Já nasci pronto para isto.

Ela sorriu e avançaram com determinação, passando a porta de entrada.

Carlos ia fechar o seu ciclo e ficar quite com Leonardo Rosa.

Margarida ia tentar redimir-se de todo o mal que trouxera para a vida do filho.

Começaria tudo ali.

CAPÍTULO 36

CARLOS

Uma caipirinha repousava na mão de Margarida Rosa como se fosse ali que sempre pertencera. A forma como ela bebia demonstrava que sabia estar naqueles meandros noturnos, envolvida no meio da música alta e a ignorar piropos regulares de outros homens e até de uma mulher, que estranhou a forma com ela os rejeitava e tentou a sua sorte.

Carlos bebia uma cola. Não queria que o álcool lhe toldasse os reflexos. Se havia algo em que podia confiar para salvar a sua vida, eram nos reflexos de praticante de parkour. Apesar de ter deixado de praticar desde que fora preso no ano anterior, estava-lhe na memória muscular.

— E agora, do que estamos à espera?

Margarida manteve o olhar para o fundo do bar. No canto, um homem careca, rechonchudo e de barbicha grisalha ria-se, rodeado por várias pessoas jovens e atraentes, que olhavam para ele como se olhassem para um professor ou mentor.

— Em breve, saberás.

Ele bebeu um pouco da cola e Margarida bebeu da caipirinha com demasiada sensualidade, o que levou a que alguns estudantes, com o traje académico desmanchado, parassem o que estavam a fazer para apreciá-la.

— Acho que está a chamar demasiado a atenção aqui dos clientes, Margarida.

Ela manteve o olhar para o canto mais afastado e Carlos não via nada que lhe pudesse interessar tanto. Surgiram gritos que assustaram Carlos, que por pouco não deixou cair o copo. Quando se recompôs, percebeu que eram apenas estudantes a serem espalhafatosos na mistura caótica de música, bebida, final do ano letivo e estar entre amigos. Ele próprio fora assim. E fora numa noite destas que a sua vida deixara de ser o que era.

— Começo a duvidar da confiança que o meu filho deposita em ti, Carlos.

— Porquê?

— Falas demasiado, estás muito nervoso. Calma. Se vamos fazer isto bem, tem de ser com calma. Não podemos ceder ou arruinamos tudo.

Carlos sentiu-se estúpido por ter sido repreendido como uma criança.

O homem do canto ao fundo riu-se mais alto que o normal e virou um copo preenchido com um líquido transparente; ao pousá-lo, soltou um «aaah» forte, como se a garganta se tivesse queimado.

Margarida virou-se para o balcão e pediu mais uma bebida. Carlos preparava-se para dizer que não queria mais nada, mas ela manteve o olhar sério no empregado do outro lado, que pareceu ficar petrificado.

Que teria ela dito?

Momentos depois, o jovem empregado fez um pequeno aceno de cabeça e pediu para aguardar um pouco. Contornou o balcão e passou aos ziguezagues pelos inúmeros clientes que dançavam, caminhavam e bebiam até alcançar o homem careca no canto mais afastado do bar. Com toda a subtilidade, o empregado aproximou-se dele e segredou-lhe algo ao ouvido. O homem perdeu a alegria e olhou para o balcão.

Aquele olhar frio arrepiou Carlos, que desviou o rosto instintivamente.

Sentia-se como nos primeiros tempos no estabelecimento prisional, sempre com medo de fazer contacto visual com quem quer que fosse. Quando voltou a olhar, o homem tinha desaparecido, ficando apenas os jovens que o rodeavam, a beber e a conversar.

— O que aconteceu, Margarida?

— Já vais ver.

— Vá lá, tem de me contar alguma coisa.

— Digamos que vim recorrer a um contacto antigo.

— Quão antigo?

— Dos tempos em que precisei deles.

— E quando foi isso?

— Depois de ter vencido as Olimpíadas da Morte na Suécia e de ter de regressar a Portugal.

— Então é um contacto...

— Do submundo, sim. Se queremos descobrir quem a Roberta Schulz contratou para matar a Laura e o meu neto, aqui é onde devemos começar. Descobrimos o assassino e ele depois leva-nos à Schulz.

Entretanto, vários jovens começavam a apinhar o balcão, à procura do empregado. Quando alguns começaram a ameaçar saltar o balcão e roubar bebidas, ele regressou ao seu posto de trabalho, evitando olhar para Margarida e começando a aceitar os pedidos.

— Pode vir.

O homem careca e de barba grisalha encontrava-se ao lado de Carlos e olhava com seriedade para Margarida. Ela levantou-se e passou por eles com determinação.

— Ele está comigo.

O homem assentiu e Carlos, agora de perto, pareceu discernir vestígios de gorila naquele rosto mal-humorado e espesso.

Passaram pelas mesas e pela pista de dança até chegarem a uma porta de serviço que dava para as traseiras. Ninguém lhes prestou grande atenção.

Silêncio.

Ao sentirem a porta ser fechada atrás deles, todo o frenesim foi automaticamente abafado, criando um ambiente lúgubre no corredor que palmilhavam até uma porta ao fundo. Era uma saída de emergência.

Aos poucos, pareceu a Carlos ouvir uns gemidos, primeiro em surdina, mas à medida que se aproximavam da porta de emergência, o som foi aumentando. Uma mulher gemia de prazer, com urgência. Foi então que percebeu que havia uma porta lateral antes da saída de emergência.

Iriam eles para essa divisão?

Ao ver o homem encorpado parar e abrir essa porta sem sequer

bater, percebeu que sim. Curioso, entrou atrás de Margarida e o que viu deixou-o confuso e, embora nunca o fosse admitir, excitado.

Uma mulher sensual, com curvas generosas, completamente despida, estava a cavalgar um homem no sofá. A cada salto da mulher sobre as ancas do homem, ambos gemiam de prazer. O homem deu uma palmada na nádega da mulher, que tinha o cabelo azul bem esticado e liso. Ela não gostou do atrevimento e deu-lhe uma estalada bem sonora. Saiu de cima dele e vestiu-se, como se não tivesse três pessoas a assistir a tudo.

— Já disse que não quero intimidades. É só sexo. Vai-te embora, pira-te!

O homem, atrapalhado, não conseguiu vestir-se antes de ser empurrado para fora pelo homem da barba grisalha.

— Desculpem terem de assistir a isto, mas estava mesmo com vontade. Tenho as minhas necessidades.

Olhou para Carlos como se ele fosse um naco de carne, e este ficou a ponderar o que faria se ela o mandasse fazer sexo com ela. Felizmente, não precisou de pensar muito, pois o olhar da mulher de cabelo azul, agora já recomposta a nível de vestuário com um robe a cobrir o seu corpo, olhou com reconhecimento para Margarida.

— Diabos me levem, se não é a Margarida Rosa. Nunca pensei voltar a ver-te, e muito menos em Portugal. Dá cá um abraço!

— Continuas a usar os homens para te saciares e deitares fora, estou a ver.

— E eles merecem mais do que isso?

Abraçaram-se com saudades e risos, para espanto de Carlos. Naquele momento, limitava-se a seguir a corrente sem questionar muito. Custava-lhe admitir, e nunca o faria à frente de Leonardo, mas tinha um respeito e admiração por Margarida que eram inexplicáveis. Ela emanava uma aura que o desarmava. Sentia que a seguiria até onde ela quisesse e que lutaria por ela. Bastaria ela pedir-lho.

— Sabes, com a nossa idade já devíamos saber que a vida dá muitas voltas. Mas tu continuas na mesma, Lara.

— Na mesma, não. Agora já sou chefe desta merda toda! Já viste bem, Maggie?

Riram-se mais um pouco e a mulher de cabelo azul foi a um móvel lateral servir vinho tinto para ambas, sem questionar a vontade de

Carlos, que as deixou meterem a conversa em dia sem prestar grande atenção, até que o olhar penetrante de Lara o apanhou de surpresa.

— Tenho a certeza de que não vieste até aqui com aquele homem para meter conversa. Não tem cara de segurança.

— Não preciso de um gorila para me proteger. Acredita que o Carlos é capaz de coisas que não te passa pela cabeça.

— Ai, é? Que interessante saber isso.

Lara manteve o olhar fixo em Carlos, qual predador a focar a atenção na presa.

— Precisamos que nos ajude com uma informação — anunciou, farto de ser objeto de cobiça da mulher de cabelos azuis.

— Ele fala. Não estava à espera.

— Vá, Lara, deixa-o em paz.

Lara quebrou o contacto visual para dar atenção a Margarida e para beber mais um pouco de vinho.

— Que querem saber?

— Precisamos de saber a identidade de uma determinada pessoa.

Lara ficou séria e interessada. Falar de trabalho despertava o lado que a levava a chefiar aquela organização, fosse ela qual fosse. Bebeu o resto do copo e dirigiu-se para a secretária que dominava aquele gabinete nas traseiras do bar. Sentou-se no cadeirão e encostou-se.

— Em que contexto?

— Queremos saber quem matou uma mulher grávida em Almada, há uns meses — expôs Carlos.

Lara nem pestanejara, limitando-se a dirigir-se ao computador, mexendo nas teclas e no rato.

— Quando foi?

— Em março. Precisamos de saber quem matou o meu neto, Lara.

Ela parou de teclar e olhou com uma réstia de surpresa para a amiga.

— O teu neto? — Uma onda de reconhecimento atravessou o seu rosto. — Leonardo Rosa. O inspetor dos Homicídios da PJ perdeu o filho nessa altura. O que pretendem fazer com essa informação?

— Andas bem informada.

— Tenho de andar, principalmente no que toca a pessoas da autoridade.

— OK, mas o que pretendemos com isso não é da sua conta —

atirou o jovem, de dentes cerrados.

— Carlos — admoestou Margarida.

— Maggie, deixa estar. Ele está obviamente fora de si, para vir aqui ao meu escritório pedir-me um favor e ainda ser mal-educado comigo. Sabemos que não é da minha conta ajudar-vos, não é? A tua sorte é que eu e a Maggie temos uma história. Caso contrário...

Levantou-se, contornou a secretária e aproximou-se de Carlos até ficar a meros centímetros, o rosto cintilante a ocupar todo o seu campo de visão. Ele sentia-lhe a respiração, quente, afagar-lhe a face.

— Não me voltas a falar assim, ou acabo contigo em três tempos. Entendido?

Carlos susteve o olhar com coragem, mas acabou por aquiescer. Tinha de colocar a necessidade da missão à frente do seu orgulho. Odiava pessoas que ganhavam a vida com o crime, mas não podia ser ele, sozinho, a mudar tudo.

— Muito bem — disse Lara, com um ar jovial e um sorriso na cara, como se não tivesse acontecido confronto nenhum. — Sei a que caso se referem.

— E então?

— O homem que fez isso trabalhou comigo em tempos. Um gajo freelancer, estás a ver? São mais esquivos, pagos a dinheiro, não os consigo controlar. Mas faço questão de guardar sempre as informações de quem trabalha comigo, nem que seja numa única ocasião. Informação é poder.

— Portanto, sabes quem é?

— Sei.

— Sabes onde o podemos encontrar?

— Não, mas posso dar uma localização possível.

— Quem é o assassino?

— Ainda não disse o meu preço.

Margarida não pareceu perturbada.

— Quanto vale a informação, Lara?

Ela olhou com bondade para Margarida.

— Vale muito, pelos vistos.

— Diz um valor.

— Não estou a falar de dinheiro.

— Como assim?

— Não quero o vosso dinheiro.

— Afinal, queres o quê?

Lara voltou a sentar-se no seu cadeirão do outro lado da secretária e recostou-se de tal forma que parecia estar relaxada, num sítio calmo e social.

— Quero algo muito mais valioso.

CAPÍTULO 37

LEONARDO E MARTA

O último dia útil da semana despertou com tréguas. Ninguém tinha sido encontrado assassinado. No entanto, a comunicação social estava ao rubro. Notícias, reportagens, comentários de especialistas, jornalistas plantados à porta da PJ, milhares de comentários e partilhas de imagens e artigos de opinião sobre o Caso Elementar. Estava a ser uma loucura mediática.

Marta estacionou o carro em cima do passeio em frente de um edifício alto da Avenida da Liberdade. Entraram e dirigiram-se à zona dos elevadores. Pressionaram o botão de subida e consultaram o telemóvel.

— Tenho sete chamadas do Teodoro — comentou Leonardo, referindo-se ao inspetor-chefe. — E tu, M&M?

Ela espreitou sem grande interesse.

— Dez.

— Ele está mesmo desesperado.

O elevador abriu as portas e duas pessoas saíram. Os inspetores entraram e carregaram no botão. O elevador, envidraçado, permitia avistar o espaço aberto no interior do edifício, com plantas variadas a transmitir um ambiente relaxado.

— Imagino a quantidade de tentativas de contacto da comunicação social, a pressão do coordenador que veio primeiro do diretor... Está aqui uma salganhada que só visto.

— E nós aqui a levar com tudo em cima. Eles que esperem.

Chegaram ao andar pretendido e saíram do elevador. À frente encontrava-se uma placa de acrílico a assinalar a empresa a que iam prestar uma visita.

Penguin Random House.

Contornaram uma esquina e chegaram a uma porta de madeira com o símbolo da editora, o mundialmente famoso pinguim. Tocaram à campainha e, segundos depois, uma rapariga nova recebeu-os com um sorriso e convidou-os a entrar.

— Estamos aqui para falar com o Hélder Carvalho. É do nosso conhecimento que ele se encontra por aqui hoje.

— Sim, mas ainda está numa reunião com a editora. Podem aguardar só uns minutos?

— Claro.

— Ele não deve demorar. Vou só avisá-lo de que estão cá para o ver.

Mantiveram-se em pé junto da receção e repararam num armário cheio dos livros publicados pela editora num pequeno corredor em frente. Caminharam para lá e distraíram-se a olhar para as capas.

O telemóvel de Leonardo voltou a tocar. Era Paulo Teodoro. Colocou o telemóvel no silêncio e ignorou a chamada.

— Em algum momento teremos de falar com ele, Leo.

— Falamos pessoalmente. Não estou para arruinar os meus tímpanos com os gritos dele ao ouvido. Mas se queres assim tanto, liga tu.

— Passo.

— Foi o que eu pensei.

— Achas que o assassino está mesmo a matar com os quatro elementos?

Leonardo não estranhou a mudança de assunto. Ele próprio não parava de pensar nisso desde que a comunicação social batizara o caso publicamente.

— Não sei o que pensar, mas não me surpreendia se a próxima vítima morresse dessa forma.

— O assassino tem asfixiado as vítimas; a primeira com água, submergindo a vítima, e a segunda com o fogo, asfixiando com os gases do fumo e das altas temperaturas.

— Sobra Ar e Terra.

— Para usar o elemento Terra pode enterrar a vítima viva, por exemplo.

— Acabaria por asfixiar, exato. E do ar?

— Não sei, mas certamente que envolve asfixiar a vítima, talvez retirando o acesso livre ao ar, sufocando-a. Talvez até seja a forma mais fácil de matar das quatro.

— Basta usar uma dose de *Rohypnol* mais alta que a vítima deixa de respirar.

— Seja qual for a missão do Asfixiador, está a resultar. A discussão sobre este assunto está a aumentar de tom e a gerar uma enorme discórdia entre as pessoas.

— É bom que o Hélder nos dê explicações convincentes.

Aguardaram mais uns minutos, que pareceram horas. O escritório da editora estava envolto num silêncio profissional, com uma conversa ocasional sobre um autor ou um livro. Ao fundo, ouviram uma gargalhada.

— Ainda aqui estão, inspetores?

A rececionista passou pelo corredor onde eles se encontravam e olhou-os com estranheza.

— Sim, continuamos à espera do Hélder Carvalho.

A maneira como a rapariga expressou confusão disparou um alarme em Leonardo, que sentiu o corpo retesar.

— A reunião já terminou há mais de dez minutos. Pensei que ele tivesse vindo ter convosco. Eu tive de ir falar com uma colega e não estava por aqui, achei mesmo que ele estivesse convosco. Eu avisei-o...

Saíram do corredor e, sem pedirem licença, vasculharam o escritório, entrando em salas vazias e em gabinetes sem pedirem licença. Palmilharam cada metro do open space onde se viam várias pessoas à secretária, a trabalharem ao computador.

— Polícia Judiciária! Alguém viu o Hélder Carvalho?

O grito de Marta teve como resposta um coro de «nãos» de todos os funcionários da editora, perplexos e assustados com a interrupção do silêncio.

— Quem é a editora com quem ele teve uma reunião ainda agora?

Uma mão surgiu no ar, e os inspetores dirigiram-se para lá. O rosto da editora de Hélder estava ruborizado perante a atenção que recaía sobre si, o cabelo encaracolado a emoldurar um rosto comprido

e esguio.

— Como se chama?

— Júlia. Mendes.

— Júlia, há quanto tempo terminou a sua reunião com o Hélder Carvalho?

Ela pareceu ficar atrapalhada.

— Uh... há uns dez minutos. Talvez quinze. Foi agora mesmo.

— E para onde foi ele?

— Eu vim para aqui e assumi que ele tinha ido ter com vocês. A Andreia avisou-nos que queriam falar com ele e até despachei a reunião mais depressa para não vos fazer esperar.

Os inspetores praguejaram baixinho e, confusos, correram para a saída. Apressaram-se a chegar à zona dos elevadores, a incompreensão do sucedido a revolutear nos seus pensamentos. Quando o elevador chegou, atiraram-se para o interior e pressionaram o botão do rés-do-chão.

— Que raio aconteceu? Por que razão fugiu de nós? — perguntou Marta, quase colada à parede de vidro para visualizar o piso térreo do edifício, na procura da silhueta do homem.

— Ele aproveitou que estávamos fora do caminho para fugir. Não devíamos ter anunciado a nossa presença. De certeza de que ele já soube da nossa conversa com a Tânia do clube de leitura e das nossas desconfianças relativamente a ele.

— Achas que...

— Que ele está envolvido nos crimes?

Ninguém sabia dar a resposta.

Ao chegarem ao piso térreo, correram para o exterior do edifício, afastando algumas pessoas pelo caminho. Foram sugados pelo ar quente que circulava lentamente pela avenida. Só pararam de correr ao pisarem a estrada. Olharam para os dois sentidos, os olhos a focarem cada pessoa.

Ninguém estava a correr, a fugir deles. Estava tudo pacífico.

Hélder Carvalho desaparecera.

CAPÍTULO 38

LEONARDO E MARTA

Minutos após a fuga do escritor Hélder Carvalho, foi enviado um alerta nacional.

Passaram o resto da manhã no gabinete da PJ a discutirem os motivos para a sua fuga e a pesquisar sobre ele. No entanto, tudo o que liam só o enaltecia enquanto pessoa e autor. Ainda mais agora, que era do conhecimento público o trabalho que ele estava a desenvolver para o novo livro. Era uma causa nobre e seria mais uma ajuda para uma comunidade tão discriminada no país. Mas agora ele fugira, precisamente quando o iam confrontar com o facto de que duas das pessoas que eram contra a sua presença nos grupos de leitura da AUPDL serem as vítimas do Caso Elementar.

Coincidências?

Nem Leonardo nem Marta acreditavam nisso.

— Se reparares, todas as notícias e mesmo as publicações no site dele e nas redes sociais remetem para os anos mais recentes — notou Leonardo.

— Sim, não há nada sobre a juventude dele. A primeira publicação é como autor, aquando do primeiro livro — observou Marta, admirando uma versão mais jovem, magra e cabeluda do escritor. — Se calhar quis tornar as suas contas mais profissionais, mais direccionadas para os livros, e deixar a vida privada fora do foro público.

— Não terá um perfil pessoal?

Ela procurou na descrição do perfil, e até nos seguidores de Hélder, mas os «Hélderes» que o seguiam em nada tinham a ver com ele na foto de perfil. Dava a ideia de que realmente não tinha qualquer conta pessoal em nenhuma das redes sociais.

— Será que está mesmo só a querer mostrar-se um autor profissional ou...

— Tem algo a esconder do seu passado? — completou Marta, assentindo perante a ideia do colega.

— Temos de investigar.

— Queres começar por onde?

Aproximaram-se do quadro de cortiça. Uma fotografia de Hélder Carvalho estava bem no centro, com vários pontos de interrogação em redor.

— Nada melhor que falar com as pessoas que o acompanharam desde sempre.

CAPÍTULO 39

LEONARDO E MARTA

Através da editora, chegaram ao contacto com uma grande amiga do escritor, que era precisamente a fotógrafa oficial de Hélder, que tirava as fotografias de autor impressas nos livros e outras para promoção dos mesmos nas redes sociais; ela conhecia os pais de Hélder Carvalho. Infelizmente, não tinha os contactos telefónicos deles, mas sabia onde moravam por já ter feito uma sessão fotográfica lá e sabia que eles passavam a maior parte do dia fora de casa. Costumavam regressar apenas ao final da tarde, pelo que teriam algumas horas livres.

Aproveitaram esse tempo, então, para ir a casa de Carlos Caetano, visto que ele já lhes tinha enviado uma mensagem a dizer que tinham atualizações, mas que o queriam fazer pessoalmente.

Isso significava que ele e a mãe tinham novidades relativamente a Roberta Schulz.

Estavam, por isso, a passar a Ponte 25 de Abril, com Marta a conduzir o seu *Chevrolet*, o ar a entrar pelas janelas abertas e a agitarem as roupas leves dos inspetores.

Leonardo observava um cacilheiro fazer a lenta viagem do Cais do Sodré rumo a Cacilhas. Recordava-se de ir de mão dada com a mãe pela plataforma metálica de acesso ao barco, a bater com os pés no chão para fazer mais barulho, enquanto Margarida o puxava pela rampa que terminaria no cais onde o barco estava atracado, à espera dos passageiros. Houve um tempo em que o toque dela, a sua

presença, lhe dava conforto. No meio de tantos estranhos, a mão dela a agarrar a sua com firmeza era o suficiente para se sentir seguro. Adorava subir às cavalitas dela e levar com o ar molhado no rosto. Nunca mais andara de barco. Estranhou sentir um aperto no coração e na boca do estômago. Seriam saudades desses tempos?

Dez minutos depois, chegaram ao apartamento de Carlos. Margarida encontrava-se sentada no sofá, de café na mão. O fisioterapeuta tirou mais dois cafés para os inspetores e acomodaram-se na sala, os inspetores de um lado e Carlos e Margarida do outro.

— Contem lá o que descobriram — pediu Leonardo, tentando ignorar a escuridão a remexer-se no peito, um monstro a querer erguer-se.

Carlos contou tudo o que tinham feito, notando-se um certo entusiasmo perante toda a adrenalina da situação.

— E o que quer essa Lara em retorno para nos dizer o nome do assassino? — perguntou Leonardo, mostrando-se nada impressionado.

Margarida e Carlos trocaram um olhar suspeito, que inquietou os inspetores.

— A Lara quer que apaguem tudo o que têm sobre ela nos registos da PJ.

Leonardo levantou-se com brusquidão.

— Nem pensar. Não vou compactuar com criminosos dessa forma.

Saiu da sala e Marta correu atrás dele, agarrando-o pela mão com veemência. Ele parou e manteve-se de costas uns segundos, a respirar. Virou-se para ela.

— Não podemos fazer isso, M&M. Não podemos.

— Leo, escuta-me. Claro que não podemos fazer isso.

— Obrigado. Pensei que me ias convencer a ceder.

— Ainda não acabei.

Leonardo revirou os olhos, sem acreditar.

— A questão que tens de te colocar é: quão forte é o teu desejo de apanhares a Roberta Schulz e vingares a morte do teu filho? Quando tiveres essa resposta bem formulada, saberás o que fazer com esta proposta.

Ele abanou a cabeça, percebendo que ela tinha razão.

— Portanto... achas que devíamos aceitar? Vamos cometer uma ilegalidade?

— Leo, achavas que íamos chegar à Roberta sem fazermos sacrifícios?

Colocou as mãos na cintura.

— O que farias tu?

— Se tivessem assassinado o meu filho, faria tudo o que estivesse ao meu alcance para o vingar.

Leonardo olhou-a profundamente nos olhos, as íris a cintilar, carregadas de certeza. Expirou longamente, rendendo-se às evidências. No fundo, ele sabia que teria de dobrar um pouco as suas noções de legalidade para chegar a Roberta Schulz. Nunca o iria conseguir pelos caminhos próprios e legais, porque ela própria jogava sujo.

Quando voltou a entrar na sala, vinha com a decisão tomada.

— Aceitamos a proposta. Como quer ela fazer isso?

— Só precisam de deixar entrar no vosso gabinete uma rapariga que tem, digamos, conhecimentos informáticos avançados e deixá-la aceder ao vosso computador. Ela trata do resto. Vocês não têm de fazer mais nada — explicou Margarida.

— Estamos a falar de uma Lisbeth Salander portuguesa? — brincou Marta, referindo-se a uma das personagens míticas criadas por Stieg Larsson.

— Precisamente.

— Quando é que essa rapariga pode fazer o trabalho? — quis saber Leonardo.

— Agora mesmo.

Leonardo e Marta olharam um para o outro, intrigados.

— Faz o telefonema, Margarida. Ela que vá já para a PJ. Encontramo-nos lá. E é bom que não nos apareça uma rapariga cheia de piercings e tatuagens a dar nas vistas.

Margarida pegou no telemóvel e sorriu para o filho.

Leonardo sentiu o coração aquecer com as memórias de infância que floresceram com esse gesto.

CAPÍTULO 40

LEONARDO E MARTA

Uma hora depois, os inspetores desceram ao piso de entrada do edifício da Polícia Judiciária e assustaram-se com a quantidade de jornalistas que ocupava o espaço no exterior. Alguns tagarelavam para as câmaras, outros viam atualizações nos telemóveis, outros cochichavam entre si, mas o barulho era imenso.

Atrás dos jornalistas, várias pessoas com a bandeira arco-íris, agitada constantemente, efetuavam cânticos a favor da comunidade, para gáudio de alguns repórteres de imagem, que filmavam a ação, à falta de atividade mais interessante da Judiciária.

Cinco seguranças mantinham uma zona desimpedida entre a entrada e a massa de repórteres, para que as pessoas pudessem aceder aos serviços da Judiciária dentro da normalidade.

— A rapariga ainda não chegou — afirmou Marta, consultando o relógio. Espreitaram para a zona da receção, de onde sobressaía o detetor de metais, e viram apenas uma mulher e um homem mais velhos a aguardarem sentados.

— Se algum daqueles jornalistas a vê entrar e a associa a essa criminosa, Lara... Lara quê?

— Diogo. E não, ninguém me viu entrar.

Os inspetores olharam com surpresa para o lado. Uma rapariga de cabelo curto, preto e de pele clara como leite, aguardava junto dos elevadores.

— Eu até ia sozinha, mas não sei onde fica o vosso gabinete.

— Já passaste pela segurança?

Ela olhou-os com enfado e ajeitou a alça da sua mala no ombro direito.

— Vamos despachar isto? Não me sinto propriamente em casa.

Os inspetores entreolharam-se.

— Ao menos, não vem cheia de piercings ou com o cabelo espetado.

Leonardo sorriu e avançaram para os elevadores.

— Vamos lá cometer um crime mesmo no interior da PJ.

— Vamos é ficar um passo mais perto da Roberta Schulz — corrigiu Marta, com ânimo. — Isso é que é importante e é nisso que nos temos de focar.

Leonardo aquiesceu. Claro que ela tinha razão, mas não deixava de sentir que estava a fazer algo demasiado errado para o seu código moral.

No entanto, ao recordar-se do cadáver de Laura, voltou a ver vermelho e uma mancha de escuridão agitou-se no peito. Nem por um momento duvidou que aquele era o melhor caminho para fazer justiça. E o mais correto. Para já, queria encontrar o assassino do seu filho. Nada mais importava.

Depois, logo via o que faria.

CAPÍTULO 41

CARLOS

Teria a hacker de Lara conseguido apagar o cadastro da criminosa? Teria ela cometido o crime sem levantar ondas na Polícia Judiciária?

Quando se preparava para voltar à clínica para fazer as últimas horas da semana, recebeu uma mensagem. Era de Leonardo.

«Feito.»

Entrou na sala, e Margarida, absorta em pensamentos, despertou ao ver a urgência no rosto do jovem fisioterapeuta.

— Ela conseguiu?

— O cadastro da Lara Diogo está oficialmente eliminado dos registos da Polícia Judiciária. Está feito.

Margarida levantou-se, animada, e pegou no telemóvel. Ligou para Lara e esta atendeu ao fim de dois toques.

— O trabalho está feito — anunciou. — A nossa parte do acordo está cumprida. Está na hora de cumprires a tua.

— Muito bem. Que assim seja. Enviarei o documento que temos sobre o assassino a soldo em questão para o WhatsApp deste número.

— Obrigada.

— Obrigada, eu. Foi um prazer fazer negócio contigo, querida Maggie. Tens de passar por aqui um dia em que não estejas a trabalhar. Para nos divertirmos.

— Fica bem, Lara — cortou Margarida, desligando a chamada, mas Carlos notou-lhe um ligeiro enrubescimento. — Que foi? Já fui

jovem, sabias?

— Eu não estou a dizer nada.

— Mas estás a pensar.

Um toque de notificação dispersou a conversa e Margarida abriu a conversa com Lara.

Avistou imediatamente um documento PDF com o nome do assassino. O homem que matara o seu neto Raul.

— Não vais enviar para o Leonardo? — perguntou Carlos, vendo-a tão vidrada no nome.

— Não.

— Então?

— Hoje vou reencontrar-me com a minha filha. Ele vai lá estar.

— Vais dar-lhe a informação pessoalmente?

— Sim. Prefiro assim.

Carlos saiu para regressar ao trabalho e ela sentou-se novamente no sofá, absorta no meio de todo o silêncio que não a impedia de estar envolvida por centenas de pensamentos sobre a vida e os malditos ses.

Estaria Laura viva se não fosse pela intervenção dela?

Estariam a sofrer pela morte de Raul se não fosse por ela?

Farta, voltou a pegar no telemóvel, abriu a conversa com Lara e fez o download do documento. Queria ver o rosto que causara tanta desgraça na sua família.

CAPÍTULO 42

LEONARDO E MARTA

Os inspetores haviam decidido passar pela morada oficial de Hélder, em Marvila, sabendo de antemão que seria uma viagem em vão. No entanto, era algo que tinham de fazer. Tocaram à campainha durante largos minutos, mas ninguém respondeu. Encontraram dois vizinhos, mas nenhum o tinha visto naquele dia. Por isso, com a suspeita de que algo estava muito errado, voaram para a morada dos pais, contando que estes já estivessem em casa. Não iam arrombar a casa do escritor sem um mandado de busca, documento que Marta já tinha pedido ao inspetor-chefe, mas que ainda demoraria.

Ao chegarem à moradia de dois pisos do casal, tocaram à campainha. A rua era tranquila, pelo que tinham deixado o carro em cima do passeio, próximo do muro. O gradeamento era de ferro forjado, com entrelaçados estilizados. No interior, o chão era empedrado e avistavam-se alguns canteiros floridos. Um gato cinzento estava deitado a apanhar sol. Ao fundo da rua, avistaram a piscina municipal de Alcabideche.

A porta de madeira maciça abriu-se quando Marta se preparava para tocar novamente à campainha. Um homem esguio, com cabelo e barba grisalhos, surgiu enquadrado no umbral da porta. Sorriu para os inspetores e avançou os poucos metros que separavam a entrada da casa do portão da moradia. O gato manteve-se deitado, refastelado, como se fosse dono daquilo tudo.

— Boa tarde, posso ajudar-vos?

O sorriso do pai de Hélder Carvalho era sincero e afável. Parecia ser daquelas pessoas de que era impossível não gostar.

— Boa tarde. É o senhor Manuel Carvalho, certo?

Olhou para Leonardo, que fizera a pergunta, e manteve o sorriso sincero, o de quem encontra desconhecidos na rua e que quer ser simpático.

— Sou, sim. E vocês?

— Nós somos inspetores da Polícia Judiciária. Sou o inspetor Leonardo Rosa, e esta é a minha colega, a inspetora Marta Mateus.

Acenaram um ao outro e os inspetores mostraram o distintivo.

— Por que razão estão aqui? Aconteceu alguma coisa?

— Precisamos de falar consigo e com a sua mulher sobre o vosso filho.

— Qual?

— Hélder.

Ele assentiu e perdeu o sorriso.

— Ele está bem?

— Esse é que é o problema. Não sabemos onde nem como está e gostaríamos de contar convosco para nos ajudar a descobrir.

Manuel pareceu ficar preocupado e abriu o portão para os deixar entrar. Levou-os diretamente para a sala, onde Maria Teresa via um programa na televisão. Perante o surgimento de visitas, desligou o aparelho e levantou-se para os cumprimentar.

— Por que razão a PJ quer falar do nosso filho? O que se passa? — perguntou Maria Teresa, após as apresentações. Tinha o rosto repleto de preocupação. Era uma mulher alta, de aspeto jovem e com o cabelo dourado, pintado na perfeição.

Sentaram-se no sofá e em cadeiras, o silêncio pesado de preocupação.

— Vamos ser diretos — avisou Marta, assumindo a iniciativa. — Sabemos que o vosso filho está a escrever um livro sobre a comunidade LGBTQIA+ no sentido de a desmistificar perante o grande público.

— Sim, nós sabemos — comentou Manuel, orgulhoso.

— Aconteceu algo que nos deixou, digamos, consternados. Já falámos com o vosso filho e ele pareceu realmente interessado em ajudar a comunidade, mas no decurso da nossa investigação do Caso

Elementar, como decerto já ouviram falar...

Os pais ficaram mais pálidos. Todos já ouviram falar do caso. Era demasiado excêntrico e chocante para passar despercebido.

— Bom, acabámos por falar com pessoas da AUPDL, onde conhecemos o Hélder, e isso levou-nos a querer falar novamente com o vosso filho por causa de um assunto. Mas quando chegámos à editora para falar com ele, fugiu. Desapareceu. Como devem imaginar, isso levantou inúmeras suspeitas, e ele agora é procurado pela polícia para prestar declarações.

— O Hélder... fugiu?

— Sim, consegui enganar-nos no escritório da editora. Nem o vimos desaparecer. Precisamos de saber se sabem de algum sítio onde ele possa ter ido. Em casa não está. Sabem de mais algum local onde possa estar?

Os pais de Hélder pareciam demasiado preocupados, em choque.

— Vocês não acham que o Hélder... ele... é o...

— Não podemos comentar investigações em curso. Mas porque faz essa pergunta? Desconfia do seu filho?

Marta inclinou-se para a frente.

Eles pareciam não conseguir falar, tal era a emoção e o sofrimento que emanavam. Começaram a ficar de rostos vermelhos, prestes a chorar.

Manuel começou a abanar a cabeça, claramente em negação; queria convencer-se de que as suspeitas eram impossíveis. Maria Teresa olhava para o vazio, as lágrimas a correrem, mas foi ela quem falou sem mover o olhar.

— O nosso filho tem um historial de bullying.

— Ele sofria de bullying? — perguntou a inspetora.

— Não — Maria Teresa baixou os olhos —, ele *era* o bully.

— Sempre teve um enorme preconceito contra pessoas que, no ver dele, não fossem «normais» — concluiu o pai.

— Como os homossexuais? — Leonardo levantou a sobrancelha.

Os pais acenaram.

— Mas desde há uns anos que mudou. Deixou de fazer comentários desagradáveis, começou a ler coisas mais inclusivas, até que começou a escrever este novo livro.

— Acha que o livro é uma espécie de redenção? — perguntou

Marta.

— Sim, foi isso que ele nos disse — confirmou Maria Teresa.

— O nosso filho mudou. Tenho a certeza de que não foi ele quem matou aqueles dois jovens... e muito menos daquela forma horrível. Ele não seria capaz.

— Conhecem algum sítio onde ele possa estar? Ele tem um irmão, certo?

— Uma irmã, a Madalena.

— Diga-nos a morada dela, por favor.

Marta apontou na aplicação das notas no telemóvel.

— E de resto, não há mais nenhum local onde ele possa estar?

O casal entreolhou-se.

— Ele costuma visitar o avô quase todos os dias. O meu pai — clarificou Maria Teresa. — Ele teve um AVC há uns anos e desde aí que mal se consegue mexer. Vive em casa, mal sai de lá, e eles sempre tiveram uma grande ligação. Já insistimos para o meu pai ir para um lar onde seria mais bem tratado, mas ele é casmurro e recusa-se a sair de casa.

— Quem cuida dele?

— Há algumas enfermeiras de um lar de uma pessoa que conhecemos que vão lá à vez cuidar dele, lavá-lo, medicá-lo e fazer um pouco de companhia. Ele está muito prostrado, mal fala e mal consegue andar, embora às vezes seja mais preguiça do que falta de capacidade, mas pronto. O Hélder, que assistiu ao episódio de AVC, faz questão de ir lá quase todos os dias passar umas horas com o avô. Como se a culpa fosse dele. Nós vamos lá ao fim de semana fazer-lhe companhia, mas o Hélder, como tem mais disponibilidade, vai sempre que consegue.

— Os últimos dois livros dele foram escritos lá, à frente do avô — acrescentou Manuel, carregado de orgulho.

Pediram a morada do avô de Hélder, a qual foi prontamente fornecida.

Leonardo levantou-se e caminhou pela sala, observando com atenção as fotografias. Hélder tinha sido uma criança alta, encorpada e atlética. Meteria respeito a qualquer aluno, principalmente quando fosse dos mais velhos da escola. No entanto, com o passar dos anos, acabara por engordar e perder cabelo, parecendo ter envelhecido

muito mais além dos seus vinte e sete anos.

O corpo podia mudar, obviamente. Era até de esperar que tal acontecesse.

Mas podia a personalidade de uma pessoa mudar assim tanto?

CAPÍTULO 43

LEONARDO E MARTA

A busca à casa da irmã de Hélder Carvalho fora infrutífera. Nem o escritor estava lá escondido, nem ela sabia do seu paradeiro.

— Achas que o Hélder pode mesmo ter mudado?

Leonardo, sentado no lugar do pendura, enquanto Marta conduzia na direção da morada do avô do escritor, encontrava-se pensativo, as mãos unidas sobre o colo.

— Na minha opinião, as pessoas não mudam. Podem afinar um comportamento ou outro, por vezes para facilitar um relacionamento sem discussões e atritos, mas mudar a personalidade por completo, parece-me difícil.

— Então, por que razão está o Hélder a escrever um livro para apoiar a comunidade LGBTQIA+?

— Não sei — admitiu. — Talvez para ele próprio se convencer de que fez mal. Se calhar, ele quer acreditar nisso e está a investigar não para convencer os outros, mas a si próprio.

— E porque é que ele fugiu?

O inspetor baixou a janela, aproveitando o ar mais fresco do final de tarde.

— Isso é que me está a lixar, M&M. Eu não acredito que as pessoas mudem. As pessoas não mudam, mas os comportamentos do Hélder são contraditórios ao seu perfil psicológico. Não dá para delinear um perfil assim tão facilmente para ele. É uma incógnita.

— É um grande ponto de interrogação, portanto.

— É mesmo. Se fosse inocente, não fugiria.

Consultou o relógio e Marta reparou que ele parecia subitamente nervoso. Colocou uma mão sobre a perna dele e apertou com gentileza.

— Sei que estás nervoso por hoje à noite, mas confia em mim: vai correr tudo bem.

Leonardo sorriu para Marta e o seu coração aqueceu.

Como pudera negar o que sentia por ela durante tanto tempo?

O avô materno de Hélder, Agostinho Soares, vivia no centro do Lumiar, numa rua espaçosa, com passeios largos e abrigados. Tocaram na campainha do segundo esquerdo, sendo atendidos por uma voz de mulher. Ela abriu-lhes a porta após as identificações. Entraram no prédio e subiram até ao segundo andar, onde a porta se encontrava aberta. Através da abertura, conseguiam ouvir a televisão a emitir um programa noticioso com o volume bastante alto.

— Podemos? — perguntou Marta, batendo na porta com vigor para se fazer ouvir acima da televisão. Abriu a porta e viram uma casa relativamente limpa, cheia de antiguidades, como se de um museu se tratasse. Mesmo que não soubessem, saberiam que se tratava da casa de uma pessoa idosa.

— Boa tarde, inspetores — cumprimentou uma mulher com cerca de sessenta anos, com uma bata branca por cima da roupa, e uns modos encantadores. Ao pescoço brilhava uma corrente fina, cujo pendente se perdia no decote da bata. O sorriso bonacheirão da enfermeira, marcado por um batom cor de romã e um leve perfume adocicado, conquistou os inspetores. Estendeu a mão e deu-lhes um aperto cheio de vivacidade assim que entraram na habitação. — Chamo-me Beatriz, sou uma das enfermeiras que trata do senhor Agostinho. Desejam alguma coisa? — perguntou, pegando num jarro de vidro comprido e vertendo água para um copo, colocando uma das mãos na base do jarro para o equilibrar e conseguir controlar o fluxo de água para o recipiente, o dedo mindinho espetado para fora.

— Não queremos nada, obrigado.

— Só um momento — pediu, depois de encher meio copo. Dirigiu-se à sala, onde se ouviu a sua voz doce e compreensiva a incitar

Agostinho a beber água. — Posso saber o que vos trouxe cá? — perguntou, depois de pousar o copo intocado na mesa da sala.

— Chama-se Beatriz...

— Cândida.

— E cuida do senhor Agostinho todos os dias?

— Não, senhor. Venho cá às quartas, quintas e sextas. Depois há outras duas enfermeiras, a Carla e a Sílvia, que vêm dois dias cada, uma às segundas e terças e a outra aos fins de semana.

— Trabalha em mais algum sítio?

— Sim, num lar de idosos. Faço cuidados ao domicílio a três utentes, mas o senhor Agostinho é o caso mais grave pelos efeitos do AVC que teve.

— Sempre trabalhou em lares?

— Não, senhor. Nos meus tempos áureos, trabalhei no Hospital de Santa Maria, onde era pau para toda a obra. Estive lá na crise de sida dos anos oitenta, uma loucura que só visto. Depois, quando comecei a ficar mais cansada, surgiu a oportunidade de entrar no mundo dos lares, onde não se ganha nada mal, e aceitei. Estava farta do corrupção dos grandes hospitais. Precisava de estabilizar um pouco, sabem? A vida de enfermeira não é fácil, e antigamente nem tínhamos quase direitos nenhuns como agora. Enfim, eram outros tempos — encolheu os ombros, sorrindo para eles, expectante, a pele macilenta a enrugar-se nos cantos dos lábios.

— Podemos ver o senhor Agostinho?

— Claro, estejam à vontade. É só seguirem o barulho da televisão. Eu vou ali preparar os medicamentos e já vou ter convosco.

Os inspetores dirigiram-se para a sala, com mobília antiga e puída, caduca. A televisão, apesar de tudo, era bastante recente, contrastando com tudo o que existia naquela casa.

Sentado numa cadeira de rodas, refastelado como se estivesse naquela posição há várias horas, Agostinho Soares olhava para a televisão com as pálpebras a meia haste, quase fechadas, a cabeça a pender sobre o ombro esquerdo. Um fio de baba começava a surgir do canto da boca. O cheiro a naftalina era omnipresente e mais intenso ali.

— Qual é a cena dos velhos e a naftalina? — comentou Marta, em surdina.

— Senhor Agostinho, vamos lá acordar! Tem aqui a medicação para tomar.

Beatriz entrou na sala com o à-vontade de quem fazia aquilo há muito tempo. Pegou no copo de água que enchera há pouco e aproximou-se do idoso, com os comprimidos na outra mão. Os inspetores conseguiram avistar pelo menos uns cinco.

— É para a tensão, para o coração, para tudo e mais alguma coisa — disse a enfermeira, encolhendo os ombros. Ao debruçar-se sobre o idoso, o pendente surgiu, revelando momentaneamente a imagem de Nossa Senhora de Fátima. — Acreditem que, no lar onde trabalho, há pessoas que tomam bem mais medicamentos. Isto não é nada de especial.

O homem abriu os olhos e endireitou a cabeça, olhando com agrado para Beatriz. Esta estendeu-lhe o copo e Agostinho esticou o braço tremido, agitando o copo enquanto o levava à boca. Beatriz colocou, um a um, os comprimidos na boca de Agostinho, aguardando que ele engolisse antes de colocar outro.

— Temos conhecimento de que o neto do senhor Agostinho, Hélder Carvalho, costuma vir cá com frequência — lançou Marta, quando todos os comprimidos tinham desaparecido.

— Sim, ele é um neto espetacular. É o que vale ao senhor Agostinho, senão a única companhia durante a semana éramos nós e mais nada. O último livro do Hélder foi escrito à minha frente — informou, o olhar a brilhar de orgulho e satisfação. — Parte dele, pelo menos. Já leram?

— Não.

— Deviam. É um romance em que há um triângulo amoroso, adoro essas histórias. Já chegou à quarta edição, vendeu mais de dez mil exemplares.

— Vamos pensar nisso. Hoje ele veio cá?

— É assim, eu só cheguei há coisa de uma hora e não o vi. — Virou-se para Agostinho. — O seu neto veio cá hoje?

Ele virou a cabeça lentamente para a enfermeira e pareceu não ter compreendido nada.

— Que dia é hoje?

— Quinta-feira.

— Acho que não — disse, hesitante. — Ontem veio, mas hoje acho

que não.

Marta pegou num cartão com o seu número e entregou a Beatriz.

— Se a Beatriz ou outra das enfermeiras encontrar o Hélder, podiam ligar-me, por favor? É urgente.

Na televisão, o jornalista começou a falar do Caso Elementar, tentando dar a entender que havia novos desenvolvimentos, para manter a audiência.

Leonardo olhou para a televisão, a sua escuridão a revoltar-se perante o escrutínio público e descarado do seu trabalho. Agostinho virou a atenção para o ecrã e o inspetor notou uma sombra de repulsa no olhar do idoso assim que começaram a surgir imagens dos protestos da comunidade LGBTQIA+.

— Mas o Hélder está metido em apuros? — insistiu a enfermeira, preocupada.

— Filhos da puta — disse Agostinho, numa voz arrastada e abafada pela televisão.

— Não podemos comentar — avançou Marta.

— Tudo bem. Compreendo. Só quero que saibam que o Hélder é um menino de ouro e que tenho a certeza de que não fez nada de mal.

Agostinho começou a tossir e Beatriz acudiu o idoso, de lenço na mão, com uma rapidez que denotava o hábito daquele gesto.

Foi com alguma frustração que abandonaram o apartamento, mas no caminho de regresso fizeram questão de pedir a Teodoro que colocassem alguém a vigiar aquela casa; a probabilidade de Hélder aparecer era elevada, dada a estima que tinha pelo avô. O inspetor-chefe apenas acedeu depois de eles relatarem as novidades, que o deixaram mais furioso por não terem feito grandes avanços na investigação.

CAPÍTULO 44

LEONARDO

Caminhava distraidamente pelo chão polido, alheado do espaço à sua volta.

— Estás nervoso?

Com o rosto fechado, demorou a perceber que a irmã estava a falar consigo. O olhar preocupado que tanto vira durante a vida mirava-o com intensidade. Quando ficaram órfãos, fora Mafalda a cuidar de si, como se de um filho se tratasse. A ela lhe devia tudo. A ela devia quem era hoje e o que alcançara na vida.

— Leonardo!

Ele voltou ao presente e tentou recordar-se da pergunta da irmã.

— Sim, um bocadinho. Mas é normal, certo?

Ela assentiu e um sorriso de entusiasmo nasceu dos seus olhos e espalhou-se pelo do rosto. Esfregou uma mão na outra, verdadeiramente empolgada.

— Vamos a isto. Estás pronto?

Leonardo olhou para a porta a partir da qual a sua vida iria mudar. Sentiu um nó na boca do estômago que ameaçava nunca mais desaparecer. Se avançasse com aquilo, não haveria volta a dar. Sabendo como ele era, iria até ao fim. Bastava dar o primeiro passo.

— Estou a confiar em ti para me ajudares, Mafalda.

— Claro.

Passaram uma porta envidraçada e ficaram momentaneamente deslumbrados com o brilho que o interior exalava. Leonardo começou

a sentir uma pontada de arrependimento. Nunca imaginara ver-se naquela situação novamente.

— Olha, que achas deste?

O inspetor virou-se e viu Mafalda de sorriso rasgado a apontar para o interior de uma vitrina, para uma joia elegante e sofisticada. Engoliu em seco perante a constatação da realidade.

— Acho que a M&M vai adorar.

Imaginando o rosto de Marta, viu a funcionária da joalheria retirar a peça e colocá-la em cima de um pano de veludo.

Leonardo observou com atenção cada detalhe requintado.

Era o anel de noivado mais bonito que já vira.

CAPÍTULO 45

LEONARDO

Com o anel bem acondicionado numa caixa delicada e bonita, guardada no porta-luvas do carro, Leonardo e Mafalda entraram na sala de estar da casa de Carlos Caetano.

Margarida estava de pé, hesitante, atrás do sofá, mãos apoiadas nas costas do móvel, expectante. O receio de que Mafalda reagisse da mesma forma que o irmão deixara-a nervosa.

Mas a partir do momento em que os olhos azulados de Mafalda encontraram a figura esguia e alta da mãe, Leonardo soube que teria uma reação bem diferente da sua. A irmã era mais emocional e via-se isso mesmo na incredulidade que invadiu o seu olhar, antes de ser inundado por lágrimas grossas.

— Mãe? Estás mesmo viva! Oh, mãe...

Atravessou a sala a correr, contornou o sofá de braços abertos e abraçou Margarida com saudade, o corpo aos solavancos, soluçando.

Apesar da dureza que Margarida queria transmitir, não conseguiu manter a postura perante o alívio de ver a filha genuinamente feliz por reencontrá-la.

Leonardo ficou a observar enquanto a mãe e a irmã desfrutavam daquele reencontro. Dentro de si, algo amoleceu perante a mãe. Ver a irmã tão feliz deixou-o a pensar no que sentia e em como estava a tratar a sua mãe. Fê-lo refletir sobre o que a levava a fazer o que fez. Conseguiria perdoá-la alguma vez?

Não, não iria. Ela ganhara o gosto da adrenalina ao vencer as

Olimpíadas da Morte e abandonara-os. Fora uma opção consciente dela.

Não a teria de perdoar, mas podia ficar feliz de estarem os três reunidos.

Sentado numa cadeira da mesa de jantar, assistiu às conversas sucessivas entre elas, enquanto bebiam chá. Quando a hora estava bem adiantada, decidiu desviar a atenção de Margarida para o que o levava ali em segundo lugar.

— Mãe, não tens nada para mim?

Margarida parou imediatamente de falar, o entusiasmo a morrer nas palavras contidas. Olhou com surpresa para o filho. Ele tinha-a chamado de «mãe».

— Tu...

— Não faças um grande alarido ou volto atrás.

— Tens razão. O que estavas a dizer?

— Preciso do nome do assassino.

— Sim, claro, que cabeça a minha. Já tenho as informações sobre ele.

Fechou as mãos num punho raivoso.

— Quem é o tipo que tornou a vingança da Schulz uma realidade?

— Leonardo, ouve-me com atenção — pediu. — Deixa-me ser eu a tratar do assunto. Deixa-me ser eu a sacar a informação da localização da Schulz. Não sei o que pretendes fazer a este tipo e à Roberta Schulz, mas não te esqueças de que tu ainda tens salvação. Tens hipótese de uma vida longa e feliz. Eu não. Estou marcada para o resto da vida. Posso muito bem fazer o que tu queres fazer. Afinal de contas, depois disto tudo, vou desaparecer para nunca mais voltar. Deixa-me ao menos despedir-me de vocês com uma boa ação.

Ele sabia o que lhe queria fazer, mas não sabia se teria a coragem necessária. A mãe teria. Ela podia ajudá-lo.

— Para já, a minha ideia é deter o assassino e conseguir que ele nos dê a informação do paradeiro da Schulz. Quero retirar ADN desse tipo para comparar com os vestígios biológicos encontrados no local do crime. Quero provar que foi ele, para ser levado perante a justiça e para ser preso.

— E se não encontrares nada? E se o local do crime não te der aquilo que queres? E se o tipo sair em liberdade na mesma?

— São muitos «ses», mãe. Eu não trabalho com «ses».

— Mas imagina que os resultados dessas análises são todos negativos? Que não há prova alguma de que foi ele? O que farás nessa altura?

— Aí logo verei.

— Mas não podes imaginar o cenário agora?

Leonardo nada disse. Perante o silêncio do filho, Margarida suspirou.

— Deixa-me fazer isso, filho. Por ti. Por nós.

— Não. Para já, não me parece possível. Eu trato disso. Diz-me o nome, por favor.

Margarida demorou o olhar no filho durante uns breves segundos, como que à espera de um arrependimento, um voltar atrás, mas ele limitou-se a aguardar. Resignada e sem o querer contrariar, consultou o documento no telemóvel e falou sem desviar o olhar do texto.

— Samuel Pinto. Trinta e um anos. Veio de Angola com a mulher e os filhos para ela ser tratada a um cancro da mama. A mulher não resistiu e morreu, deixando-o com três filhos, de cinco, oito e dez anos. No entanto, os filhos já lhe foram retirados pela Segurança Social por falta de condições.

— Ele não trabalha?

— Sim, mas em condições precárias.

— Faz o quê?

— O Samuel trabalha nas obras. É pedreiro e um assassino, pelos vistos.

— Onde?

Antes de Margarida lhe dizer onde encontrar o verdadeiro assassino do seu filho, começou a ver tudo com um tom vermelho e sentiu o peito inundado por uma escuridão atroz.

Só esperava conseguir controlar-se quando se deparasse com Samuel.

CAPÍTULO 46

JUSTICEIRO

Encostado à parede de um prédio antigo, o Justiceiro observava com repulsa as pessoas que entravam e saíam de um bar gay muito popular em Lisboa. As festas às sextas-feiras eram lendárias, e o próximo alvo estava ali, a saltar e a dançar, a roçar-se noutros homens sem saber o que lhe iria acontecer em breve.

Cabrões.

Estava há várias horas à espera, mas valeria a pena. Sentia um frenesim dentro de si à medida que o bar ia esvaziando e a sua presa se mantinha no interior, deixando-se ficar para trás. Para o Justiceiro, na verdade, quanto mais tarde a vítima saísse do bar, melhor. Mais espaço e discrição teria para fazer o seu trabalho. Menos testemunhas.

Continuou a olhar com desdém, escondido à vista de todos, fundido com a parede como se fizesse parte da paisagem. Ninguém suspeitava dele. Ninguém sabia que aquela pessoa que observava os acontecimentos à entrada do bar estava recheado de pensamentos obscuros e sanguíneos. E de muita revolta. E nojo.

Olhou para o telemóvel. Talvez devesse dar uso à sua conta falsa de Instagram, ainda sem publicações. Talvez a estreasse ainda naquele dia, para mexer um pouco com as pessoas e ter mais protagonismo. Podiam não saber quem ele era, mas saberiam do Justiceiro e dos seus princípios íntegros e corretos. Talvez contagiasse alguém com as suas ideias. Talvez as suas ações levassem outros a agir, a combater o que estava mal neste mundo.

Tinha fé que a sua demanda levasse a que outros fizessem o mesmo que ele. Um a um, todos os LGBTQIA+ iriam ser exterminados.

Hmm. Talvez devesse mudar o nome para Exterminador, em vez de Justiceiro.

Ficou para ponderar depois.

O alvo acabava de sair do bar e despedia-se de outros amigos, que seguiram rumos diferentes do dele. Desta vez, não teria de perseguir a vítima até apanhá-la sozinha. Só tinham de entrar num local mais recôndito e estava feito.

Como podiam eles ter coragem de andar sozinhos perante o que ele já fizera? Achariam que o mal só acontecia aos outros? Ou estariam a provocá-lo?

Não importava. Ele ia provar que tinha de ser temido.

A sua verdade iria prevalecer sobre os demais.

CAPÍTULO 47

LEONARDO E MARTA

Com um copo de papel na mão, cheio de café fumegante, Marta Mateus caminhou pela calçada e aproximou-se do colega, tocando-lhe nas costas para assinalar a sua chegada. Leonardo, vestido com um polo azul-escuro e calças bege, virou-se e sorriu para Marta. Apesar de, durante o dia, as temperaturas se aproximarem das do verão, naquele início de manhã fazia ainda algum frio. Se era motivo para ela estar com gorro a tapar o cabelo ruivo, o inspetor duvidava.

— Normalmente não és tão friorenta, M&M.

— Eu sei, mas sinto-me bem assim. Sinto que preciso de algum conforto perante estas... atrocidades.

O olhar desviou-se para a cena em frente.

Ainda não eram sete da manhã daquele primeiro sábado de junho. Quarenta minutos antes, um jovem de dezoito anos ligara ao piquete da Polícia Judiciária a relatar o que tinha encontrado num bar localizado nas imediações do Príncipe Real; por sua vez, o piquete contactou o inspetor-chefe de serviço, que contactou Paulo Teodoro, que acordou na hora os seus inspetores de serviço. Estes dirigiram-se imediatamente para o local.

Um homem completamente nu estava caído à frente do Bar Cru, de barriga para baixo, as pernas e os braços afastados como se tivesse apenas adormecido naquele local. A vítima era um homem magro, com cabelo escuro encaracolado. O rosto estava irreconhecível. Parecia que os lábios e o nariz tinham derretido. Apresentava uma

cratera do lado esquerdo; a pele da bochecha tinha sido destruída, criando um buraco que tornava possível avistar o interior da boca aberta e os dentes partidos ou lascados. O chão estava salpicado de sangue, bem como todo o corpo desnudado da vítima.

— Foda-se — disse Leonardo, ao espreitar pela cratera e avistar a língua inerte e os dentes partidos ou arrancados.

— Como... terá sido com um bastão?

— Ou com uma pedra. Pontiaguda, provavelmente.

— Sim, para fazer estes cortes todos e arrancar parte da bochecha... meu Deus, achas que ele foi apedrejado até morrer?

Leonardo assentiu, levantando-se e procurando o médico-legista, que ainda não tinha chegado.

— Eu diria que sim, mas deixa o Cristóvão chegar.

— Sim, desta vez não há dúvidas de que a vítima foi assassinada aqui. Os salpicos de sangue comprovam, no chão em torno da vítima, na parede...

Dois peritos, vestidos com os macacões brancos, começaram a trabalhar na procura e recolha de vestígios.

O Sol estava ainda muito baixo, pelo que a rua continuava nas sombras. Leonardo não conseguia imaginar a raiva que uma pessoa podia ter por outra que a levasse a cometer atos tão horríveis.

— Devíamos ir falar com o rapaz que nos alertou — sugeriu Marta. — Ele frequentava este bar. Pode saber quem ele é.

Leonardo assentiu e encaminharam-se uns metros para trás, até pararem em frente a um rapaz produzido da cabeça aos pés com roupas curtas e maquilhado. Estava sentado, encostado à parede, as pernas esticadas e o olhar perdido. Parecia tiritar de frio, mas sem dar importância nenhuma a esse desconforto.

Fizeram sinal ao agente da PSP que se encontrava ao seu lado e este afastou-se, deixando os três sozinhos.

— Olá... Como te chamas? — perguntou Marta.

— Pedrinho.

Aguardaram por um apelido, mas não veio.

— Muito bem, Pedrinho. Somos os inspetores responsáveis pela investigação.

— Sei quem são. O inspetor esteve naquelas Olimpíadas da Morte.

Leonardo ignorou a situação. Claro que aquele rapaz sabia. Era

jovem e todos os vídeos dessa terrível competição tinham-se disseminado pelas redes sociais.

— Pedrinho, conhecias a vítima?

Ele confirmou com um aceno, cabisbaixo.

— Sim. Ele ofereceu-me um copo há umas semanas. Era um tipo porreiro. Adorava divertir-se. De vez em quando, vestia as *jocks* e fazia a festa sozinho. Era muito divertido.

— Jocks?

— Jockstraps — disse, com enfado. — É quando a pessoa fica praticamente nua e tem aquela roupa interior de ligas. Os empregados no bar costumam usar muito isso. Apimenta o ambiente. E agora ele nunca mais vai fazer isso...

Deram-lhe um momento para acalmar a emoção.

— Sabes o nome dele?

— Tiago. Brito, se não me engano. Só o conhecia por BC.

— BC?

— Big Cock.

Não insistiram mais no assunto e pediram-lhe que descrevesse o que viu quando chegou ao local do crime, mas não adiantou mais ao que já sabiam. Pedrinho fora dos últimos a sair do bar, mas voltara atrás quando reparara que se havia esquecido da carteira, quinze minutos depois de ter saído, o que dava uma janela de pelo menos meia hora para o assassino encenar aquele crime. Quando Pedrinho chegou ao bar, o cenário com que se deparou era aquele que estava à vista de todos. Ele limitara-se a afastar-se do local, a sentar-se no chão e a ligar para o 112. Não saíra dali desde então.

— Inspetores.

Um agente da PSP aproximou-se com um homem atlético ao lado, os olhos vermelhos e aguados.

— Este indivíduo apresentou-se como o dono do bar. Creio que será do vosso interesse falarem com ele?

— Claro que sim. Obrigada — agradeceu Marta.

O agente foi-se embora, de regresso à zona do checkpoint onde o acesso estava cortado aos civis. Felizmente, não havia praticamente ninguém na rua àquela hora.

Deixaram que Pedrinho e o dono do bar falassem um pouco e se consolassem.

Por fim, este aproximou-se dos inspetores e parou à frente deles, de braços cruzados. Leonardo percebeu que ele estava na defensiva e que não se sentia à vontade a falar com eles. Fez sinal a Marta para tomar a iniciativa da conversa.

— Bom dia. Eu sou a inspetora Marta Mateus e o meu colega é o inspetor Leonardo Rosa. Somos responsáveis do Caso Elementar, do qual certamente terá ouvido falar.

Ele confirmou que conhecia.

— Como se chama?

— Sou o Quim. Joaquim Leiria.

Marta apontou na aplicação de notas do telemóvel.

— Conhecia a vítima?

— Tratem-me por tu — pediu. — Somos da mesma idade, parece-me. — Olhou de lado para a cena do crime e fechou imediatamente os olhos.

— Podemos falar noutro local, se preferires — informou Leonardo.

— Está tudo bem.

— Conheces a vítima, presumo?

— Sim, o BC. Tiago. Era um maluco. Acho que dava mais espetáculo do que os meus empregados, para ser honesto. Era uma ótima pessoa.

— Nós estamos a investigar um padrão nestes assassínios, por isso temos de perguntar: o Tiago era homossexual?

— Não, não era.

Os inspetores olharam com descrença.

— Hã...

— Já o vi aqui com homens e outras vezes com mulheres. Aliás, até há pouco tempo namorou com uma rapariga. Estavam numa relação aberta. Ele era bissexual.

CAPÍTULO 48

LEONARDO E MARTA

Gay, Lésbica, Bissexual. Assim eram as orientações sexuais das três vítimas.

Quim, o dono do Bar Cru, acrescentara que Tiago Brito era técnico superior de Cardiopneumologia no Hospital Pulido Valente. Não sabia onde vivia nem que família tinha, mas já era uma grande ajuda. Principalmente perante o facto de o rosto estar desfeito e quase irreconhecível.

— Cristóvão, qual foi a arma do crime?

O médico-legista, que chegara enquanto eles conversavam com o dono do bar, já analisara brevemente a cena do crime e tinha algumas conclusões para partilhar.

— Acredito que tenha sido um objeto contundente, áspero e com arestas bem afiadas.

— Uma pedra?

— Sim, das grandes. O crânio foi esmagado e o rosto desfeito. Foram executadas muitas pancadas.

— O dono do bar disse que quando fechou o estabelecimento e se foi embora, às seis da manhã, a rua estava vazia — confidenciou Marta. — Mas dá a ideia de que a vítima foi assassinada aqui.

— Sim, disso não há dúvidas. Os salpicos e as manchas de sangue provam que a vítima foi apedrejada aqui mesmo. E que já estava deitada, subjugada, quando tudo aconteceu. Vamos analisar este local a pente fino à procura de todos os vestígios de sangue, mas, pelo que

se vê, todos os salpicos e manchas corroboram essa teoria.

— Já viste se tem marca de agulha, como as duas vítimas anteriores?

Cristóvão, com luvas colocadas, agachou-se ao lado da vítima e mexeu no pescoço, procurando a marca, enquanto o assistente analisava a cavidade bucal.

— Sim, aqui está. Uma marca de agulha.

— Então, é seguro aferir que o *modus operandi* foi o mesmo no que toca à preparação do crime — adiantou Marta. — A vítima foi drogada, provavelmente com *Rohypnol*, num sítio mais resguardado, e foi transportada até aqui, onde foi deitada desta forma quando a droga a paralisou.

— Depois, o assassino teve toda a facilidade em apedrejar porque a vítima não deu luta nem se conseguia mexer. E vamos ser sinceros: se o Asfixiador tiver dado pancadas vigorosas e com ritmo, pode ter feito isto numa questão de minutos. Achas possível, Cristóvão?

— Sim, claramente. O assassino expôs-se um pouco mais desta vez, mas na verdade foi pouco tempo.

— Se formos a ver, expôs-se tanto aqui como nos anteriores — notou Leonardo. — Porque com o afogamento e o incêndio perdeu bastante tempo na encenação. Se calhar, até demorou mais tempo a colocar as vítimas onde e como as queria do que a apedrejar esta vítima. Temos uma janela de meia hora, entre as seis e as seis e meia da manhã, mas pode ter ocorrido em dez minutos.

— Ou menos, até.

— Neste caso, o Asfixiador matou a vítima à pedrada e foi-se embora assim que terminou o serviço. Não tinha de se preocupar com mais nada.

— Asfixiador? — perguntou Cristóvão, ligeiramente divertido.

— Foi o nome que demos ao assassino, já que ele acabou por matar as vítimas anteriores envolvendo a asfixia.

— Sim, e neste caso também — apontou para o pescoço da vítima. — A traqueia foi destruída no meio de todas essas pancadas. Se ainda estava viva, a vítima ficou sem poder respirar de imediato.

— Doutor?

Rodrigo, o assistente do médico-legista, que se debruçara sobre a vítima para analisar o rosto da mesma, fazia sinal para que ele se

aproximasse. Ele assim o fez, seguido de perto pelos inspetores.

— Confirma-se que esta morte pertence ao Caso Elementar.

Sem que fosse preciso perguntar o porquê, Rodrigo, utilizando uma pequena pinça, retirou um objeto quadrado do interior da boca esburacada da vítima.

Era a letra B do *Scrabble*.

CAPÍTULO 49

LEONARDO E MARTA

Água. Fogo. Terra. Ar. Eram esses os quatro elementos clássicos, aos quais o assassino parecia estar a fazer referência a cada morte do Caso Elementar.

— Achei mesmo que o Asfxiador fosse enterrar a vítima viva para corresponder ao elemento de Terra — desabafou Marta, intrigada. — É que pedra não é a mesma coisa que terra. Não faz sentido.

— Pois não. Mas poderá ele ter usado uma pedra pela semelhança com o elemento de Terra? Se a vítima fosse enterrada, podia ser difícil de encontrar.

— Mas ele arranjará alguma forma de ser encontrado, como fez com a primeira vítima.

Ficaram uns momentos parados a olhar para o corpo, enquanto os peritos e o médico-legista, mais o seu assistente, analisavam com mais pormenor a cena do crime, certificando-se de que era tudo fotografado e documentado.

— Uma coisa é certa. Ele está mesmo a matar pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Leonardo retirou uma caneta do bolso e, numa fatura antiga que estava perdida noutro bolso das calças, escreveu rapidamente:

LGBTQIA+

— Ele quer matar uma pessoa em representação de cada letra da comunidade — notou Marta, ligeiramente em choque ao ler o que o colega escreveu.

— Podemos partir do princípio que a seguir será o T? Será sensato avisar a comunidade trans para se manterem alerta? — perguntou Marta.

— Pode gerar o caos.

— Mas também pode salvar a próxima vítima.

— Avisa o Teodoro. Mas creio que ninguém da comunidade está a salvo. Não te esqueças que o assassino começou pela letra G e depois é que foi para a L, portanto pode não estar a seguir nenhuma ordem em específico.

Marta pegou no telemóvel sem mais preâmbulos, deixando Leonardo com as suas conjecturas.

— O assassino é claramente homofóbico, machista, e acha que está a fazer um grande favor à sociedade ao livrar-se destas pessoas.

— É um psicopata da merda — acrescentou Marta, terminado o telefonema. Olhou em redor, regressando a questões mais prementes e práticas. — Já estabelecemos que o *modus operandi* parece ser o mesmo em relação às outras vítimas. Portanto, faz tudo parte do mesmo caso. Mas, desta vez, temos a cena do crime e não apenas uma encenação. Temos de conseguir retirar alguma coisa daqui que não conseguimos nos outros.

— Não nos podemos esquecer de que esta é uma rua muito movimentada durante o dia e que os peritos e o Cristóvão vão encontrar muitos vestígios que são um beco sem saída.

— Eu sei, mas as manchas de sangue... Estás a ver?

Leonardo percebia o que Marta estava a insinuar. À frente da vítima, onde terá estado o Asfixiador, encontrava-se um espaço de terreno sem gotas nenhuma de sangue.

Marta aproximou-se de um dos peritos e apontou para as manchas carmesim.

— Desculpem interromper-vos, mas há algo urgente que precisava que fizesses.

— O quê, inspetora? Temos recolhido imensos vestígios, está a ser um cabo dos trabalhos.

— Eu sei, e desculpem ser chata, mas podiam só parar isso um bocadinho e analisar as manchas de sangue?

— Que pretendem perceber?

— Queremos confirmar a causa da morte e queríamos saber se era

possível conseguirmos algo do assassino pela ausência de sangue naquela zona perto da cabeça.

O perito, um jovem no início de carreira, assentiu e aproximou-se da zona do crime.

— O protocolo dita que, em primeiro lugar, temos de confirmar se se trata de sangue humano — disse, num lamento suplicante perante o ar enfadado de Marta.

— Pelo amor de deus, fazem isso depois. Vamos assumir que é sangue da vítima.

Ele assentiu e voltou a sua atenção para o rosto desfeito como cera derretida.

— Pela cor do sangue, assim um acastanhado, dá-nos a informação de que o crime já ocorreu há algumas horas, provavelmente no final da madrugada.

— Certo.

— Pela forma das manchas podemos concluir que são manchas de projeção. Podemos também aferir que algumas gotas, pela sua forma mais circular, ocorreram a uma altura muito baixa do solo, e outras apresentam forma semelhante, mas com as bordas mais em estrela, assim mais irregulares — apontou para umas manchas em específico perto da zona sem sangue —, o que indica que poderá ter caído de uma altura de mais de quarenta ou cinquenta centímetros.

— Ou seja, a vítima foi assassinada precisamente nessa posição.

— Sim. Não há qualquer indício de ter sido transportada após a morte. Nem o corpo foi mexido depois de morto.

— E as manchas que sugerem uma altura maior de projeção podem ter tido origem na arma do assassino, que foi ficando salpicado de sangue à medida que foi golpeando a vítima sucessivamente?

— Sim, diria que sim.

— Então, o assassino esteve ajoelhado ao pé da vítima e utilizou um objeto contundente, como uma pedra, e atacou-a sucessivamente até lhe desfazer o rosto e a traqueia.

O perito assentiu.

— Pelo que pude observar, as vossas conclusões estão certas.

— E é possível ter uma noção do tamanho do assassino pela zona onde há ausência de sangue?

O perito levantou-se e, de braços cruzados, olhou clinicamente

para a zona de interesse.

— Deixem-me fazer algumas medições e cálculos.

— Força. Obrigado.

Ele assentiu e afastou-se para ir buscar o material para executar essa análise. Enquanto esse perito se debruçou sobre as contas, um outro chamou-os até à parede contígua à entrada do bar. Apontou para o chão.

— Estão a ver isto?

Os inspetores aproximaram-se e sentiram a pulsação aumentar.

— É uma pegada.

— São três, na verdade. Uma aqui e mais duas até àquele caixote do lixo — apontou para um caixote verde mais em baixo. — O assassino pisou aquela mancha de sangue inadvertidamente. Mas aquelas duas são parciais; esta é a única pegada completa.

— Qual é o tamanho da pegada? — cortou Marta.

— Já medi e será o 43/44. Tal como no crime anterior do vosso caso.

Leonardo olhou para Marta, que mordiscou o lábio para não sorrir. Depois, teve uma ideia.

— Já viram o conteúdo do caixote do lixo?

O perito pareceu ter sido apanhado de surpresa.

— Desculpe?

— Se viram aquele caixote?

— Ainda não... Temos imensas coisas para fotografar, catalogar e registar. Mas já lá vamos, claro.

— Nós vamos agora.

Avançou sem mais delongas até ao caixote. Levantou a tampa e, com o auxílio da lanterna do telemóvel, verificou o interior do mesmo. Avistou muitos copos de cerveja, mas num dos cantos havia uma depressão criada por um objeto de tamanho considerável que fora despejado por cima, amassando-os.

Mudando o ângulo com que espreitavam, conseguiram avistá-lo.

Era uma pedra da calçada.

E manchada de sangue.

CAPÍTULO 50

LEONARDO E MARTA

Tinham a arma do crime bem acondicionada e guardada num saco de provas, pronta para ser levada para análise. No entanto, não tinham grandes esperanças, pois era quase garantido que o Asfixiador tivesse usado luvas, mantendo todo o cuidado que tivera desde o início.

— Já consegui elaborar uns cálculos — referiu o perito, depois de ter usado uns fios vermelhos que foram colocados a começar no chão e convergindo todos num ponto acima da vítima com uma estaca a segurá-los. — Tive de medir o comprimento e largura das manchas mais dentadas, as que teriam caído de uma altura superior, para obter uma angulação do impacto. Isso deu-me a trajetória provável, que se foi confirmando a cada mancha que fui verificando.

Aproximou-se da estaca onde todos os fios se uniam.

— O assassino estava de joelhos quando matou a vítima, debruçado sobre ela.

Os inspetores repararam na altura a que estava o ponto de convergência dos fios.

— O assassino é alto, se estava de joelhos e tem essa altura — comentou Marta, cujo peito dava pela altura desse ponto.

— Mas este ponto não corresponde à altura do assassino de joelhos.

— Então?

O perito afastou-os da cena do crime com delicadeza e apontou

para o chão.

— Inspetor, ajoelhe-se e finja que está a bater em alguém com uma pedra.

Leonardo encolheu os ombros e ajoelhou-se. Pegou numa pedra imaginária e, com a mão esquerda, elevou-a acima da cabeça e simulou uma pancada descendo a mão com rapidez.

— Continue. Faça vários movimentos seguidos.

Assim que o inspetor o fez, Marta soltou um gemido de compreensão.

— O ponto de convergência é o momento em que o assassino levanta o braço para executar nova pancada.

— Precisamente — concordou o perito, entusiasmado. — Portanto, no momento em que o assassino parava abruptamente o movimento de subida da pedra para ter balanço para desferir novo golpe, é o momento em que as gotas de sangue se despegavam da pedra e voavam para trás.

— E o assassino é destro — comentou Leonardo. — Eu sou esquerdino e fiquei com a sensação de que, dada a posição da vítima e das manchas, não teria dado jeito nenhum.

— Muito bem observado. Era a próxima informação que ia partilhar convosco. Se tivesse sido uma pessoa esquerdina, teria preferido ter a cabeça apoiada sobre o lado esquerdo da face para ficar virado para si e na diagonal em relação ao braço esquerdo. Como está o oposto, o assassino é destro.

— E em relação à altura do assassino, consegues dar já uma estimativa?

— Sim. Claro que dependerá da extensão do braço que o assassino usou para ganhar o balanço, mas assumindo que terá erguido a pedra apenas um pouco acima da cabeça, diria que o assassino terá um metro e setenta de altura; mas atenção, tanto pode ter menos como mais. São estimativas.

— Obrigado. Ficamos a aguardar pelo relatório final.

Os inspetores afastaram-se para os deixar trabalhar. Mesmo que todos os vestígios que estavam a ser recolhidos não dessem em mais nada, já tinham conseguido bastante.

— Temos de perguntar aos pais do Hélder que número calça ele — avançou Marta, impaciente, pegando no telemóvel e ligando de

imediatamente à mãe do escritor. Pediu desculpas pela hora tão vespertina, mas era uma urgência e precisavam de uma informação dela. Um minuto depois, desligou a chamada e assentiu.

— O Hélder calça o 43 e 44, dependendo das marcas.

— Mas ele é esquerdino — disse Leonardo, mostrando uma fotografia do perfil de Hélder no Instagram, uma publicação na Feira do Livro de Lisboa em que aparecia a assinar um exemplar com a mão esquerda. Reparou nos comentários e percebeu que ele era um autor adorado pelo seu público. O comentário com mais gostos, e que aparecia em primeiro, parecia ser da rececionista da AUPDL. Haveria ali qualquer coisa que merecesse mais atenção? O sexto sentido de Leonardo assim desconfiava, mas guardou essa ideia no seu quadro mental com um piónés, para visitar mais tarde.

— Merda.

— E o José Conceição? — perguntou, olhando para o telemóvel dela e sorrindo. Marta bufou de impaciência e ligou para a segunda ex-mulher de José, a enfermeira com quem tinham falado recentemente.

A conversa foi breve e a inspetora desfez-se em mil desculpas por incomodar o pouco descanso que a enfermeira tinha por aqueles dias.

— E então?

Marta afastou o telemóvel para comunicar com o colega sem que a enfermeira a escutasse.

— O José é destro e calça o 44/45.

— E esteve cá em Lisboa nas duas noites em que o Alberto e a Filipa foram assassinados. Mas esteve cá esta noite?

Marta fez a pergunta a Marília.

— Ela diz que não.

— Mas isso não invalida que possa ter estado.

CAPÍTULO 51

LEONARDO E MARTA

A equipa de peritos demorou mais uma hora a analisar a cena do crime, juntamente com o médico-legista, até dar luz verde para se retirar o corpo e levá-lo para a morgue.

— O Hélder continua a monte — notou Marta. — Temos mesmo de o encontrar.

— Temos de contactar todas as pessoas que lhe eram próximas.

— Podemos ser facilmente enganados.

— Eu sei.

— Todos os agentes do país sabem que ele é procurado e estão atentos. Algum terá de ter sucesso. Ele não pode fugir para sempre.

— Sabes o que me assusta, Leo?

— O quê?

Marta procurou algo no telemóvel e mostrou-lhe o ecrã.

— Comecei a seguir a página da AUPDL no Instagram e vê só o que encontrei numa das publicações mais recentes — apontou para uma postagem com a notícia de evento da organização. — Dia 8 de junho, quarta-feira, vai haver o Arraial Lisboa Pride, que é dos eventos mais importantes da comunidade.

A seriedade da situação sobre o inspetor abateu-se.

— De certeza que ele vai aproveitar para matar alguém nesse dia.

— Tendo em conta que concluímos que ele está numa missão...

— Temos de notificar o inspetor-chefe para manter aquele local vigiado. Não podemos deixar que isto se repita.

— Sim, mas quantas mais pessoas vai ele matar até lá?

Era a pergunta que ninguém conseguia responder.

— Ele tem tempo de matar uma pessoa por cada letra da sigla da comunidade. Já matou três. Faltam quatro vítimas.

— E quatro dias para o arraial.

— Temos de o parar.

— Mas como? Não sabemos como o encontrar... Pior será se estivermos errados e o Hélder Carvalho for uma pista falsa... Ou o José Conceição.

— Temos de confirmar o álibi dele para esta noite.

Retiraram os fatos protetores com desânimo. Sentiam o peito a sufocar, como se tivessem um peso brutal em cima deles. A responsabilidade que recaía sobre si era aterradora.

Como se lhe estivessem a enviar um sinal divino, a irmã de Leonardo ligou-lhe nesse preciso momento. Esteve para ignorar, mas considerando o momento que viviam com o aparecimento da mãe, achou por bem atender.

— Olá, Maf...

— Leo, o que aconteceu aí no Bar Cru?

O inspetor estremeceu. Ninguém sabia do sucedido. Ninguém tinha tido a hipótese de fotografar o local porque a pessoa que chamara a polícia estava demasiado em choque para o conseguir fazer, e naquela zona não morava praticamente ninguém. Como podia ela saber?

— Mafalda, como raio sabes tu disso?

— A... acho que o assassino acabou de se revelar.

— O quê?!

— Vê no Instagram!

Leonardo deu as indicações e Marta abriu a sua conta de Instagram, percebendo que tinha algumas mensagens de amigas a perguntar: «Não és tu que estás nesta investigação?»

Abriu a publicação que elas lhe enviaram.

A publicação tinha dez fotografias de alta-definição e de vários ângulos, a várias distâncias, do local do crime onde Tiago Brito fora apedrejado. Uma das fotos era impressionante pela proximidade ao rosto da vítima, ou o que restava dele.

Era assustador.

— Merda!

Olharam para o nome da conta e perceberam que fora o assassino que acabara de atuar e de espalhar o caos pelas redes sociais. O nome, esse, era coerente com as teorias dos inspetores. E era melhor do que Asfixiador, provavelmente.

@ojusticeirosupremo.

Abriram o perfil. Na descrição não tinha nada. A foto de perfil era a bandeira arco-íris com um X vermelho por cima.

CAPÍTULO 52

LEONARDO E MARTA

Ficaram em choque.

O assassino assumira uma identidade nas redes sociais.

E comunicava com os seus fãs.

Milhares de comentários e partilhas dominavam o momento. Assim que as contas dos canais e jornais noticiosos descobriram, houve uma explosão de partilhas e de comentários. A conta do assassino, rebatizado para Justiceiro, já contava com mais de cinco mil seguidores. Em menos de uma hora.

O mais assustador, no meio desta confusão mediática, era os incontáveis comentários a agradecer e a apoiar o Justiceiro na sua missão, sobrepondo-se aos que o condenavam.

— Temos de conseguir uma ordem judicial para fechar esta conta — afirmou Marta, com o rosto ainda mais pálido perante todo o ódio que via no ecrã.

— Ele voltará com outras contas. Podemos fazer isso, sim, mas não creio que fará muita diferença.

— Mas temos de fazer alguma coisa!

— Eu sei. Liga para o pessoal do Cibercrime.

— Podes crer que faço. Ele não vai sair a ganhar.

Marta assim o fez. Enquanto isso, Leonardo continuou a ler os restantes comentários na publicação e, pior, os textos que acompanhavam as partilhas da publicação do assassino. Era horrível. Pareciam estar séculos atrás na História.

— Eles vão tentar bloquear a conta — informou Marta, satisfeita, após desligar o telefonema com os colegas.

Leonardo aquiesceu e guardou o telemóvel no bolso. Sentia-se sujo. Enquanto Marta falava com os colegas da PJ, ficou com o olhar vidrado no local onde antes estivera um homem desfeito, apedrejado.

Mas a cabeça voou subitamente para longe daquela cena de crime.

Começou a pensar em Samuel, que naquela altura estaria a caminho da obra onde trabalhava. Era um assassino e de certeza que nenhum dos seus colegas o sabia.

Consultou o relógio.

Também tinham de ir ao hospital onde Tiago Brito trabalhara, para falarem com os colegas e obterem a morada dele. No entanto, tendo em conta que ainda eram as primeiras horas da manhã, e só seria possível falar com alguém mais tarde, porque não aproveitar essas horas para explorar o outro caso?

No ficheiro disponibilizado pela mãe, Samuel Pinto estava a trabalhar numa obra em Fernão Ferro, Setúbal.

— M&M, se quiseses vai andando para a PJ tratar do background da vítima, que eu vou a Fernão Ferro procurar o Samuel Pinto.

Marta pareceu inquieta. Guardou o telemóvel e o olhar perscrutou o de Leonardo, que se fechou em copas e não transmitiu nada do que sentia para ela. Ele sabia ocultar os seus sentimentos, talvez por ser tão bom em detetá-los nos outros. Ou, pelo menos, tinha essa confiança.

— E por que razão haveríamos de nos separar desta vez? Nunca o fazemos e queres fazê-lo precisamente quando é para provarmos que é ele o assassino do teu filho?

Leonardo cerrou os dentes, sem conseguir obter uma resposta coerente para lhe dar. Ela aproximou-se e pegou com carinho nas mãos dele, massajando-as.

— O que se passa, Leo?

— Eu...

Tenho medo de não ser eu mesmo quando o vir, pensou, mas não conseguiu exteriorizá-lo. Ela seria sua noiva em breve, deveria conseguir contar-lhe as suas mais profundas inquietações, os seus medos e receios. Mas porque é que mantinha algo tão profundo em segredo?

— Nada... Só achei que poderias querer já verificar o passado da vítima enquanto ainda não são horas de irmos ao Pulido Valente, mas eu quero mesmo procurar o Samuel Pinto. Não vou conseguir concentrar-me com esse assunto pendente.

— Somos uma dupla para a vida. Profissional e pessoal. Creio que não fará mal se adiarmos isso um par de horas. Eu quero ajudar-te.

Leonardo não conseguiu dizer mais nada, mas de uma coisa tinha a certeza.

Não merecia a mulher que tinha a seu lado.

CAPÍTULO 53

LEONARDO E MARTA

Avançavam pela A2 com urgência, a vantagem de ser sábado a entregar-lhes estradas vazias. Os veraneantes ainda não tinham aparecido.

— Temos de elaborar um plano de ação, Leo.

Leonardo olhava em frente, a estrada a passar velozmente por baixo deles, o alcatrão ainda fresco e desimpedido. Estava a minutos de se deparar com o assassino de Laura, e o sangue pulsava-lhe nas têmporas. Tudo era escuridão. Mas a voz insistente de Marta trouxe-o de volta.

— Estás a ouvir-me?

— Desculpa, estava distraído. Dizias...

— Acho que temos de chegar lá, dizer quem somos e que precisamos de recolher uma amostra de ADN e das impressões digitais. Temos os kits connosco, portanto desenrascamo-nos. Acho que o pessoal da Polícia Científica confia em nós para fazermos isto. Ou achas melhor chamá-los?

— Não, não vale a pena incomodá-los com isto. Nós tratamos de tudo.

Saíram da autoestrada para a EN10 e passaram por várias superfícies de comércio e habitações silenciosas a um ritmo mais calmo. Chegaram à zona de Fernão Ferro e internaram por ruas secundárias, até virarem antes de um supermercado e entrarem numa rua que parecia ficar nos limites da freguesia. Era uma urbanização

recente, ainda com alguns terrenos por construir, algumas casas em construção e mato, extenso e denso, a perder de vista.

Viraram uma última vez e entraram numa estrada larga e macia. Pararam o carro a cinquenta metros de uma obra em que já se via uma betoneira rodar com um ronronar constante. Alguns homens movimentavam-se, atarefados, todos de capacete e com roupas sujas e velhas.

— Vamos com calma, Leo.

— Claro. Vamos a isto.

Saíram do carro e caminharam com cautela até pararem em frente ao muro de tijolo despido, construído para albergar os contadores da água e da luz. Homens carregavam tijolos e baldes de um lado para o outro, mas os inspetores pouco se importavam com o que eles faziam. Não eram fiscais de obras. O que eles procuravam era o rosto do documento que Margarida lhe enviara.

— Posso ajudar, amigos? — perguntou um dos trabalhadores, com ar de enfado.

— Procuramos o Samuel. Samuel Pinto — anunciou Marta, que lançou o seu tom meigo, perante o qual ninguém era capaz de lhe dizer não.

O homem nem se atreveu a acrescentar mais nada. Apontou para o interior do terreno, onde existiam os pilares principais da casa, já secos e prontos para que prosseguissem a obra.

Um homem magro e seco, de cabelo muito curto, com uma camisola branca manchada e umas calças azuis esbranquiçadas, carregava algo ao ombro com algum custo. Pousou o objeto no pavimento que marcava o limite interior da casa. Perto, encontrava-se um micro-ondas, o fio a serpentear pelo chão cinzento. Limpou a testa com as costas da mão e inspirou uma vez. Apesar da hora, já parecia cansado.

— Samuel Pinto?

A voz de Marta, apesar de calma, assustou o homem, que deu um ligeiro pulo e se virou para os inspetores com rapidez. Tinham entrado na obra e pisavam a tela que constituía o chão do piso inferior do edifício que seria erguido ali com o suor daqueles homens.

Os pés faziam barulho ao pisarem detritos e lixo. Samuel Pinto olhou-os com desconfiança.

— Quem são vocês?

Marta tardou a responder o mais que conseguiu para poderem avançar sem afugentar o criminoso, mas ainda estavam a dez metros dele quando começou a entrar em alerta perante a obstinação dos dois estranhos.

— Quem são vocês? — repetiu, num tom mais nervoso.

— Eu sou a Marta e este é o Leonardo.

Samuel olhou para o inspetor e este teve de se conter para se manter impassível. O assassino do filho estava ao seu alcance, a olhar para si. Estava mesmo ali. A meros passos de distância. Sentiu a nuvem de escuridão agitar-se no peito.

— Leonardo... Rosa? O que venceu... Vocês são da PJ. Que querem comigo?

— Só queremos fazer algumas perg...

Mas Marta não teve tempo de terminar. Samuel Pinto não esperara nem mais um segundo para pegar no micro-ondas e lançá-lo na direção deles. Marta, apanhada de surpresa, apenas teve tempo de se encolher e levar com o eletrodoméstico de lado, magoando-se no braço direito. Gemeu de forma contida, a mão esquerda a amparar a zona magoada.

— M&M, estás bem?

— Ele está a fugir! Ai, porra!

Leonardo olhou para o local onde momentos antes estivera Samuel. Não estava lá ninguém. Ignorando os gemidos de dor da colega, correu em frente, passando pelas traseiras da casa e saltando o pequeno muro. Ao longe, avistou a figura escanzelada de Samuel a fugir para a rua seguinte e escapar na direção do mato que tinham visto anteriormente.

Feliz por já ter voltado aos treinos após a recuperação total da cirurgia, Leonardo correu mais rápido do que o seu fugitivo.

Atravessou a primeira estrada, contornou duas habitações e atravessou a rua seguinte, enveredando pelo meio das árvores e dos arbustos, em direção ao local onde vira Samuel entrar. Ouvia a passada apressada dele à sua frente, mas sabia estar a ganhar terreno a cada passo, poderoso e furioso, que o impelia como a um atleta profissional em competição.

Avistou-o. Viu um pé entre dois arbustos. A sua respiração

controlada, a pautar os momentos de esforço. A visão a ficar em tons vermelhos. A escuridão a surgir no peito e a emprestar mais ânimo e força às pernas.

Cada vez mais perto.

Começou a distinguir o corpo de Samuel e este, talvez por pressentir a aproximação do inspetor, olhou por cima do ombro. Os olhos raiavam de medo. Mudou de direção algumas vezes para enganá-lo, mas Leonardo estava completamente focado, como um felino em perseguição da sua presa.

Passaram por uma clareira e, uns metros à frente, Samuel atrapalhou-se e embateu de lado num tronco. Foi o suficiente para o atrasar de forma decisiva.

Leonardo saltou e agarrou-o pelos ombros. Fez peso contra o chão; conseguiu aplicar uma força impossível de contrariar e as pernas do assassino acabaram por ceder. Tombou no chão, de pernas dobradas para trás, com o corpo do inspetor por cima dele.

Durante largos segundos, limitaram-se a recuperar o fôlego, embora Samuel gemesse pelo peso exercido no peito, que o impedia de respirar.

Leonardo virou-o de barriga para cima, mantendo o seu joelho sobre o tórax dele. Pegou na sua arma de serviço, uma *Glock 19* preta, e apontou-a ao peito de Samuel.

— Que merda... vem a ser... esta?!

— Diz-me o que sabes sobre a Roberta Schulz.

O tom de Leonardo, embora controlado, não dava margem para dúvidas: não estava para brincadeiras.

— O que é que estás para aí a dizer?

— Onde está a Roberta Schulz?

O rosto do criminoso contorceu-se de dor.

— Não sei de quem falas.

Leonardo pisou-lhe o braço esquerdo com força.

— Onde é que ela está?

— Nunca conheci essa Roberta não-sei-quantas.

— Schulz.

— Não sei quem é.

— Eu sei que foste tu quem matou a Laura. Ela estava grávida do meu filho!

Um brilho de reconhecimento surgiu no olhar de Samuel, tirando todas as dúvidas sobre quem era, de facto, a pessoa que Roberta Schulz usara como arma para se vingar. Ela seria a culpada máxima do que lhe acontecera, mas a parte macabra como ocorrera fora responsabilidade daquele homem.

— Sabemos que foste tu e vamos prová-lo, mas se nos ajudares a encontrar a Roberta Schulz podes safar-te de uma pena pesada. Se nos contares tudo o que sabes, podes não deitar tudo a perder. Tudo depende do que disseres, Samuel.

Leonardo continuou de pistola apontada ao peito dele, a sua visão vermelha de forma intermitente, que ele tentava ignorar. Sentiu o corpo ficar coberto de transpiração, gotas a escorrerem-lhe pelo rosto.

— Não sei mesmo de quem falas. Não sei que história é essa — Samuel olhava aterrorizado para todos os lados.

Leonardo, cada vez mais furioso e irracional, pegou num braço de Samuel e ergueu-o do chão com brusquidão. Ou era surpreendentemente leve ou o inspetor estava com uma força desmedida, impulsionada pela cólera. Empurrou-o contra o tronco de uma árvore e colocou o seu antebraço contra o pescoço dele, deixando-o atarantado. Encostou-lhe o cano da arma à testa e pressionou-a com ligeireza, ameaçador.

Samuel ficou ainda mais assustado.

— Não me podes fazer isso — atirou, a voz carregada de medo. — É violência policial. Eu tenho os meus direitos!

— Pois tens. Nisso tens toda a razão.

— Então larga-me, pára com esta merda!

— E eu tenho o meu direito de saber a verdade. Tu mataste o meu filho, cabrão!

— Não matei ninguém! Não sei do que falas, por favor!

Demasiado tarde, Leonardo deu por si com as mãos em torno do pescoço de Samuel. Queria esmagá-lo, obliterá-lo deste mundo. Foi o telemóvel a tocar que o trouxe de volta à realidade. Era Marta. Decidiu não atender e voltou-se para o homem à sua frente.

— Isto nunca aconteceu, ouviste? Se falares disto a alguém, vou atrás de ti com tudo, e acredita, vou encontrar todos os teus podres e fechar-te na prisão. Agora, começa a falar: foste contratado pela Roberta Schulz para matares a Laura Capuchinho?

Leonardo largou-o e Samuel deixou-se cair de joelhos, com as mãos na cabeça, perdido.

— Nunca deveria ter dito que sim... mas ela ameaçou-me, ameaçou as minhas filhas... Não vos posso dizer nada. Acredita que o que ela me vai fazer se eu abrir a boca será muito pior do que o que vocês me poderão fazer.

Leonardo tentava combater a fúria que se tinha apoderado do seu peito, como uma serpente insidiosa a apertar-lhe o coração. Viu-se quase fora do corpo, um espectro com as mãos à volta do pescoço do homem, a traqueia a ceder, viu Laura coberta de sangue, a sua barriga proeminente a brilhar de vermelho.

— Leo! Onde estás?

O grito de Marta, ainda longe, despertou-o do transe e incutiu nele um sentimento de urgência.

— Diz-me onde posso encontrar a Roberta Schulz.

— Nem penses que te vou dizer.

— Eu preciso de saber. Onde é que ela está a viver?

— Eu sei onde ela está, mas não te vou dizer. Jamais.

A visão avermelhada começou a ganhar força e Leonardo tentou combater essa nuvem de fúria que se expandia. A serpente apertava mais e mais o seu coração. Estava a sentir-se fora de controlo, como se fosse outra pessoa no lugar dele.

Imaginou o cadáver do seu filho, ainda um feto, sem vida.

Raul morto ainda antes de nascer.

Voltou a pressionar a pistola com mais força, ameaçando disparar a qualquer momento, e agarrou-o novamente pelo pescoço, levantando-o contra a árvore. Samuel esbugalhou os olhos.

— Prefiro ser preso. Desculpa, mas não te vou ajudar. A menos que me soltes...

A escuridão explodiu-lhe no peito sem aviso.

Socou-o com força no rosto, para depois acertar em cheio no plexo solar, tirando-lhe o fôlego e fazendo-o perder as forças.

Fúria total. Escuridão.

Nem ouviu Marta gritar novamente por si.

Mas Samuel ouviu e avistou uma oportunidade para se safar. Abriu a boca para gritar, mas o grito embateu nas mãos do inspetor, que lhe taparam a boca com violência. Continuou a gemer, a gritar

para as mãos do inspetor e a agitar o corpo para se libertar, mas Leonardo usou a mão esquerda para lhe apertar o pescoço com uma força definitiva, potenciada quando a voz da colega ressoou novamente pelo mato à sua procura.

O assassino do seu filho começava a perder forças a cada segundo, mas parecia murmurar algo que ele não ouvia por estar dominado pela escuridão. Se ele gritasse, a sua vida estaria acabada para todo o sempre. O seu filho por vingar. Roberta Schulz por pagar pelo que fez.

Nunca pediria Marta em casamento.

A sentir-se um espectro de si próprio, agarrou na cabeça de Samuel e apertou-o pelo pescoço. Ele pareceu estar a implorar, a dizer coisas para se safar que não entravam na cabeça do inspetor.

Num rasgo de escuridão extrema, torceu a cabeça de Samuel nas suas mãos com violência até atingir um ângulo impossível. Deixou o cadáver cair em seco no solo aos seus pés e afastou-se um pouco. O pânico pelo que acabara de fazer combatia a negrura que o consumia.

Acabara de matar um homem.

Matara um homem.

Ao longe, a voz de Marta voltou a fazer-se ouvir.

— Leo? Leo! Onde estás?

Parecia estar a aproximar-se.

CAPÍTULO 54

LEONARDO E MARTA

Leonardo olhou à volta. O solo estava preenchido de pinheiros e arbustos bravos. Notou que, uns metros adiante, existiam uns quantos arbustos muito juntos que poderiam servir para ocultar o corpo. Tinha todo o potencial para isso.

Pegou no corpo de Samuel pelas axilas e arrastou-o para o meio dos arbustos, largando-o quando estava completamente oculto. Agitou os ramos de forma a diminuir a deformação que a passagem do corpo provocara. Com os pés, apagou as marcas de arrastamento. Afastou-se e, a cinco metros do local onde o tinha deixado, observou com um olhar crítico, imaginando o que outras pessoas veriam. Parecia tudo bem. Acreditava que nada denunciaria estar ali um cadáver escondido.

O que faria depois?

Tinha de o deixar ali, para já, para que Marta não descobrisse, mas era preciso voltar mais tarde para se desfazer do corpo. Certamente estaria coberto do seu ADN, e havia testemunhas, pessoas que sabiam que eles o tinham procurado e perseguido.

Afastou-se às arrecuas, sempre com o olhar a avaliar o local onde cometera o maior crime de todos, a imaginar o que veria uma pessoa normal e a convencer-se de que estava tudo bem; ninguém ia suspeitar de coisa nenhuma. Até porque não deveria passar ninguém ali, tão longe das habitações e da estrada. Não havia nada que pudesse atrair quem quer que fosse. Ouviu um cão ladrar, mas ignorou-o.

Recompôs-se, limpou o rosto e retirou uns resquícios de sangue

dos nós dos dedos. Verificou se não havia nenhum vestígio na sua roupa. Parecia tudo bem.

Inspirou fundo. Caminhou lentamente, verificando se se sentia bem.

Correu de encontro a Marta, dando uma pequena volta por fora para parecer que tinha vindo de outro sítio, diferente de onde tinha realmente vindo.

Marta mostrou-se aliviada ao vê-lo aparecer. Leonardo respirou de forma ofegante para simular cansaço.

— Leo? Estava a ficar preocupada. Que aconteceu?

— O gajo fugiu. Meteu-se ali pelo meio do mato e perdi-lhe o rasto. Pensava mesmo que já estava a cem por cento para estas perseguições.

Um lampejo de desilusão passou no olhar da inspetora.

— Vamos encontrá-lo. Não te preocupes.

— Este vai ser mais difícil de encontrar do que o Hélder. Ele não tem nada a perder.

— Podemos sempre pedir ao contacto da tua mãe para tentar contratá-lo para um novo trabalho e armamos-lhe uma armadilha.

Leonardo assentiu, tentando não dar muito valor a esse plano que, não fosse a realidade, seria uma ótima ideia.

— Vamos dar um tempo para ver se ele aparece. Metemos um agente à paisana durante uns dias para ver se ele volta ao trabalho.

Marta assentiu.

— Parece-me bem. E que isso não seja só para evitares falar com a tua mãe.

— Mais ou menos. Mas é melhor assim, não quero ficar a dever nada a uma mafiosa.

— Sim, isso é verdade. Nem quero imaginar o que essa tal de Lara pediria para compensar mais um pedido.

Voltaram para o carro, mas não era com um simples inspetor que ela caminhava lado a lado.

Era um assassino.

Um assassino que estava em ânsias de voltar ao local do crime e limpar a merda que tinha feito.

CAPÍTULO 55

LEONARDO E MARTA

No caminho para a PJ, Marta respeitou o silêncio de Leonardo. Achou que se estava a culpabilizar pela fuga de Samuel. Estaria com vergonha por ter deixado escapar o assassino do filho?

Mas Leonardo só se recordava do que fizera. Do crime que cometera.

Os murros.

As mãos a apertarem o pescoço.

A apertar e a apertar, como se fosse outra pessoa a comandá-las.

A vida a esvair-se à sua frente.

Palavras abafadas. Murmuradas em desespero. Ignoradas pela escuridão.

Depois, o movimento abrupto que partira o pescoço e o matara.

O estalar que indicava a sua morte instantânea.

Algo que Samuel disse, mas que não registou na altura.

Leonardo franziu a testa perante essa constatação vinda do seu subconsciente. Samuel dissera algo quando estava prestes a morrer, possivelmente numa tentativa de se salvar. Mas o inspetor não se recordava. Quanto mais pensava nisso, mais certeza tinha de o ter visto a mexer os lábios. As palavras «Roberta Schulz» tinham aparecido, ele sabia disso. Teria Samuel referido alguma coisa enquanto estava a segundos de morrer?

Pelo canto do olho, viu como Marta estava concentrada na condução, e de repente teve medo de si mesmo. Medo de que o seu

novo instinto se voltasse contra ela. Isso ele não podia permitir. Jamais poderia fazer mal aos que amava. Conseguiria ele viver o resto da vida com ela tendo aquela versão negra de si próprio bem camuflada no seu íntimo?

Ela percebeu que ele a olhava e sorriu. Leonardo sorriu de volta, o que lhe deu confiança para abrir o porta-luvas. Deparou-se com um saco de plástico, dos de recolha de vestígios utilizados pela PJ. No interior, estava uma garrafa de água de meio litro, suja e amolgada.

— Que é isto?

— É a garrafa de água do Samuel. Os colegas confirmaram que era dele. Como está a meio, suponho que ele tenha bebido do gargalo.

Leonardo assimilou de imediato as implicações.

— Assim sendo, sempre podemos comparar o ADN dele com os vestígios da cena do crime. És brilhante, M&M!

— Eu sei, eu sei. Só não entendo esse tom de surpresa, Leo.

Por momentos, deixara de ser o assassino perante o deslumbramento do que ela conseguira. Podiam conseguir a prova de que o crime que ele próprio cometera não era assim tão grave. Se realmente matara o assassino do seu filho, a culpa não seria tanta. Certo?

Faltava apenas Roberta Schulz.

Para isso, era essencial recordar-se do que Samuel teria dito.

Chegaram à PJ e submeteram imediatamente a garrafa para a Polícia Científica. Depois, procederam às diligências para enviar um alerta nacional por Samuel Pinto. Entretanto, receberam a confirmação bancária de que Alberto estivera no restaurante indicado por Augusto, na hora que ele referira, corroborando o seu relato dos acontecimentos.

O que os levara a algo que Leonardo temia: escrever o relatório do sucedido nessa manhã. O inspetor explicou a Marta, que redigiu o texto, a forma como o perseguira durante o que lhe pareceu um quilómetro, a saltar por cima de arbustos, a contornar árvores, a tropeçar em pequenos ramos no solo, até que Samuel Pinto conseguiu ludibriá-lo ao atirar-lhe uma mão-cheia de pedras pequeninas para o rosto, fazendo-o virar-se para proteger a cara; quando se virou novamente, já ele tinha desaparecido.

— Estava tão perto de o apanhar... — comentou, fazendo um ar

abatido.

— Eu sei, Leo, eu sei. Não te martirizes. Temos é de voltar lá.

— Lá onde?

Ela sorriu de forma condescendente.

— Ora, ao sítio onde o perdeste de vista. Pode haver provas, rastros por onde ele tenha seguido. Até podíamos pedir a colaboração da equipa cinotécnica da GNR. Eu recolhi um casaco dele, tenho a certeza que servirá. É isso mesmo. Vou tratar disso mais logo.

Leonardo sentiu o corpo gelar e foi preciso toda a sua concentração para concordar com ela, como teria feito numa situação normal.

— Não sei se me recordo exatamente do local em que o perdi, mas posso tentar, claro.

— Deixa estar. Os cães vão apanhar o rasto dele. Tenho a certeza.

A equipa cinotécnica chegaria ao cadáver de Samuel em segundos. Leonardo sentiu pânico a nascer no seu peito e espalhar-se por cada centímetro do seu corpo. Ia ser apanhado.

A sua vida iria acabar.

— Novidades?

O inspetor-chefe estava plantado à frente das suas secretárias e olhava para eles inquisitivamente, com um toque acusador.

— Estamos só a rever as coisas do caso...

Marta apontou para o quadro de cortiça onde tinham colocado todas as informações sobre o Caso Elementar.

— Deduzo, então, que já sabem tudo sobre a vítima desta manhã.

— Íamos agora mesmo ao Hospital Pulido Valente tratar disso, inspetor-chefe.

— Muito bem. É que assim de repente parecia que estavam a dar atenção a algo fora desse caso.

— Não, nada disso.

Paulo Teodoro aproximou-se deles e pousou as mãos na secretária de Leonardo. Ele sabia perfeitamente o que tinham feito naquela manhã.

— É bom que foquem toda vossa atenção neste caso, ou podem dizer adeus a essa investigação. Não quero saber de nada fora do Caso Elementar, portanto, escusam de me pedir seja o que for. Estão avisados.

Virou costas e entrou no seu gabinete, fechando os estores para não ter de olhar para as caras estupefactas dos inspetores.

— Merda. Agora como é que vamos pedir o apoio da GNR?

Enquanto se levantava com Marta e saía do gabinete, Leonardo nem acreditava na sorte que tivera. E ainda menos que essa sorte tivesse sido proporcionada pelo seu superior direto, cuja relação não era a melhor. Para já, eles não poderiam fazer nada sobre Samuel Pinto.

Leonardo ainda tinha uma hipótese de corrigir o mal que tinha feito.

E depois tudo voltaria ao normal.

Quando estava prestes a sair, o telefone de Marta começou a tocar. Verificou a extensão de quem lhe estava a ligar.

— É da Polícia Científica — anunciou, colocando em alta-voz para que o colega ouvisse.

— Estou, daqui fala Marta Mateus.

— Olá, Marta, é a Carolina Pinotes. Do laboratório.

— Olá. Alguma novidade?

— Sim, pode ser interessante.

Leonardo sentou-se à beira da secretária, intrigado.

— O que descobriram?

— Uma lente de contacto colada ao braço direito da vítima.

— Uma lente de contacto?

— Exatamente.

— Será da vítima?

— O que eu sei é que a lente deste tipo é para o astigmatismo.

— Qual é a graduação?

— Quem quer que tenha perdido, vai sentir a falta de certeza.

— Chuta aí valores.

— Pelo que pude analisar, a graduação da lente é +3.75 (-1.25) 180°.

Marta apontou tudo e agradeceu a ajuda.

— Temos de saber se o Tiago usava lentes de contacto. Vamos?

Mas Leonardo ficou no mesmo sítio, pensativo.

— O que foi?

— O Hélder estava de óculos quando o conhecemos. E se ele usa lentes de contacto para cometer os crimes, para ter menos um

empecilho?

CAPÍTULO 56

LEONARDO E MARTA

— Gostaríamos que nos falassem do vosso colega, Tiago Brito. Antes de mais: ele usava óculos ou lentes de contacto?

Dois colegas de Tiago, fardados com a insígnia do Hospital Pulido Valente, estavam sentados na copa do serviço de Cardiologia, de cabeça baixa.

— Não, ele via muito bem.

Leonardo e Marta entreolharam-se.

— Há bocado, quando vi as fotos que aquele tipo, o Justiceiro, publicou... Nem queria acreditar — começou Ana, uma colega de baixa estatura e de cabelo escuro apanhado num coque.

— Como é possível que ele ontem estivesse aqui connosco, a rir, e que agora esteja morto? — questionou o outro colega, José, um homem obeso e com barba por fazer.

— Notaram algo de diferente nele ultimamente? — perguntou Marta.

— Diferente, como?

— Se ele andava mais nervoso, se alguém o veio ameaçar, se alguma vez o discriminaram pela sua orientação sexual...

Pensaram durante uns segundos, até que Ana ergueu o indicador.

— A única coisa de que me lembro é de ele ter recebido a visita daquele tipo... ai, como é que se chama?

— De quem?

— Aquele que veio cá várias vezes falar com ele.

— Ah, já sei. O escritor, não é?

— Sim, é isso. Como é que ele se chamava?

— Não seria Hélder Carvalho? — sugeriu Marta.

Os olhares de reconhecimento bastaram para os inspetores perceberem que também esta vítima tinha ligação a Hélder.

— Como é que eles se conheceram? — perguntou Marta. — Como é que entraram em contacto?

Eles entreolharam-se, ligeiramente surpresos pela pergunta.

— Acho que eles já se conheciam.

— Sim, de outros tempos.

— Acho que foi da escola.

— Sim, o Tiago referiu que tinha um antigo colega de escola que era um escritor famoso que ia escrever um livro sobre a comunidade LGBT e que isso poderia ajudar a mudar as coisas para melhor. Como o Tiago era bi, o Hélder Carvalho quis testemunhos dele para o livro.

Leonardo e Marta fizeram uma pausa.

— Sabem se eles foram da mesma turma na secundária ou no básico?

— Não sei mesmo.

— Também não sei.

— Sabem se o Tiago vivia sozinho?

— Vivia com os pais, mas já andava a ver quartos para alugar.

— Obrigado pela vossa ajuda. E lamentamos muito a vossa perda.

Os dois técnicos superiores de saúde agradeceram e disponibilizaram-se para qualquer coisa que eles precisassem.

Leonardo e Marta abandonaram o hospital rumo à morada de Tiago Brito. Precisavam de falar com os pais. Se a vítima e Hélder tinham andado juntos na escola, ainda que pudessem não ter sido da mesma turma, isso podia significar uma nova luz sobre o passado obscuro do escritor.

Mas como teria sido ele realmente na juventude? Estariam perto de encontrar uma ligação entre as vítimas que indicasse como elas eram selecionadas?

CAPÍTULO 57

LEONARDO E MARTA

Leonardo e Marta ainda estavam assoberbados pelo que viram ao consultarem as redes sociais no telemóvel a caminho do apartamento de Tiago Brito. A conta associada ao Justiceiro, @ojusticeirosupremo, partilhara todas as fotos das três vítimas em várias publicações. Todos os detalhes, todos os cenários estavam agora acessíveis ao mundo.

Os comentários multiplicavam-se, ninguém do departamento do Cibercrime na PJ tinha mãos a medir perante algo tão viral como aquelas imagens. Era como parar uma avalanche com as mãos. Não era possível. Os nerds informáticos tinham falado com alguns dos autores dos comentários mais homofóbicos relativamente à primeira vítima, mas não tinham encontrado nada de produtivo. Agora, o caso tomara proporções bíblicas. Choviam comentários homofóbicos na conta do assassino; não existiam recursos humanos disponíveis para verificar cada um.

O Justiceiro estava a horrorizar o país, a criar medo na comunidade LGBTQIA+, ao ponto de vários comentários demonstrarem como estavam receosos de saírem de casa à noite, sequer. O terror estava instalado.

O apartamento onde vivera Tiago Brito era modesto, localizado em Alcoitão, perto da Santa Casa da Misericórdia, o que significava que ele fazia viagens de quarenta minutos para o trabalho. Antes de entrarem, Leonardo telefonou aos pais de Hélder Carvalho, os quais atenderam com prontidão, apesar de ser sábado. Dispensando

formalidades, Leonardo foi direto à questão:

— O Hélder usa lentes de contacto?

— Acho que sim... ele tem... — começou o pai de Hélder, hesitante. — Como é que se chama, Teresa? Não é miopia...

— Astigmatismo — ouviram-na gritar do outro lado.

— Obrigado. É isso, ele tem astigmatismo. Porquê?

— Estamos apenas a tentar juntar umas pontas soltas na nossa investigação, não se preocupe. — Leonardo foi o mais evasivo que conseguiu. Não queria que os pais de Hélder o pudessem alertar.

Leonardo agradeceu enquanto Marta apontava a informação para o relatório. Desligou a chamada e olharam-se com seriedade.

Era mais um prego no caixão de Hélder Carvalho.

— Obrigado por nos receberem tão em cima da hora — disse Leonardo assim que os pais de Tiago regressaram da cozinha para a sala de estar. Deu um gole no chá que os anfitriões ofereceram.

— Ainda estamos à espera da autorização da PJ para fazermos o velório e o funeral — disse a mãe, uma mulher de aspeto bastante frágil. Estava sentada numa poltrona, com o marido ao lado, sentado no braço da mesma. Estavam ambos pesarosos, como se o seu mundo se tivesse quebrado de forma irreversível.

— Ainda pode demorar alguns dias, por causa da autópsia — comentou Marta.

Aqueles eram sempre momentos delicados, quando confrontavam pais que tinham perdido filhos.

— Se não é para nos permitirem fazer o funeral do Tiago, o que vieram cá fazer, inspetores? — perguntou o marido, perante o silêncio que se instalara. Foi o sinal de que Leonardo precisava para continuar.

— Gostávamos que nos contassem quando e como é que o vosso filho se assumiu como bissexual. Quando é que ele percebeu a sua orientação sexual?

Foi a mãe quem respondeu, após limpar os olhos com um lenço, que já começava a ficar empapado.

— Foi uma coisa bastante natural. Um dia, ele chegou a casa depois das aulas e perguntou se era normal gostar de raparigas e de rapazes. Ele nunca foi de nos esconder nada. Teria uns catorze anos,

na altura. Nós explicámos que sim, que era normal e que não controlamos de quem gostamos.

— Disse-lhe que a única coisa que importa é que a pessoa que ele escolhesse o tratasse bem — acrescentou a mãe.

— Na escola, na altura, corria tudo bem? Nunca foi ostracizado?

— Ele era discreto. Mas, na altura, lembro-me de que falou de um rapaz por quem sentia qualquer coisa. Com quem tinha tido um momento e que tinha despertado alguma coisa nele.

— Como se chamava esse rapaz? — perguntou Marta, expectante.

— Acho que era... Ah, sim. Acho que se chamava Jota. Mas nunca aconteceu nada de concreto porque um dos grandes amigos do Tiago se metia constantemente com esse rapaz e temos ideia de que o nosso filho participava nesse bullying para desviar as atenções sobre si próprio. Nada que nos deixe particularmente orgulhosos, como devem imaginar. Ele não devia gozar com alguém que estava a passar pelo mesmo que ele. Quando ouviu que esse Jota se suicidou... sentiu-se culpado.

— O Jota suicidou-se? — Marta não conseguiu esconder o choque na voz.

— Sim. Provavelmente por causa de todo o bullying que sofreu ao longo da vida. E o meu Tiago fez parte disso, juntamente com o amigo dele... que era bem pior. O Jota tinha a vida toda pela frente, nem sequer tinha trinta anos de idade. Como o nosso Tiago...

— Como se chamava esse amigo?

— Hélder. Agora parece que é escritor. Nunca mais o vimos, mas o Tiago estava em contacto com ele — disse a mãe, num lamento.

— Precisamos de todas as fotos de final de ano com as várias turmas do vosso filho, por favor.

Eles ficaram ligeiramente confusos.

— Acham que o meu filho foi colega de turma do assassino?

— Neste momento não podemos adiantar nada, mas essa é uma linha de investigação que estamos a seguir.

Os pais assentiram e foram a um armário do quarto do filho onde guardavam as lembranças da infância.

Minutos depois, voltaram com várias pastas de cartão onde se encontrava a tradicional fotografia de turma e uma sozinho. Uma pasta para cada ano, o que perfazia oito no total. Os inspetores

agradeceram a ajuda e prometeram devolver tudo assim que possível.

A mãe de Tiago abriu a pasta do último ano do ensino básico e apontou para dois rapazes na fotografia de turma.

— Este é o tal Hélder e este é o Jota.

Leonardo e Marta entreolharam-se, sentindo-se cada vez mais enredados no caso e nas suas ramificações e possibilidades.

Tinham mesmo de encontrar Hélder Carvalho.

Antes que mais alguém morresse tragicamente.

CAPÍTULO 58

LEONARDO E MARTA

Os inspetores passaram o resto da manhã daquele sábado no gabinete, a investigar todos as pessoas que tinham sido da turma de Tiago Brito e de Hélder Carvalho. Procuravam algo que lhes despertasse a atenção, não fossem estar equivocados na teoria que formularam recentemente, a de que as vítimas tinham ligação próxima com o escritor.

Tentaram confirmar o álibi de José Conceição, mas as pessoas a quem telefonaram não indicaram nada de suspeito. Ele chegara a horas ao trabalho no dia da morte de Tiago.

— Desta vez, a vítima morreu às seis e tal da manhã, Leo — notou Marta. — Era impossível para o José ter assassinado o Tiago a essa hora no coração de Lisboa e ter chegado antes das sete da manhã às pastelaria na Azambuja. Por muito que me custe, acho que o José não é mais nosso suspeito.

— Se ele fosse a acelerar a sério, talvez desse.

Mas ela não ficara muito convencida. Pegou no papel com o nome de José no quadro de cortiça e colocou-o a um canto. Não o iam descartar em definitivo, mas deixara de ser uma prioridade para eles.

Aproveitaram, também, para cruzar as informações com a lista entretanto fornecida por Tânia Amaral, a mediadora do Clube de Leitura da AUPDL, que apenas lhes enviara o documento por e-mail no início daquela manhã, dois dias depois de a terem pedido, o que só mostrava como o fazia de forma contrariada.

Pelo que puderam analisar, as três vítimas tinham algo em comum com Hélder Carvalho. As duas primeiras faziam parte da AUPDL, local que Hélder frequentava com frequência, e participavam no grupo de leitura, que o escritor também frequentava; a terceira vítima foi colega de turma e grande amigo de Hélder antes da faculdade, tendo depois cada um seguido formações diferentes. Havia outros elementos que revelavam possíveis ligações com as três vítimas, como Jota, o rapaz que sofrera bullying de Hélder e Tiago, e os dois melhores amigos de Jota na faculdade, Sílvio Andrade e Liliana Amargo, que eram inclusivamente da mesma turma da licenciatura em Publicidade e Marketing na Escola Superior de Comunicação Social. Tanto um como o outro tinham-se envolvido em atividades da AUPDL, certamente por influência de Jota, que desde cedo integrou a associação. E Liliana também andara na mesma escola secundária que Hélder e Jota. Era uma possibilidade que não podiam ignorar.

— O Justiceiro só pode ser o Hélder — comentou Marta, cansada de tantas horas ao computador. — Tudo aponta para ele. Os outros têm conexões mais fracas, menos óbvias... Mesmo o José Conceição, que era um forte suspeito, não temos como provar o álibi dele, apesar de tudo apontar para a sua inocência na terceira vítima.

— É verdade. A menos que o estejam a encobrir ou que ele tenha feito tudo de forma perfeita.

Marta captou bem o tom dúbio com que Leonardo lhe respondera.

— Em que estás a pensar?

— Não sei, parece-me que chegámos demasiado facilmente à identidade do assassino. Não te parece estranho ser assim tão fácil?

— Nem sempre é preciso andar a correr pela vida, a fugir de explosões ou a sobreviver a ferimentos graves — brincou Marta, recuperando um pouco do cansaço do trabalho. — Por vezes, podemos fazer o nosso trabalho com mais graciosidade, não achas?

Leonardo passou a mão pelo rosto cansado. Foram horas a procurar informações sobre todos os colegas de Tiago Brito. Tinham almoçado uns hambúrgueres que pediram através do Uber Eats e a tarde avançava com languidez.

— Ainda não houve nenhum avistamento nem do Hélder Carvalho nem do Samuel Pinto. Que merda.

Estavam os dois com avisos de detenção, mas até agora não tinha

surtido efeito. Num deles nunca teria efeito, como Leonardo bem sabia.

— Vamos lá concluir aqui o nosso trabalho que hoje é sábado e não nos pagam para estarmos aqui tanto tempo — atirou Marta, dirigindo-se para o quadro de cortiça.

Ficaram em silêncio, a considerar o que tinham em mãos. Não era grande coisa. Precisavam de capturar Hélder. Para isso, tinham de o encontrar. Mas desta vez, não dependia deles. Tinham de contar que, algures, um agente da autoridade o avistasse e o reportasse diretamente.

— E se revelássemos ao público que o Hélder Carvalho é o Justiceiro? — sugeriu Marta, que odiava os impasses nas investigações. — Tenho a certeza de que, com mais olhos nas ruas, ele seria apanhado com maior rapidez. Ter cidadãos preocupados a trabalhar connosco podia ser-nos útil.

— Não podemos colocar um alvo desses nas costas dele sem termos a certeza. Não sei o que as pessoas fariam se o encontrassem na rua. Podia nem sequer chegar vivo às nossas mãos.

— Portanto, que sugeres?

— Mantemos a partilha de informação apenas com as forças policiais. É melhor.

Marta ponderou uns segundos.

— Então, pede ao inspetor-chefe para reforçar o pedido de atenção redobrada do pessoal. O Hélder pode estar em qualquer ponto do país. — Ao considerar esse cenário, os olhos brilharam. — Temos de vigiar as fronteiras. Ele pode querer fugir do país!

CAPÍTULO 59

LEONARDO E MARTA

A respiração ofegante, urgente, carente.

O corpo dela em cima de si.

Ele sentado na cadeira com as mãos nas nádegas dela.

Ambos excitados, a sentirem a paixão que tinham um pelo outro. Quando faziam amor, os seus corpos uniam-se de uma forma explosiva e sensual, impossível de resistir. Não sabia se era da adrenalina do caso que estavam a investigar, mas desde que Marta fora violada meses antes que não faziam amor daquela forma tão apaixonada e desprendida. Vê-la novamente como ela era deixou-o ainda mais feliz.

Foi no meio dessa loucura sexual que Leonardo sentiu um género de relâmpago na memória que tanto procurava e que parecia esquecida no meio da sua loucura daquela manhã.

As suas mãos no pescoço e na boca de Samuel para o impedir de denunciar a sua posição. O medo de ser apanhado por Marta e de a sua vida acabar ali mesmo. A sensação de que não era ele quem estava a matar Samuel. A visão vermelha, certa de que era o melhor se eliminasse aquela escumalha da face da Terra. Uma frase, balbuciada em várias partes, repetida diversas vezes, mas não processada pela barreira que a escuridão de Leonardo erguera em si, tornando-o noutra versão de si mesmo.

Foi quando atingiram o orgasmo que se recordou da memória que lhe escapava.

A Rob... erta Sch... ulz... está... em... Birm...ingham!

Leonardo não processara o que ele dissera na altura, furioso como estava e cheio de pensamentos obscuros.

Marta beijou-o, agora com ternura, os corpos suados colados um ao outro, bem quentes e satisfeitos.

Leonardo retribuiu o beijo e sentiu um amor de tal forma forte que o deixou a pensar: havia o Leonardo normal, aquele que ali estava ainda dentro de Marta, e o outro, o que via vermelho e era preenchido por uma escuridão avassaladora e que era, agora, um assassino. Teria ele quebrado a sua alma em dois durante as Olimpíadas perante os horrores que tivera de cometer?

Conhecedor da psicologia humana, começou a compreender que era possível ter o transtorno dissociativo de identidade, vulgarmente chamado de transtorno de personalidades múltiplas, que se caracterizava por dois ou mais estados de personalidade, ou alter egos, que se alternavam entre si. Este tipo de transtorno, sabia-o, costumava ocorrer em pessoas que passaram por um evento traumatizante e devastador, principalmente na infância.

Marta saiu de cima dele e foi à casa de banho. Leonardo deitou-se na cama da namorada a olhar fixamente para o teto, assoberbado pelas duas descobertas. Fazer sexo ajudara-o a ir mais além no seu pensamento, no seu raciocínio. Era sabido que antigamente existiam rituais que envolviam sexo para que a pessoa chegasse a outro estado de iluminação. Leonardo acabara de provar como isso podia realmente resultar.

— Está tudo bem, Leo?

Ele sorriu. No entanto, por dentro, perguntava-se como podia dizer-lhe que a Roberta Schulz estava em Birmingham, sem relevar como o descobrira.

— Deixaste-me sem energia.

Ela sorriu, o cabelo ruivo a cair sobre o peito, numa cascata brilhante. Ela era perfeita. Tinha de a pedir em casamento assim que pudesse.

Leonardo foi à casa de banho, pegando na roupa e no telemóvel, enquanto formava um plano na sua mente. Ia ligar à mãe ou a Carlos a contar o que tinha descoberto acerca de Roberta Schulz. Depois pediria que eles lhe ligassem a contar essa mesma informação como se tivesse sido Lara, a criminosa, que lhes tivesse facultado a novidade.

Dessa forma, Marta nunca desconfiaria.

Era um ótimo plano.

O que poderia correr mal?

CAPÍTULO 60

LEONARDO

Leonardo estava de regresso à Margem Sul.

Dirigia-se para Fernão Ferro a fim de fazer algo para resolver a situação do cadáver que deixara escondido. Não o podia deixar assim. Não ficaria descansado.

O jantar com Marta fora sublime e relaxante. A última coisa que queria era sair de lá, mas tivera de ser. A presença de Mafalda em sua casa a isso exigia. A amante compreendeu sem levantar ondas.

O seu plano para revelar a localização de Roberta Schulz correra muito bem. Quando estavam ambos a jantar e a desfrutar da companhia um do outro, Margarida telefonou a contar a grande novidade. E acrescentou que ela e Carlos partiriam na manhã seguinte para Birmingham; tomaram a liberdade de prosseguir com a investigação e com o seu papel naquela missão. Como esta os levava para o estrangeiro, Leonardo não podia fazer nada sobre isso. Ficava a cargo deles.

Marta ficara contente e a vontade de encontrar Samuel parecera diminuir bastante. Para Leonardo, foi um alívio tremendo. Acabou por sair de Odivelas depois da meia-noite e partiu para Fernão Ferro, sem demoras, sabendo que teria de ir dormir a sua casa para ter um álibi. Não podia arriscar que a irmã se descaísse e dissesse a Marta que ele tinha chegado tarde a casa. Tinha de jogar com muito cuidado as suas cartadas. Estava a correr tudo bem, mas ainda faltava uma peça central daquele puzzle.

Livrar-se do corpo.

Estacionou o carro no limite da estrada por onde Samuel tinha fugido naquela manhã. Desligou o motor e as luzes, as janelas abertas para captar algum som que lhe indicasse alguma presença estranha, e aguardou largos minutos, combatendo a ansiedade.

Aos poucos, sentiu a escuridão surgir no coração e espalhar-se pelo corpo. Começou a pensar de maneira diferente, a imaginar o corpo de Samuel dilacerado, desfeito.

Quando percebeu que não havia ninguém nas redondezas, saiu do carro, fechou a porta e encaminhou-se para o interior do mato. O ar estava mais fresco e o céu limpo. Por momentos, conseguiu ver como era estrelado. Continuou a caminhar, as suas pisadas feitas com intenção, com propósito, sem se preocupar com o som que produziam ao pisar caruma e folhas secas.

Não havia ninguém num raio de centenas de metros.

Bom, ninguém vivo.

Com o aumento de densidade de árvores, teve de ligar a lanterna do telemóvel e apontar para o chão em frente. Até ali, a luz lunar servira para o guiar pelo meio dos arbustos e de algumas árvores. Agora, tinha de ter cuidado para que a sua luz artificial não atraísse olhares indesejados.

Minutos depois, avistou o aglomerado de arbustos que serviram para ocultar o corpo de Samuel. Até ele começava a duvidar se teria sido mesmo ali que ocultara o corpo, quando afastou um arbusto com o pé e avistou uma mão sem vida, a pele escura e já mordiscada por algum animal que por ali andava.

Isso deu-lhe uma ótima ideia.

Regressou ao carro num passo acelerado, excitado. Abriu o porta-bagagens e tateou o canto do lado direito. Colado ao fundo do porta-bagagens com um tecido preto para o ocultar, encontrava-se uma faca do mato, que cortava tudo. Leonardo guardara ali para não correr o risco de os seus sobrinhos se apoderarem dela e cometerem erros estúpidos.

O que ele queria fazer era simples, mas aquela faca tornaria tudo ainda mais fácil.

Com o monstro negro a controlar as operações, regressou ao local sem ligar a lanterna, o caminho memorizado. Calçou umas luvas de

látex e admirou a lâmina bem afiada.

Agachou-se ao lado do corpo e afastou os arbustos que lhe tapavam o rosto.

Os globos oculares tinham sido comidos, restando dois buracos vazios.

Pegou na faca do mato com determinação.

Tinha de se despachar.

O primeiro foi o mais difícil.

Levar a navalha a penetrar o pescoço da vítima de um lado ao outro, abrindo ali uma entrada bem fácil e convidativa aos predadores famintos, foi difícil.

O primeiro corte era o pior.

Depois, dominado cada vez mais pelo lado negro, esfaqueou com calma todo o corpo de Samuel, abrindo-lhe a pele por todo lado. A pele recolheu um pouco ao ser cortada e deixou antever a carne e o vermelho do seu interior.

Ao fim de quinze minutos, o corpo estava irreconhecível, cheio de cortes profundos do cocuruto até à planta dos pés. Não tinha como se livrar do corpo, mas assim ele não seria reconhecido. Quando o encontrassem, já os insetos e outros animais teriam feito o seu trabalho.

A escuridão de Leonardo acalmou. Estava em paz. Por agora.

CAPÍTULO 61

LEONARDO

Avançavam a mais de noventa quilómetros por hora pela Segunda Circular. O voo de Lisboa para Manchester, que partiria do Terminal 2, estava marcado para as onze da manhã.

Leonardo conduzia o seu *Mercedes* com alguma ansiedade. Mafalda estava ao lado, ainda incrédula por ter a mãe atrás de si, no banco traseiro, ao lado de Carlos Caetano. Este levava uma mochila com algumas mudas de roupa, e Margarida optara por uma mala de tamanho pequeno, com rodas e rígida, para carregar as suas.

Não quiseram levar mala de porão para não perderem tempo em Manchester, visto que ainda teriam uma viagem de várias horas de autocarro até à cidade onde Roberta Schulz deveria estar, segundo Samuel Pinto.

— Leonardo, ainda não me disseste como obtiveste esta informação. Muito menos o porquê de me pedires para fazer aquele teatro ontem à noite.

Margarida olhava-o pelo retrovisor, o olhar penetrante, profissional. Não era a sua mãe que estava ali, mas sim a campeã das Olimpíadas da Morte. Conhecia bem os meandros do mundo em que Leonardo se movia agora. Melhor que ninguém.

Mafalda não pareceu perceber, e Leonardo decidiu ignorar.

— Depois conto. Agora, o importante é terem um plano de ação.

— Vamos chegar a Birmingham lá para as seis da tarde, porque o voo aterra à uma e meia e depois do almoço temos uma viagem de

autocarro de três horas — informou Carlos, que tinha estado a estudar o itinerário. Ele nunca fora a Inglaterra e, apesar do perigoso motivo que os movia para lá, estava ansioso. — Quando chegarmos, vamos instalar-nos na pensão e depois vamos começar a sondar os bares locais.

— Tenho tudo controlado. Não te preocupes, filho — garantiu Margarida.

Estacionaram o carro no parque mais próximo das partidas e apanharam o transporte do Terminal 1 para o 2. Em pouco minutos estavam a entrar no terminal pretendido. Já tinham feito o check-in online, pelo que se mantiveram tranquilos a olhar para os ecrãs com as informações dos voos.

Margarida, vendo como Carlos e Mafalda estavam a comentar as durações do voo e do autocarro e a comparar as distâncias dos mesmos, aproximou-se do filho e afastou-o um pouco, a mão a segurar com firmeza o braço.

— O que é que se passa?

— Filho, o que aconteceu?

O ar dela era sério, pouco se importando em conseguir a simpatia do filho.

— O que aconteceu o quê?

— Ora, não me faças de burra. Ainda não me explicaste como é que obtiveste a informação de Birmingham. Que eu saiba, o Samuel não foi detido por vocês. Ele fugiu, não foi?

— Eu apanhei-o e consegui sacar-lhe a informação, mas depois distraí-me quando ele falou em Birmingham e fugiu.

— E qual era o mal de teres dito isso à Marta? Porque é que me fizeste ligar-lhe a contar aquela lengalenga toda?

Leonardo fechou os olhos, furioso. No meio da tormenta, não conseguira pensar com clareza. Se tivesse partilhado aquela versão com ela, não teria a mãe a desconfiar dele.

Ela segurou-lhe novamente no braço e apertou-o.

— O que é que aconteceu?

Perante a fuga ao contacto visual, Margarida abriu a boca de espanto, antes de se recompor e sussurrar ao ouvido do filho:

— Tu... *mataste-o*?

A pergunta, apesar de verdadeira, soava-lhe estranha. Como podia

essa palavra estar associada a si? Sentiu o corpo gelar.

— Fiz o que tinha de fazer. Tu és a última pessoa que me pode julgar — afirmou, dando um ligeiro safanão com o braço para se libertar.

Margarida ficou com o rosto mais rosado, mas não parecia chocada ou desiludida.

— Obrigado.

— Obrigado?

De todas as coisas que julgava poder ouvir da mãe, aquela seria a última.

— Sim. Vingaste a morte do teu filho. Do meu neto. Se há quem compreenda o que estás a passar, esse alguém sou eu.

— Ainda não os vinguei completamente.

— Da Roberta Schulz tratamos nós. Tu ficas aqui a tentar não arruinar a tua vida. O que é que se passou para... fazeres isso?

Leonardo não respondeu.

— As Olimpíadas da Morte. Isso mudou-te, não foi? Devia ter-me apercebido mais cedo, podia ter-te aconselhado...

Leonardo engoliu em seco. Era demasiado estranho falar daquele assunto com ela, assim de uma forma tão aberta e descontraída.

— Comigo aconteceu o mesmo. Tu sabes. Foi por isso que...

— Nos abandonaste, eu conheço bem essa história.

— E agora, ainda não me compreendes?

— O que há para compreender?

— O que me levou a deixar-vos. Não entendes agora?

— Eu jamais vou deixar a Marta. Nem nunca deixaria um filho.

Margarida olhou para o filho, pousou-lhe a mão na cara e sussurrou:

— Desculpa.

Leonardo sentiu-se vacilar.

Podia haver ali uma oportunidade de reconciliação? Olhou para Mafalda. Ela estava tão feliz por ter a mãe perto.

Afastou a ideia.

Não podia ser.

Margarida Rosa ir-se-ia embora quando a missão estivesse concluída. Fora esse o acordo. Não havia volta a dar.

— Margarida, temos de ir andando, já abriram o gate do nosso

voo — informou Carlos, colocando a mochila às costas, demasiado entusiasmado para o perigo mortal que iam enfrentar em breve.

Leonardo e Margarida trocaram um olhar e sorriram.

— Obrigado. Boa sorte.

Ela assentiu. Deu-lhe um abraço e Leonardo sentiu, também ele, um nó na garganta que o impedia de falar. Estava a ser abraçado pela sua mãe. Décadas depois de a ter encontrado morta.

Com calma, como se não estivessem a ir ao encontro de uma assassina sem remorsos, Margarida e Carlos caminharam pelo terminal até chegarem à zona da segurança, onde teriam de mostrar o bilhete. Acenaram em despedida para o inspetor e a irmã, até passarem pelo controlo e desaparecerem de vista.

Mafalda abraçou o irmão e chorou.

— Achas que vamos voltar a ver a mãe?

Leonardo, feliz pelo abraço da irmã, queria ter respondido. Queria ter-lhe assegurado que ia correr tudo bem. Que a mãe ia completar a missão com sucesso e chegar vitoriosa a Portugal para recolher os seus louros.

Mas, além do nó da garganta que insistia em impedi-lo de falar, a verdade é que ele não sabia o que ia acontecer.

A probabilidade de os voltar a ver aos dois era muito baixa.

Mas não ia dizer isso à irmã.

A ignorância era uma bênção.

CAPÍTULO 62

Os pneus palmilhavam a estrada com tranquilidade, o ronronar característico das bicicletas a propagar-se no espaço outrora silencioso. A tarde alongava-se com lentidão; era uma tarde de domingo, daquelas que pareciam eternas, cujo fim não se queria ver.

A família Andrade, composta pelos pais e pelos seus dois filhos, andava a um bom ritmo pelas ruas desertas nas suas bicicletas todo-o-terreno. Os filhos eram adolescentes e os pais na década dos quarenta, pelo que estavam naquela fase da vida em que podiam desafiar-se uns aos outros porque tinham capacidade para tal. Podiam fazer atividades daquelas em família, que tanto os unia.

Os Andrades viviam no centro da Amora, mas adoravam fazer passeios longos de bicicleta pela zona e nas proximidades sempre que o Sol a isso os convidava. Por vezes, quando se sentiam mais ambiciosos, iam até Sesimbra; estavam a planear ir à Arrábida quando o calor fosse mais forte e os dias mais longos.

Naquele dia, o passeio era mais modesto e levava-os a Fernão Ferro, a uma zona ainda pouco explorada, com ruas largas e algumas habitações, que lhes dava a segurança de pouco trânsito. Podiam andar no meio da estrada à vontade, o que era ótimo porque os filhos, tanto Rodrigo como Mónica, adoravam fazer cavalinhos e outras acrobacias que os pais passavam o tempo a condenar.

— Vá, deixem-se lá disso — pediu Tatiana, apoiada pelo marido logo a seguir.

— Vejam se me apanham, mas é! — desafiou António, o pai, virando abruptamente para uma rua à direita, que o ajudaria no arranque por ser a descer.

Os Andrades pedalarão rua abaixo.

— Atenção que ali à frente a estrada acaba!

A rua terminava num entroncamento: para a direita só era acessível a peões; do lado esquerdo, a estrada prosseguia. Em frente havia um mato enorme, com um caminho de terra batida que se iniciava precisamente naquele ponto, perdendo-se de vista. No acesso ao mato, estava uma cancela a proibir a passagem pela proteção florestal.

— Vamos em frente, vamos pelo mato! — gritou Mónica que, como o irmão e a mãe, aproximavam-se do pai.

— Sim, é mais fixe andar aí pelo meio — apoiou Rodrigo, começando a apanhar o pai.

O pai pareceu concordar, pois abrandou a bicicleta e, com cautela, subiu o passeio em frente e contornou a cancela. Os restantes seguiram-no e avançaram pelo caminho de terra batida. Era ainda mais pacífico poderem estar no meio da natureza, tão perto de casa. Mas a paz foi quebrada pelos irmãos, como de costume.

— Deixa-me! Mãe, olha o Rodrigo!

— Rodrigo, deixa a tua irmã em paz. Ela ainda cai.

— Se cair aqui não faz mal, o chão é mais macio do que na estrada.

— Não sejas parv... pára!

Rodrigo colocou-se ao lado da irmã e começou a dar-lhe toques no braço que ameaçavam mandá-la ao chão. Ela tentou responder e começaram a empurrar-se um ao outro, cada vez com mais força. O irmão, sendo mais velho e mais entroncado, parecia estar a dominar a situação. Mas Mónica tinha a sabedoria dos jovens consigo.

— Que é aquilo? Uma cobra? — perguntou, apontando em frente.

Assustado, perdeu o interesse na irmã e procurou, cheio de medo, pela maldita cobra.

Mas não havia nenhuma cobra. Fora uma manobra de distração tão antiga quanto o tempo. Aproveitando a sua vantagem, Mónica empurrou Rodrigo com força, mesmo quando estavam a passar por uma zona com bastantes arbustos.

O irmão, sem estar à espera daquilo, acabou por vacilar e cair de lado, em cheio em cima dos arbustos. Mónica parou a bicicleta e riu-se, a apontar para ele com bastante humor. Os pais pararam de pedalar, deram a volta e regressaram para perto da filha.

— Mónica...

— Ele é que começou, mãe!

— Não quero queixinhas!

Enquanto eles falavam sobre de quem era a culpa do sucedido, Rodrigo sentiu algo pegajoso e malcheiroso nas suas mãos, pernas e braços. Debaixo de si.

Levantou-se num ápice. Os pais ficaram brancos de pânico.

— Estás cheio de sangue, filho! Magoaste-te? António, liga para o 112.

O pai pegou no telemóvel colocado na bolsa bem apertada ao braço e iniciou a chamada com coração a bater a mil, receoso que algo de mal tivesse acontecido ao filho.

— Eu estou bem! Está ali... qualquer coisa. Vejam!

O ar de pânico de Rodrigo impeliu-os a cercarem a zona cheia de arbustos e a afastarem alguns para observarem o que se encontrava no interior.

A mãe abriu a boca mas não saiu som nenhum, apressando-se a voltar os filhos de costas para a cena, virados para si, apertando-os junto ao peito.

Quando a chamada foi atendida, António sabia bem que tipo de ajuda ia solicitar à operadora. Felizmente, ou não, não era necessário socorrerem ninguém.

Mas alguém teria de perceber como estava ali uma pessoa morta.

E quem a matara.

CAPÍTULO 63

NÚRIA

A balbúrdia era imensa.

O pequeno apartamento na baixa de Corroios, no Seixal, vibrava por todo o lado, com adolescentes a correr de um lado para o outro, aos gritos e a dispararem armas de plástico com munições de borracha, as famosas *Nerf*, mas as de nível mais avançado. Estava ali uma autêntica guerra campal. O apartamento era pequeno para aqueles jovens a correrem e a confusão era tremenda.

— Rapaziada, mais calma! — gritou Núria Tavares, uma jovem mulher, de braços cruzados.

— Tia, não sejas chata! Estamos só a brincar!

— Eu, chata? Vê lá se queres que acabe já com esta brincadeira — ameaçou, colocando a mão do lado esquerdo da anca, onde costuma estar o coldre com a sua arma de serviço. Isso chegou para que o seu sobrinho acalmasse e fizesse uma cara de enfado.

— Não eras capaz de fazer isso. Somos só crianças.

— Crianças de catorze anos! Já és um adolescente, lembras-te?

Ele encolheu os ombros e continuou a correr. Os rapazes recusavam-se sempre a crescer, por algum motivo que lhe escapava.

— Ainda estou no início da adolescência!

— Vais começar o secundário, já não és nenhum miúdo.

— Pois, por isso é que tenho de aproveitar agora antes que as hormonas entrem em ação e fique estúpido como o Manel — disse, referindo-se a um primo afastado que era dois anos mais velho e que

nunca falava com ninguém.

Núria sorriu, vendo-o disparar aquelas armas como se fossem uns autênticos bandidos a matarem os seus amigos até prevalecer o mais poderoso. Eles nunca cresciam.

Ela sabia bem demais o poder que uma arma podia ter. Carregava uma consigo durante o trabalho e ainda só a usara uma vez, embora o ideal fosse nunca precisar de a usar.

— A festa está lindíssima — comentou a mãe de um amigo do sobrinho, que se aproximou com um croquete na mão.

— Ainda bem que estás a gostar.

— É uma pena o que aconteceu à tua irmã. A Nurima faz muita falta. Nestes dias, então...

— Faz falta a todos nós. Todos os dias.

— Sim, claro, mas quando o filho dela faz anos, ainda mais.

— Para mim, a saudade é igual todos os dias.

A mulher assentiu e deu uma trinca no croquete para esconder o desconforto. Núria saiu do local e espreitou para a sala. Gedson, o filho da irmã, vivia consigo e era sua responsabilidade, dada a promessa que lhe fizera no leito da morte no ano anterior. Ia cuidar do sobrinho como se fosse seu filho, e não o deixaria desviar-se do caminho certo, para ter um futuro risonho como a tia. Prometera que nada de mal iria acontecer a Gedson. Assim, Nurima pôde morrer mais descansada.

Fora no meio de lágrimas e de muito sofrimento que Núria tinha recebido o sobrinho na casa onde vivia desde que atingira a maioridade. Adorava os pais, que se encontravam a beber vinho junto à janela da sala, mas a forma como eles e a irmã viraram costas uns aos outros fê-la perceber que teria de se desenvencilhar sozinha, para não depender de ninguém nem apanhar desgostos como ela apanhara. Por isso, assim que entrou na licenciatura de Direito da Universidade Lusófona de Lisboa, começou a trabalhar num restaurante no Almada Fórum, emprego que intercalava com os estudos. Assim, conseguiu comprar aquele apartamento com mais de três décadas numa zona bastante calma, e pôde ignorar os pedidos dos pais para não sair de casa tão cedo, que era má ideia fazer tudo sozinha, tendo eles possibilidades para lhe garantir a satisfação de todas as necessidades.

Mas Núria era uma mulher independente, com uma constante

necessidade de provar a todos o seu valor. Por isso, vivia naquele apartamento há cinco anos e acolhera o seu sobrinho há menos de um. O seu emprego atual, aquele pelo qual lutara tanto, iniciara-o dois anos antes, após tirar o curso de especialização da instituição que a contratara.

O seu telemóvel tocou, dando-lhe a desculpa perfeita para fugir a uma conversa fugaz e sem sentido com outra mãe que entretanto se aproximara com a cara de enterro de quem iria lamentar a morte da irmã. Como se Núria já não tivesse ouvido suficientes frases feitas e ocas.

Ficou intrigada ao ver que a chamada era do emprego.

Pousou o copo de cerveja na cornija da lareira e correu para o quarto. Fechou a porta e atendeu com uma certa ansiedade, algo que ainda a envolvia antes de cada trabalho. Era o inspetor-chefe da Brigada de Homicídios da Polícia Judiciária de Setúbal, Ivo Neto.

— Estou, sim, inspetor-chefe?

— Olá, Núria. Desculpa incomodar-te a um domingo à tarde. — Parou por momentos. — Estás numa festa? Interrompo alguma coisa?

— Não, não interrompe nada — garantiu, afastando-se até à janela, com vista para o parque das traseiras.

— Bom, preciso de ti. Surgiu um corpo e tu és quem está mais perto. O caso é teu, se quiseres.

Núria aceitou sem preâmbulos, a inspetora que havia em si a assumir o comando.

— Vou já a caminho do local.

CAPÍTULO 64

NÚRIA

O acesso ao mato estava selado com a característica fita da polícia. Observando a zona habitacional onde se encontrava, Núria percebeu que não iriam ter problemas com testemunhas oculares indesejadas. Não estava praticamente ali ninguém, pelo que não via a necessidade de todo o aparato no local.

Passou pelo posto de controlo, mostrando o distintivo ao agente da PSP que verificava o acesso ao local onde fora encontrado o corpo. À direita, outro agente anotava o depoimento de uma família de quatro pessoas que parecia horrorizada. Fez uma nota mental para pedir as informações ao agente ou ser ela mesma a entrevistar a família que encontrara o corpo.

Com um top castanho que se ajustava bem ao seu tronco esguio, deixando os braços tonificados à mostra e com uns calções de ganga a meio da coxa, atraía a atenção masculina enquanto avançava com cautela pelo meio dos arbustos e das árvores, rumo ao aglomerado de agentes e técnicos forenses que lhe indicava o lugar certo. A verdade é que não tivera tempo de mudar a vestimenta para algo mais formal, mas ela sabia colocá-los bem na linha e jamais se intimidara pelo interesse sexual de colegas. Núria tinha uma afro gloriosa, olhos amendoados e curiosos. Mas se havia característica que não tinha, era ser frágil.

Trabalhava na PJ há três anos e ainda se sentia uma novata. Trabalhava sozinha por falta de pessoal na PJ de Setúbal, mas o

inspetor-chefe já lhe assegurara que vários inspetores estavam a ser formados e que, em breve, teria um estagiário para trabalhar consigo. Isso deixara-a ainda mais revoltada, porque ela odiava ter de explicar tudo de novo a alguém que não percebia nada daquilo. Não tinha vocação para professora e preferia trabalhar sozinha.

— Bom dia, pessoal — cumprimentou, recebendo acenos e uns gemidos como resposta. E alguns olhares mais demorados, incluindo da única mulher na equipa de peritos da Polícia Científica de Setúbal, os quais, vestidos com os macacões brancos dos pés à cabeça, analisavam o solo em redor da língua de arbustos onde Núria supunha estar o cadáver.

Vestiu o macacão rapidamente e aproximou-se.

— Onde está o cadáver?

Seguiu o dedo de um perito que apontava para a frente. Aproximou-se, olhando para o meio dos arbustos, que tinham sido cortados o melhor possível com uma serra a fim de o corpo ficar exposto para melhor visualização. Núria sabia que tinham adquirido fotografias do local antes de lhe mexerem para ficar tudo documentado.

Inclinou-se. A vítima estava cheia de golpes, uns mais fundos e outros nem tanto, deixando o rosto irreconhecível e numa amálgama de sangue e carne.

A roupa que o cobria estava desfeita e ensanguentada. O assassino dilacerara cortes no corpo inteiro. Perdera ali uns bons dez minutos a executar o trabalho. Era horrível.

Por que razão o assassino fizera aquilo? Seria um crime passional? Vingança?

— Conseguiram alguma identificação?

Eles negaram. A vítima não tinha nada que a pudesse identificar. Núria estava por conta própria. Aproximou mais o rosto e reparou que o corpo palpitava com vida. Larvas, mosquitos e dois ratos pareciam estar num banquete, andando de um local para outro, frenéticos, em busca de um alimento que lhes caíra do céu e que não iam desaproveitar.

— Temos de levar alguns destes bichos, não vá eles terem ingerido algo que nos ajude — assinalou. — Principalmente estes ratos.

— A vítima está cheia de mordidelas deste género. Temos a

certeza de que muitos animais já aqui vieram. Esses são os resistentes.

— Sim, mas deviam levá-los na mesma para confirmarem se não ingeriram algo que nos possa ser útil para a sua identificação. E para nos ajudarem no cálculo da hora da morte.

Apesar de todas as facadas e da falta de carne nas extremidades do corpo, conseguia perceber que a vítima tinha a pele escura como ela. As calças eram características de quem trabalhava nas obras, cheias de tinta ressequida e gastas, e mesmo a camisola parecia velha, apesar da cor ser indecifrável pelo facto de estar empapada em sangue.

Analizou cada centímetro do corpo, ignorando o banquete dos insetos. Quando os seus olhos pousaram no pescoço da vítima, pareceu avistar uma espécie de tatuagem. Seria mesmo? O cheiro era nauseabundo, putrefacto, e precisou de todas as suas forças para não virar a cara e dar parte de fraca.

— É normal estar este cheiro horrível — comentou um homem com excesso de peso e mais de cinquenta anos, também equipado para analisar o corpo da vítima. Era o médico-legista destacado para o caso. — A decomposição, ainda por cima ao ar livre, começa logo doze horas depois da morte devido às bactérias do intestino que começam a digerir as proteínas e lançar gases que provocam este mau cheiro que sentimos. Como vê, a vítima tem a barriga ligeiramente inchada...

— Porque os gases se acumulam, eu sei. E este cheiro atrai estas moscas varejeiras, que ainda aceleram mais a decomposição. Há quanto tempo estará o corpo aqui?

O médico-legista assentiu, mais contente do que surpreendido.

— Normalmente, este nível de putrefação surge ao fim de dois ou três dias, mas com as temperaturas elevadas que temos tido e o tempo mais seco, diria que a vítima morreu há um ou dois dias. Saberei mais na autópsia.

— Obrigado, doutor.

Núria anotou tudo na sua mente para depois colocar em papel. Com a pressa de sair de casa, esquecera-se do seu bloco de notas. Arranjar um estagiário até podia ser benéfico; ela odiava a burocracia da sua profissão. Preferia muito mais a parte prática e ativa da investigação. Voltou a concentrar-se no pescoço da vítima, onde um rato debicava e rasgava a pele fina. Num ato repentino, um dos

técnicos agarrou-o com as mãos e levou-o consigo, para armazená-lo e analisar-lhe o estômago em busca de indícios.

Voltou a analisar a pele do lado esquerdo do pescoço. Apesar dos cortes e do sangue que coagulava em alguns pontos, conseguiu perceber o desenho que a tatuagem representava, como se estivesse a ver um quadro rasgado por um animal selvagem. Unindo os resquícios da tatuagem, Núria conseguiu formar uma imagem clara. Um coração quebrado ao meio. Como se aquela pessoa quisesse mostrar ao mundo um desgosto enorme que tivera no passado.

Essa imagem fez um clique na sua cabeça. Ela já vira aquela imagem recentemente. Mas teria visto em contexto profissional ou pessoal?

— Olá, Núria, olha, achas que...

— Agora não, Pedro — cortou, sem desviar o olhar. Pedro era um dos peritos que costumava encontrar nas investigações e que tentava há algum tempo marcar um encontro com ela. Mas Núria não estava para aí virada. Não queria ser mais uma conquista para depois ele se ir gabar aos colegas, ainda por cima trabalhando na mesma instituição que ela.

Nem pensar.

O que lhe interessava era a tatuagem. Onde a vira?

Afastou-se do corpo para abrir o macacão e pegar no telemóvel. Quando tinha um palpite, o seu corpo ficava frenético de entusiasmo e ela sentia-se obrigada a confirmar a sua ideia. Procurou algo na intranet da Polícia Judiciária e fez um esgar, num misto de choque, por ver como a vítima era em vida, e felicidade por saber com quem iria falar sobre aquela descoberta.

O nome da vítima era Samuel Pinto e os inspetores que o procuravam era a dupla mais falada no seio da PJ.

Dupla, essa, que continha o seu maior ídolo de profissão.

Tinha a desculpa perfeita para falar com o inspetor Leonardo Rosa.

CAPÍTULO 65

LEONARDO E MARTA

Os corpos estavam transpirados por cima dos lençóis, a respiração de ambos ofegante e os sorrisos rasgados. Após deixar a mãe e Carlos no aeroporto, Marta convidara-o a fazer-lhe uma visita a sua casa para afastarem os pensamentos da investigação e poderem limpar um pouco a mente.

Resultara na perfeição.

Uma manhã na cama, a desfrutar do corpo um do outro, fora suficiente para tirar a cabeça do Caso Elementar. E de um certo cadáver que Leonardo esperava estar a avançar rapidamente na decomposição pelos cortes que *ele* aplicara.

No final da manhã, vestiram-se e compareceram na AUPDL, depois de Leonardo ter mostrado o comentário da rececionista na publicação de Hélder no Instagram. Tinham analisado todas as publicações do escritor a contar do presente para trás e viram que ela comentava de forma entusiasmada, e cúmplice, desde há um ano. Poderia ela saber alguma coisa que lhes fosse útil? Valia sempre a pena tentar, principalmente quando as pistas concretas escasseavam.

— Bom dia, Joana — cumprimentou Marta, assim que transpuseram a porta envidraçada da entrada, onde era assinalado que a associação estava aberta até às doze horas daquele domingo. — Lembra-se de nós?

Joana abriu o rosto num sorriso bonito, os olhos a cintilar de reconhecimento.

— Leonardo e Marta, inspetores da PJ. Lembro-me, sim.

O telemóvel do inspetor tocou, enfadando-o pelo incómodo num momento tão importante. Verificou o ecrã e sentiu um formigueiro ao constatar que era um número desconhecido. Tirou o som do telemóvel e fez sinal a Marta para prosseguir.

— Podemos falar consigo um pouco? Talvez na sala de reuniões.

— Claro. E podemos tratar-nos por tu?

— Muito bem. Podemos fazer-te umas perguntas?

Ela assentiu, guiando-os para a mesma sala de reuniões onde tinham conhecido Hélder e a líder da AUPDL.

— Em que posso ajudar-vos? — perguntou, depois de se sentarem.

— Quão bem conheces o Hélder Carvalho?

— O escritor?

— Sim.

Ela corou imediatamente, o que lhes dava indicação de muita coisa. Passou a mão pelo fio dourado ao peito enquanto pensava e media as palavras que ia dizer.

— Bom, nós... sim, falámos algumas vezes, claro. Eu estou na receção e ele tem vindo cá com regularidade desde o final do ano passado. — O sorriso dela era prova de como nutria sentimentos mais fortes do que seria de prever. — Ele é um homem encantador. Eu já era fã dos livros dele, e quando o pude conhecer pessoalmente fiquei fascinada.

— Ficaram amigos?

— Diria que sim.

— Ele correspondeu aos teus sentimentos ou foi apenas sexo? — disparou Leonardo, sem aviso nem preparação.

Marta ficou tensa, achando que o colega fora demasiado direto. Deu-lhe um apertão impercetível no braço para que ele tivesse calma.

— Joana, não tens de responder se não te sentires confortável. Estamos num sítio seguro e isto não é um interrogatório, está bem?

A rececionista assentiu, nervosa, mas, ainda assim, sorridente.

— Não tem mal. Eu... nós, sim, envolvemo-nos intimamente.

— Mas eram namorados ou era apenas sexo?

Ela piscou os olhos para afastar a emoção.

— Quero acreditar que éramos mais do que amantes.

— Sabes que é público que ele é, ou era, homofóbico. Pelo menos

até terminar a faculdade há uns anos. Consegues dizer-nos algo sobre isso?

— Sim, eu soube desses boatos. Mas ele não tem nada que ver com o Hélder estudante. No início do ano, ele até andava muito triste, abatido.

— Porquê?

— Porque uma das pessoas com quem mais implicou na vida tinha-se suicidado, acusando-o de ser o principal culpado. Como é que uma pessoa vive com esse peso?

O silêncio impôs-se naquele momento, mas eles não tinham acabado.

— És religiosa?

— Bem, sim, quanto baste. Porquê?

— Por causa do colar — apontou para o fio de ouro, cujo pendente se escondia na camisola de seda azul, mas que se revelara perante os gestos nervosos da rececionista. — É uma cruz.

— Foi uma prenda da minha avó. Acho o fio lindo, só isso. Só costume ir às igrejas em casamentos ou batizados, estão a ver?

— Sabes onde podemos encontrar o Hélder?

A mudança brusca da conversa por parte de Marta deixou-a perplexa.

— Não o vejo há uns dias... e agora vocês estão a fazer perguntas sobre ele. Aconteceu alguma coisa? Não me digam que ele foi atacado por esse Justiceiro?

— Por que razão aconteceria isso?

— Ora, porque ele está a escrever um livro para apoiar a comunidade LGBT. É um trabalho notável. E o assassino não anda a matar pessoas LGBT? Podia querer eliminar o Hélder porque sabe que ele vai fazer um excelente trabalho.

— Tens falado com ele?

— Não, e estava bastante preocupada. Acho que agora até estou mais. O que aconteceu? Não me digam que ele está morto?

— Tens aqui o nosso cartão — indicou, ignorando a sua questão.

— Se falares com ele, tenta saber onde anda. Precisamos urgentemente de falar com ele.

Joana recebeu o cartão das mãos de Marta a tremer ligeiramente, preocupada com a situação. Despediram-se secamente e repararam

que ela pegou no telemóvel assim que eles colocaram um pé fora da associação. O telemóvel de Marta tocou nesse momento e ela atendeu de imediato.

— Se calhar devíamos segui-la nos próximos dias, não achas? — sugeriu Leonardo, desconfiado. — Suspeito que ela nos possa levar a ele.

Mas Marta não lhe respondeu. Estava ao telefone com o inspetor-chefe.

— Não é preciso — disse, assim que desligou. — O Hélder Carvalho foi avistado.

CAPÍTULO 66

LEONARDO E MARTA

Um agente policial encontrava-se a abastecer o veículo numa bomba de combustível no centro do Cartaxo quando o vira de relance, a sair apressadamente do local.

As imagens da câmara de vigilância tinham sido requisitadas de imediato e, assim que foram disponibilizadas pela segurança do posto de abastecimento em questão, foram enviadas para os inspetores Leonardo e Marta.

Visualizaram-no no caminho, frenéticos.

O posto era muito simples e pequeno, com apenas quatro pontos de abastecimento. A câmara de vigilância encontrava-se no alto, junto ao tejadilho que protegia a zona de abastecimento da chuva. A imagem apresentava-se granulada, mas era possível discernirem uma mulher de cabelo curto e grisalho a abastecer um jipe no posto da frente do lado direito. A seguir, surgiu nas imagens um homem com um boné azul. Passou pela mulher, vindo da rua, e encaminhou-se para o interior da loja da estação de serviço.

Ao fim de um minuto de vídeo sem alterações, um carro ligeiro, branco, parou do outro lado do posto da mulher de cabelo grisalho. Parou mais à frente do que era suposto e a justificação foi dada assim que o homem saiu do carro e puxou a mangueira para o outro lado do veículo: a entrada do depósito de combustível estava do lado oposto.

Mas o que lhes interessava era o rosto do homem, que parecia agitado, a cabeça sem parar de se mexer em todas as direções, ainda

que ele tentasse ocultar esse nervosismo com movimentos deliberadamente lentos.

— Anda lá, mostra a cara... — pediu Marta.

O rosto parecia estar virado para baixo, para a mangueira que introduzia o combustível no veículo, mas dava para perceber que olhava subtilmente em redor. Parecia ansioso.

Num momento em que o rosto se viu claramente, não tiveram dúvidas de que se tratava do escritor mais procurado do país. Apesar do seu estado de «procurado», manteve-se a encher o depósito durante uns minutos, atestando-o na totalidade. Estava a arriscar para poder ter mais liberdade de movimentos.

Atrás de si, no posto imediatamente atrás, um veículo da GNR parou e o respetivo ocupante fardado saiu e procedeu ao enchimento do depósito.

Os inspetores inclinaram mais as cabeças para perto do ecrã de telemóvel para tentarem perceber alguma mudança de expressão no rosto de Hélder, algo que denunciase o momento em que percebia a perigosa situação em que se encontrava. Este pareceu ter atestado o depósito, puxou um pouco a mangueira, sacudiu-a e retirou-a para a colocar no sítio de descanso. Voltou para fechar a tampa do depósito e ficou muito hirto, assustado.

— Foi aqui que ele se apercebeu da presença do agente — adivinhou Marta.

— Sim, ele não está a olhar para o agente, mas vê-se que algo aconteceu. Está tenso como o caraças.

Hélder manteve a pose durante alguns segundos, até que o agente o encarou com curiosidade. O escritor reparou que ele estava a olhar para si, desfez a atitude de estátua e entrou no carro. Segundos depois, o carro desapareceu do alcance da câmara.

O posto de combustível estava temporariamente encerrado, com a fita amarela da polícia em todo o redor, bem como agentes colocados na entrada e na saída do pequeno estabelecimento. Depois de confirmarem as suas credenciais, os inspetores avançaram, olhando para a zona onde estivera Hélder Carvalho a abastecer o carro. Conseguiram imaginá-lo na perfeição naquele local. Entraram na loja e

apreciaram a frescura do interior. Apesar das roupas leves e ligeiramente informais que usavam, sentiam-se acalorados.

— Não reparei em ninguém, senhor agente. Ele nem sequer veio aqui pagar.

Um agente da GNR fazia perguntas ao único funcionário do posto de abastecimento. Leonardo percebeu que ele estava a dizer a verdade pela sua linguagem corporal.

No final da bancada onde os clientes faziam os pagamentos, um homem jovem, barbudo, de chapéu azul e com um ar extremamente aborrecido, estava de braços cruzados a olhar para o GNR a conversar com o funcionário.

Leonardo fez sinal a Marta e encaminharam-se na direção dele.

— Boa tarde, somos os inspetores Leonardo Rosa e Marta Mateus da PJ de Lisboa.

— Lisboa?

— Sim. Como deve ter reparado, passou por aqui um homem procurado pela polícia. Temos provas de que estava aqui na altura em que ele abasteceu o carro.

— É possível que sim, mas não sei de quem falam. Ele já estava a abastecer quando eu entrei?

— Não, chegou um pouco depois.

— Aí têm. Eu estive aqui dentro esse tempo todo e não faço a mínima ideia do que se passa. Acho que já me podia ir embora... estou aqui há séculos sem saber porquê, honestamente...

— Então, por que razão continua aqui, se não viu nada?

— Porque o senhor da GNR continua ali e pediu-me para esperar por ele.

Os inspetores compreenderam, desanimados. Ninguém reparara em Hélder. Mas por que motivo estava ele ali? Saíram da loja para o ambiente mais abafado do exterior. Ignoraram os rostos dos civis, que se iam acumulando no exterior do perímetro de segurança e mantinham-se de telemóveis apontados para eles, a gravar e a fotografar.

— Será que o Hélder estava de passagem, apenas para abastecer, ou este era o seu destino?

— Era precisamente isso que me estava a questionar, M&M.

— Eu sei. Pensamos de maneira semelhante.

Leonardo sorriu, mas a sua cabeça estava em Hélder Carvalho. Revivia, mentalmente, as imagens da câmara de vigilância. O olhar dele, para onde estava direcionado, a forma como foi surpreendido pelo agente da GNR.

Algo não batia certo.

Leonardo dirigiu-se ao local onde Hélder abastecera o carro. Simulou o que ele fizera, para onde olhara enquanto abastecera o carro. Teria ele estado de cabeça virada para a loja, mas com o olho no agente da GNR o tempo todo? A imagem, de baixa qualidade, não permitia discernir a direção exata do olhar, apenas a direção para onde a cabeça parecia apontar.

— Que estás a pensar?

Marta aproximou-se, tentando perceber o que estava o colega a fazer.

— Não temos como saber se o Hélder estava de passagem ou não, por isso estou a tentar pôr em causa tudo o que vimos nas imagens de vigilância.

— Achas que vimos mal alguma coisa?

— É possível que não tenhamos interpretado bem algumas coisas.

Marta pegou no telemóvel e acedeu à gravação. Juntos, voltaram a ver tudo desde que Hélder entrara em ação. O agente da GNR acabou por abandonar a loja, juntamente com os outros dois homens. O funcionário da loja pegou no telemóvel e fez uns telefonemas, parecendo assustado.

— Estás a ver, aqui? — perguntou Leonardo, apontando para o rosto de Hélder. — A cabeça dele está virada para a loja na altura em que chega o homem da GNR, mas não vemos qualquer movimento de reconhecimento.

— Como se ele nem se tivesse apercebido da presença da GNR — percebeu Marta.

— Não sei se ele será suficientemente bom ator para ver um agente da autoridade e fingir que nada se passa. Ele é procurado pela polícia e reage assim ao ver um guarda?

— Sim, não faz sentido. Mas se ele não estava a observar o guarda, então estava a olhar...

— Para a loja da estação de serviço.

Olharam para a pequena loja, como se pudessem ver o que Hélder

vira horas antes.

— Temos de verificar se alguma das vítimas ou dos colegas de escola de Hélder têm família ou casa aqui no Cartaxo ou nas imediações — lançou Marta.

— Dessa forma, saberemos se este era o destino do Hélder ou apenas a passagem. Brilhante.

Marta sorriu e procurou a informação no telemóvel, acedendo à intranet da PJ e consultando os documentos que eles tinham redigido anteriormente. Leonardo fez o mesmo e dividiram o trabalho. Tinham de analisar cada pessoa de interesse no caso e os colegas de turma de Hélder. Meia hora depois, foi a inspetora quem ergueu o braço em sinal de vitória.

— Há realmente uma família que vive no Cartaxo.

— Quem?

— Os pais do tal colega que se suicidou. O Jota. João Gomes Marques.

CAPÍTULO 67

LEONARDO E MARTA

Os pais de Jota, Luís e Clara Marques, eram o resultado de meses de sofrimento. A morte do filho parecia ter acabado com eles.

O apartamento onde Leonardo e Marta se encontravam, a poucos quilómetros do local onde estivera Hélder Carvalho a abastecer o seu veículo, estava decrepito, por limpar, e com uma mistura de cheiros nada agradável.

Sentados no sofá, o casal parecia diminuto, como se uma rajada de vento os pudesse remover da existência. O pai batia com o pé no chão num ritmo louco e a mãe agarrava-se ao seu colar dourado com afinco. Seria assim que Leonardo devia ter ficado com a morte do seu filho? Seria ele estranho por reagir da forma que reagiu, sendo dominado por uma escuridão vingativa que o levava a cometer atos condenáveis?

Marta, com a aplicação de notas aberta, fez a primeira pergunta:

— Como dissemos ainda agora, compreendemos que seja difícil falar neste assunto, mas há certas questões que temos de fazer. — Eles consentiram, muito a medo. — O Jota teve uma infância difícil? Teve problemas ao longo dos anos de escola?

— Vocês não sabem o que é ter um filho... diferente. Especial — começou Clara, com os olhos vermelhos e o rosto pintado de lágrimas.

— Diferente em que sentido?

— O Jota era gay. Desde muito cedo que percebemos isso.

— Perceberam como?

— Ele sempre preferiu brincar com bonecas, gostava de se mascarar de princesa... Foi-nos muito difícil assimilar isso. Não compreendíamos, sentimo-nos impotentes, sabem? Coitado, ele era tão amoroso, era uma joia de rapaz. Mas sofreu tanto por ser assim.

— O Jota sofria de bullying na escola?

Os pais acenaram lentamente.

— De alguém em específico ou era da escola toda, no geral?

Os inspetores repararam como os corpos dos pais ficaram tensos.

— Havia um grupinho que gozava com todos — cuspiu a mãe.

— Eram da turma do nosso Jota.

— Mas havia um de quem o Jota falava mais vezes.

— Sim, aquele palerma que o gozava mais que todos os outros.

— Como se chamava esse rapaz? — perguntou Marta, falsamente inocente.

— É aquele escritor que anda para aí.

— Sim, diz-se que ele agora até quer escrever um livro sobre a comunidade LGBT. A lata desse tipo.

Leonardo sentiu uma pontada de eletricidade percorrer o seu corpo. Os pais de Jota tinham acabado de admitir que Hélder Cristóvão fora o pior bully da vida do filho. Poderiam ser eles o motivo da sua vinda ao Cartaxo?

— A questão é que ele odiava as pessoas dessa comunidade — prosseguiu a mãe. — Odiava de morte. E agora quer ajudá-los? Por favor, isso é tudo fantochada, acreditem.

Leonardo inspirou fundo e preparou-se para a próxima pergunta.

— O que aconteceu ao vosso filho? — lançou, olhando-os com atenção.

A questão do inspetor baixou a temperatura da sala em vários graus. O ar pareceu parar. Os rostos do casal Marques pareceram esvaziar-se de emoções. Os olhos ficaram parados no tempo. Até as partículas de pó pareceram ficar em suspenso.

— Ele morreu — disse a mãe, mantendo o olhar ausente.

— Em que circunstâncias?

— Suicídio.

— Como?

— Com uma mão-cheia de comprimidos, como tinha feito antes.

— Ele já tinha tentado antes?

— Sim, no final das férias de verão, antes de entrar para a faculdade. Foi quando saíram as colocações dos alunos nas universidades. O nosso filho estava sozinho em casa quando reparou que o Hélder também estava na mesma universidade, ainda que num curso diferente.

— Ele não aguentou a pressão antecipada do que seriam os anos seguintes e engoliu um frasco inteiro de calmantes — continuou o pai.

— A sorte foi que estava a falar com uma amiga por mensagem e despediu-se dela. A rapariga ligou-nos e conseguimos chegar a tempo.

— Que aconteceu?

— Por que razão nos vieram fazer estas perguntas sobre o nosso filho? O caso está fechado há meses, segundo sabemos.

Os inspetores compreenderam a mensagem e decidiram não insistir na questão do suicídio. Teriam de consultar os arquivos do caso posteriormente.

— Receamos que o Hélder esteja envolvido em algo... que nos interessa. Ele está fugido e foi avistado no Cartaxo há umas horas. Achámos muita coincidência ele estar aqui, na terra dos pais da pessoa que alegadamente levou ao suicídio. Quisemos vir falar convosco.

— Eu sabia que o Hélder... — o rosto de Luís abriu-se de espanto.
— Não me digam que é o assassino do Caso Elementar ou lá como se chama? Exato, então aquele Tiago é mesmo o amigo do Jota, Clara! Nós sabíamos que ele era um assassino. E agora temos a prova!

A conclusão parcialmente certa a que Luís chegara pareceu dar um outro ânimo ao casal, como se tivesse rejuvenescido em segundos.

— Só vos pedimos que não divulguem o que acabámos de vos dizer — pediu com delicadeza. — Precisamos de algum sigilo.

O casal aquiesceu e Marta deixou um cartão com o seu número, para que eles ligassem caso acontecesse alguma coisa, por mínima que fosse, que envolvesse o Hélder Carvalho.

Entretanto, Leonardo aproveitou esses segundos para andar um pouco pela sala. Reparou que, por cima da lareira, estavam algumas fotografias emolduradas. O inspetor gostava sempre de observar as fotografias de família; costumavam dar-lhe informações que muitas vezes não obtinha das conversas.

Numa das muitas fotos de Jota, o jovem aparecia ao lado de uma mulher alta, esguia e morena.

— Esta é a Ana Pardal? — perguntou, referindo-se à presidente da AUPDL.

Os pais olharam sem grande interesse e confirmaram.

— Há quanto tempo foi tirada esta foto?

— O Jota devia ter uns treze, catorze anos — esclareceu a mãe, a contragosto.

— Portanto, foi tirada há treze anos, mais coisa menos coisa. Alguma coisa relacionada com a AUPDL?

— Sim, ele ia lá, dia sim, dia não, quando começou a perceber que gostava de rapazes. Essa Ana era voluntária, estava lá há pouco tempo, e ajudou o nosso filho a compreender o que sentia. Era uma querida, espero que esteja tudo bem com ela.

— A Ana é a presidente da AUPDL nos dias que correm.

Eles não ficaram muito impressionados.

— Ainda bem. Era muito carinhosa e, pelo que soubemos mais tarde, fez tudo pelo nosso filho.

As duas fotos restantes que analisou eram de Jota com os pais. Duas selfies. Numa, ele segurava um diploma qualquer. Leonardo leu melhor e parecia ser de finalista do secundário. Na outra, o Jota estava mascarado de Pai Natal, com barba branca incluída. De cada lado, os pais estavam vestidos a rigor para a época natalícia. Pareciam uma família muito feliz. Mas tudo terminou em tragédia.

CAPÍTULO 68

CARLOS

A chegada a Birmingham despertou-o da letargia em que a viagem de mais de três horas de autocarro o deixara. Carlos e Margarida sentiam-se cansados, a precisar de um bom banho, mas ficaram bem alerta ao saírem do autocarro que os levava até à cidade de West Midlands que era, segundo os residentes, a segunda maior de todo o Reino Unido.

— Começo a perceber por que razão a Roberta quis esconder-se aqui — referiu Margarida Rosa, o seu ar nórdico a destoar muito pouco dos ingleses, com a sua pele esbranquiçada e cabelos claros. — Aqui vivem mais de oito milhões de pessoas.

— E temos de encontrar uma que não quer ser encontrada.

Começaram a caminhar para a zona de aluguer de viaturas.

— Há sempre formas de encontrar as pessoas.

— A Margarida sabe?

Ela olhou-o, primeiro com surpresa, depois com desdém.

— Quem é que achas que sou?

Carlos sorriu perante o dramatismo da mãe de Leonardo Rosa e avaliou as viaturas que se encontravam para serem alugadas. Reparou inevitavelmente na posição do volante.

— Sabe conduzir aqui pela esquerda?

— Sabes, para se vencer umas Olimpíadas da Morte é preciso saber fazer tudo. Não sabendo, temos de conseguir desenvencilharmos como se soubéssemos.

— Tudo bem. Vou assumir que é um sim.

Alugaram um *Mini Cooper* descapotável e Carlos sentou-se do lado esquerdo; foi uma sensação muito estranha estar daquele lado sem um volante à frente.

— Espero mesmo que saiba o que está a fazer... Isto é muito estranho.

— Eu já conduzi em Inglaterra — assegurou. — Não te preocupes. Vá, vamos.

— Para onde vamos?

— Ter com uma pessoa que conheço.

— A Margarida tem gente conhecida em todo o lado?

— Em Birmingham não, mas quando soube que vínhamos para aqui contactei imediatamente um colega que está por cá para nos encontrarmos.

— E esse *colega*, como é que nos pode ajudar?

— Fazes muitas perguntas, Carlos.

— Tem mal?

Ela abanou a cabeça, entrando numa rotunda pela esquerda. Carlos agarrou-se ao manípulo da porta, assustado, até perceber que estavam a seguir o caminho certo.

— Porra, não sei se me vou habituar a isto.

Margarida riu-se e abanou a cabeça, divertida com a jovialidade de Carlos. Conduzia devagar, tendo a noção de que naquele momento o importante não era chegar depressa, mas chegar sem percalços.

— As Olimpíadas da Morte do seu tempo também eram como as que aconteceram o ano passado?

A pergunta, tão inusitada quanto intrusiva, deixou-a desarmada. Com um ar subitamente sério, e sem tirar os olhos da estrada, respondeu apenas minutos depois, quando ele já achava que ia ser ignorado.

— Na minha altura, não eram tão exigente. Nem envolvia tantas pessoas como esta última edição. A questão é que o sucesso do livro *Battle Royale*, e depois o estrondoso sucesso dos *Jogos da Fome*, deram muitas ideias ao comité que organiza as Olimpíadas. Foram aperfeiçoando-as ao longo das novas edições.

— Como era no seu tempo?

— Não queiras saber. A grande diferença é que não tínhamos

aquela tarefa final, como o Leonardo teve. De resto, era semelhante, exceto que numa das tarefas não tínhamos armas e éramos três na mesma casa.

— E só um podia sobreviver?

— Claro.

— Então, a Margarida...

— Sim, tive de os matar com as próprias mãos. Satisfeito? Agora vais estar borradinho de medo, não é? Se quiseres voltar, apanhas um táxi e está feito. Eu faço isto sozinha.

— A Margarida precisa de mim.

— Preciso? Não me parece.

— Algo me diz que esse seu colega lhe vai cobrar um favor para nos ajudar, e esse favor não será nada fácil para alguém que tem a sua idade. Eu serei uma ajuda valiosa.

Ela não respondeu durante uns segundos e encarou-o com um ar sério.

— Não deves ter amor à vida, para te arriscares a chamar-me de velha...

— Esta missão é mesmo importante para si, não é?

— Claro que é — admitiu, sorrindo. — Na altura em que abandonei o Leonardo e a Mafalda, achei mesmo que estava a fazer o melhor para todos. E não me arrependo de o ter feito, atenção. As Olimpíadas da Morte mudam-nos de uma forma que só quem lá está é que compreende. Estar entre a vida e a morte, ter de matar para sobreviver, muda o núcleo de uma pessoa, muitas vezes de forma imprevisível e catastrófica. Ao longo dos anos, alguns dos campeões acabaram presos por tentativas de homicídio por motivos banais, porque sentiam essa necessidade quase primitiva de ajustar contas, matando outras pessoas. Por isso é que eu abandonei a minha família. Sentia-me, sei lá, diferente, mais raivosa. Qualquer contrariedade me levava além do limite, e embora o Leonardo não se lembre, cheguei a apertar-lhe o pescoço com demasiada força num dia em que ele estava a fazer uma birra estúpida.

— Consultou algum psicólogo? Isso é claramente stress pós-traumático. É tratável. Os soldados que ficam com esses sintomas após a guerra conseguem voltar a ter vidas normais. O Leonardo parece ter conseguido voltar à vida normal, por exemplo.

— Não quis nenhum psicólogo — resmungou, afastando a ideia com um gesto indignado da mão. — E o meu filho... algo mudou nele.

Carlos ficou intrigado.

— Mas ele parece-me normal. Não vi qualquer diferença nele.

— Espero que tenhas razão.

— Claro que tenho. Ele está ótimo depois de ter vencido o cancro e o julgamento.

Mas Margarida voltou a remeter-se ao silêncio.

Carlos não percebeu o porquê. No entanto, ficou ligeiramente desconfortável com o possível significado desse silêncio.

CAPÍTULO 69

JUSTICEIRO

Eles podem chegar perto, mas nunca me irão apanhar. A Natureza dá-nos tudo o que precisamos para prosperar; não nos cabe a nós alterar os desígnios superiores. Deus imbuíu a Natureza com mecanismos de seleção para eliminar os que não servem para a procriação e reprodução da espécie.

A Humanidade está em declínio por permitirmos que os genes errados se perpetuem. Num mundo ideal, essas pessoas não teriam qualquer hipótese de se reproduzir e os maus genes ficariam por aí. Mas a Medicina avançou, a sociedade evoluiu e hoje é esperado que cada pessoa tenha descendência, mesmo com doenças de merda.

É para combater isso que estou aqui. Sei que não vou mudar o mundo, mas posso ser o rastilho que desencadeará uma mudança em cadeia de purificação da espécie Humana.

Envolvido nos seus pensamentos revoltados, inspirou fundo o ar perfumado com maresia. Fresco, sedutor.

Determinado, o Justiceiro avançou, descendo a duna e sentindo os pés descalços enterrarem-se na areia fria. O som das ondas a bater, a espuma a borbulhar no final, era extremamente calmante. Pousou a toalha de praia e a sua geleira. Sentou-se na toalha e observou com atenção as poucas pessoas que ainda andavam por ali a apanhar os últimos raios de Sol.

Avistou uma pessoa de grande interesse e sorriu.

Quando essa pessoa começou a caminhar distraidamente na

direção do Justiceiro, este levantou-se, despiu-se por completo e, sem roupas nenhuma, desceu até à linha do mar e fingiu estar a ponderar dar um último mergulho.

A pessoa estava a aproximar-se e o Justiceiro aguardou que ela ficasse a poucos metros de distância. Assim que entrou no seu radar, fingiu desistir de dar um mergulho e virou-se para ela com um ar confiante e com um toque de malvadez sexual.

Sorriu. Ela retribuiu o sorriso.

Nem sabia o que a esperava.

CAPÍTULO 70

LEONARDO E MARTA

A praia 19, localizada entre a praia da Bela Vista, a última da zona da Costa da Caparica, e a primeira da Fonte da Telha, devia o seu nome ao número da paragem do pequeno comboio que percorrera durante sessenta anos um trilho que ligava todas as praias daquela zona a sul do Tejo. O Transpraia fora um pequeno comboio de madeira, aberto nas laterais, que fizera a delícia dos turistas ao percorrer num único trilho as vinte e uma praias da Costa da Caparica. O turismo LGBT ainda fora o que mantivera a empresa a funcionar nos últimos tempos antes de encerrar, precisamente por causa dessa paragem, a paragem 19.

A praia 19 fora uma das primeiras em Portugal a oficializar o nudismo e tornou-se conhecida entre a comunidade LGBT pelos encontros fugazes que ocorriam nas famosas dunas.

Com passadas hesitantes, os inspetores Leonardo e Marta avançaram pelo meio dessas mesmas dunas, os pés a enterrarem-se um pouco na areia brilhante, ainda fresca da noite passada. A dado momento, a inspetora perdeu o equilíbrio ao desviar o pé com rapidez de um preservativo usado.

— Que nojo.

Ao fundo, avistaram o aparato policial que marcava o local de mais um crime. Alguns peritos forenses revistavam as imediações do local, enquanto outro tirava fotografias de vários ângulos. Um médico-legista que lhes era desconhecido parecia analisar a cena do crime. Em

redor, vários militares da GNR bloqueavam a visão e delimitavam um perímetro de segurança. No entanto, dada a inacessibilidade da praia a hora tão madrugadora, a presença de mirones não era um problema. Estava apenas um militar no areal para impedir que algum curioso subisse, mas não se via ninguém.

— Inspetores Marta Mateus e Leonardo Rosa — cumprimentou-os uma mulher muito jovem, de pele negra, cabelo encaracolado e com um olhar determinado, que saiu do grupo em torno do crime para se encontrar com eles a meio caminho. Vestida estoicamente com um blazer apesar do calor que se começava a sentir, estava de tal forma sorridente que ninguém adivinharia que estava a trabalhar num homicídio.

— Somos nós. Quem quer saber? — perguntou Marta, colocando-se entre ela e o colega, parecendo querer marcar uma posição perante o olhar deslumbrado com que ela estava a olhar para Leonardo.

A jovem encarou-a sem perder o sorriso.

— Chamo-me Núria Tavares e sou inspetora da Brigada de Homicídios da Polícia Judiciária de Setúbal. Sou a vossa homóloga de Setúbal. — Virou-se para Leonardo. — Tentei ligar-lhe ontem, mas o inspetor não atendeu.

Leonardo recordou-se do telefonema com bastante clareza.

— Desculpe não ter atendido. Estávamos ocupados. Que queria?

— Fizemos uma descoberta que lhe poderá interessar muito. Que nada tem que ver com este caso.

— Ai sim?

— Sim. Descobrimos um corpo.

— Onde?

— Nas imediações de Fernão Ferro.

Marta olhou de repente para Leonardo, a boca aberta de espanto. Voltou a virar-se para Núria com a mesma energia.

— De quem era esse corpo?

— O corpo estava irreconhecível, cheio de facadas, mas houve algo que me despertou a atenção.

— E o que foi isso?

— Uma tatuagem. Lembro-me de ter visto a vossa circular interna a declarar o interesse em Samuel Pinto e a tatuagem ficou-me marcada, não sei porquê.

— E tem a certeza de que é o Samuel Pinto? — perguntou Leonardo, a garganta a secar e o estômago a dar um nó.

— Apesar de o corpo estar cheio de lacerações horríveis, essa tatuagem ficou praticamente intacta. Tenho a certeza de que temos connosco o corpo do Samuel Pinto. Espero que consigam analisar o corpo ainda hoje. Ou amanhã, vá. O médico-legista nem sempre tem tempo...

— Isso é fantástico! — celebrou Marta, querendo dar um abraço forte a Leonardo, mas, sabendo que não o podia fazer, limitou-se a sorrir para o colega.

— Sim, é bom terem encontrado o corpo, mas nós precisávamos dele vivo. Aliás, agora já nem precisamos dele.

A falta de entusiasmo de Leonardo acabou por deitar abaixo o espírito das duas inspetoras, que ficaram a olhar enquanto ele avançava até ao local do crime, como que indiferente perante a descoberta de Núria.

— Ele é sempre assim tão sério? — perguntou Núria, ressentida pela forma como Leonardo desprezara o que ela conseguira descobrir com a sua perspicácia.

— Tem dias. Dê-lhe um desconto. Esse homem matou o filho dele.

— Não sabia que ele tinha um filho.

— A questão é essa. Não chegou a ter.

— Como assim?

Marta inspirou fundo e aguardou que Leonardo se afastasse um pouco mais.

— Esse tipo matou o filho dele ainda em gestação na barriga da mãe. Foi o Leonardo quem chegou primeiro ao local e viu aquilo tudo. Esse Samuel executou o filho e a mãe a mando de outra pessoa que estamos a procurar. Por acaso, conseguimos descobrir na mesma uma localização aproximada dela, mas ainda falta um pouco para a localizarmos.

Núria ficou a olhar para as costas de Leonardo, o coração a transbordar de compaixão pelo sofrimento do colega de Lisboa.

Depois de passar pelo militar da GNR, que confirmou a sua identidade, e de vestir o macacão branco, o inspetor conseguiu furar o círculo de militares e penetrar na cena do crime. Pediu para que quem não estivesse a trabalhar no local, que se afastasse. Queria

privacidade. Marta e Núria surgiram atrás dele e ajudaram a afastar um pouco os profissionais que estavam apenas a olhar de forma passiva.

Leonardo afastou o pânico que o ameaçava dominar e circundou o local. No chão, em pleno areal da duna, um corpo de mulher encontrava-se deitado de barriga para cima, nu e com os braços e pernas esticados cada um para seu lado. Era magra, com seios pequenos e com ombros largos e a cintura muito estreita. O rosto apresentava um esgar de sofrimento atroz. Mas o que despertava a atenção era a pele, cheia de manchas estriadas carmesim, com depressões em vários pontos do corpo onde a pele fora arrancada.

— Olá, inspetor Leonardo Rosa — apresentou-se um homem com mais de quarenta anos de idade, o cabelo grisalho e a rarear. — Chamo-me João Ferreira e sou médico-legista da Delegação do Sul. É um prazer trabalhar consigo.

Mas ele não estava para conversas de circunstância. Núria deixara-o nervoso e irritadiço. A mancha de escuridão adensava-se no peito.

— O que me pode dizer sobre este homicídio? — perguntou, no momento em que as suas colegas se aproximavam.

— Bom, como podemos observar, a pele da vítima foi como que esfolada de forma irregular — avançou João, surpreendido pela resposta de Leonardo. — Todo o corpo está preenchido por equimoses estriadas, as chamadas víbices.

— Víbices?

— Sim, são lesões que, como pode observar, apresentam hemorragias subcutâneas em forma de estria, costumam ser provocadas por um golpe de um objeto contundente, de material comprido e fino.

— Como um chicote, um cinto ou uma vara?

— Sim.

— E aquelas zonas em que foi arrancada carne da vítima? — perguntou Marta, de testa franzida.

— Pois, estava a pensar nisso mesmo. Creio que o assassino possa ter usado dois tipos de chicote. As equimoses foram provocadas pelo chicote, digamos, mais tradicional, em que temos uma longa cadeia de couro ou outro material com uma alça rígida na ponta. No entanto, nos pontos em que a pele foi rasgada, acredito que o assassino tenha

usado um azorrague, que é um chicote específico para tortura, muito usado pelos romanos quando sentenciavam pessoas à morte.

— De que material é esse chicote?

— O azorrague costuma ser um chicote com três tiras, ou mais, com pontas feitas de um material perfurocortante, como osso de carneiro ou pedaços de ferro.

Olharam com renovada empatia para a cena que tinham à frente. As pernas, o peito e o abdômen estavam preenchidos com essas lesões.

— O assassino terá usado o chicote tradicional primeiro para torturar e depois o azorrague para matar — concluiu Marta. — É o que faz sentido, tendo em conta a maneira como o Justiceiro atua.

— Também acredito nessa teoria. A questão é que este tipo de tortura pode ter conotação religiosa.

— Estás a dizer que o assassino pode ser religioso? Um cristão?

— Cristão ou não, dá a sensação de que é extremamente conservador. Causa da morte?

— Exsanguinação derivada dos cortes que os golpes provocaram, principalmente os do azorrague. Exsanguinação é a perda massiva de sangue e...

— Eu sei o que é exsanguinação. Hora aproximada da morte?

— Pela temperatura corporal que medi, diria que há umas cinco horas.

— De madrugada, portanto.

— Sim.

— Verificou o pescoço da vítima para marcas de agulha?

— Ainda não.

— Veja, por favor.

João Ferreira acatou o pedido e afastou-se do inspetor.

Com o passar das horas, o sangue exposto encontrava-se coagulado, com um tom acastanhado, cobrindo grande parte do corpo e manchando o areal à sua volta, que teria sugado boa parte do sangramento. Era uma imagem horripilante.

— Já reparaste que o método de assassinio nada tem que ver com o elemento que faltava? — perguntou Marta, intrigada. — À partida, esta morte seria associada ao elemento Ar, mas foi morta à chicotada. Não bate certo com a teoria.

Ele amaldiçoou-se por não ter reparado logo nessa incongruência.

Maldita fosse a inspetora de Setúbal que o distraíra.

— Portanto, é uma teoria que cai por terra, mas tem de existir uma lógica por trás destas escolhas.

— Só temos de descobrir qual.

— Uma — disse o médico-legista, interrompendo os inspetores. — Encontrei uma marca de agulha no pescoço. Como sabia?

— Por que razão acha que estamos aqui?

João Ferreira afastou-se após uma breve troca de olhares com Núria.

— A Toxicologia irá confirmar melhor, mas, para já, o *modus operandi* parece-me semelhante — avançou Marta. — Foi drogada, paralisada e colocada aqui, onde foi chicoteada severamente até que perdeu a vida por exsanguinação.

— E se a toxicologia confirmar a presença de *Rohypnol*, significa que a vítima terá sentido cada chicotada — assinalou pesadamente o inspetor.

— Foi torturada de forma clara.

— O ódio do Justiceiro está a crescer — notou Leonardo. — O perfil do nosso assassino parece-me óbvio, mas este crescimento pode torná-lo mais imprevisível. Só não entendo por que razão matou a vítima nesta duna. Aqui a zona é menos visível e imagino que ninguém ande por aqui. É bom para ter mais privacidade para a execução, mas vai contra a encenação das suas vítimas, que são colocadas em locais de fácil acesso para serem encontradas com facilidade.

— Será uma falha?

— Creio ter a resposta para isso — anunciou Núria, com o macacão vestido e novamente com o seu ar profissional. Aproximou-se dos inspetores lisboetas e manteve o olhar na vítima enquanto falava. — Estamos na praia 19. É um ponto turístico importante para a comunidade LGBT. Há até tours próprias para trazer aqui as pessoas dessa comunidade para passarem um bom bocado, se é que me entendem.

— Explique, por favor — sorriu Marta.

— Esta é das praias de nudismo e naturismo mais extensas da Europa, e das mais privadas. Aqui, as pessoas podem andar nuas à vontade e podem expressar a sua sexualidade sem preconceitos. —

Baixou o tom de voz. — Há tours turísticas que aconselham trazerem-se preservativos e até indicam como chegar aqui e onde passar a noite para ficar perto, porque a maior fama desta praia é precisamente o que se passa nestas dunas. O engate gay, como é chamado, é sobejamente conhecido por todos. Vêm pessoas de todo o mundo, acreditem. Podem pesquisar na Internet, para verem como é verdade.

Os inspetores pareceram impressionados e olharam em redor com outro olhar. Miraram o areal extenso e liso da praia 19, que terminava num mar calmo. Começaram a surgir as primeiras pessoas, nuas e desprendidas, que caminhavam ao longo do areal, alheados do que se passava ali.

— É verdade, que é feito da inspetora Joana Santos? — perguntou Leonardo.

— Está destacada para outros casos. Fiquei eu com este. Mas há quem diga que ela vai mudar de esquadra. Quer ir para o Algarve, para mudar de ares. Vou ser a única mulher do meu departamento.

A inspetora Joana Santos fora a responsável por tentar capturar Carlos, quando todo este ciclo com a Roberta Schulz começara. Pareciam ter passado décadas desde esse tempo.

— Agradecemos a amabilidade de nos ter chamado, mas a partir daqui tratamos nós das coisas — afirmou Leonardo com um gesto com a cabeça a dispensar Núria.

Ela fechou o rosto, desaparecendo num ápice toda a sua simpatia.

— Em Setúbal também me tratam com condescendência, como se eu fosse uma criança. Estou habituada a ser subvalorizada, mas nunca desisto.

— Ainda bem que pensa assim, inspetora Núria. Tenho a certeza de que assim ganhará o respeito dos seus colegas — assegurou Leonardo, percebendo que ferira bastante os seus sentimentos. — É de mulheres assim que a PJ precisa.

— E do vosso respeito também.

— Tudo bem. Só queremos trabalhar, pode ser? Esses dramas ficam para outra altura. — O rosto de Leonardo ficou ensombrado.

Núria ficou furiosa, e Marta estupefacta com a reação do inspetor. Ia abrir a boca para defender Núria, mas esta antecipou-se.

— Não tem o direito de me falar nesse tom. Somos ambos inspetores, além disso, não é maneira de tratar uma pessoa, quanto

mais uma colega. — Aproximou-se de Leonardo, ao ponto de ficarem a centímetros um do outro, o olhar de Núria a faiscar de raiva. — Parece-me que ficou assim após a minha descoberta do Samuel Pinto. Era porque queriam ser vocês a encontrarem-no? — Mirou-o durante uns segundos, os quais Leonardo susteve o olhar duro.

Marta desviou a atenção quando um dos peritos lhe pediu para se afastar um pouco para eles tirarem uma fotografia. Núria, vendo a colega dele suficientemente longe, sussurrou de forma ameaçadora a Leonardo:

— E por que razão não ficou surpreendido por eu ter encontrado o Samuel Pinto?

Leonardo engoliu em seco e confirmou que Marta estava fora do alcance daquela conversa. Estava seguro.

— Sim, eu notei, mas achei ter interpretado mal. Posso ser inexperiente, mas sei ler as pessoas — continuou Núria. — E o que vi foi a sua colega bastante surpreendida e feliz pelo meu achado, enquanto o Leonardo não ficou surpreendido e, atrevo-me a dizer, até parecia chateado. De repente, fiquei com a ideia de que já sabia onde o corpo do Samuel se encontrava. Agora a questão é: como é que já sabia? E se sabia, por que razão não fez nada sobre isso?

Antes que pudesse pensar numa resposta, agarrou com brusquidão o pulso de Núria e puxou-a para mais longe, de forma a ficarem de costas para Marta, que estava a conversar com o médico-legista.

— A pior qualidade de um profissional, seja qual for a sua profissão, é ser bisbilhoteiro. Isso nunca acaba. Aconselho-a a ir-se embora. Este caso é nosso e não precisamos de mais ninguém para o investigar. Nós os dois somos mais do que suficientes.

Núria passou de raivosa para desiludida, o olhar a amolecer de tristeza.

— Realmente, é por isto que se diz que nunca devemos conhecer os nossos ídolos. — Deu um safanão para se libertar do aperto no braço. — Eu não sei o que se passa, *colega*, mas depois da maneira como me tratou, pode crer que me vai ter à perna. Espero que não tenha o azar de me deparar com algo que não deva. Se é assim que quer fazer, vamos a isso.

A escuridão alastrava a cada segundo, a visão cada vez mais sanguinária.

— Se fosse a si, não ia por aí.

— Porquê? Tem algo a esconder? Eu não cedo a ameaças ou chantagens.

As entranhas do inspetor começaram a ferver. Ideias assassinas toldaram-lhe os pensamentos, mas a voz da razão conseguiu sobrepor-se. Estavam num local de crime, rodeados por agentes da polícia. Que estava ele a pensar?

— Leo, anda cá.

A voz de Marta, com a sua doce melodia, conseguiu ajudá-lo a afastar a escuridão.

— Se tiver algo a esconder, eu vou descobrir — avisou Núria. — E sinto que há algo de estranho aqui. — O olhar dela caiu na sua camisa, nos braços, como se o avaliasse de uma forma completamente diferente. De repente, focou-se em algo. — Falta-lhe uma presilha no relógio. Normalmente, os relógios têm duas presilhas de silicone para prender a pulseira. Que engraçado, não é? — Olhou-o nos olhos com dureza. — E a que ainda tem parece ter sido forçada, tem aí um ligeiro corte. Muito interessante, de facto.

Leonardo nada disse, o coração a bater com força enquanto Núria Tavares abandonava o local com uma calma que o gelava por dentro.

Praguejou em surdina pelo erro que cometera.

Acabara de fazer uma inimiga dentro da Polícia Judiciária.

Ergueu o pulso esquerdo. Onde raio estaria a segunda presilha de segurança do relógio? Fora-lhe oferecido pela irmã no Natal anterior, após ele ter ficado sem o seu nas Olimpíadas da Morte. Era um relógio analógico da *Tissot* e estava impecável; nem um risco no mostrador existia. Estava imaculado. Se era tão cuidadoso, como teria perdido aquela peça? Teria perdido no meio da luta com Samuel?

Tinha de voltar ao local do crime. Do *seu* crime.

Merda!

Antes de se virar para Marta, que aguardava por ele, e de prosseguir o trabalho, inspirou fundo e percebeu que tinha de ter muito cuidado com o que fazia. Não podia permitir que mais ninguém desconfiasse dele. O seu futuro profissional e, acima de tudo, o seu futuro pessoal dependia disso.

Ou nunca daria uso ao anel de noivado.

CAPÍTULO 71

LEONARDO E MARTA

A vítima, ainda por identificar por falta de documentos, tinha sido assassinada naquela madrugada, cerca de cinco horas antes. Garantia do médico-legista de Setúbal, que não lhes prestou grande atenção após o abandono de Núria.

— Foi no mesmo período que as outras vítimas — notou Leonardo, recomposto do confronto com Núria. — O Hélder conseguiu chegar aqui sem que o seu carro fosse avistado.

— O que é que se passou ali com a Núria? — perguntou Marta, mudando de assunto.

— Ela estava a insistir que queria este caso e tive de a pôr no lugar — mentiu, odiando-se por isso. — Já parecia a Joana Santos na altura do Carlos, lembras-te? Eles aqui deste lado são muito agarrados aos casos...

— Sim, mas tu consegues ser um bocado besta de vez em quando, Leo. Desculpa lá que te diga, mas sabes que é verdade.

Leonardo, sem vestígios da sua escuridão, assumiu um ar ofendido.

— Eu?!

— Sim, nestes assuntos não tens muito tato para falar com as pessoas.

— Sou pragmático, que mal tem?

— Tem mal quando chateias outros colegas. Não vale a pena criar inimizades na PJ. Podemos vir a precisar da ajuda da Núria e estás a

aliená-la.

Leonardo abanou a cabeça. Focou a atenção na vítima, estendida na duna. Não queria prosseguir aquela conversa, portanto o melhor era direcioná-la para a investigação.

— Acho que devíamos procurar a letra do *Scrabble* para confirmar que este assassinio é do Justiceiro.

Chamaram o médico-legista à parte e explicaram o contexto das letras do *Scrabble*.

— Portanto, acham que estará uma letra de *Scrabble* na cena do crime?

— Sim. Se for o assassino do nosso caso, tem de estar.

— Acreditamos que seja um T, Q, ou I — acrescentou Marta.

Durante alguns minutos, observaram o médico verificar cada centímetro do corpo, até que pegou no braço direito, escondido parcialmente na areia da duna. Ao elevá-lo, a mão estava fechada e era impossível manipulá-la devido ao *rigor mortis*. No entanto, o orifício criado entre o indicador e o polegar dava acesso ao interior da mão fechada. Com uma pinça, João Ferreira retirou um pequeno objeto retangular e, triunfante, mostrou-o aos inspetores.

Era a letra T. A vítima era uma pessoa trans.

— Ao menos, sabemos que se trata do Justiceiro — notou Marta, de braços cruzados. — O problema vai ser identificar a vítima. O melhor, é esperarmos que ele coloque as fotos nas redes sociais e alguém se acuse.

— Tenho a certeza que o que ele mais quer agora é que demorem a descobrir a identidade da vítima para perdermos tempo enquanto foge. Por esta altura, já pode estar no Algarve ou no Porto, tanto quanto sabemos.

— Portanto, qual é a melhor opção?

— Acho que devíamos contactar todos os colegas das turmas do Hélder. Básico, secundário, faculdade. Talvez até na editora. Pode haver alguém da comunidade LGBTQIA+ em qualquer um desses ambientes que esteja desaparecido e que seja uma das próximas vítimas. E temos de contactar as pessoas do Clube de Leitura da AUPDL.

— Não vamos conseguir fazer tudo sozinhos, vamos ter de requerer ajuda — disse Marta.

Contactaram de imediato o inspetor-chefe a fim de pedirem reforços para procurarem alguém desaparecido que tivesse sido da turma de Hélder Carvalho ou que se encontrasse na lista do clube de leitura enviada por e-mail a partir da conta da AUPDL. A pressão da comunicação social jogava a favor deles nestas situações: a prontidão com que Paulo Teodoro acedera ao pedido fora rápida. E sem os questionar.

Finalizada a análise à cena do crime, os inspetores aguardaram que a equipa de peritos retirasse o corpo da areia e o colocasse na maca para o envolver no saco de cadáveres. A pedido de Leonardo, iam transportar o corpo para o local de trabalho de Cristóvão Martins. Ninguém reclamou e acederam ao pedido, partindo imediatamente.

No entanto, ainda havia outra surpresa enterrada na duna da Costa da Caparica onde a quarta vítima do Caso Elementar tinha sido assassinada. Na busca de mais vestígios por parte dos peritos após a remoção do cadáver, conseguiram descortinar um objeto, o qual acondicionaram imediatamente num saco próprio e fizeram questão de o mostrar aos inspetores.

— Vejam o que encontrámos. Estava soterrado por baixo do corpo.

Marta estendeu a mão e agarrou no saco transparente, analisando o interior.

— Parece ser uma pulseira — comentou.

— Uma pulseira de couro — acrescentou Leonardo, aproximando-se.

O couro castanho era fino e tinha um efeito de entrançado em toda a volta, terminando num fecho magnético de aço inoxidável de alta qualidade, que permitia gravações no mesmo.

— Consegues perceber o que está aí escrito?

Marta aproximou o pequeno saco dos olhos e tentou ler o que parecia estar escrito. Ao mesmo tempo, Leonardo acedeu às redes sociais de Hélder, onde só se viam publicações como escritor. Na mais recente, referente a uma sessão de autógrafos uma semana antes, na Feira do Livro de Lisboa, procurou uma onde se visse com clareza os seus braços. Com o calor que estava no Parque Eduardo VII, estavam todos de braços à mostra. Sem dificuldade, encontrou uma em que os braços apareciam próximos; era uma fotografia de Hélder a assinar um

livro, a focar as palavras lá escritas. Mas o inspetor só olhou para o pulso direito. Estava lá uma pulseira de couro castanho com fecho de aço inoxidável. Só não percebia era o que estava gravado.

Mas Marta estava prestes a revelar.

— HC.

— Hélder Carvalho

— Bom trabalho, rapazes. Guardem isto com a vossa vida.

Os peritos assentiram, orgulhosos, e Marta deu uma palmada no ombro do colega.

— Agora é que o apanhámos. A pegada, a lente de contacto, a pulseira... Vamos poder emitir um mandado de captura, de certeza! Ah, que sensação boa.

Leonardo olhou com significado para a colega.

— As pessoas não mudam, M&M. Não mudam mesmo.

A informação de que a vítima era uma pessoa trans revelou-se essencial para descobrir a sua identidade. Não foi de admirar que, ao fim de algumas chamadas, um ex-colega de faculdade de Hélder Carvalho soubesse de um amigo que tinha feito uma operação de mudança de sexo. Desse telefonema até descobrirem a morada da vítima foi um instante. Como vivia sozinha, pediram aos pais que se encontrassem com eles no final da manhã em casa dela. Queriam entrevistá-los e vasculhar a casa com a sua permissão.

— Como será nascermos num corpo que não é nosso? — perguntou Marta, conduzindo o veículo a caminho da habitação da vítima, uma mão no volante e outra de fora da janela.

— Acho que o pior é: como é que alguém se pode sentir num corpo que não é seu? — questionou Leonardo, a investigação a afastar-lhe os pensamentos de Núria e de Samuel. — Porque eu nasci neste corpo, sempre me habituei a ver-me assim como sou e nunca imaginei como seria viver noutro. Mas os transexuais cresceram a olhar-se ao espelho e a não reconhecerem o seu próprio corpo como sendo deles.

— Não faço a mínima ideia. Mas deve ser horrível. Ninguém merece.

Chegaram a Moscavide e encaminharam-se para a casa da vítima,

um apartamento singelo numa rua pacata. O pai da vítima, choroso e ainda perdido pelo destino da filha, acedeu a que os peritos procurassem indícios na casa à vontade, enquanto falava com os inspetores. A conversa fora penosa, marcada por lágrimas, mas não acrescentara nada de importante ao que sabiam da investigação. Serviu, apenas, para compreender o contexto em que a vítima vivia.

A vítima chamava-se Aurora Miguel. Fizera a operação de mudança de sexo durante a licenciatura de Marketing Digital, na qual fazia parte da turma de Hélder. Como seria de prever, a operação causara um enorme escândalo no seio da Escola Superior de Comunicação Social. Segundo o pai, não se falara de mais nada durante aquele segundo ano da licenciatura. Aurora sentiu-se muito mal por ser o centro das atenções, mas a felicidade de se ver num corpo em que se sentia realmente ela mesma sobrepôs-se a tudo isso.

No entanto, foi um período difícil. Recebia mensagens transfóbicas, chegou a ser despida em público fora da faculdade para se ver que ela não tinha um pénis. Houve muita humilhação, mas Aurora aguentou e sobreviveu. Trabalhava, na altura da morte, como freelancer e copy de anúncios a alguns produtos alimentares para sites e para a televisão. A mãe da vítima estava de costas viradas com a filha, por ser contra a operação e não a aceitar como era. O pai garantiu que foi a única situação que a magoou verdadeiramente com tudo isto; muito mais que todo o bullying.

Quando perguntaram se ele conhecia Hélder Carvalho, o rosto fechou-se e as lágrimas pararam de rolar. Parecia furioso.

— Cá em casa, não dizemos o nome desse escritor de merda.

— Como assim?

— Ele foi dos maiores instigadores contra a minha filha — adiantou o pai, de ar muito sério. — Fez-lhe a vida negra. Era um transfóbico do pior. A Aurora sofreu muito por causa dele. Nós nunca desejámos mal a ninguém, mas esse Hélder e mais uns quantos bem que podiam desaparecer da face da Terra que não faria mal nenhum.

A imagem que continuavam a formar de Hélder era a oposta do que ele defendia ser atualmente. Terminaram a entrevista com palavras um pouco ocas, como todas eram em momentos de luto. A revista da casa não deu em nada. Não havia nada que indicasse que ela estava em perigo. Levaram o computador para ser analisado, mas o

telemóvel não se encontrava em casa.

Ao despedirem-se dos peritos, o telemóvel de Leonardo tocou.

— Merda, é o inspetor-chefe.

— Aposto que nos vai chatear com a porra de resultados.

— Resultados que não temos. Continuamos na mesma.

— Mas isso é bom. Continuamos certos de que o assassino é o Hélder. Só nos falta encontrá-lo.

Entraram no *Chevrolet* verde da inspetora e o toque do telemóvel de Leonardo começava a incomodar no silêncio do habitáculo da viatura.

— Vá lá, Leo, atende. Pode ser importante.

— Levar na cabeça porque ele está a ser cada vez mais pressionado pela comunicação social e quer resultados não é nada de importante.

Marta lançou-lhe um olhar admoestador e ele acabou por atender a chamada.

— Olá, inspetor-chefe. Tudo bem?

— Leonardo? Metam-se já no carro. Preciso que se dirijam para Este! Rápido!

A urgência com que a voz de Paulo Teodoro irradiou do smartphone deixou-os em alerta. Marta ligou o motor do carro e engatou a marcha-atrás.

— Para Este? Quão para Este?

— O mais possível.

— Como assim?

— O Hélder Carvalho foi avistado na fronteira com Espanha.

CAPÍTULO 72

LEONARDO E MARTA

A pedido dos inspetores, Paulo Teodoro tinha colocado agentes em todos os pontos transfronteiriços entre Portugal e Espanha, além de controlar os aeroportos na busca de Hélder Carvalho. O escritor mais procurado do país tinha sido encontrado por militares da GNR na fronteira entre Vila Verde de Ficalho, em Beja, e Rosal de La Frontera, em Espanha. Assim que foi detido, Hélder foi imediatamente transportado para o Comando Territorial de Beja da GNR, localizado no centro da cidade portuguesa.

A tarde estava a começar quando chegaram à Rua Marquês de Pombal, ladeada por dois edifícios imponentes. Estacionaram no lugar reservado à GNR e atravessaram a estrada de pedra até entrarem no Comando Territorial da GNR através de uma porta de ferro.

Foram encaminhados por um agente até uma sala que estava fresca e silenciosa. O interior era de pedra e a decoração era sóbria, sempre com motivos relacionados com a Guarda Nacional Republicana. Uma mesa de madeira maciça, escura e comprida, com várias cadeiras em redor, chamou imediatamente a atenção dos inspetores.

Com dois agentes atrás, em sentido, Hélder Carvalho encontrava-se sentado a meio, os pulsos algemados em cima do tampo. A cabeça pendia, mas ergueu-se assim que o escritor notou a presença de Leonardo, Marta e mais dois militares da GNR que entraram com eles e se posicionaram perto da porta.

Esta era das partes mais difíceis da profissão: estar na mesma divisão com um assassino e ter de agir com calma e ponderação; ter de controlar os impulsos mais animais para o bem da investigação.

O rosto de Hélder estava marcado por lágrimas e as mãos pareciam tremer.

Leonardo ficou confuso. Estava a ver medo no seu rosto?

Não podia ser.

— Olá, Hélder — começou Leonardo, sem nenhum ressentimento na voz que pudesse denunciar o que sentia. — O teu reinado de terror chegou hoje ao fim.

Ele abanou a cabeça, enquanto Marta ligava a câmara do telemóvel e colocava a filmar o suspeito principal do Caso Elementar. Não tinha disposição para escrever nada.

— Vocês estão enganados — disse Hélder, num sussurro, a voz quebradiça, o olhar derrotado.

Leonardo abriu o telemóvel, procurou as fotografias das quatro vítimas na galeria e colocou-o no tampo da mesa, no enfiamento do seu olhar. À medida que falou, foi passando as quatro fotos.

— Alberto Duarte, vinte e oito anos, professor de Matemática. Conheceste-o na AUPDL, onde passaste os últimos meses em pesquisa para o teu novo livro. Filipa Domingos, vinte anos, estudante na FCT, conheceste-a também na AUPDL, no Clube de Leitura, que tu também quiseste seguir de perto para pesquisa. Tiago Brito, vinte e sete anos. Técnico de Cardiopneumologia no Pulido Valente. Andou na mesma escola que tu. E, por fim, esta manhã, Aurora Miguel, vinte e oito anos, licenciada em Marketing Digital. Foi da tua turma, como bem te lembras.

Leonardo fez uma pausa e voltou a colocar o telemóvel no bolso. Hélder tinha desviado o olhar e parecia estar prestes a chorar.

— Isso é tudo remorsos? Estás com medo de ir para a prisão?

Hélder não respondeu. Leonardo começou a sentir-se desconfortável, com fúria a crescer no peito perante aquela contrariedade. Olhou para Marta. Ela assentiu e continuou o interrogatório:

— As quatro vítimas têm ligação a ti e só a ti, Hélder. Segundo apurámos, foste descrito como machista, transfóbico e homofóbico por várias pessoas, um bully na escola e na faculdade. Mataste uma

lésbica, um gay, um bissexual e uma pessoa trans. Quem irias matar a seguir? QUEM?

O grito final levou Hélder a dar um pulo na cadeira. Tinha a testa a perspirar, o pouco cabelo seboso colado à cabeça. Ninguém diria que ele tinha menos de trinta anos.

— Eu não vou comentar nada. Estou inocente.

Leonardo sorriu e quase que libertou uma gargalhada.

— A frase mais dita por todos os criminosos.

— É a verdade.

Marta pousou as mãos na mesa e aproximou o rosto de Hélder.

— Nós sabemos que foste tu. Temos provas.

— Que provas?

— Que número de ténis calças?

Hélder ficou confuso com a pergunta.

— Que número calças?

— Calço o 44. Tal como grande parte da população portuguesa, suponho.

— Por acaso, não terás perdido uma lente de contacto?

Ele ia ripostar, mas arregalou os olhos.

— Já para não falar de uma certa pulseira de couro castanho, que pelos vistos já não usas. Mas há uma semana usavas... bom, pelo menos levaste-a para a Feira do Livro de Lisboa.

Leonardo mostrou a fotografia onde se visualizava bem a pulseira. Hélder começou a tremer do lábio superior, claramente nervoso e agitado.

— Por que razão não confessas? Seria mais fácil para todos nós.

— Vocês não percebem... Isso é tudo uma armadilha. Estão a querer incriminar-me! Não veem isso? Ah, ele é bom... Foi por isso que fugi assim que vi que queriam falar comigo. Sabia que ele me ia foder a vida, de uma forma ou de outra.

Perante o tom tão abatido, tão derrotado, Leonardo decidiu sentar-se de frente para Hélder. Começava a ser cada vez mais diferente do perfil do Justiceiro. A pessoa que fizera aquelas publicações, que incendiara o país, não se comportaria como o escritor estava a comportar-se. Seria uma atuação para os despistar?

— Porque é que não nos esclareces? O que é que se passa? — insistiu Marta, percebendo o mesmo que o colega e começando a ficar

hesitante.

— Vocês não iam acreditar...

— Experimenta.

Hélder ergueu finalmente o olhar e encontrou dois inspetores compreensivos e recetivos para tudo o que ele fosse dizer. Marta sentou-se na cadeira ao lado da de Leonardo e pousou a base do telemóvel, mantendo-o na vertical com a câmara apontada ao suspeito para prosseguir com a gravação.

— Não, não posso contar.

— Porquê?

— Porque senão serei o próximo.

— Como assim? Mas tu por acaso não és heterossexual?

— Não é isso. Eu sou heterossexual, sim.

— Então, qual é o problema? Não tens nada a temer.

Hélder começou a murmurar algo ininteligível, como uma reza por um Deus que ali não estaria. Encostou-se à cadeira e fechou os olhos.

— Ele está vivo.

— Quem?

— O Jota.

Ficaram em silêncio uns momentos.

— Ele suicidou-se no início do ano — lembrou Leonardo, com pouca convicção.

— Não acham estranho que ele se tenha suicidado e que nunca tenha sido encontrado o corpo dele? Pelo que sei, ele nunca chegou a apanhar o voo para a América.

Os inspetores esconderam o choque e fingiram que aquela não era uma informação nova. Pelos vistos, tinham ficado com a ideia errada quando falaram com os pais de Jota. Tinham mesmo de analisar os arquivos do caso.

— Estás a dizer — interveio Marta, surpreendida — que o Jota simulou a própria morte?

— Sim.

— Porquê?

Ele abanou a cabeça. Não queria entrar em detalhes.

— Será por causa de todo o bullying que ele sofria, principalmente por tudo o que sofreu às tuas mãos?

Hélder continuava a abanar a cabeça, como se eles não compreendessem.

— Vais negar o teu passado de terrorista psicológico? — atirou Leonardo.

Os lábios dele tremeram.

— Sim, eu...

— É ou não verdade que lhe fizeste a vida negra a partir do segundo em que descobriste que ele era gay?

— É verdade...

— Então, como podes vir para aqui dizer que a culpa é dele e inventar essa história toda?

— Eu sei que isto vos parece louco, mas o Jota, ele... Ele mudou muito desde que terminámos o curso. É verdade que eu o chatee bastante e acreditem em mim quando vos digo que não há dia que passe em que não lamente todo o mal que fiz, mas eu mudei. É por isso que este meu novo livro é tão importante para mim. É como uma redenção. Quando o entrevistei, no final do ano passado, encontrei um Jota diferente, amargurado, raivoso. Não era o mesmo.

Os inspetores assimilaram o discurso de Hélder, sempre atentos às suas expressões faciais. Nada indicava que o escritor estivesse a mentir.

— Como soubeste que o Jota estava vivo e que simulou a sua morte?

Hélder desviou o olhar e inspirou fundo.

— Recebi uma carta.

— Uma carta?

— Sim.

— Quando?

— No dia em que morreu a primeira vítima do Justiceiro.

— Quem ta enviou?

— O Jota.

— Como soubeste? Foi assinada?

— Não, mas só pode ser dele. Pelo conteúdo da carta.

— O que dizia a carta?

Hélder abanava a cabeça.

Não parecia interessado em continuar a discutir aquele assunto.

— Por acaso já viram bem a publicação do Justiceiro sobre a

morte no Bar Cru? Há lá uma foto...

— Não desconverses. O que dizia a carta?

Hélder expirou pesadamente.

— Dizia que ia fazer de tudo para que mais ninguém sofresse o que ele sofreu às minhas custas. Para eu ter cuidado por onde andava. Ele admitiu que nunca iria conseguir mudar mentalidades como a minha, por isso o melhor seria não existirem pessoas LGBT. Já viram como está a cabeça dele? Está louco... e a culpa é minha.

— Precisamos que nos indiques se tens álibi para as madrugadas de...

— Está em minha casa.

— Precisamos que nos indiques se tens álibi para as madrugadas de...

— Não tenho — interrompeu Hélder, desiludido. — Eu vivo sozinho, durmo sozinho. De madrugada estou a dormir. Vida de quem escreve é não ter grandes horários. Mas de noite estou sempre a dormir, porque tenho mais vontade e inspiração para escrever de manhã.

— Por que razão foste avistado no Cartaxo?

Ele encolheu os ombros.

— Depois de receber a carta, admito que fiquei com medo. Entrei em pânico, principalmente quando comecei a perceber que as vítimas iniciais estavam ligadas a mim e que vocês estavam a mostrar interesse em mim.

— Se não tivesses fugido, não teríamos desconfiado de ti de forma tão imediata.

— Mas eu percebi que ele me estava a querer incriminar e achei que vocês me fossem prender na minha editora. Seria a maior vergonha da minha vida. Por isso, fugi para encontrar e confrontar o Jota.

— E foste ao Cartaxo porque...

— Porque é a terra dele, onde vivem os pais. Achei que era provável que ele lá estivesse, depois de confirmar em todos os locais de Lisboa que ele frequentava e de não o encontrar. E eu ia jurar que aquele tipo que estava no interior da bomba era ele... Mas enganei-me. Não era, e só me apercebi quando vi a GNR ao pé de mim.

Marta apontou nas notas que teriam de identificar o homem que Hélder referira para eliminarem qualquer possibilidade, por muito

remota que fosse.

— Por que motivo estavas agora a sair de Portugal? Não me digas que tinhas a informação de que o Jota estava em Espanha ou há algum local aqui no país vizinho que ele frequentava?

Hélder sorriu perante a ironia do inspetor.

— Se tivesse a polícia toda atrás de si e não soubesse para onde ir... para onde iria?

Inevitavelmente, o pensamento de Leonardo voou para Carlos Caetano, que fizera de tudo para limpar o seu nome e pagara caro por isso. Mas a questão de Hélder ia mais além na cabeça do inspetor. Se ele fosse apanhado, se Núria Tavares investigasse a fundo e descobrisse que tinha sido ele a matar Samuel Pinto, que faria ele? Render-se-ia? Fugiria?

Tocou ao de leve no bolso das calças e sentiu a pequena caixa com o anel de noivado. Podia parecer parvo andar com o anel, mas o momento que vivia implicava que a oportunidade de pedir Marta em casamento pudesse surgir quando menos esperasse. A caixa era fina; ela nunca repararia que ele tinha o anel no bolso.

— Portanto, estavas a fugir? — prosseguiu Marta, vendo como o colega se tinha fechado e estava pensativo.

— Claro.

— Porquê?

— Depois de tudo o que eu lhe fiz no passado, e pela forma como ele anda a matar pessoas, acho que é só uma questão de tempo até se virar contra mim e decidir matar-me.

— Porque é que não pediste ajuda à polícia?

— Vocês acham-me culpado.

— Agora serás detido enquanto averiguamos os factos — clarificou Marta. — Não deixas de ser um suspeito do caso e, como pudemos comprovar, há o enorme risco de fuga.

— Vou... ficar preso?

— Em prisão preventiva, sim. Vens connosco para Lisboa. Temos provas de que foste tu quem cometeu os crimes, Hélder.

— Ao menos significa que o Jota não me poderá fazer mal.

— Mas com as provas que temos contra ti, ficas vinte e cinco anos dentro. Na certa.

Hélder engoliu em seco, a satisfação de estar detido a desaparecer

perante essa perspectiva tão horrível.

Leonardo percebia melhor que ninguém o que era ter essa pena no horizonte.

CAPÍTULO 73

CARLOS

A viagem de carro pelas ruas cinzentas e frias de Birmingham tinha corrido bem, sem percalços de maior.

Caminhavam, agora, pelas ruas largas do famoso Bullring & Grand Central, uma enorme área comercial no centro da cidade, cuja importância remontava a tempos antigos, aquando da criação do mercado que evoluiria até aos dias de hoje. Entraram no centro comercial Bullring, com um design exterior bastante futurista, e muito acolhedor por dentro.

— Onde vamos, Margarida?

Continuaram a caminhar observando as mais variadas montras por que passavam, até que Margarida estacou à frente da montra de uma loja de brinquedos.

— Chegámos.

Carlos aproximou-se e apreciou os brinquedos dispostos à frente, de todas as cores mais chamativas para as crianças. Ao ver que ela estava a falar a sério, o seu olhar a focar uma porta ao fundo que indicava «acesso reservado», sentiu o impulso de rir.

— Estás a falar a sério? Viemos a uma loja de brinquedos?

— O melhor esconderijo é num local que ninguém desconfia. Nunca te esqueças disso — aconselhou, dando-lhe uma palmada suave no rosto. — Fica aqui, que eu vou tratar do assunto.

— Mas eu tenho de ir contigo, podes precisar da minha ajuda.

Margarida sorriu, comovida com a preocupação do jovem

fisioterapia.

— Obrigada, mas neste caso só irias atrapalhar. Tenho de ir sozinha. Ele odeia pessoas estranhas. Descansa bem que, conhecendo-o como conheço, irei precisar de ti em breve.

— Tudo bem. Força. Não vou sair daqui até tu apareceres.

Ela entrou na loja e encaminhou-se para a porta do fundo que proibia a passagem a pessoas estranhas ao serviço. Margarida abriu a porta com determinação, como se o fizesse todos os dias, e avançou com passos rápidos, deixando a porta voltar a fechar-se.

Seguiram-se minutos de extrema tensão para Carlos. Fingiu apreciar as montras das lojas à volta, sem grande interesse. Deu por si a recordar tudo pelo que tinha passado desde que se deparara com uma acusação de que era inocente e de se ver envolvido no caso pela mão de Roberta Schulz. Agora, estava em Inglaterra para tentar fechar esse ciclo. Para ser feliz.

— Vamos?

A voz de Margarida puxou-o para o presente e afastou todos os pensamentos mais nostálgicos.

— Vamos.

Encaminharam-se de volta para o exterior, mas em vez de seguirem pela esquerda, foram para a direita.

— O carro ficou para a aquele lado.

Como resposta, Margarida mostrou a chave de um *Vauxhall*, que em Portugal correspondia à *Opel*. Passaram por inúmeras lojas de rua, por mais residentes e turistas, até chegarem a um edifício de estacionamento. A fachada central de cimento, a juntar à coluna do canto feita dos típicos tijolos laranjas e sem vidros nas janelas, dava o aspeto de um edifício abandonado, sem a construção terminada. Mas servia o seu propósito: possuir vários andares com centenas de lugares de estacionamento cada.

Subiram até ao último andar e Margarida avistou o veículo em questão: um *Vauxhall Combo*, uma carrinha de dois lugares com as janelas traseiras tapadas e da mesma cor que o veículo: cinzento-prateado.

— Porque é que vamos entrar neste carro?

— Quanto menos souberes, melhor.

Carlos ia dirigir-se para a porta da direita, mas encontrou o

volante desse lado. Sorriu e contornou o carro para se sentar do lado esquerdo.

— Nunca me vou habituar a isto.

Carlos olhou para trás e avistou várias caixas alusivas a brinquedos variados, desde carrinhos telecomandados, a pistas de corridas, a puzzles, a figuras de ação.

— Vamos transportar brinquedos? É essa a nossa missão para nos darem a localização da Roberta? Estão com falta de funcionários, é?

Margarida arrancou, começando a descer o parque de estacionamento piso a piso num caminho em caracol, sempre atenta ao redor. Ao saírem para a estrada, começou a cair uma chuva miudinha e Carlos não deixou de imaginar que no seu país estava um calor bestial, a convidar cada vez mais a ir à praia.

— Aquilo não são brinquedos, Carlos — esclareceu Margarida, metendo por uma estrada que os levou para o meio de mais edifícios laranja, escuros, tristes e monótonos.

— Então... é o quê?

— O que achas? Sabes que fui ter com um tipo que terá atividades, digamos, duvidosas, que se esconde nos fundos de uma loja de brinquedos, e que para nos ajudar a encontrar a Roberta Schulz nos faz transportar caixas de brinquedos de um ponto para outro. O que achas que estamos a transportar?

Carlos não disse mais nada.

CAPÍTULO 74

CARLOS

A viagem pela M6 e, depois, pela M1, durou pouco mais de duas horas. Ao chegarem a Watford, a norte de Londres, saíram da autoestrada e enveredaram por ruas secundárias até chegarem a uma rua de aspeto mais sujo, ainda que mantivesse o estilo das ruas em redor: edifícios de dois andares, de tijolo laranja escuro, telhado em bico com telhas pretas e sem muros a delimitar o pequeno jardim à frente da entrada.

Estacionaram em frente a uma casa localizada num recanto mais escondido e notaram como o jardim precisava de tratamento, além de que estava cheio de lixo.

— Chegámos.

Carlos olhou pela janela e apreciou a casa. Era exatamente igual às outras. Margarida avançou com o carro mais um pouco, entrando numa rua estreita que servia a lateral do edifício. Era um beco sem saída com um gradeamento do lado direito que dava para uma zona relvada a perder de vista, um gradeamento em frente precedido de ervas daninhas enormes, e, do lado esquerdo, para as traseiras da casa em questão. Várias chapas de metal compridas e altas faziam de parede e impediam-nos de avistar o interior do pátio.

— E agora?

— Agora, chamamo-los.

Margarida buzinou duas vezes e saíram do veículo.

— Que droga contrabandeámos, Margarida?

De olhos nas chapas de metal, decidiu partilhar informação.

— Cocaína.

— Cocaína?

— Não estejas admirado. Não vês as notícias? Ainda há uns anos foram encontrados vestígios de cocaína no parlamento britânico.

— A sério? Não me lembro disso.

— O próprio primeiro-ministro falou do assunto em público na altura em que estavam a tomar medidas antidrogas.

— E reprovou o consumo, suponho?

— Claro, mas a verdade é que um dos locais onde foram encontrados vestígios foi mesmo nas casas de banho junto ao seu gabinete.

— Achas que ele...

— Sabe-se que ele consumiu cocaína quando andava na universidade e é sabido que há uma cultura da cocaína no parlamento. Alguns deputados consomem a cocaína com frequência. Na verdade, Londres é a cidade europeia com mais resquícios de cocaína no esgoto, com novecentos miligramas por cada mil habitantes.

A meio do muro de metal que separava as traseiras da casa do beco, uma das chapas deslizou para a direita, revelando uma abertura para o pátio da moradia.

Dessa abertura saíram quatro jovens de armas apontadas a eles. Metralhadoras. Instintivamente, os portugueses levantaram as mãos enquanto dois dos jovens abriam as portas traseiras da carrinha e retiravam as caixas de brinquedos e as levavam para casa com eficiência. Os outros dois mantinham as armas apontadas a Carlos e a Margarida. Os rostos imberbes, com uma espécie de barba desmazelada para parecerem mais velhos, impressionaram Carlos.

— Eles são tão novos... — sussurrou, aproximando-se de Margarida.

— Gangues. Aqui há muitos e na grande maioria constituídos por crianças.

— *Silence!* — berrou um dos jovens.

Várias caixas foram levadas com rapidez para o interior da casa, com a eficiência de quem fazia aquilo com frequência.

Até que o inferno estourou.

Tiros, vindos não se sabia bem de onde, mataram os dois jovens

que vigiavam a mercadoria e estilhaçaram os vidros da carrinha. Instintivamente, os portugueses lançaram-se ao chão, enquanto os outros dois jovens disparavam de volta por trás do muro, aflitos.

Carlos, até aqui a sentir-se um estranho, ligou o modo de sobrevivência que tanto o salvara no passado e avistou uma forma de se defenderem. De gatas, arriscou ficar na linha de tiro para arrancar as metralhadoras aos jovens assassinados, que tinham caído entre a carrinha e o muro. Conseguiu pegar nas duas armas e regressar à proteção da carrinha, não sem apanhar um susto ao ver uma bala embater no chão ao seu lado e depois no canto da carrinha, destruindo o farolim que estava a meros centímetros da cabeça.

— Estás louco, Carlos? Por pouco não ficaste com a cabeça feita em papa!

Ele não respondeu e entregou uma metralhadora a Margarida, que a recebeu com ânimo e a preparou imediatamente para atacar com um à-vontade impressionante. Posicionou-se de gatas do lado esquerdo da carrinha e procurou o inimigo. Carlos decidiu fazer o mesmo do lado direito.

Espreitou.

Uma saraivada de tiros passou novamente perto de si.

— O que se está a passar?

— Deve ser um gangue inimigo que quer ficar com o carregamento deles.

— Filhos da mãe, estávamos tão perto.

— Nada está perdido.

Dito isto, Margarida entrou na caixa da carrinha e aproximou-se da pequena janela que fazia a ligação com o habitáculo à frente. Colocou o nariz da metralhadora apoiada na janela cujo vidro tinha sido destruído e procurou alguém armado.

Avistou dois jovens, um atrás de um caixote do lixo à direita e outro atrás da última árvore que ficava no enfiamento do lado esquerdo, antes da zona relvada.

— Carlos, preciso que dispare contra aquele caixote do lixo e depois levanta-te e dispara sobre a última árvore deste lado!

O jovem assentiu e voltou a espreitar. Assim que avistou o caixote do lixo, disparou furiosamente, destruindo-o em parte. Depois, levantou-se e atirou sobre a última árvore, falhando vários disparos,

mas acabando por acertar no tronco.

— Agora esconde-te!

Carlos agachou-se novamente e Margarida aguardou que um deles aparecesse. A luz começava a escassear e ficava difícil de distinguir formas ao longe. Então, viu uma cabeça surgir por cima do caixote destruído. Inspirou fundo e apontou a metralhadora. Disparou quatro tiros.

Um deles rebentou com a cabeça do inimigo, o que fez com que o outro saísse do esconderijo e disparasse, por medo ou vingança. Esse inimigo disparava enquanto se aproximava, impedindo-a de ripostar sem arriscar ser assassinada.

— Ele está a aproximar-se, anda cá para dentro, rápido!

Carlos saltou para a caixa da carrinha e encostou-se ao canto. Margarida aproximou-se da porta escancarada, arma preparada para disparar. Disparos foram trocados entre as traseiras da casa e o inimigo, que parecia estar perto da carrinha. Estava a contornar o veículo para lhes roubar o carregamento de droga.

Ouviram passos no canteiro que rodeava a casa. Ele estava perto.

Margarida preparou a arma e apontou-a para o sítio onde ele ia aparecer.

Ouviram passos lentos, cautelosos. Ela estava pronta a disparar a matar, com o dedo a tocar no gatilho.

Avistaram-lhe os pés por baixo da porta, enquanto ele contornava a porta aberta. Assim que o seu corpo surgiu no campo de visão, Margarida disparou contra o tronco do jovem, este caiu ao chão, mas tinha colete à prova de balas. Antes que ele tivesse tempo de ripostar, Margarida saltou sobre ele e agarrou-lhe a cabeça entre os braços, enlaçados em torno do pescoço. Num movimento seco e decidido, torceu-lhe a cabeça.

Estava morto.

Carlos ficou de boca aberta enquanto ela deixava cair o corpo e começava a pegar em caixas.

— Deixa isso para depois. Vamos completar o carregamento e pigarmo-nos daqui. A nossa parte era entregar a droga. O resto não é connosco. Vamos!

Entorpecido, Carlos acabou por perceber o que ela lhe dizia e ajudou-a a terminar o carregamento de droga nas traseiras daquela

habitação, uma fachada para o contrabando daquele gangue. Ouviram um dos jovens que carregara a droga a gemer, vivo, mas ignoraram. Não fazia parte da missão deles.

Carlos fez tudo em piloto automático, porque a sua cabeça estava ainda a processar o que vira: Margarida a matar um homem com as suas próprias mãos, sem hesitações.

— Não fiques assim. Fiz o que tinha de ser feito. Estávamos a ser atacados e não morremos por pouco. Portaste-te muito bem. Vá, agora temos de arranjar forma de regressar a Birmingham, que esta carrinha está destruída.

Carlos assentiu, mas um receio começava a apoderar-se de si.

Estaria Leonardo afetado da mesma forma que a mãe após toda a horrível experiência de sobrevivência por que passara?

CAPÍTULO 75

LEONARDO E MARTA

Hélder Carvalho foi entregue ao Ministério Público, que iria proceder à detenção preventiva pelo risco elevado de fuga apresentado pelo escritor. O procurador destacado para o caso mostrou-se muito satisfeito pelo trabalho dos inspetores e prometeu celeridade. Hélder ficou detido numa das celas do Estabelecimento Prisional da PJ de Lisboa, nas traseiras do edifício onde eles trabalhavam. Os processos legais tinham sido ativados e o procurador atarefava-se para apresentar o alegado Justiceiro a um juiz para o interrogatório judicial a fim de este decidir as medidas de coação até ao julgamento do escritor. Tinham 48 horas, mas estavam empenhados em despachar aquilo o mais rapidamente possível, dado o mediatismo de todo o caso.

Romeu Gonçalves, o diretor nacional da Polícia Judiciária, convocou, entretanto, uma conferência de imprensa de urgência. Depois de deterem Hélder e com todas as provas acumuladas na investigação, era claro para todos que tinham capturado o Justiceiro. E iam declarar isso mesmo ao país.

Marta tentou avisar Paulo Teodoro a fim de convencê-lo a abortar essa conferência, mas não houve hipótese. A comunicação social estava a pressionar demasiado a PJ e eles precisavam disto. Precisavam desta vitória. Mesmo quando ela disse que Hélder até podia ser o Justiceiro, mas que ele poderia ter ajuda de pessoas que iriam continuar o seu trabalho, o chefe fizera ouvidos de mercador. E

nem referiram o facto de ele parecer estar a dizer a verdade e poder ter sido incriminado por um homem que tinha sido dado como morto.

Por isso, ainda antes das oito da noite, os canais televisivos de informação fizeram um direto na sede da PJ. Leonardo e Marta observaram a partir dos seus smartphones, receando o que o diretor diria.

— O Justiceiro, como ele se autodenomina, tem aterrorizado o nosso país, assassinando até à data quatro pessoas, e prometendo não parar — começou o diretor, sério e triunfante —, mas nós orgulhamo-nos muito dos nossos profissionais. Esta tarde, o Justiceiro foi detido e será acusado pelo Ministério Público com efeito imediato. Será uma questão de tempo até o termos em definitivo atrás das grades, que é o sítio onde ele merece estar pelas atrocidades que cometeu. As vítimas e as respetivas famílias, às quais envio as minhas mais sinceras condolências, nunca serão esquecidas. Estamos perto de fechar uma das páginas mais negras da nossa justiça e muito se deve aos profissionais desta nobre casa que é a Polícia Judiciária.

Seguiram-se perguntas em catadupa, mas nenhum deles estava interessado, pelo que saíram dos diretos. Não gostaram que o diretor nacional tivesse passado a mensagem de que com a detenção de Hélder Carvalho o caso estava fechado e encerrado e que não havia mais perigo nenhum para as pessoas.

Entretanto, dada a agitação dos inspetores, Carolina Pinotes telefonara a confirmar dois pedidos de análises forenses feitos por eles: o ADN de Samuel Pinto, fornecido através de uma garrafa de água, era correspondente com uma amostra de ADN encontrada no quarto de Laura Capuchinho, e tinham sido detetados vestígios de *Rohypnol* no sangue e na urina da quarta vítima do Caso Elementar. Portanto, fora Samuel Pinto quem assassinara Laura Capuchinho e fora o Justiceiro a assassinar Aurora Miguel.

Antes de darem o dia por terminado, decidiram consultar os relatórios dos colegas aquando do «desaparecimento/suicídio» de Jota Marques.

Tinha sido há mais de seis meses, pela altura da passagem de ano. Jota dissera aos pais que ia passar a meia-noite em Times Square, Nova Iorque, com os seus melhores amigos; era um sonho antigo que ia finalmente ser realizado aos vinte e sete anos. Segundo a

informação que puderam analisar, Liliana Amargo e Sílvio Andrade, os melhores amigos de Jota, com quem este ia alegadamente viajar, disseram que ele andava abatido, frustrado e revoltado nessa altura, e que ele queria ir sozinho a Nova Iorque para recuperar a chama de viver. Que a entrevista com Hélder Carvalho o mandara do precipício abaixo, que trouxera traumas antigos à superfície.

Portanto, Jota disse uma coisa aos amigos e outra aos pais. No processo da PJ fora assinalado que não se encontraram provas de que ele tivesse viajado. Muito pelo contrário. A crença era que Jota nunca chegara a sair de Portugal. Nunca chegara a ir ao aeroporto.

— Diz aqui que o Sílvio temia pelo Jota porque ele já se tinha tentado suicidar quando ia entrar para a faculdade — comentou Marta.

— Aqui diz que ele estava sinalizado para comportamento de risco — leu Leonardo —, e que tinha tendências suicidas. No dia 30 de dezembro, despediu-se dos pais em casa e não no aeroporto.

— Achavam todos que ele iria estar acompanhado, e vigiado, nessa viagem.

— Mas em vez disso, ele nunca chegou a viajar e deixou uma carta aos pais e outra aos dois amigos, que foram encontradas apenas no dia seguinte, já ele estaria em solo americano há 24 horas. Supostamente.

Marta procurou a carta que Jota enviara aos amigos e leu-a em voz alta.

Liliana e Sílvio,

Obrigado por tudo o que fizeram por mim. Se não fossem vocês, teria tomado esta decisão mais cedo. Vocês foram como uns faróis na minha vida, uma luz ao fundo do túnel do meu desespero e do meu cansaço.

Se tivesse nascido heterossexual, nada disto me estaria a acontecer. Não era gozado, nem torturado, nem nada.

É por isso que o ideal, o meu sonho, seria não existirem pessoas diferentes. Devíamos acabar com os gays, as lésbicas, os transexuais, e por aí fora. A minha lógica é muito simples: se não existirem pessoas LGBT, não haverá sofrimento.

Tenho a certeza de que se déssemos a possibilidade a todos os da

comunidade para poderem reverter a sua orientação ou identificação sexual, a maioria iria optar por mudar para o padrão da nossa sociedade. Era bom se pudéssemos conceder esse desejo. Seria tudo mais fácil e sem sofrimento.

Vou-me embora e terminarei com este sofrimento longe daqui, para que se lembrem de mim como era em vida e não na morte.

Obrigado por tudo, amigos. Vocês são magníficos.

Até sempre.

Jota

Não conseguiram dizer nada durante uns minutos, a assimilar o que fora escrito, a mágoa que Jota espelhara em cada palavra, enchendo-os de compaixão por verem uma pessoa a querer terminar a sua vida para acabar com o sofrimento que não era suposto sentir.

— O Jota tem tudo para ser o Justiceiro — disse Marta, depois de ler a carta uma segunda vez. — Por muito que me custe dar razão ao Hélder. A mente dele... ele estava desequilibrado. Não pensava como deve ser. As coisas que ele escreveu... Se ele estiver vivo, é uma forte possibilidade.

Leonardo parecia concordar com a colega.

— Sim, a ideia de que se devia eliminar as pessoas LGBT já estava bem presente nesta altura. Ao ponto a que ele chegou, coitado. Se ele acabou por não se suicidar e aproveitou este teatro para recomeçar a vida, é bem possível que tenha voltado para cumprir o seu sonho, como diz na carta.

— E que tenha feito tudo para incriminar o Hélder — salientou, preocupada.

Os pais receberam uma carta semelhante, praticamente igual, apenas mudando nos agradecimentos pessoais a tudo o que tinham feito por ele e por o terem amado tanto, apesar de, na sua opinião, ser uma aberração.

— A questão aqui é que foi o Hélder e todos os rufias que o conseguiram convencer de que era uma aberração, de que era ele quem estava mal e não o contrário.

— Não admira, tantos anos a massacrá-lo. Qualquer um ficaria convencido de que o problema era seu e não dos outros. Meu Deus, será que ele é o Justiceiro?

O caso foi arquivado ao fim de algumas semanas de buscas intensas, em colaboração com as forças policiais norte-americanas, pelo paradeiro de Jota Marques, mas ele nunca mais foi visto ou identificado por ninguém. Foi considerado um desaparecimento pelos colegas da PJ, e não suicídio, o que era compreensível. Sem um corpo para comprovar a morte, era apenas um palpite como qualquer outro. Era uma ponta solta que incomodava de sobremaneira Leonardo Rosa, que odiava ter assuntos por terminar e fechar.

O que anos e anos de bullying tinham feito à mente de Jota era digno de ser estudado, e fascinava, a certo ponto, o inspetor.

Entretanto, receberam uma boa notícia: Paulo Teodoro tinha conseguido que um juiz passasse um mandado de busca à casa de Hélder Carvalho.

Terminaram de analisar a pasta do desaparecimento de Jota, fotocopiando algumas informações relevantes, e partiram para a habitação do escritor.

— Estou curioso para ler a carta que ele diz ter recebido. Se foi mesmo o Jota, pode ser a prova de que ele está vivo e a querer incriminar o Hélder — comentou Leonardo, enquanto entravam no carro da colega e avançavam rumo a Marvila.

— E que prendemos a pessoa errada.

CAPÍTULO 76

LEONARDO E MARTA

A viagem fora rápida e em pouco tempo já se encontravam a transpor a porta do apartamento do escritor. A desarrumação geral dificultou-lhes o trabalho; havia documentos, papéis e livros espalhados por todo o lado, canecas, chávenas de chá e pratos com migalhas em várias superfícies da sala e do escritório.

— Bem que dizem que os escritores têm tendência para deixar tudo de pantanas quando estão vidrados num novo livro — comentou Marta.

Foi preciso quase uma hora, com a ajuda de dois peritos da Polícia Científica, para descobrirem a única coisa importante em todo o apartamento.

A carta que ele alegara ter recebido de Jota, no início das mortes do Caso Elementar.

Olá, Hélder.

Não me sai da cabeça o livro que andas a escrever sobre a comunidade LGBTQIA+.

Queres desmistificar para a sociedade os problemas e obstáculos que pertencem a essa comunidade? E tiveste a lata de me entrevistares a mim, que fui torturado psicologicamente por ti durante anos a fio?!

Nunca vi tanta hipocrisia junta.

Tu foste o pior bully da história. Não tenho dúvidas. Arrependo-

me de te ter recebido e ajudado na tua pesquisa. Se o arrependimento matasse, estava morto. Mas não estou, ao contrário do que se possa pensar.

Não morri.

Apenas fingi que me suicidei para recomeçar a minha vida do zero. Nunca pensei sentir tanta paz. E é essa paz que eu quero que as pessoas sintam. Quero acabar com o sofrimento da comunidade LGBT. Quero dar-lhes o caminho da salvação. Quero que deixem de sofrer. Não quero que haja mais pessoas a sofrer como eu sofri às tuas custas. Graças a ti, vi a luz. Obrigado por isso.

No entanto, se fosse a ti, andava com muito cuidado. Não esqueci o que me fizeste.

Um dia hei de ter a minha vingança.

Boa escrita.

Não estava assinado, mas a identidade era óbvia.

— «Se fosse a ti, andava com muito cuidado» — repetiu Leonardo.
— Por isso é que ele acha que o Jota quer fazer-lhe mal. Mas pode ter outro significado.

— Não me parece que ele o tenha perdoado... Mas será mesmo uma carta do Jota?

— A que lemos no arquivo estava escrita à mão; esta está a computador.

— Se fosse à mão, dava para comparar a escrita para vermos se era a mesma pessoa. Bolas!

— Ele é esperto, porque assim isto pode levar-nos a pensar que foi o Hélder que forjou a carta para se inocentar, quando poderá ter mesmo sido o Jota a escrevê-la, mas como o fez a computador, deixa-nos de pé atrás.

— Que explicação haverá caso seja forjada? Por que motivo o Hélder faria isso?

Pensaram um pouco.

— O Hélder pode querer apontar a direção da investigação para o Jota e para longe de si — começou Leonardo, tentando pensar na pele do escritor. — O livro é apenas uma fachada para ninguém suspeitar dele, e esta carta uma manobra.

— Ou seja, ele é o Justiceiro, mas quer que fiquemos na dúvida

com toda esta questão de o Jota ser o assassino.

— É uma narrativa brilhante.

— Digna de um escritor.

— E quem seria o cúmplice de Hélder ou do Jota?

A resposta surgiu ao mesmo tempo.

— Os melhores amigos do Jota. O Hélder pode tê-los usado em seu proveito, alegando como isto era o que o Jota queria.

— Sim, pode ter jogado com a fragilidade deles após a notícia do seu suicídio.

— Parece-me uma ótima teoria.

— Mas e se o Hélder está a falar a verdade?

Leonardo passou a mão pelo rosto, cansado.

— Que merda. Nada do que parece é.

— Pois não.

— Portanto, ficamos na mesma com as nossas suspeitas em aberto. Apesar de oficialmente termos capturado o Justiceiro.

— Exato. Não sabemos em quem confiar até termos provas mais sólidas. Por mim, creio que o José Conceição estará fora do nosso interesse. No entanto, devíamos confirmar o álibi dele para esta última morte.

Telefonaram à ex-mulher, que lhes assegurou que ele passou a última noite com eles e que acabou por dormir lá em casa, saindo cedo para chegar a tempo da abertura da pastelaria. Ele nunca saiu de casa. Não poderia ter assassinado Aurora.

Esse telefonema fechou a suspeita sobre José, apesar de Marta ter o desejo secreto de que ele não fosse feliz depois do que fizera aos filhos e às ex-mulheres.

Era daqueles que não merecia segunda nem terceira oportunidades.

De seguida, tentaram contactar Liliana e Sílvio, os grandes amigos de Jota, mas os números registados no processo já não estavam atribuídos. Delegaram essa função para o departamento de telecomunicações, que ficou de lhes retribuir a chamada assim que conseguissem entrar em contacto com eles.

Ligeiramente frustrados e fatigados mentalmente, regressaram a casa de Marta, em Odivelas, onde jantaram e caíram na cama ferrados. A ideia não era essa, mas estavam tão cansados que

adormeceram nos braços um do outro.

Leonardo foi o primeiro a despertar, ainda o Sol não tinha nascido, mas deixou-se ficar ali, quieto e em silêncio. A cabeça de Marta no seu peito, a subir e a descer em cada respiração sua. Ali o mundo parecia maravilhoso. Perfeito. Intocável. Não existia qualquer escuridão dentro dele. Sentia-se inteiro, sentia-se ele próprio, sem danos. Com Marta ao seu lado, tinha a certeza de que a escuridão nunca mais iria regressar.

Mas havia a maldita presilha de silicone do seu relógio desaparecida.

Teria sido arrancada na perseguição a Samuel Pinto? Durante a luta?

Por mais satisfeito e relaxado que se encontrasse, a ideia de a inspetora Núria Tavares encontrar a prova no local onde Samuel fora assassinado não ia ajudá-lo em nada. Leonardo poderia justificar que a perdera durante a perseguição infrutífera que ocorrera no mato quando Samuel lhes fugira. Mas como explicaria que a presilha lhe fora arrancada do relógio, se a versão dos factos que Leonardo colocara no relatório indicava que ele apenas correria atrás dele e o deixara escapar porque ele era muito ágil e veloz? Não houvera luta, e aquele acessório do relógio não saía facilmente.

Não podia deixar aquilo à mercê do destino. Tinha de resolver esse assunto.

E tinha de o fazer agora, ou podia ser tarde demais.

CAPÍTULO 77

LEONARDO

Fez-se à estrada com a manhã quase a nascer e, quando deu por si, estava novamente na Margem Sul, a caminho de Fernão Ferro. Como é que tinha perdido o controlo quando tivera Samuel Pinto nas mãos? Como se deixara chegar àquele ponto? Não se revia naquela atitude.

Estacionou o carro na última rua antes do mato onde perseguira e matara Samuel. Caminhou com alguma insegurança. A luz ainda era fraca e não conseguia ver nada em condições; havia demasiado mato.

Ligou a lanterna do telemóvel e foi varrendo o chão e remexendo em cada arbusto em busca do objeto azul-escuro. Os minutos foram passando e o stress foi aumentando. Começou a transpirar, nervoso. Se não encontrasse a presilha, seria o seu fim. Decidiu começar a partir do local do crime, do *seu* crime, e ver em volta. No entanto, agora que o local estava limpo, ficou difícil encontrar o local. Afinal, não estava em si quando o matara, mas conseguiu encontrar uma zona que parecia assemelhar-se ao que ele se recordava. Avistou o conjunto de arbustos onde escondera o corpo e começou a procurar à volta, sôfrego por sair dali.

Passou mais uma hora sem resultados. Já lhe começava a doer as costas quando ouviu algo atrás de si. Um passo. Depois, uma voz.

— Não te vires para trás.

Leonardo endireitou-se e virou-se, ignorando a ordem da voz. Ao fazê-lo, um flash de luz embateu no seu olhar. A pessoa que o interpelara apontava-lhe a lanterna diretamente aos olhos para que ele

não visse quem estava ali com ele.

— Eu disse para não te virares, porra.

— Quem és?

A voz era de mulher, possivelmente uma mulher nova. Virou a cabeça para o lado para fugir à luz intensa.

— Quem sou, não interessa. O que interessa é que eu sei o que fizeste aqui. Aquela máxima de que o criminoso sempre volta ao local do crime acabou de se comprovar, mas nunca imaginei possível.

— O que é que estás para aí a dizer?

— Eu vivo uns quarteirões lá para acima e tenho um cão para passear. Um cão grande, que exige muito tempo de passeio para descarregar as energias. E está aqui comigo, portanto nem tentes nada. Posso ser mulher, mas aqui o *Bucky* come-te à dentada se te atreveres a atacar-me. — Um ligeiro rosnar pontuou o discurso da mulher. — Senta, *Bucky*.

Leonardo engoliu em seco e imaginou um pastor-alemão enorme com os dentes arreganhados, desejoso de os enterrar na sua carne à mínima oportunidade. Agora que a mulher falava nisto, pareceu recordar-se de ouvir um cão ladrar depois de assassinar Samuel, mas estava tão focado em ludibriar Marta que nem lhe dera a devida importância.

— Isto deve ser um mal-entendido, certamente.

— Não é, não. No outro dia, estava eu a passear o *Bucky* pelo mato, porque ele adora a natureza e a liberdade, quando vejo dois homens a correr à maluca. Tive de o agarrar ou ele ia atrás de vocês. Não foi fácil, mas lá o prendi e fiquei à espera. Entretanto, ouvi gemidos e um grito contido. Apesar de não muito alto, deu para perceber que essa pessoa estava a sofrer. Não imaginei que estivesse a morrer, mas passado um bocado vi-o a si, ao longe, a caminhar de volta para a estrada. Claro que o reconheci. A sua cara esteve nas notícias no final do ano passado. No dia a seguir, passei por aqui novamente e vi a polícia na mesma zona. Perguntei o que se tinha passado à família que tinha chamado a polícia e eles contaram-me do cadáver. Bom, foi só somar um mais um.

— O que queres pelo teu silêncio?

Seguiu-se uma pausa. Leonardo mantinha o olhar no chão de terra pisada, um caminho improvisado criado no meio do mato. Um pouco

ao lado, reparou na existência de vários formigueiros e desejou, por momentos, poder transformar-se numa formiga e esconder-se buraco adentro, para longe dos seus problemas.

— Quero duzentos mil euros.

— Estás louca! Sou inspetor, não sou rico.

— Cento e cinquenta, pelo menos.

— Mil euros e vais com sorte.

Uma gargalhada gelada arrepiou-o. Começou a sentir-se encurralado e a escuridão começou a dar sinal de vida, nascendo no seu peito e começando a espalhar-se pelo corpo. Como consequência, a sua visão ficou tingida de encarnado.

Estava a perder o controlo. Tinha de resolver a situação ou poderia cometer outro crime que não queria.

— Cinco mil euros — tentou.

— Não. Quero cem mil euros. É metade da exigência inicial, não podes reclamar.

Leonardo Rosa ia ripostar, ia recusar e mandá-la à merda, mas com o crescimento da sua escuridão, sentiu urgência em fechar aquele assunto antes que não respondesse por si.

— Tudo bem. Fechado. Para quando queres o dinheiro?

— Daqui a 24 horas.

— O qu.... — Mais uma vez, conteve o impulso e assentiu. — Combinado. Onde?

— Dá-me o teu número de telemóvel. Mais perto da hora indico-te um lugar.

— Alguém anda a ver muitos filmes de espionagem.

— Cospe lá o teu número.

Leonardo assim o fez.

A mulher apontou-o e, segundos depois, o telemóvel do inspetor começou a tocar, confirmando que ele lhe dera o número certo.

— Tenho um número privado, para não descobrires quem sou. Agora vou-me embora daqui e tu não me vais seguir, ou vamos ter problemas.

— Vai.

— Vamos, *Bucky*.

Passos apressados afastaram-se do local, algumas folhas a serem remexidas na passagem dos dois seres. Um cão com potencial

assassino e uma mulher chantagista. Era uma combinação assustadora.

Um minuto depois, já sem nenhum som nas imediações além do remexer das copas das árvores pelo abraço moderado do vento, Leonardo voltou a procurar a peça que faltava na pulseira do relógio, o coração a querer saltar-lhe da boca.

Continuou durante mais uma hora. Já não havia vestígios da sua escuridão, mas antes uma enorme e crescente impaciência. Se ele não encontrasse a presilha, Núria encontrá-la-ia.

Podia ser o seu fim.

O telemóvel começou a tocar, assustando-o. Mirou o ecrã.

Era Marta.

Merda. Que terá acontecido? Ela devia estar a dormir. Merda, merda.

— Estou, M&M?

— Leo, a tua irmã está aí contigo, certo?

A voz de Marta estava carregada de ansiedade, a respiração ofegante de desespero.

A Mafalda...

O seu instinto começou a disparar ordens para o seu corpo. Por isso, e antes de lhe responder, Leonardo ligou os dados móveis. Ignorando as notificações das redes sociais e do e-mail, abriu o Instagram do Justiceiro.

O vídeo mais recente datava de meia hora atrás.

Precisou apenas de meio segundo de vídeo para compreender o que tinha acontecido.

O Justiceiro tinha subjugado a irmã. Tinha-a encontrado e raptado.

E ele a dezenas de quilómetros à procura de uma peça do relógio, quando deveria estar em casa, com Mafalda, há mais de duas horas.

CAPÍTULO 78

LEONARDO

— Leo, onde estás?

A voz de Marta ressoou, carregada de receio pela demora dele em responder. Pensativo, a ponderar as suas opções, Leonardo só pensava em como não queria mentir. Queria pedi-la em casamento e ser feliz com ela, sem nenhuma escuridão no coração a perturbá-lo. Queria uma vida normal, sem Roberta Schulz à solta e sem uma mãe assassina ao seu lado. Queria fazer o seu trabalho e correr para um lar quente, cheio de amor, com a mulher e um ou dois filhos no final do dia. Não queria mentir, ser preso e ficar isolado das pessoas que amava.

Mas aquela primeira mentira podia deitar isso tudo a perder.

— Vim cá fora apanhar ar, não estou em casa.

— O quê?!

— Este caso está a deixar-me louco — admitiu, falando a verdade. Olhou em volta e, cerrando os punhos de frustração, resignou-se e correu de volta para o carro. — Vim dar uma caminhada.

— O Justiceiro tem a tua irmã e está em tua casa! Estás a quanto tempo de lá?

Cerrou os dentes e pensou enquanto entrava no carro e ligava o motor.

— A uns quinze minutos.

— Corre! Eu vou a caminho também!

Leonardo desligou a chamada, não conseguindo dizer nem mais

uma palavra porque sabia que seria uma mentira. Fez-se à estrada e acelerou o mais que pôde, a hora matutina a jogar a seu favor. Não foram quinze minutos, mas não ficou muito longe, demorando vinte minutos até chegar à Praça da Figueira. Pelo caminho, visualizou o vídeo do Justiceiro. Era um vídeo muito curto, com o efeito boomerang, em que Mafalda aparecia amarrada a uma cadeira, sem se conseguir mover. O que o impulsionou ainda mais para acelerar nas ruas foi o olhar da irmã. Apesar de a qualidade do vídeo não ser a melhor, ele conseguira detetar o desespero e o pânico no olhar.

A um par de minutos de chegar ao destino, Leonardo reparou que o Justiceiro tinha iniciado um direto na mesma rede social. Significaria aquilo que Hélder não era o assassino? Ele fora detido preventivamente; jamais poderia fazer aquilo. Ou seria o tal cúmplice que eles desconfiavam que o Justiceiro tinha?

Colocou o telemóvel no apoio próprio no tablier, que lhe permitia ver a estrada e o dispositivo ao mesmo tempo, e aumentou o som ao máximo.

— Os da PJ acham que prenderam a pessoa certa, mas não podiam estar mais enganados!

A voz estava destorcida e o inspetor não a reconhecia, mas a imagem transmitida no direto era demasiado familiar. A sala do apartamento onde vivia há tantos anos. A sua casa. A sua cadeira, com a irmã sentada e amarrada, com o olhar em pânico.

— Diz olá às pessoas, não sejas mal-educada.

A câmara aproximou-se de Mafalda, que se remexeu inutilmente no lugar, e uma mão enluvada aproximou-se e removeu a faixa de tecido que a impedia de falar.

— Leonardo! Isto é uma armadilha! Não venhas, é uma armad...

A mesma mão voltou a colocar o tecido na boca para a calar.

Aflito, passou sinais vermelhos, teve de se desviar de um carro que estava prestes a embater nele num cruzamento, e subiu o passeio que servia o seu prédio, sem se preocupar com nenhuma regra de trânsito. Saiu do carro a correr. Subiu as escadas com toda a rapidez que as pernas lhe permitiam.

No direto, viu uma faca surgir e passar ao de leve no pescoço de Mafalda, que começou a chorar. Passou a ponta de um lado ao outro, até que, antes de retirar a faca de cena, fez uma pequena incisão que

abriu ferida, saindo umas gotas de sangue, que ele recolheu com a faca e lançou ao chão.

Agora era Leonardo que sentia pânico, as pernas a fraquejarem. A sua irmã estava em risco de vida.

Com o telemóvel numa mão e as chaves de casa na outra, chegou ao terceiro andar e avançou até à porta, abrindo-a de rompante. Correu até à sala e olhou em frente.

A cadeira mantinha-se no mesmo local, no centro. À frente da mesma, as gotas da ferida provocada pela faca do Justiceiro brilhavam sob a luminosidade do candeeiro no teto.

O Justiceiro continuava a falar, mas Leonardo não lhe prestava atenção.

— Leo?

Marta surgiu atrás de si, mas ele não se virou. Lágrimas brotaram ao mesmo tempo que a escuridão começava a desaparecer ao ouvir a voz da colega.

— O que significa isto? Mas... ele está em direto — disse Marta, com a voz sumida, aproximando-se dele para certificar-se de que estava a ver bem.

— Ele deve estar a transmitir um vídeo e a passá-lo como se fosse em direto — concluiu Leonardo, um nó no estômago que ameaçava provocar o vômito.

Dito isto, momentos depois, a imagem tremeu e viram um telemóvel surgir e afastar-se da câmara que estava a transmitir o direto do Justiceiro no Instagram, revelando o local verdadeiro onde ele se encontrava, mas que pouco ou nada revelava. Era bastante escuro e impercetível. Marta gravou o ecrã para poderem analisar o vídeo mais tarde com calma.

Leonardo olhou para a cadeira onde estivera Mafalda.

Estava vazia, as cordas pendentes do assento para o chão.

Ele tinha-a levado.

CAPÍTULO 79

LEONARDO E MARTA

Marta carregou a gravação do ecrã que realizara durante o direto. Avançou para a parte em que era revelado a farsa e o telemóvel se afastava da câmara, revelando o local onde o Justiceiro se encontrava. Estava na rua, numa zona escura e difícil de localizar. Via-se, em baixo, a calçada, mas podia ser em qualquer lugar. Não tinham nenhuma pista ali.

— Se confirmarmos que esse homem é o Jota, ilibamos definitivamente o Hélder Carvalho.

— Continuo a achar que ele estava a dizer a verdade. Por muito que me custe admitir.

Marta concordou.

— Acho que a única solução que temos é obter uma imagem daquele homem que o Hélder confundiu com o Jota a partir das imagens de vigilância e procurá-lo no Cartaxo.

— Montamos uma operação, mas ele já pode estar bem longe.

— Temos de fazer alguma coisa, Leo.

— Vemos com o Teodoro se ele apoia essa ideia ou não.

— Já lhe ligo.

Leonardo nada disse. Só pensava em Mafalda. Sozinha com o Justiceiro.

— Onde estiveste, Leo? — perguntou Marta, após um longo momento de silêncio.

Leonardo sentiu um aperto no estômago e fingiu não compreender

o que ela dissera.

— Diz?

— Disseste-me que foste dar uma volta esta noite. Por onde andaste?

— Estás a dizer que a culpa do que aconteceu é minha? Se a Mafalda morrer, sou eu o culpado por não estar em casa com ela? É isso? — Leonardo adotou o ataque como estratégia de defesa. Sentiu muita raiva de Marta e ela pareceu reparar, dando um pequeno e impercetível passo para trás. No entanto, pegou na mão dele com carinho.

— Sabes bem que nunca diria isso. Só quero esclarecer tudo. Estiveste comigo há umas horas e vieste para casa. Já era tarde, e mesmo assim ainda foste dar uma volta?

— Precisava de pensar com calma.

— No caso?

— Sim, no caso. Precisava de espairecer. Sabes que penso bem quando dou uma corrida ou uma caminhada. E este caso... está a ser uma merda.

— Sim, mas o teu carro está estacionado ali no passeio. Afinal foste a pé ou de carro?

Leonardo engoliu em seco e encarou-a nos olhos com firmeza. Ela sabia que ele lhe mentia, mas nenhum deles o admitia. E odiava-se por isso.

— Fui de carro até ao Parque das Nações. É melhor para passear e sabes que é um local com grande significado para mim.

Marta aquiesceu e, apesar da sua notória desconfiança, aceitou a desculpa.

— Vamos trabalhar?

Leonardo sentiu-se aliviado por ter passado naquele teste, mas reparou em como ela não lhe deu um beijo para selar a conversa. Além de Núria, também Marta Mateus, sua colega e namorada, começava a desconfiar dele.

Começava a sentir-se cercado. E ainda tinha tanta coisa para resolver antes de estar livre de preocupações e de mentiras...

CAPÍTULO 80

NÚRIA

Não tinha conseguido dormir nada durante a noite. O confronto com o inspetor Leonardo, que em tempos tinha admirado, na Praia 19, fora terrível. Francamente, pior era impossível. Não só tinha passado a antipatizar muito com ele, como começara a desconfiar da sua inocência. Não conseguia afastar a sensação de que tinha alguma ligação a Samuel Pinto. Ele podia ser o melhor no que fazia, mas ela tinha potencial para ser tão boa como ele.

Núria tinha, contra si, o facto de ser mulher, negra e a mais nova inspetora do Departamento de Investigação Criminal de Setúbal. Vivia num mundo de homens brancos, pelo que teria sempre de trabalhar o dobro para provar o seu valor. E ia consegui-lo, mas para isso teria de dar ouvidos aos seus palpites. Ao seu instinto.

Foi por isso que acordou com outro ânimo. Depois de tratar do sobrinho e de o deixar na escola, seguiu para o local onde Samuel Pinto tinha sido encontrado.

No caminho, a chefia avisou-a de que já tinham selecionado um estagiário do curso de inspetores para trabalhar com ela durante um ano. O nome dele era Fábio Costa e tinha menos três anos que ela. O inspetor-chefe achava-a perfeita para o ensinar. Tinha a certeza de que se iam dar lindamente.

Eles querem é que eu faça babysitting. Não quero parceiros, e muito menos alunos a estagiar que só cometem erros e atrasam a investigação.

Chegou ao mato de Fernão Ferro e sentiu uma energia renovada

ao pisar o chão de terra e a relva irregular. Não podia chamar colegas para analisarem todo o mato, por aquele caso ter sido transferido para o Departamento de Lisboa, mas nada a impedia de ela própria dar uma vista de olhos minuciosa no sítio.

Não tinha nada de importante para fazer naquele dia. Bem que podia passar umas horas a vasculhar o espaço em torno do local onde Samuel Pinto fora encontrado morto.

Enquanto vagueava aparentemente sem rumo, algo no seu íntimo lhe dizia que ia encontrar a presilha de um determinado relógio.

CAPÍTULO 81

LEONARDO E MARTA

Durante toda a manhã e uma boa parte da tarde, vários peritos da Polícia Científica da PJ de Lisboa vasculharam milímetro a milímetro o apartamento de Leonardo Rosa. Pelas gotas de sangue, conseguiram apontar uma hora estimada para o ataque do Justiceiro: entre as onze da noite e a meia-noite. Enquanto os inspetores descansavam na cama de Marta, a irmã de Leonardo fora atacada. Era uma sensação terrível.

O inspetor-chefe, Paulo Teodoro, dera ordem para que todos os profissionais se esmerassem, não só por estar a ser um caso muitíssimo mediático, mas porque um familiar de um deles estava em perigo de vida.

— Quando se metem connosco, cáímos-lhes todos em cima — garantiu Teodoro, o rosto a mostrar a Leonardo o medo que sentia por ser mais provável encontrarem Mafalda morta. — Nem vão saber o que lhes mordeu. Infelizmente, sabes como são os procedimentos, terás de ficar de fora desta investigação.

Leonardo cerrou os punhos. Ia ripostar, mas o seu telemóvel tocou. Era Cristóvão Martins, a perguntar se queriam assistir à autópsia de Aurora Miguel. Leonardo recusou; havia muito trabalho para fazer, mas pediu para que os informasse se descobrisse alguma coisa que lhes fosse útil para a investigação. Confiavam no discernimento e profissionalismo de Cristóvão Martins.

Logo a seguir, recebeu o telefonema que mais temia. Joana, a sua cunhada, telefonara carregada de preocupação e muito medo pela

incerteza em torno da sua mulher. Leonardo tentou projetar confiança e tranquilidade, disse que a iria manter ao corrente da investigação e conseguiu tranquilizá-la com muito custo. Felizmente, os miúdos ainda tinham aulas, pelo que ela tinha de manter o foco a fim de preservar o máximo de normalidade na vida deles, de modo a protegê-los do que se estava a passar.

A meio da tarde ainda não havia qualquer pista do paradeiro da irmã. A casa de Leonardo estava vedada e não o deixavam entrar por conflito de interesses. O caso era demasiado pessoal. Leonardo, frustrado, tentou gritar com alguns elementos da equipa, mas Marta puxou-o.

O inspetor sentiu picadas nos olhos, os quais em segundos ficaram húmidos. Assentiu e afastou o olhar, envergonhado por mostrar a sua fragilidade.

A irmã estava nas mãos do Justiceiro, que já tinha matado quatro vítimas de forma horrível. Por que razão seria diferente com Mafalda ? O horror que a esperava era desumano.

— Temos de pensar, Leo — avançou Marta, assim que Teodoro saiu de cena. — O Justiceiro faz as coisas com um propósito. Ele mata as vítimas em locais ou datas importantes, marcantes para a comunidade LGBTQIA+.

— Verdade — anuiu, querendo agarrar-se àquele raciocínio para ter esperança. — Que datas ou locais ainda nos restam nos próximos tempos?

— Temos o Arraial Lisboa Pride na Praça do Comércio.

— Quando é?

— Amanhã à noite.

— Será que ele a vai manter viva até lá?

Marta encolheu os ombros, impotente. A ideia de que ele já tinha matado Mafalda parecia-lhe a mais acertada. Se tivesse de apostar, diria que no Arraial iria matar outra vítima. Afastou o pensamento e focou-se no que podiam fazer.

— Temos de ir ao Cartaxo tirar a limpo a história de o Jota estar vivo. Não podemos esperar que o Teodoro monte uma operação.

— O que queres fazer, M&M?

— Temos de o encontrar. Ele tem de estar em algum lado.

— Sim, mas onde? Que nome está ele a usar?

— Temos de começar pelo funcionário do posto de combustível. Usamos uma fotografia daquele vídeo de vigilância e vemos onde isso nos leva.

— Concordo. Ficarmos aqui sem fazer nada é que não nos vai fazer bem.

Desceram as escadas e saíram do prédio, a mente de Leonardo a imaginar o Justiceiro a trazer a sua irmã pelos mesmos degraus à força, aproveitando que àquela hora quase ninguém andava na rua.

Saíram do prédio e encaminharam-se para o veículo de Marta, estacionado atrás do de Leonardo no passeio. O inspetor, ainda imaginando como tinha sido a saída da irmã pela mão do Justiceiro, amaldiçoou que ninguém a tivesse visto sair.

Até que olhou para a esquerda e ficou intrigado com uma possibilidade.

— Tenho uma ideia.

Sem dizer mais nada, avançou pela esquerda, seguida pela colega. Passaram o acesso a uma garagem e pararam à frente de um enxame de *Tuk-Tuks* coloridos e floridos a aguardar pelos primeiros turistas da manhã para fazerem um tour por Lisboa.

— Olá — cumprimentou Leonardo, dirigindo-se ao homem mais próximo de si, que se abriu num sorriso a achar que tinha perante si um casal de turistas.

— Olá, amigos! *Speak English? ¿Habla español?*

O homem, na casa dos quarenta anos, moreno, cabelo comprido e camisa aberta no peito, olhava-os sedutoramente.

— Português.

— Querem dar uma volta, os dois pombinhos? Temos dois circuitos...

— Não queremos andar, queremos falar. Somos da PJ — Leonardo mostrou o distintivo, sem mais preâmbulos.

— PJ? — O homem assobiou. — Como posso ajudar?

— Eu vivo naquele prédio — apontou para a porta do seu prédio — e queria saber se viu duas pessoas saírem dali ontem à noite. Provavelmente, apoiadas uma na outra.

— Bêbadas?

— Sim. — Mentiu.

— A sair, não a entrar?

— Estando bêbadas, deviam entrar, eu sei, mas foi a sair.

— Eu só estou aqui de manhã, mas ali a Zita esteve cá a noite toda de ontem.

— Pode chamá-la, por favor?

Uma jovem negra, cabelo esticado pelos ombros e com um sorriso encantador, veio ter com os inspetores com o ar mais prestável de sempre.

— Olá. Em que vos posso ajudar?

— Queríamos saber se viu algum casal sair pela porta daquele prédio ontem à noite — disse, apontando novamente para o seu prédio, que deveria estar a uns trinta metros. — É possível que parecessem bêbados.

— A que horas?

— Na hora de jantar, provavelmente. Ou mais tarde, tipo onze da noite, talvez.

Zita, com os seus lábios carnudos escondidos em intensa reflexão, ficou uns momentos sem dizer nada, alheia ao que se passava no exterior.

— Por acaso acho que me lembro de ter reparado em algo de estranho.

— O que viu?

— Houve duas pessoas que fizeram um pouco de estardalhaço e chamou-me à atenção. Uma mulher estava a ser amparada, mal conseguia andar. Parecia estar a querer dizer alguma coisa, mas não conseguia articular nenhuma palavra. Estava mesmo pedrada, garanto-vos.

— E como era essa mulher?

— Ela era loira e parecia alta. Caminharam para um carro ali, a meio caminho, e não foi fácil fazê-la entrar no carro, mas a pessoa que vinha com ela só se ria e ia falando com ela, era muito querida, até.

— E o carro, viu que modelo era?

Zita demorou mais uns segundos a pensar.

— Era um *Mazda*, daqueles ligeiros.

— E a cor?

— Parecia azul, mas de noite é difícil de ter a certeza.

— Imagino que seria demais ter visto a matrícula.

— Por acaso, vi. Lembro-me porque era a minha inicial e a da

minha mãe a meio e o dobro do dia de aniversário do meu pai.

Os inspetores pararam um bocadinho para assimilar o que lhes era dito.

— O quê? Sou a única que atribui significados às matrículas que vê? Não sei como fazem quando estão a matar tempo, mas eu faço isso.

— E que iniciais e números são esses? — perguntou Marta.

— ZT 24. Os dois primeiros números não me lembro. Não me devem ter dito nada.

Marta apontou na sua aplicação de notas no telemóvel.

— Muito obrigado pela ajuda, foi preciosa.

— Foi um prazer. Fico feliz por ter ajudado.

— Já agora, como era a pessoa que levava essa mulher loira para o carro?

— Não sei, manteve-se sempre de costas para mim. Não consegui ver grande coisa, desculpem.

— Não tinha nada que o distinguisse, algo que fosse fora do normal?

Zita pensou mais um pouco, revivendo um momento que eles davam tudo para o ver na primeira pessoa para tirarem as suas conclusões.

— Tinha mamas pequenas, pareceu-me. Só reparei nisso, desculpem.

Leonardo e Marta olharam para Zita com estranheza absoluta.

— Desculpem, passei algum limite?

— Pensei que estavas a dizer «ela», a pessoa — admitiu Leonardo.

— Então, quem levava a mulher loira quase de arrasto era...

— Uma mulher.

CAPÍTULO 82

LEONARDO E MARTA

A entrevista a Zita terminou e Marta ficou com os seus dados, no caso de ser preciso chamá-la para depor. Lançaram de imediato o alerta sobre o veículo suspeito: Um *Mazda 2*, modelo confirmado após mostrarem algumas fotografias à testemunha, com a matrícula parcial ZT 24.

— Desta não estava à espera — admitiu Marta, enquanto caminhavam de regresso ao prédio do colega. — O Justiceiro, ou o seu cúmplice...

— É uma mulher — completou Leonardo, igualmente confuso. — Começo a achar que o Justiceiro é mesmo o Hélder. Com o Hélder detido, a parceira está a tomar conta da situação e altera a voz para manter a ideia de que está tudo na mesma do lado deles. Para que as pessoas continuem com medo, principalmente se acharem que detivemos a pessoa errada.

— E o Jota está mesmo vivo? Não será ele o Justiceiro? Qual será a narrativa verdadeira?

Cada vez mais confusos, partiram para o Cartaxo, seguindo a ideia de Marta. Odiavam estar perdidos durante uma investigação de homicídio, mas a verdade é que o Justiceiro os estava a baralhar continuamente. Já não sabiam o que pensar.

A viagem correria sem grandes conversas, a música do rádio a dominar o habitáculo, mas ninguém escutava a melodia com atenção. Só se focavam em arranjar explicações e teorias para o Caso

Elementar. Nas notícias transmitidas pelo locutor, ficaram a saber que era do domínio público que Mafalda Rosa, a irmã do famoso inspetor vencedor das míticas Olimpíadas da Morte, era a próxima vítima do caso.

— Merda, agora já todos sabem. Não vai demorar muito até a minha mãe descobrir — comentou Leonardo, farto de ser reconhecido pelo seu feito, do qual não tinha orgulho nenhum.

Pouco tempo depois, o telemóvel de Marta recebia uma chamada de Cristóvão Martins.

— Olá, Cristóvão, tens novidades da autópsia à Aurora?

— Olá, Marta. Estás com o Leonardo?

— Sim, podes falar.

— A autópsia correu como o esperado e confirma-se todo o *modus operandi* do Justiceiro.

— Encontraste algo de assinalar?

— Apenas a confirmação de que a vítima morreu devido aos ferimentos provocados pelas chicotadas. Estimamos que tenham sido mais de cinquenta chibatadas na vítima com o chicote com pontas de ferro, o que levou a um quadro de hemorragia intensa, danos no fígado e o acumular de sangue nos pulmões, o que provocou a sua morte.

Ficaram impressionados pelo número de chicotadas e a dor que isso teria provocado na vítima, o que só aumentou a determinação dos inspetores para acelerarem a resolução do caso e evitar mais mortes com tortura.

Mais tarde, ainda a umas dezenas de quilómetros do destino, o telemóvel do inspetor tocou. O corpo de Leonardo, refastelado no lugar do pendura, gelou ao ver quem lhe telefonava. Era a chantagista. Endireitou-se subitamente.

— Estou?

— Olá, Leonardo.

— O que pretende? — perguntou, tentando manter o tom casual.

— Ui, estou a ver que não é uma boa altura para ligar.

— Não, não estou interessado.

— OK, só quero dizer que já sei do sítio perfeito para deixares o dinheiro.

— Desculpe, mas não estou interessado, vou desligar.

— Tudo bem, envio as informações por SMS. É bom que não faças merda ou a tua vida acaba num segundo.

Leonardo desligou, sentindo o coração a martelar no peito e gotas de transpiração a formarem-se no topo da testa, que as limpou num gesto casual.

— Maldito telemarketing, só nos chateiam nos momentos mais inoportunos.

Ela sorriu, mas Leonardo ficou na dúvida se ela desconfiara de algo. A paranoia estava a dar cabo de si. Odiava mentir, muito menos à mulher que queria que casasse consigo e com quem queria viver o resto da vida.

Não era a melhor forma de começar uma relação.

Minutos volvidos, recebeu uma mensagem do mesmo número.

Às duas da manhã no parque de estacionamento do cemitério de Belas.

CAPÍTULO 83

LEONARDO E MARTA

A conversa com o funcionário do posto de combustível do Cartaxo não dera frutos nenhuns. Não fazia ideia de quem era o homem que Hélder confundira com Jota. No entanto, acabaram por fazer um pedido à GNR para que vigiassem o posto, para o caso de ele aparecer novamente. Pediram para que alguns militares patrulhassem as ruas do Cartaxo em busca do homem. Facultaram-lhes a melhor imagem que tinham obtido do vídeo e esperavam que isso fosse suficiente. Se fosse realmente Jota, não o voltariam a ver, pois saberia que andavam na sua peugada, mas se se tratasse de um simples contrerrâneo, voltariam a encontrá-lo e poderiam confirmar a sua identidade.

— Se o Jota for o Justiceiro e tiver uma mulher a ajudá-lo — raciocinou Marta, enquanto jantavam num restaurante local, perto das bombas de combustível —, terá de ser alguém da sua confiança.

— Exatamente. Alguém próximo dele, que o conheça melhor que ninguém e que estivesse disposta a fazer tudo isto por ele.

A resposta era óbvia.

— A Liliana Amargo.

— Ainda não tivemos resposta dela, pois não?

— Nem dela nem do outro grande amigo, o Sílvio. Continuam incontactáveis e têm passado pelos pingos da chuva.

— Consegues ver onde ela mora? Este silêncio perante as nossas tentativas de contacto deixa-me nervoso.

Marta procurou no telemóvel e Leonardo olhou para o relógio.

Sentiu um calafrio ao ver as horas. Às duas da manhã teria de estar em Belas. E ia sem dinheiro nenhum. Não ia ceder a chantagistas. Conseguiria chamá-la à razão através da palavra?

Sentiu o anel de noivado no bolso a pesar-lhe toneladas. Esta podia ser a última noite em que estaria livre. Não deveria aproveitá-la para a pedir em casamento? Teria uma última memória perfeita, de Marta a chorar de emoção, a dizer «sim», o abraço que se seguiria, os beijos, o sexo.

Seria uma memória que levaria consigo para sempre, para onde quer que fosse.

— M&M, antes de continuares...

Marta levantou o olhar do telemóvel de forma distraída, mas ficou intrigada ao ver o ar sério e ligeiramente nervoso com que ele lhe falava.

— Sim?

— Nós já nos conhecemos há, o quê, seis anos?

— Sim, quando entrei para a PJ — disse, sorrindo. No entanto, a atenção dela estava dividida com uma imagem do perfil de Jota que estava a analisar.

— Nestes anos passámos por muita coisa juntos, muitas memórias boas, mas também muito sofrimento, muitos momentos maus, mas soubemos sempre ultrapassá-los porque estávamos juntos.

Ela sorriu, sem estar cem por cento concentrada no que ele lhe dizia.

— O que quero dizer é que, contigo, encontrei uma paz que não achei possível. Tu és a minha ilha de serenidade no meio de todo o caos em que vivemos agora.

Marta pousou o telemóvel. Ao fazê-lo, pareceu ficar intrigada com algo que estava no ecrã, que avistou pelo canto do olho, distraíndo-a do discurso do colega.

— E eu quero sentir isso para sempre — afirmou ele, pegando no anel de dentro do bolso e retirando-o, mantendo a mão debaixo da mesa, fora do ângulo de visão de Marta.

Era agora.

— Espera, Leo, não te esqueças do que ias dizer a seguir — pediu, pegando novamente no telemóvel e virando o ecrã para ele. — Já sei onde vive a Liliana Amargo.

Ficou paralisado por momentos, sem conseguir apreciar a imagem que ela lhe mostrava. Guardou o anel no bolso sem que ela se apercebesse.

— Desculpa?

— A Liliana Amargo. A melhor amiga do Jota?

O chip de inspetor foi ativado e esqueceu-se completamente do pedido de casamento. Com o anel guardado no bolso, levantou-se, a mente focada apenas e só no caso.

— Sim, claro. Já tens a morada?

— Sim.

— Vamos embora, então.

Marta assim o fez e, sem terminarem o jantar, deixaram duas notas de 20 euros na mesa e saíram do restaurante para se meterem no *Chevrolet* da inspetora. Liliana vivia nas imediações da capital, a cinquenta minutos de distância de onde eles se encontravam. Correram para o carro, com a inspetora a assumir o volante e a iniciar a condução com urgência.

— Desculpa, Leo. Com isto tudo interrompi-te há bocado — afirmou, fazendo-se à estrada. — O que me querias dizer?

Ele encolheu os ombros enquanto ligava o GPS para introduzir a morada de Liliana Amargo, o pensamento agora focado em salvar a irmã.

— Era só para dizer o quão fantástica és e o quão importante és para mim. Achei que era um momento oportuno para o dizer e para brindarmos. O brinde fica para depois.

Beijaram-se e partiram a alta velocidade, Marta entusiasmada por sentir-se perto de salvar Mafalda, Leonardo com um aperto no coração por ter falhado no pedido de casamento e por achar, no fundo, que tinha sido a derradeira oportunidade de o fazer.

CAPÍTULO 84

LEONARDO E MARTA

Liliana Amargo vivia em Paço de Arcos, Oeiras, numa zona de moradias, perto da estação dos comboios. A noite já ia longa quando estacionaram o carro na rua sem saída e encararam a última casa, perpendicular às restantes, fechando a rua. Era uma moradia de dois andares, com telhado em bico clássico, as paredes pintadas de cores claras, que pareciam creme na escuridão noturna.

Estaria ali a irmã de Leonardo?

Avançaram e saltaram por cima do muro, ignorando os protocolos. Afinal de contas, era da vida de Mafalda que se tratava. Queriam apanhar o Justiceiro em flagrante.

No interior, o chão estava forrado a mosaicos brancos antiderrapantes. Do lado esquerdo, a moradia era geminada e, do lado direito, era possível dar a volta à casa.

Marta foi pelas traseiras, deparando-se com uma piscina e toda uma zona de lazer. A rapariga vivia bem, disso não havia dúvidas. Teria sido uma herança, dada a sua tenra idade?

No silêncio da noite, não se ouvia nada incriminatório. As luzes da casa estavam desligadas. Parecia que a casa estava vazia.

Leonardo verificou que não existia nenhum alarme. Ponderava se deveria arrombar a porta por si só ou chamar reforços para o fazerem com o equipamento apropriado, quando Marta surgiu a correr de telemóvel na mão.

— O Justiceiro publicou uma fotografia!

Um arrepio percorreu a espinha de Leonardo. Depois, ao ver a imagem, sentiu vontade de chorar.

Mafalda estava sentada numa cadeira, praticamente inconsciente. Estava maltratada, com o rosto cheio de manchas avermelhadas, algumas até se distinguiam as formas dos dedos, os olhos estavam negros e o nariz a sangrar. O cabelo estava desalinhado e os lábios pareciam inchados.

Tinha sido espancada.

A escuridão começou a tomar conta de Leonardo.

Eles vão pagar. Vão sofrer pelo que fizeram à minha irmã.

— Leo?

Filhos da puta! Quando os apanhar, vou matá-los a todos!

— Leo!

— Onde é que ela está?

— Não consigo perceber...

— Envia para alguém da PJ, para analisar a foto!

Marta ficou espantada com a brusquidão no tom de voz dele, mas deixou passar por associar ao desespero de ver a irmã naquele estado.

A fotografia fora tirada perto o suficiente para se perceber o estado em que ela estava, mas sem deixar grande margem para outras análises. No fundo, Leonardo sabia que não iriam descobrir a sua localização através daquela foto.

E isso matava-o por dentro.

Marta cumpriu o pedido do colega e, num silêncio fúnebre, regressaram cada um a sua casa, onde aguardariam por uma descoberta dos técnicos.

Mas Leonardo não ia dormir.

Nem pensar.

Ia ter um encontro com uma chantagista que o queria arruinar.

Mas ele estava mais do que pronto para isso.

CAPÍTULO 85

CARLOS

Na fronteira com o bairro Westside, de Birmingham, Carlos e Margarida, agora equipados com casacos e calças quentes comprados na zona comercial onde tinham ido buscar o carro alugado após a concretização da missão, caminhavam com calma, como se estivessem simplesmente a passear. Ao lado dele, um dos inúmeros canais que pintavam aquela zona com a sua água a deslizar com suavidade, a superfície prateada a refletir o céu negro.

— É suposto parecermos namorados, ou mãe e filho?

— Por favor, achas mesmo que diriam que sou tua mãe?

Carlos sorriu e olhou para ela, procurando semelhanças entre eles. Ela era loira, olhos claros e ligeiramente mais alta que ele, com uma pele lisa e cuidada, ao passo que ele era moreno, atlético e com olhos castanhos.

— OK, então namorados. Espero que não seja estranho.

— Porque é que haveria de ser estranho? Por ser uma assassina, é isso?

— Porque és a mãe do Leonardo...

Ela amenizou a expressão carrancuda e colocou a mão entre o braço e o tronco de Carlos, que acedeu prontamente.

— És um cavalheiro, Carlos.

Margarida sorriu e apreciou a beleza do local. Birmingham não era das cidades mais conhecidas ou faladas do Reino Unido, mas tinha aspetos que a tornavam única, além dos canais ao lado dos quais

caminhavam naquele momento, a água a escassos metros de distância.

Carlos e Margarida subiram uma ponte que os levava ao Sea Life, o oceanário local, contornaram o enorme edifício e prosseguiram, sempre paralelos ao canal. Depois, subiram uns degraus, passaram a Brewmasters Bridge, desaguando no outro lado, onde se encontrava o que eles queriam.

Malt House Pub.

Era um pub pitoresco. Parecia parado no tempo, há séculos atrás, mas isso só o tornava mais acolhedor. Entraram no pub apinhado de pessoas, apesar da hora tardia. O interior era condizente com o exterior, de aspeto antigo, mas bem limpo e polido, com cores escuras ousadas, dourado em cada mesa e copos grandes de cerveja.

O ambiente estava animado, com música rock, e parecia não haver nenhuma mesa disponível. Pediram duas cervejas. Deixaram-se ficar encostados ao balcão de madeira escura, perto das nove torneiras de onde saíam as mais variadas qualidades de cerveja.

— Os ingleses é que se sabem divertir, caramba — comentou Carlos, animado pelo ambiente tão acolhedor e positivo do bar. — Se algum dia emigrar, venho para aqui.

Uma mesa com seis pessoas explodiu com gritos e palmas, por algum motivo que escapava aos portugueses.

— Não esqueças o motivo que nos trouxe aqui. Foca-te.

Carlos bebeu um bom trago da cerveja e assentiu, olhando para o bar com minúcia. Estaria ali Roberta Schulz, como o informador de Margarida lhes garantia?

— Achas que ela vem?

Pelo canto do olho, viam que os três funcionários do bar estavam muito atarefados a despachar bebidas atrás de bebidas.

— Espero que sim.

— Esta cerveja não é nada boa, porra — reclamou Carlos. — Em Portugal são bem melhores.

Entretanto, continuaram a apreciar o frescor que preenchia o bar com as conversas animadas, sempre a analisar cada rosto, cada palavra em busca de algo que não fosse inglês. Sem resultado. No meio daquela animação, pareciam dois espantalhos deprimidos.

— Olá, Carlos. Que coincidência estares aqui.

O jovem português sentiu o corpo gelar. Apesar de nunca ter

estado com ela, percebeu, pelo tom com que falara, de quem se tratava.

CAPÍTULO 86

CARLOS

Subitamente, o silêncio pareceu apoderar-se do bar inglês, como se não existisse mais ninguém. Apenas ele e ela. Roberta Schulz. Estava um pouco diferente em relação às fotografias que tinha pesquisado. Pelos vistos, o seu disfarce implicava ser bartender, servindo cervejas todas as noites aos britânicos e turistas.

O rosto de Schulz estava mais encovado e o corpo parecia ainda mais magro e frágil. O cabelo, preto tal como os olhos, estava agora muito curto, apenas a emoldurar a cabeça, com uma franja. O olhar era glacial. Sorriu ironicamente para Carlos, mostrando uns dentes brancos e alinhados, à exceção de um dos caninos. Carlos sabia que ela tinha mais de quarenta e dois anos, mas o aspeto jovial e cuidado fazia com que parecesse não ter mais do que trinta e cinco.

— Roberta Schulz — disse Carlos, num sussurro impercetível.

— Carlos Caetano.

— A minha vida foi arruinada por ti — disse, falando em inglês.

— Por mim? Eu nem te conheço.

— Mas sabes o meu nome.

— Há que manter os inimigos bem vigiados.

— A minha mãe morreu por tua causa.

— Que eu saiba, os teus pais estão vivos.

— A minha mãe biológica. Ela morreu por causa do teu projeto.

Roberta perdeu o sorriso condescendente.

— O Segredo Mortal. Era um plano brilhante. A população não

pára de aumentar e, em breve, vamos rebentar pelas costuras. Com o meu plano, haveria alimentos, espaço e recursos do planeta suficientes para toda a humanidade.

— Para a humanidade que sobrevivesse — corrigiu.

— Exato. Preferes que a humanidade morra toda daqui a uns anos, ou que morra metade agora para que a outra metade possa prosperar e viver muitos mais séculos?

— Não sou tão arrogante ao ponto de me fazer de Deus. Nenhum de nós o pode fazer. Por que motivo o farias tu, Roberta Schulz?

Ao ouvir este nome, Margarida virou-se e compreendeu tudo num segundo.

— Filha de uma grande puta...

— Não vieste sozinho — notou Roberta, o olhar a demonstrar alguma insegurança. — Quem és tu?

— Não interessa quem eu sou, mas sim o que te vou fazer. — Margarida sorriu, gélida. — Não devias ter mandado matar aquela mulher grávida.

Roberta demorou uns segundos a relacionar o que ouvia com o seu significado.

— És a mãe do inspetor Leonardo. Pensava que estavas morta.

— A única pessoa que vai estar morta, aqui, és tu.

— Eu e o teu filho tínhamos um assunto pendente. Limitei-me a resolvê-lo. Neste mundo é assim. Já devias saber. — Riu-se.

— Assim tão simples? Um «assunto pendente» equivale a matar uma mulher e o seu bebé por nascer? E achavas mesmo que não irias sofrer as consequências? — A raiva de Carlos estava num perigoso crescendo. Margarida pousou-lhe a mão no braço.

Roberta pegou num copo e passou com um pano para o secar. Voltou a pousá-lo e sorriu.

— O inspetor Leonardo não é homem o suficiente para vir cá ele? Teve de mandar uma comitiva para... O que é que vieram cá fazer, mesmo?

Margarida colocou a mão na bolsa que trazia a tiracolo e Roberta fez um estalido com a língua.

— Se vejo uma arma a sair dessa mala, podes ter a certeza de aqueles dois senhores espetam um balázio na tua testa.

Carlos e Margarida seguiram o olhar de Roberta e viram um

segurança ao lado da porta de entrada com a mão por dentro do casaco; numa mesa perto deles estava uma mulher de olhos fixos neles, de mão junto à cintura, estando apenas à espera de um incentivo. Margarida deixou a bolsa e resignou-se.

— Assim está melhor. Vão desejar mais alguma bebida?

— Nós vamos apanhar-te — vociferou Margarida, com um inglês impecável. — Não te vamos matar, mas vamos capturar-te para que o meu filho faça contigo o que ele quiser.

Roberta perdeu por completo o ar simpático e afetivo, parecendo agora ainda mais dura que a mãe de Leonardo.

— Depois de tudo o que aconteceu no passado, vim aqui para viver a minha vida descansada, dar umas quecas, fazer algum dinheiro e não me chatear com nada. Não vou permitir que me estraguem isso.

— Não pareces assim tão des preocupada, para quem tem dois seguranças atentos à tua pessoa.

— Parece-me razoável. Não sou completamente estúpida e ingénua como vocês.

Margarida alçou da mão e espetou um murro no rosto de Roberta, partindo-lhe o nariz, de onde esguichou sangue pelo rosto abaixo. A holandesa cambaleou e foi contra as prateleiras do fundo do bar. Imediatamente, os seguranças acorreram e Carlos saltou agilmente por cima do balcão. Atirou-se sobre Roberta, agarrando-a com firmeza pelos braços, torcendo-os atrás das costas para a imobilizar.

Margarida pegou na pistola que escondera na bolsa e disparou contra um dos seguranças, tirando-o da equação com um tiro certo na testa, para depois disparar sobre a outra segurança, acertando-lhe na articulação do ombro, não sem ela própria ser ferida com ligeireza no abdómen pela reação da segurança, com um tiro de raspão, sem grandes consequências. A confusão gerada pelos disparos gerou o caos completo. Gritos estridentes, cadeiras a cair, pessoas a correr de um lado para o outro, foi a loucura repentina.

— Não se metam nisto! É uma ordem! — gritou Margarida, num inglês nativo que enganaria todos os presentes a acharem que ela era um deles. Disparou um tiro para o teto para que as pessoas paralisassem e se mantivessem no interior do bar sem os atrapalhar. — Carlos, vamos!

Carlos já arrastava Roberta pelo chão, o corpo inerte e

inconsciente. Contornou o balcão e Margarida pegou nas pernas da holandesa com uma mão, carregando-a para a porta, a outra mão com a arma apontada à segurança, impedindo-a de agir. Abandonaram o bar com celeridade, sem que ninguém viesse atrás deles.

Pelos menos, da parte dos clientes.

A segurança, uma mulher robusta, de cabelo comprido apanhado num rabo de cavalo, surgiu à porta do bar. O ferimento não a deixara fora de combate. O ombro estava ferido, mas ela insistia em empunhar a arma com o outro braço.

— Deixem-na imediatamente! — ordenou, com um sotaque britânico carregado.

— Nem pensar! — contrariou Margarida, disparando novamente.

Como resposta, a segurança disparou e por pouco que não apanhou a cabeça de Carlos.

— Filha da mãe! Vamos, rápido.

— Espera aí — disse ela, largando as pernas de Roberta.

Margarida avançou sobre a segurança, disparando sem piedade. Ela ripostou e começaram a trocar disparos, tentando mudar de posição para escaparem ilesas.

A respirar de forma ofegante, com os sentidos em alerta, Carlos pegou em Roberta ao colo e subiu os degraus para passar a ponte para o outro lado.

A escuridão era uma benesse bem-vinda, que evitava que fossem detetados. Roberta era surpreendentemente leve. Não lhe custou nada subir os degraus e enveredar pela ponte. A meio, tentou avistar a cena lá em baixo, e pareceu ver um tiro de Margarida a acertar em cheio na perna da segurança, que caiu ao chão. A luso-sueca tentou disparar novamente, mas tinha ficado sem balas.

— Vamos! Vamos embora! — gritou, mas Margarida pareceu não o ouvir.

Em vez disso, ela aproximou-se do corpo da segurança e tirou-lhe a arma. Com uma rapidez profissional, apontou a arma ao peito da inglesa e disparou.

Merda, ela tinha mesmo de a matar?

— Vamos!

Margarida olhou para a ponte e avistou-o, assentindo e começando a caminhar, levando a arma roubada consigo e atirando a

sua para a água do canal. Carlos aguardou impacientemente que Margarida comesse a subir os degraus lá em baixo para retomar ele o caminho para o carro, agora que sabia que ela vinha atrás de si.

Estavam perto de raptar Roberta.

Quando começou a descer os degraus do outro lado da ponte, sentiu o corpo de Roberta enrijecer e torcer-se. Surpreendido, olhou para ela.

Um murro na cara apanhou-o desprevenido, fazendo-o soltar a holandesa, que se apressou a desferir um pontapé bem forte no rosto dele, amachucando-lhe também o nariz. Apesar da dor e do sangue, o jovem teve presença de espírito para, ainda assim, não a deixar fugir, agarrando-a novamente pelo braço.

— Nem penses nisso!

Outro soco, em cheio no nariz, deixou-o a ver estrelas e a gemer de dor. Mas não a largou. Margarida chegou à ponte e, avistando a cena de pancadaria que começava a descontrolar-se, correu para eles.

Roberta, prestes a ficar em desvantagem, saltou por cima do muro da ponte. Carlos foi arrastado contra o muro pelo salto de Roberta, o peito a embater nos vasos decorativos, tentando não largá-la, mas a força da queda, aliada à sua mão transpirada, foi mais forte, e Roberta desapareceu na água negra do canal.

Ao longe, ouviram as sirenes da polícia.

— Merda, merda! — berrou Margarida.

— Foda-se, nem acredito que a deixámos escapar.

As sirenes pareciam cada vez mais próximas.

— Temos de ir, Carlos.

— Espera!

— Espero pelo quê? Não vêes que a polícia está a chegar? Vamos!

Parecera-lhe avistar, a uns quinze metros, algo a perturbar a serenidade da superfície da água.

— Ali, a Roberta está ali!

Parecia estar a tomar a direção oposta ao bar.

— O que queres fazer?

— E se a seguirmos para saber onde vive? Ela está a contar que fuja por causa da polícia.

Margarida parou uns momentos para pensar, a respiração ofegante e ansiosa.

— Parece-me uma ótima ideia. Podíamos elaborar um plano quando soubermos onde ela passa as noites. Limpa o nariz o melhor que puderes para não levatares suspeitas. Vais a pé e não podes deixar que reparem em ti.

Carlos passou um lenço que retirou do bolso e limpou o nariz. Teve de o fazer com muito cuidado, porque qualquer toque doía imenso.

— Estás bem?

— Tirando o nariz, estou — confirmou, gemendo um pouco.

— Tu segue-la a pé enquanto eu vou para o carro. Ficamos em contacto constante. Quando chegares à zona onde ela vive, dizes-me, que vou buscar-te. Sempre que puderes enviar alguma atualização do vosso percurso, envia-me a tua localização. Combinado?

— Claro.

Passaram a ponte e separaram-se. Margarida foi para a direita, fazendo o caminho inverso do que haviam feito anteriormente, e Carlos seguiu para a esquerda, vendo Roberta a nadar um pouco mais, até passar a ponte seguinte, e subir para o passeio, erguendo-se com dificuldade.

O jovem português sorriu e, pela calada da noite, sob o som distante das sirenes da polícia, avançou cautelosamente sem que Roberta Schulz suspeitasse de que estava a ser seguida.

Roberta encostou-se a um edifício e olhou para trás, perscrutando a rua com toda a atenção para se certificar de que não era seguida. Durante um agonizante minuto, Carlos conseguiu manter-se escondido atrás de uma esquina sem que ela o visse. E aguardou. Tinha de ser paciente, se queria segui-la até ao seu esconderijo. O sucesso da missão estava nas suas mãos.

Sem que notasse qualquer movimento além do grupo de quatro jovens claramente bêbados, Roberta sentiu-se segura e começou a caminhar como se nada fosse, apesar de estar ensopada e ferida.

Com o nariz a latejar, Carlos seguiu-a com toda a cautela. Não ia deixá-la escapar desta vez.

Devia isso a Leonardo.

CAPÍTULO 87

CARLOS

Foi uma caminhada de uma hora, com constantes envios de localização a Margarida, que os seguia ao longe, mas tinha conseguido.

Tinha chegado a Heather Dale, nas imediações do Highbury Park, e viu-a entrar no número 4, na habitação da esquina. Ao verificar a existência de uma árvore enorme, claramente muito antiga, sentiu a necessidade de a escalar para desaparecer de vista.

Com a familiaridade do passado, escalou a árvore com ligeireza e ficou acorado num dos ramos mais próximos da casa, enquanto Roberta se instalava no interior. Com a primavera em pleno, havia ramagens suficientes para conseguir vê-la sem ser visto.

Como começava a perceber ser habitual naquele sítio, a casa não tinha praticamente janelas. Era horrível. Como viviam eles sem janelas?

Além disso, estava a contar com janelas enormes, de modo a ter hipótese de conseguir controlá-la. Estaria ela a fazer planos de fuga naquele momento?

Ligou a Margarida, que atendeu ao primeiro toque.

— Estou escondido numa árvore ao lado da casa da Schulz. Ela não me vê, mas também não vejo nada para dentro da casa. Já chegaste?

— Tu estás.... Tu escalaste uma árvore?

— O tronco está todo retorcido da idade, foi fácil. Já subi árvores

bem mais altas.

— Tudo bem, depois contas-me essas histórias.

— Estás perto?

— Estacionei na rua abaixo. Vou ter aí.

— Combinado, mas cuidado.

— Obviamente.

— Margarida?

— Sim?

— Tinhas mesmo de matar aquela segurança? Já a tinhas neutralizado...

— Ela viu-me a cara com clareza, não podia falar.

— Eu sei, mas...

— Carlos, nós formamos uma dupla espetacular. Sabes porquê?

— Porquê? — perguntou, mas a curiosidade não era nenhuma.

— Porque tu tens a jovialidade do teu lado, tens a força que te faz escalar árvores. Eu tenho a frieza e o profissionalismo para fazer as partes mais difíceis.

— Sim, mas...

— Não te preocupes, estás seguro. Não te faço mal, Carlos.

— Margarida, isto não são as Olimpíadas da Morte.

— Mas é como se fossem. Se queremos concretizar esta missão perante uma inimiga tão poderosa, temos de encarar isto como umas Olimpíadas da Morte ou arriscamo-nos a perder tudo. Incluindo a nossa vida.

Carlos ficou sem pio, a garganta com um nó ao sentir a certeza com que ela disse aquelas últimas palavras.

— Anda para aqui, Margarida — pediu. — Temos uma missão a cumprir.

— É para já, chefe. Estou a caminho.

Carlos esboçou um ligeiro sorriso. O nervosismo era cada vez maior perante a expectativa do que os aguardava em breve.

CAPÍTULO 88

CARLOS

A hora que se passara fora incrivelmente longa, sentados no carro que Margarida estacionara a uma distância suficiente para não levantar suspeitas, mas perto para manterem a vigilância. Aproveitaram o tempo para definirem um plano de ação, prevendo todas as hipóteses. A noite ia já bem avançada e não se ouvia ninguém nas ruas à volta. Apesar de se discernir alguns sons, nenhuns eram nas imediações.

Estavam ambos armados com duas *Beretta 92SF*, uma pistola com capacidade para 15 munições e que Margarida gostava particularmente de utilizar. Carlos não se sentia muito confortável com uma arma na mão, mas sabia que era necessário e que podia ser a sua salvação.

— Vamos sair e arrombamos a porta — concluiu Margarida, a prender o olhar de Carlos, para garantir que ele concordava com o plano traçado.

— Se houver seguranças...

— É disparar a matar, Carlos. Tem de ser.

— Não há mesmo forma de a apanharmos sem efeitos colaterais?

— Quando nos metemos com pessoas deste mundo, é quase impossível não morrer alguém. Mete isso na cabeça. Se vais estar inseguro, eu faço isto sozinha.

— Tu não podes ir lá dentro sozinha.

— Então, vem, mas tenho de ter a certeza de que vais fazer o que

te mando. Sem hesitações. Tens de pensar no que aquela cabra fez ao Leonardo e a Portugal, com o Desastre de Lisboa. As pessoas que ela matou. Todo o mal que ela fez.

Carlos inspirou fundo, o ar frio e húmido da noite a encher-lhes os pulmões.

— Conta comigo. Só quero que isto acabe.

Margarida sorriu, mas durou pouco tempo. Sem se anunciarem, várias viaturas elétricas fizeram-se ouvir com um ligeiro zunido. Em segundos, três SUV pretos, com vidros fumados, estacionaram em frente à habitação onde se encontrava Roberta Schulz. Passava das três da manhã e toda aquela zona parecia adormecida.

De cada carro, saiu um homem musculado do lugar do pendura. Aguardaram em torno da entrada, sem tocarem à campainha ou baterem à porta.

— Merda, ela vai fugir — concluiu Margarida, o corpo hirtos.

— Achas?

— Eles nem sequer estão a tentar entrar. Estão a aguardar. Isto foi combinado. Ela vai fugir.

— E o que podemos fazer?

Margarida estava furiosa, mas era perceptível que eles os dois não teriam hipóteses contra aqueles três homens e quantos mais houvesse nos carros.

— Não podemos fazer nada. Eles são seis, no mínimo. Mais a Roberta.

— Vamos deixá-la fugir?

Margarida pensava a todo o vapor, a ponderar todas as opções, legais e menos legais. Com ela, não importavam as leis.

— Podemos dividir-nos. Eu sigo-os de carro e vou tentar que não me toquem.

— E eu?

— Tu devias ir vasculhar a casa da Roberta quando eles se forem embora. Pode haver alguma indicação do destino para onde ela vai. Podemos usar isso, caso eu a perca no caminho.

Carlos aquiesceu, ainda mais nervoso.

— E a arma?

— Fica com ela. Pode haver alguma surpresa. E já sabes, se vires algum inimigo...

— Disparo a matar.

— Lindo menino.

Momentos depois, a porta da moradia abriu-se e Roberta saiu. Dirigi-se a um dos carros sem falar com ninguém e os três homens voltaram para os veículos de onde tinham saído. Os carros inverteram a marcha e saíram da rua num ritmo lento.

— Vamos a isto. Até já, Carlos.

— Até já.

Carlos saiu do carro e olhou para a casa com ansiedade, enquanto Margarida se afastava. Aproximou-se da porta e esticou a mão para o puxador. Experimentou a maçaneta da porta. Estava trancada.

Afastou-se uns passos. Aquelas casas eram antigas, e as portas de madeira, aparentemente frágeis. Olhou-a por uns momentos e investiu com determinação contra ela.

CAPÍTULO 89

CARLOS

O interior da habitação de Roberta Schulz revelou-se surpreendentemente vulgar. Essa seria a melhor palavra para a descrever. Ao entrar, havia um corredor que dava para a cozinha, umas escadas e a uma sala. Todo o chão era alcatifado, característica das casas britânicas.

Com a arma bem segura na mão, entrou na cozinha e observou cada recanto, mas não havia nada que lhe interessasse. Voltou ao corredor e passou pelas escadas, entrando na sala ao fundo. Esta era comprida e tinha uma televisão enorme na parede mais distante, com uma chaise-longue à frente, uma mesa de jantar mais perto de si e uma porta de vidro que dava para o pátio traseiro. Observou com toda a atenção. Também ali não havia nada que lhe interessasse.

Regressou novamente ao corredor, sempre sem fazer qualquer barulho. O facto de o chão ter carpete ajudava-o a abafar os sons dos seus passos. No entanto, quando pisou o primeiro degrau, este roncou com o seu peso.

Porra. Espero bem que não esteja ninguém lá em cima.

Subiu o mais lentamente que conseguiu. Estava a transpirar de nervosismo quando chegou ao piso superior. Do lado esquerdo do corredor ficava um quarto e uma casa de banho, e do lado direito mais dois quartos.

Começou pela esquerda. Na casa de banho não havia nada, e no primeiro quarto, que seria onde Roberta Schulz dormia, também não.

Não havia papéis, nem computadores nem qualquer dispositivo eletrónico à vista. Deviam ter levado tudo.

Vasculhou o quarto seguinte, mas este estava completamente despido, pelo que passou para a última divisão que faltava da casa. Era claramente o escritório. Junto à parede, uma secretária escura com uma cadeira bastante confortável encostada. Em cima do tampo estava um monitor de computador e, espreitando, Carlos encontrou a torre debaixo da secretária.

Afastou a cadeira e ligou o computador.

Pedia palavra-chave.

Obviamente.

Pegou no telemóvel, agora que estava mais seguro de estar sozinho na casa de Roberta Schulz, e ligou a Margarida.

— Diz-me que encontraste alguma coisa, Carlos.

— A casa está limpa, não tem nada.

— Merda!

— Mas há aqui um computador no escritório.

— Boa. Consegues aceder?

— Tem palavra-chave.

— Claro que tem. Experimenta o nome dela das mais variadas formas.

Carlos assim o fez, mas sem sucesso.

— Experimenta a data de nascimento.

— Também não dá.

Durante vinte minutos, tentaram palavras-chave.

— Ah, não, não, não, não!

— Que foi, Margarida?

— Estou a ficar sem combustível. Não, não! Cabrões das empresas de aluguer, deixam sempre o depósito com pouco gasóleo.

— Onde estás?

— Estamos na M1 em direção a Londres, mas não vou conseguir acompanhá-los durante muito mais tempo. Que merda! Aposto que estão a ir para algum aeroporto. Vamos perdê-los...

— A menos que descubramos a palavra-chave. Deve estar aqui alguma coisa.

— O meu receio é que, mesmo que consigamos aceder ao computador da Schulz, ela tenha apagado tudo.

— Ela está sempre a falar do Leonardo e da Marta. Será que colocou os nomes deles como palavras-chave?

— Por que motivo faria ela isso?

— Sei lá, para nunca se esquecer de quem a arruinou?

— Está bem, experimenta. Todas as ideias são válidas neste momento.

Carlos experimentou todas as combinações e formas possíveis de colocar os nomes dos inspetores, mas nenhuma era a correta.

— Nada.

— Já estava a ver. Tenho de ir abastecer o carro. Merda!

Carlos ficou a olhar para o ecrã. Com Margarida fora de jogo, a única esperança que tinham estava ali, à sua frente. Se ele falhasse, nunca mais apanhariam Roberta. Nem os extensos contactos da mãe de Leonardo os iriam safar.

— E «Segredo Mortal»? — sugeriu ele, desesperado.

— Que tem?

— Ela fala sempre desse projeto com carinho, como a sua grande conquista.

— Fala menos e escreve mais! Experimenta.

Carlos experimentou todas as formas do nome do projeto, mas sem sucesso.

— Não dá — bufou de impaciência e recostou-se na cadeira, derrotado. — Estou sem ideias.

— Escreveste em inglês, certo?

Carlos precisou de uns momentos para processar.

— Em inglês?

— Sim. Escreveste «Segredo Mortal» e «Projeto Segredo Mortal» em inglês, certo?

— Ah...

— Carlos! Achas que ela ia escrever em português?

— Ah, que estupidez! Porra.

Com renovada esperança, escreveu as diversas formas das palavras em inglês.

— Nada. Ela é holandesa? Vê aí no tradutor como se escreve essas palavras em holandês e vai-me dizendo.

Margarida assim o fez ao chegar à estação de serviço. A luz de aviso de pouco combustível estava acesa e o ponteiro estava em cima

do zero.

Palavra a palavra, combinação de palavras a combinação de palavras, Margarida foi ditando a Carlos as traduções para holandês.

Ao fim de mais cinco minutos, a caixa da palavra-passe desapareceu do ecrã e eram dadas as boas-vindas a Carlos.

— Conseguimos! Entrámos no computador!

— Finalmente.

A palavra-passe certa tinha sido precisamente essa: Dodelijk Geheim Project.

O ambiente de trabalho do computador era impessoal. A imagem de fundo era uma das do software, os programas eram os do Windows e não havia qualquer pasta nova. Procurou em todo o lado, até na pasta do lixo, mas não havia nada.

Nenhum vestígio deixado por Roberta. Tinha limpado tudo.

Frustrado, abriu o Google Chrome e reparou que tinham sido abertos vários separadores em simultâneo. O Chrome tinha a funcionalidade de guardar os separadores que estavam abertos aquando do fecho da sessão anterior, voltando a abri-los assim que nos ligávamos novamente.

Havia a opção de desligar essa funcionalidade, mas Roberta Schulz não o havia feito. Teria sido um erro? Carlos queria acreditar que sim. Por isso, foi com o coração aos pulos que avistou um separador de uma companhia aérea britânica.

Abriu-o imediatamente.

— Carlos, estás aí?

O jovem sorriu, triunfante.

— Carlos?

— Sim, estou aqui.

— Descobriste alguma coisa?

— Já sei para onde a Roberta Schulz vai.

CAPÍTULO 90

LEONARDO

Faltavam vinte minutos para as duas da manhã quando Leonardo estacionou o seu *Mercedes* no parque de estacionamento em frente ao cemitério de Belas, na ponta mais afastada. Era um local resguardado de olhares alheios, embora na outra ponta do parque de estacionamento começasse uma zona de habitações com um pequeno jardim. Desse lado do parque, avistou um carro velho estacionado. Demorou a compreender, mas percebeu que abanava. Com ritmo. Os vidros estavam embaciados. Aquelas pessoas não veriam nada até acabarem de ter sexo. Ou até estarem satisfeitos. No entanto, Leonardo não gostava de saber que havia duas possíveis testemunhas a uma centena de metros, ainda que não fossem uma ameaça naquele momento. Eles que se divertissem e o deixassem em paz.

Quando o relógio marcava um minuto após as duas, saiu do carro e inspirou o ar húmido. Fechou o casaco leve e colocou as mãos nos bolsos.

— Boa noite, inspetor.

A voz da mesma mulher que o ameaçara em Fernão Ferro surgiu atrás de si. O parque, ali, era limitado por uma fila de árvores e vegetação, para dar a vez a um muro com gradeamento que terminava no interior um pequeno mato.

Pareceu-lhe vislumbrar a silhueta de uma mulher entre as primeiras árvores. Avançou cautelosamente, reparando que o carro onde o casal se divertia ficava fora de vista devido à curva que o

parque de estacionamento fazia para acompanhar a estrada que iria desembocar na N117, mais à frente.

— Tens o dinheiro que te pedi? Os cem mil euros?

Leonardo sentiu a visão ficar turva, vermelha. Com o desaparecimento da irmã, a sua possível morte e o falhanço em pedir Marta em casamento, não tinha forças para controlar a sua escuridão. Por isso, deixou-a tomar conta de si, do seu corpo e dos seus pensamentos.

— Se não tiveres o dinheiro, telefono para os teus colegas a avisar que foste tu quem matou aquele pobre homem.

Para cumprir a ameaça, desbloqueou o telemóvel e começou a procurar o número. Com o surgimento da luz do ecrã, Leonardo conseguiu ver-lhe o rosto.

Tinha um ligeiro excesso de peso, cabelo curto e pele esbranquiçada.

— Não tenho o dinheiro — admitiu o inspetor. — Não sei se sabes, mas um inspetor da PJ não ganha assim tão bem, para ter cem mil euros de um dia para o outro.

— Pois, mas foi o que acordámos.

— *Tu* acordaste. Eu soube logo que não tinha hipótese de cumprir o acordo.

— Então, porque é que concordaste?

Leonardo não respondeu, reparando no nervosismo súbito dela. Tinha diante de si a versão transtornada de Leonardo, o olhar penetrante e assassino que ele lhe lançava.

— Tenho a certeza de que chegaremos a um acordo. Não concordas... como te chamas?

— Não interessa como me chamo. Tenho aqui o número. É só carregar na tecla e estás fodido. — Ergueu o telemóvel para ele ver que já tinha marcado o 112, mantendo o polegar por cima da tecla verde.

Leonardo aproximou-se com uma calma que não sentia.

— Pára! Se não parares, eu faço a chamada.

— Se fosse a ti não o fazia. Vamos chegar a um acordo?

— Que tipo de acordo?

— Eu não te pago nada e tu calas-te. Que tal te parece?

— Nem pensar. Eu quero esse dinheiro. Pára de andar!

Mas Leonardo não parou. Estavam sozinhos, sem ninguém a vê-los. Ela pretendia o anonimato ao escolher aquele local, mas isso iria virar-se contra si.

Ela pareceu começar a tremer quando o inspetor se encontrava e escassos metros de si.

— Vou ligar!

— Nem penses nisso.

— Não me podes fazer mal, és da polícia!

— Pois, supostamente não...

O «mas» ficou a pairar no ar, provocando lágrimas desesperadas na mulher. Ela carregou na tecla verde e a chamada estabeleceu-se.

Merda.

Cego de fúria, Leonardo lançou-se sobre a mulher, que teve apenas o instinto de se virar para proteger o telemóvel e de gritar, mas a mão pesada do inspetor tapou-lhe imediatamente a boca.

Ela tentou gritar com mais força, enquanto se mexia com genica para evitar que ele apanhasse o telemóvel com a outra mão. Pelo ecrã, viu que a chamada ainda não tinha sido atendida.

Desistiu de tentar alcançar o telemóvel e fez-lhe um gancho com os braços no pescoço, sufocando-a. Ficou inconsciente numa questão de segundos, mas Leonardo não folgou o aperto. Apesar de já ter controlado a situação, o seu corpo não largava a mulher. O rosto dela começou a ficar em tons de azul, mas ele não parou. O corpo estava flácido, mas ele não parou. Só quando ouviu a voz do telemóvel é que voltou a si. Largou o corpo da mulher e agarrou no dispositivo, desligando a chamada. Pisou o telemóvel com violência até o partir.

Virou-se novamente para a mulher, deitada no chão. Agachou-se e mediu a pulsação no pescoço. Nada.

Estava morta.

A única coisa que sentiu foi alívio e a sensação de missão cumprida. Menos um problema que tinha. Menos uma barreira que teria de transpor para manter a sua liberdade.

Agora tinha de se livrar do corpo. Mas como?

Olhou para o cemitério. Devia levá-la para ali e enterrá-la? Não podia ser, aquela terra era remexida com frequência; iriam encontrar o corpo em poucos dias. Não dava. Não podia cometer o mesmo erro que com Samuel Pinto.

Olhou para o outro lado, para lá da N117.

Um mato extenso e abandonado a perder de vista.

Era só passar para o outro lado.

Sem um segundo a perder, pegou no corpo, uma mão no tronco e outra nas pernas, e carregou-a uns metros para o lado, até a largar, de forma que rebolesse pelo pequeno declive que ia dar à N117.

Nenhum carro se ouvia nas proximidades.

Mas um gemido foi bastante audível. Um gemido de surpresa e medo.

Virou-se para trás.

O casal que estava a fazer sexo no carro olhava-o em choque. Estavam a meio do parque de estacionamento, viam-no com clareza. Tinham saído do carro e caminhado até ele sem Leonardo se aperceber. Eram dois jovens com menos de vinte anos; os rostos deles espelhavam medo.

Foda-se, que azar do caralho!

— Ouçam, isto não é o que parece.

Foi a melhor frase que conseguiu arranjar, mas que só serviu para que eles se assustassem ainda mais. De repente, viraram-se e começaram a correr para o carro.

Se tivessem ficado no veículo, poderiam desfrutar durante muitos anos dos prazeres da vida e da carne. Mas, agora, eram testemunhas que colocariam Leonardo na prisão. E ele não podia dar-se a esse luxo. Tinha assuntos para resolver. Tinha Marta para casar e fazer feliz.

Apesar de pensar nela, em nada a sua escuridão diminuía, pelo que foi sem surpresa que se viu a correr atrás deles, a pegar na arma que estava escondida no coldre por dentro do casaco. Porém, não podia disparar enquanto estivessem em fuga na rua, ou arriscava-se a contaminar o chão com o seu sangue, o que seria uma tarefa acrescida para aquela noite.

Eles entraram no carro ainda com os vidros embaciados, um *Peugeot 106* antigo, e arrancaram imediatamente. Foram contra um passeio por falta de visão. Então, abriram as janelas para verem o caminho que tinham à frente. O motor rugia perante o desespero do condutor em sair dali. Quando o carro ficou paralelo a Leonardo, que estava a poucos metros deles, disparou um tiro através da abertura na janela; ao disparar o segundo de seguida, este perdeu-se devido a uma

travagem brusca executada pelo condutor, ao ver a primeira bala perfurar o peito da rapariga ao seu lado. Com o carro parado, disparou a terceira vez, aniquilando o jovem, que tombou para o lado da namorada. Ambos sem vida. O motor do carro ronronava, aguardando os comandos do condutor. Comandos esses que não chegariam a acontecer.

Leonardo guardou a pistola no coldre, fechou o casaco e pensou durante uns momentos, de respiração ligeiramente acelerada.

O corpo da mulher que o chantageara estava na outra extremidade do parque de estacionamento, mas agora tinha um veículo que não era seu à disposição.

Um plano formou-se na sua mente e Leonardo colocou-o imediatamente em ação.

Abriu a porta do condutor e empurrou o corpo do rapaz para o banco de trás, sem se preocupar em que posição ele ficava. Sentou-se e avançou lentamente com o carro até chegar ao local da chantagista. Saiu, deixando a porta de trás aberta, desceu a pequena colina e transportou a mulher nos braços de volta para cima, com algum custo. Atirou-a para o interior do carro, ficando enrolada com o jovem numa posição estranha. A rapariga manteve-se no lugar do pendura, presa pelo cinto de segurança.

Fechou a porta de trás, sentou-se ao volante e saiu do parque. O coração batia-lhe descompassadamente. Apesar de se sentir no controlo da situação, sabia, no íntimo, que estava a fazer algo de muito errado e que se enterrava cada vez mais.

Como o depósito de combustível estava a um traço de acender a luz, andou sem destino durante meia hora, às voltas, para não se afastar muito. Queria ter pouco combustível para o que ia fazer a seguir. Quando o ponteiro baixou o suficiente, abriu o mapa no telemóvel e conduziu até uma zona arborizada, extensa e inóspita o suficiente para servir o seu propósito, próximo da zona do Aqueduto de Nascente de Belas. Virou bruscamente para um caminho de terra batida onde aquele carro não teria muito sucesso. Mas ele não se importava que o carro se estragasse. Nunca mais o iria utilizar.

O caminho era acidentado, fazendo os cadáveres em torno de si agitarem-se de forma descontrolada e mórbida, como se tivessem ganhado vida.

Ao chegar perto de uma zona cheia de árvores, meteu o carro por aí e tentou passar pelo meio das mesmas à procura de uma abertura larga o suficiente para albergar o veículo.

O carro ameaçava quebrar-se em várias partes, mas Leonardo conseguiu, com calma, levá-lo até a uma clareira espaçosa e suficientemente distante. Não queria chamar a atenção de pessoas indesejadas.

Parou o carro a meio da clareira. Saiu e avaliou o chão em volta. Arrancou alguns arbustos e vegetação mais crescida, parando apenas quando viu como estava tudo limpo. Pegou num isqueiro, que trouxera para a eventualidade de ter de recorrer ao poder das chamas. O depósito da gasolina estava quase a zero, pelo que não haveria qualquer explosão ou maior propagação do fogo.

Estava confiante nisso.

Pegou num frasco de desinfetante que encontrara no interior do veículo e espalhou o conteúdo pelas roupas das vítimas e por cima do carro.

Com as portas fechadas e uma janela aberta, Leonardo enfiou o braço pela abertura e acendeu o isqueiro. Aproximou-o da manga ensopada do casaco da chantagista. O casaco pegou imediatamente fogo e Leonardo afastou-se às arrecuas, ficando no limite da clareira a assistir ao desfecho daquela situação.

As chamas começaram de forma tímida, levando o inspetor a ponderar que teria de acender mais alguns focos, mas depois propagaram-se com rapidez, aumentando de tamanho.

Em pouco minutos, o carro estava envolto em chamas, cujo fumo subia no firmamento negro. Sem mais nada para queimar, Leonardo sabia que as chamas se iriam extinguir bem antes de o Sol nascer.

Ia safar-se.

Cansado mentalmente, virou as costas à incineração que tornaria as suas vítimas numa papa enorme e disforme, e pôs-se a caminho.

Ainda tinha o carro no cemitério e uma caminhada considerável pela frente.

Enquanto regressava ao estacionamento, o seu eu real começou a impor-se sobre a sua escuridão, resultado do cansaço que se abatia sobre si. A consciência ficou-lhe pesada e cheia de remorsos. Fora um episódio de tal forma traumatizante que nem processara algo que

sabia no seu subconsciente: uma das três balas que tinha disparado sobre os dois jovens perdera-se.

Mas tinha de estar em algum lado.

CAPÍTULO 91

LEONARDO E MARTA

A sua casa estava, agora, no mais completo silêncio, contrastando com a azáfama do dia anterior. A equipa forense trabalhara a todo o gás e deixara o apartamento impecável para o inspetor, que acordou naquela manhã como se estivesse de ressaca. O corpo dóia-lhe por ter dormido tão pouco.

Sentou-se na cama e avistou as partículas do pó pairarem nos feixes de luz que provinham dos estores parcialmente abertos.

Imagens de corpos a serem incinerados assustaram-no.

Teria ele matado aquelas três pessoas?

Olhou para as suas mãos e recordou-se de as ter em torno do pescoço da chantagista. Ele tinha assassinado três pessoas. Elas tinham deixado de existir porque ele as matara. Colocara um ponto final nas suas existências.

O que se passa comigo? Que fui eu fazer?

Passou a mão pela cabeça e soltou um grito de fúria, fúria consigo próprio por ter uma dissociação de personalidade que lhe conferia, na prática, dupla personalidade. Mais que nunca, era uma verdade irrefutável.

Olhou para o anel em cima da mesinha de cabeceira. Como tinha ele achado que poderia vir a ser feliz com Marta? Como achara ele que podia viver o resto da vida descansado, se era um assassino?

E se chegasse o dia em que a voz ou a visão de Marta não fossem suficientes para manter o inspetor a comandar o seu corpo e a sua

mente? Se chegassem a um ponto em que nem Marta conseguiria afastar a sua escuridão? O que aconteceria?

Jamais se perdoaria se lhe levantasse um dedo que fosse.

O que o separava dessa felicidade era, apenas e só, a inspetora Núria. Com os corpos do dia anterior carbonizados, apenas a jovem inspetora de Setúbal o poderia deixar em cheque.

No meio destes pensamentos, nem reparou na porta de casa a ser aberta.

— Leo! Estás em casa?

Era Marta. Leonardo olhou para o anel pousado em cima da mesinha de cabeceira e colocou-o debaixo da almofada. Entre o fechar da porta do apartamento e o surgimento de Marta no quarto, o inspetor recordou-se com pavor de que as suas roupas do dia anterior estavam manchadas de sangue e que ele ficara de as colocar no lixo.

Chegara a fazê-lo?

Olhou em volta, o pânico a dominá-lo, mas não as viu no quarto. Onde as teria deixado? Onde?

— Olá, querido — cumprimentou-o, surgindo à porta do quarto, com roupas leves e alegres. — Liguei-te, mas não atendeste. Pensei que te tivesse acontecido alguma coisa...

— Há novidades daquele vídeo?

— Não, ninguém consegue descobrir nada. Mas tenho a certeza de que vamos salvar a tua irmã. Tenho confiança nisso. Em nós.

Aproximou-se da cama e sentou-se. Chegou-se a Leonardo e beijou-o com carinho e um toque de paixão que o deixou imediatamente excitado.

Fizeram amor na hora seguinte, o medo do desfecho de Mafalda a impeli-los a aproveitar a vida ao máximo, a excitação sexual ligada à adrenalina do caso que estavam a investigar.

— Estás insaciável, Leo...

— É mórbido que nestes períodos de elevado stress e adrenalina uma pessoa tenha ainda mais vontade de fazer sexo?

— Eu sinto o mesmo — concordou, despida ao lado dele por cima dos lençóis.

Sem saber bem como, o anel de noivado estava a centímetros da cabeça de Marta. Ela olhava para si com amor e ternura. Era a melhor visão que o inspetor podia desejar.

— Bom, vamos focar-nos no caso. Veste-te. Vamos... Ai! Que é isto?

Ao virar-se de barriga para cima, a cabeça tombou para cima do anel. Leonardo, lesto de movimentos, levantou-lhe a cabeça com uma mão para inspecionar o que teria provocado aquele grito; com a outra mão, surripiou o anel e voltou a colocá-lo debaixo da sua almofada.

Marta não suspeitou de nada.

— Porra, está aí qualquer coisa rija.

— Agora já não — comentou Leonardo, a olhar para as suas virilhas.

Marta sorriu e bateu-lhe amistosamente, ficando ambos a olharem-se.

Era naquele olhar, naquele sorriso, que ele se perdia. Todas as suas dúvidas e inseguranças desapareciam. Subitamente, via com clareza. Tinha de a pedir em casamento. Todas as suas dúvidas eram infundadas perante o amor que nutria por Marta.

Deram as mãos.

— Às vezes, imagino como seria a minha vida sem ti.

— Por que razão há de imaginar isso? Estou aqui, Leo. Estamos aqui. Juntos. E não há nada que nos possa separar.

Exceto a morte.

— Sim, mas quando há algo tão bom na minha vida, fico com tanto medo de a perder que imagino imensas vezes como seria viver sem isso. O que eu quero dizer é que quero mesmo viver o resto da vida contigo. Não faz sentido ser de outra forma. M&M...

Com a mão esquerda, procurou o anel debaixo da almofada.

Era agora ou nunca.

O momento quebrou-se com o toque estridente do telemóvel da inspetora. Ao mesmo tempo que ele trazia o anel para ser visto por ela, Marta virou-se de lado, de costas para ele, para pegar no telemóvel que estava na outra mesinha de cabeceira e atender a chamada. Era Paulo Teodoro. E parecia urgente, pelo rosto dela assim que atendeu e o ouviu.

Leonardo escondeu novamente o anel antes de ela olhar para ele.

— Sim, vamos já ver isso.

— O que se passa? — perguntou, o pedido de casamento falhado esquecido perante a hipótese de haver novidades da irmã.

— O Justiceiro publicou um novo vídeo nas redes sociais.

Marta acedeu de imediato à conta do Justiceiro. Ficaram pasmados por constatarem que já tinha mais de cinquenta mil seguidores, o que mostrava como as pessoas eram mórbidas e adoravam o macabro.

Sem esperar mais um segundo que fosse, Marta carregou na mais recente publicação do Justiceiro e abriu-a.

CAPÍTULO 92

JUSTICEIRO

Mafalda Rosa era o grande trunfo. Com a fama adquirida pelo irmão, sabia que seria uma questão de tempo até toda a comunicação social ficar de olhos postos em si. Viu os noticiários em todos os canais. O Caso Elementar passara a ser notícia de abertura, de encerramento, de tudo e mais alguma coisa.

O Justiceiro inspirou fundo, feliz da vida. Agora tinha oficialmente a atenção do país. Portanto, estava na hora de enviar uma mensagem para todos para os convencer a agir e a juntarem-se na sua missão.

Decidiu fazer um vídeo.

Regressou ao quarto onde se encontrava Mafalda, sentada de costas para a janela. Ao vê-lo, começou a tremer e a querer gritar. Era impressionante como ainda tinha energia e vontade de o contrariar. Sem se importar com os gemidos dela, abriu tranquilamente um tripé, pousou o telemóvel no mesmo e ligou a câmara. Verificou que Mafalda estava bem no centro do vídeo.

Perfeito. Vamos a isto.

Pressionou o botão de gravação e começou a falar sem aparecer no vídeo. Depois, iria alterar a voz para que não a reconhecessem. Todos tinham os seus truques.

— Olá a todos. Sei que entre vós há muitos que pensam como eu. Como é que há homens que gostam de outros homens e mulheres que gostam de mulheres? Nenhuma mulher conseguirá engravidar fazendo

sexo com outra mulher. O mesmo se aplica aos homens entre si. O propósito de todas as espécies no planeta é a reprodução. E como se faz isso? Através da reprodução, obviamente. Só gerando filhos é que manteremos a espécie humana viva.

» Mas como é que o faremos, se há cada vez mais aberrações a fazerem sexo com elementos do mesmo sexo? Como é possível que a Igreja tenha cedido e aceitado o casamento entre homossexuais? A Igreja, meus amigos, que era como que um farol para a humanidade, cedeu às pressões e aceitou este ato inominável.

» Como é que uma criança conseguirá ser boa pessoa no futuro se tiver como exemplo um casal homossexual? Como é que a criança irá entender como funciona o mundo e a natureza, se tiver dois pais ou duas mães?

» Sei que muitos de vós apoiam a minha visão. Apoiam a minha missão. Pois bem, está na hora de agirmos e de salvarmos a nossa humanidade, o nosso futuro! Esta noite, haverá um dos eventos mais marcantes deles: o Arraial Lisboa Pride, no Terreiro do Paço. O que eu sugiro é: vamos dar o primeiro passo para a extinção destas aberrações? Arranjem armas como puderem. Logo à noite, a história vai mudar. Conto convosco? Não se preocupem, eu darei o exemplo.

Desligou o telemóvel, satisfeito pelo seu discurso.

— Estive bem, não estive? Achas que vou ser capaz de contagiar as pessoas?

Como resposta, nem um gemido. Mafalda chorava, cabisbaixa, derrotada.

— É verdade o que eu disse. Vais morrer hoje, minha querida. Pode ser que assim a tua mulher perceba a mensagem e arranje um marido.

Mafalda não respondeu. Nem se dignou a olhar para ele, mas o Justiceiro não queria saber. Estava radiante pelo vídeo que fizera. Bastava alterar a sua voz e publicaria imediatamente o vídeo nas redes sociais.

Depois disso, estava na hora de começar a preparar a noite.

CAPÍTULO 93

LEONARDO E MARTA

O ambiente em casa do inspetor estava pesadíssimo.

O discurso do Justiceiro deitara-os abaixo. Leonardo chorava. Atendera mais uma chamada da mulher de Mafalda, que se tinha revelado quase tão penosa quanto a visualização do vídeo. Os comentários à publicação do Justiceiro eram ainda mais tenebrosos. Ele ia ter ajuda. Ia ter apoio popular. As coisas iam ficar feias naquela noite.

— Já falei com o inspetor-chefe — anunciou Marta, momentos depois. — Eles vão tratar de tudo para aumentar a segurança do evento. Depois da clara ameaça do Justiceiro, vão encher aquilo de polícias. Ninguém vai morrer hoje, Leo. Temos de acreditar nisso.

— Acredito, mas e a Mafalda? Ela está nas mãos dele. Temos de fazer alguma coisa. Devíamos era cancelar o evento.

— O Teodoro sugeriu isso ao diretor, mas ele disse que estaríamos a ceder perante terroristas e que, com o reforço policial, vai correr tudo bem.

Leonardo não pareceu totalmente convencido.

— Podemos começar por revistar a casa da Liliana Amargo — sugeriu Marta. — Já conseguimos um mandado. Se quiseres, vamos agora para lá e peço à Polícia Científica para revistar já a casa.

— Sim, faz isso.

Marta voltou a sair do quarto para efetuar a chamada enquanto Leonardo via o vídeo, sem som. Queria apenas focar-se em Mafalda e,

principalmente, no cenário atrás dela.

Na janela que se observava ao fundo, com os estores meio abertos.

Avistava, na parte inferior, uma rua. Alguns carros passavam tranquilamente, o tejadilho a aparecer por breves momentos no canto. Ligou à PJ, ao departamento informático, para saber se tinham descoberto algo do vídeo de hoje. Sem ser preciso pedir, eles já o estavam a analisar, utilizando o software para localizar a fachada de prédios que se via parcialmente no fundo.

— Íamos mesmo agora informar o vosso inspetor-chefe.

— Encontraram alguma coisa?

— Acreditamos que aqueles prédios lá atrás correspondam a uma zona residencial, mas nesse quarteirão os prédios são todos iguais. Teriam de revistar todas as habitações.

— Isso não é problema. Onde é?

— Em Caneças.

— Envie-me a morada, que vamos já para lá.

— Combinado.

Marta regressou ao quarto.

— A Polícia Científica já está a caminho da casa da Liliana.

— Ótimo. Nós vamos a Caneças.

— Porquê?

— Os informáticos já descobriram a zona onde o Justiceiro fez o vídeo.

— Em Caneças?

— Exatamente. O problema é que os prédios são todos iguais e não dá para filtrar à partida.

— Pedimos ajuda a outros inspetores e à PSP.

— Fazemos o pedido pelo caminho. Vamos.

Saíram de casa de Leonardo com pressa, ansiosos.

Com todo o aparato de telefonemas e de raciocínios, nenhum dos dois reparou no saco do lixo na dispensa da cozinha. Por baixo do saco, fora da vista, uma pequena quantidade de sangue conseguira infiltrar-se e manchar os mosaicos.

E não era sangue do inspetor.

CAPÍTULO 94

LEONARDO E MARTA

O dia passou a correr. Entre a investigação à casa de Liliana Amargo e a revista de todos os apartamentos da rua de Caneças, os inspetores não tiveram forças a medir.

A casa da amiga de Jota não forneceu quaisquer provas, o que os levou a concluir que, se estivesse envolvida, tinha o covil noutra sítio, como o apartamento em Caneças que procuravam freneticamente. O que os levou a recordar que tanto ela como Sílvia continuavam incontactáveis. Fartos de não os conseguirem contactar diretamente, telefonaram para os pais deles. A resposta não tardou a chegar por parte da mãe de Sílvia.

— Não vejo o Sílvia há dois meses. Ele ficou muito abalado com a morte do Jota e isolou-se em casa — referiu, amargamente. — Consegui vê-lo apenas duas vezes desde o início do ano, mas ultimamente nem uma mensagem me manda. É apenas casa-trabalho, trabalho-casa. Passou-se alguma coisa? Estou a tentar dar-lhe espaço, ele sempre foi muito extremista nisso. Quando se assumiu como bissexual, houve semanas em que mal nos falámos. E nessa altura ele vivia em nossa casa, portanto, imagine agora que vive sozinho.

— Se conseguir entrar em contacto com ele, diga-nos, por favor — pediu Marta, pedindo igualmente a morada de Sílvia.

Também os pais de Liliana foram bastante solícitos:

— A morte do Jota deixou-a muito perturbada. Mal a temos visto este ano, apenas umas chamadas e pouco mais. Temos tentado

respeitar o luto dela. Afinal, foi o suicídio do melhor amigo. Mas aconteceu alguma coisa à Lili?

Depois de Marta assegurar de que estava tudo bem, que eram apenas formalidades ainda relacionadas com o desaparecimento de Jota, fez os pais dela prometerem que os contactavam se soubessem do paradeiro de Liliana. Eles prometeram que a iam procurar.

— Algo de muito estranho se passa. Estão os dois desaparecidos ou muito ausentes desde que o Jota se suicidou.

— Pois, e não me parece que seja coincidência.

— Sim. Cheira a esturro.

Numa pausa para um café, duas horas após o início das buscas em Caneças, Leonardo encostou-se a uma parede e pegou no telemóvel, abrindo mecanicamente no perfil do Justiceiro, como se habituara a fazer nos últimos tempos. Foi então que, distraído a ver as publicações, na tentativa de encontrar algo que o identificasse, algo que pudesse ter passado ao lado das dezenas de vezes que analisaram cada fotografia e cada vídeo, se recordou de algo que Hélder dissera quando o interrogaram na fronteira com Espanha.

Por acaso, já viram bem a publicação do Justiceiro sobre a morte no Bar Cru?

Abriu a publicação do assassinio de Tiago Brito e analisou cada fotografia. Já as sabia de cor. Uma fotografia do plano geral, com o corpo estirado no chão. Outra mais próxima, a mostrar o rosto desfeito à pedrada. Outra a destacar o sangue derramado pela vítima. Outra a mostrar a parede do bar, onde se via, no canto, a porta e o nome. Outra das manchas de sangue na estrada.

O que queria o escritor dizer com isso?

Voltou a passar as fotografias. Plano geral. Rosto desfeito. Sangue. Parede. Manchas de sangue. Estaria a referir-se às duas fotografias onde o foco era o sangue? Ou seria...

— M&M — chamou, fazendo sinal para que ela se aproximasse. Marta acabou o café, amachucou o copo de papel e colocou-o num caixote de lixo antes de se aproximar, o rosto a demonstrar a fadiga das últimas horas.

— Que se passa?

— Lembras-te do que o Hélder disse sobre a publicação do Justiceiro?

— Sim, parecia estar a desconversar.

— Pois, mas acho que percebi o que ele queria dizer.

Marta franziu os olhos, intrigada.

— Acho que precisamos de dar um salto ao Bar Cru e de levar um dos peritos connosco.

Meia hora depois, chegavam novamente à rua sinuosa do bar, com as paredes pintadas de rosa e as portas verdes. Uma placa metálica anunciava «Bar Cru» ao lado da porta de entrada. Por baixo, havia um espaço vazio. Aparentemente inocente, inócuo. Mas tinha sido o foco da fotografia mais intrigante da publicação do Justiceiro. Se focasse a placa com o nome do bar, teria passado despercebido, mas esta aparecia apenas no canto superior, como se fosse de pouca importância.

Leonardo aproximou-se da parede e cheirou, torcendo o nariz.

— Lixívia.

— Limpam a parede por causa dos salpicos de sangue — sugeriu Marta. — Esqueceram-se de que isso não serve de nada.

O perito que acompanhou os inspetores procedeu ao trabalho, munido das suas ferramentas.

O técnico forense pegou numa zaragatoa com haste de plástico e embebeu uma das pontas com luminol. Passou a ponta do cotonete pela parede e usou uma lanterna de luz negra para mostrar o resultado.

O cotonete brilhava, confirmando a presença de sangue.

— Podes borrifar esta zona com luminol? — pediu Leonardo.

O técnico assim o fez, e os inspetores, munidos da luz negra, aproximaram-se da parede e apontaram o feixe de luz para o centro. Encontravam rastos de sangue que lhes pareceram letras.

— Será uma mensagem? — perguntou Marta, pegando na lanterna e incidindo a luz na parte superior esquerda. — Bingo!

O perito aproveitou para tirar fotografias a cada letra escrita com sangue, o qual acreditavam ser da vítima, enquanto Leonardo apontava no telemóvel. Como era ainda de dia, não conseguiam ver tudo de uma vez. No final, a inspetora devolveu a lanterna ao perito e olhou para o colega, expectante. Este leu a frase em voz alta.

— «Os perversos não herdarão o Reino de Deus.»

Marta pegou no telemóvel e leu a frase com os próprios olhos, como se isso a fizesse pensar melhor. Algumas pessoas que passavam por eles demoravam-se, curiosas com o que eles estavam ali a fazer, sem verem nada de concreto.

— O Justiceiro acabou de citar a Bíblia?

— Que poderá isso significar?

— Pelo que percebo, isso significa que as pessoas imorais pelos padrões católicos...

— Não é isso, M&M. Eu entendo o significado da frase, só não percebo o significado para o Justiceiro colocar esta frase na cena do crime. Por que razão o fez?

— A única explicação é que o Justiceiro é religioso, tal como tínhamos suspeitado depois da última morte...

— Pelos vistos, é superconservador — concordou Leonardo. — Estará ele numa missão religiosa para limpar os impuros da face da Terra?

— Isto pode mudar tudo. O Hélder nunca deu mostras de ser religioso. E por que razão nos alertaria para isto?

— Temos de saber mais sobre os últimos anos do Jota e do Hélder. Terá algum deles tido uma conversão religiosa?

— Faria sentido no caso do Jota. Ele estava tão revoltado consigo mesmo que poderá ter procurado ajuda da Igreja para arranjar conforto e arrumar as ideias.

Leonardo passou a mão pela face, agastado.

— Este caso está a dar-me um nó no cérebro.

— A ti e a mim.

Ficaram pensativos durante alguns minutos, cansados, mas sem quererem parar.

— Não era a rececionista da AUPDL que tinha um fio de ouro ao peito com uma cruz?

O inspetor cerrou a testa, a procurar as imagens que tinha retido do encontro prévio na associação.

— Sim, eu até perguntei se ela era religiosa porque achei um detalhe curioso — recordou —, mas ela disse que o tinha apenas porque lhe fora oferecido.

— Pela avó, não foi?

— Sim, acho que sim.

— E não será possível ela estar a desvalorizar a sua crença?

— Achas que poderá ser ela a ajudante do Justiceiro, que neste caso seria o Hélder?

— Também pode ser o Jota, na mesma. Não te esqueças que ele também frequentava a AUPDL com frequência antes de desaparecer. Ela conhecia-o, de certeza.

— E sempre faz mais sentido do que a Liliana... — ponderou, intrigado.

— Devíamos fazer-lhe uma visita, não achas?

Com os recentes desenvolvimentos, o advogado de Hélder Carvalho estava a pressionar o Ministério Público a libertar o seu cliente, perante a constatação pública de que o Justiceiro continuava a monte e que jamais poderia ser o escritor, visto que este estava detido. Paulo Teodoro voltou a ligar para Leonardo Rosa para incitar a novos avanços na investigação. Não iam aguentar ter o Hélder preso muito mais tempo. Ele iria ser presente ao juiz naquela tarde.

Os inspetores garantiram que iam continuar, que estavam perto de novos progressos, mas esconderam a questão religiosa. Se Hélder nada tivesse que ver com a religião, era mais um motivo para ser libertado.

Leonardo pousou o telemóvel, aborrecido com a pressão do inspetor-chefe.

— Desculpem a interrupção — pediu Leonardo, acenando para Marta.

— Joana, consegues dizer-nos onde estavas nestes períodos indicados no papel?

Joana vivia com os pais e a irmã mais nova. Estavam na sala de estar da casa, ela sentada no sofá e os inspetores de pé, para observarem possíveis detalhes que lhes dessem outras respostas. Não passou despercebido que as fotos oficiais das várias celebrações religiosas de Joana, bem como da irmã, estavam expostas na parede da sala: o batismo, a primeira comunhão, a profissão de fé e o crisma.

— A estas horas estou sempre a dormir. Não sou de sair à noite, sabem?

— Os teus pais podem confirmar essa informação?

— Claro, eles também estão a dormir a estas horas. A minha irmã ainda pode confirmar com mais certeza. Partilhamos o mesmo quarto. Aliás, até suponho que grande parte das pessoas estejam a dormir a estas horas — acrescentou, indicando os períodos que Marta escrevera num papel.

Os inspetores trocaram um olhar inseguro.

— Vejo que são bastante religiosos — comentou, apontando para as fotografias.

— Oh, isso é mania dos meus pais. Principalmente da minha mãe. Ela é muito religiosa, herdou isso da minha avó — disse, tocando no colar que ela lhe oferecera. — Posso saber porque é que voltaram a procurar-me com estas questões? Já falámos no outro dia, na associação...

— São procedimentos de rotina, não há motivo para te preocupares.

Joana encolheu os ombros e sorriu, sempre solícita e disposta a ajudar. Os inspetores, frustrados, confirmaram junto da irmã que ela falava a verdade.

— Não me parece que a Joana esteja envolvida no caso — comentou Marta, quando regressavam a Caneças. — Pode estar envolvida com o Hélder, mas não me parece ter perfil para ser a cúmplice do Justiceiro.

— Também acho.

— Embora possa ter saído de casa e voltado sem os pais e a irmã saberem.

— Com a irmã a dormir no mesmo quarto, é difícil.

— Mas não é impossível. Além de que ela pode estar a mentir para proteger a irmã. Não seria descabido.

— Vamos mantê-la debaixo de olho, mas fica no mesmo lote que o José Conceição.

Marta concordou e regressaram ao trabalho. Ainda foi necessária mais uma hora para encontrarem o que queriam em Caneças.

O apartamento do vídeo de Mafalda e do Justiceiro.

Leonardo e Marta foram imediatamente chamados assim que o local foi identificado, e foi com o coração na garganta que entraram

no apartamento. Era uma habitação comum, de aspeto moderno, com cores alegres e decoração minimalista.

— Sabemos a quem pertence este apartamento? — perguntou Leonardo, procurando em vão pela presença da irmã.

— Estamos ainda a investigar isso — esclareceu um dos elementos da PSP.

— Obrigado. Avisem assim que souberem.

Dirigiram-se imediatamente para a sala onde o vídeo fora gravado. Tendo em conta o cenário com que se deparavam, não restavam dúvidas. Aquela janela e aquela vista eram exatamente as do vídeo.

Até a cadeira onde Mafalda se sentara estava no mesmo local, com a diferença de estar vazia e manchada de sangue, da qual já eram recolhidas amostras pelos peritos.

Mafalda ainda estava viva. Leonardo acreditava nisso. Mas como estaria ela? Estaria ele a bater-lhe naquele momento?

— Leo?

A voz de Marta chamou-o à atenção, afastando-o de pensamentos obscuros e ajudando-o a focar-se no mais importante.

— Sim, M&M? — perguntou, mas ela não estava ali com ele.

— Tens de ver isto — disse, surgindo no seu campo de visão e apontando para trás com a cabeça. — Anda.

Caminharam pelo corredor, passando pela casa de banho e pela cozinha, antes de virarem para o primeiro quarto.

Este não tinha cama nem nenhum armário. Claramente que nunca fora usado para o residente dormir. Mas fora usado para outro propósito. Um propósito mais mórbido.

Leonardo olhou com incredulidade para o que via à sua frente.

— Mas que merda...

CAPÍTULO 95

NÚRIA

O dia anterior não tinha sido produtivo. As horas que tinha passado a vasculhar o mato de Fernão Ferro onde Samuel Pinto fora encontrado morto não deram em nada. Não encontrara a maldita presilha do relógio do inspetor Leonardo Rosa.

Começava a duvidar do que o seu instinto lhe dissera quando o confrontara na Praia 19. Estaria a ver coisas onde elas não existiam? Estaria tão frustrada por ter de deixar aquele crime para os colegas de Lisboa que deixara de ver com clareza? Ele estava sob enorme pressão pelo mediatismo do caso. Podia ser por isso que não estava em si, que parecia nervoso, agitado, e não por ter assassinado um homem. Que estupidez.

Ainda assim, não conseguia virar as costas ao seu instinto. Teve de voltar ao local do crime. Sentia que ia encontrar a prova de que precisava.

Caminhava novamente pelos arbustos e pelas árvores do mesmo mato, de luvas calçadas, remexendo em cada ramo, em cada planta que encontrava pelo caminho. Já ali estava há horas e nada.

Leonardo estava inocente e ela continuava a cismar que não, mesmo com todas as dúvidas que começava a ter. Por que razão estava a empreender tantos esforços para incriminar o seu ídolo?

O telemóvel começou a vibrar no bolso das calças. Pegou nele e atendeu.

— Olá, inspetor-chefe.

— Núria, onde estás? Precisamos de ti em Palmela.

— Estou só a seguir uma pista. Vou já para aí.

— Que pista?

— Não posso revelar para já.

— Núria, tu vê lá o que andas a fazer.

— Eu sei, inspetor-chefe. Confie em mim.

— Confiar, confio, mas quero ver resultados. Quanto tempo precisas?

— Não sei, mas espero que seja pouco. Já lhe ligo de volta.

Desligou a chamada, percebendo que o seu chefe estava a ficar irritado com ela. Se havia um caso novo que exigia a sua atenção e ela estava a adiar pegar nessa pasta, tinha de ter uma ótima explicação ou correria o risco de levar uma reprimenda.

Sentiu-se subitamente nervosa.

Não queria colocar em risco o seu emprego. Adorava demasiado o que fazia. Mas, contra todas as evidências, algo lhe dizia que Leonardo Rosa não estava a ser sincero. Apesar de o admirar mais que qualquer outra pessoa, sabia que ele tinha matado aquele homem.

Por isso, continuou a remexer em arbustos, agachada, o corpo cansado e a pedir que ela abortasse aquele empreendimento.

Até que avistou algo azul-escuro no meio de um arbusto, preso num dos pequenos ramos. Já antes encontrara algo parecido, para se revelar apenas um pouco de plástico. Intrigada, esticou-se o mais que pôde para que o braço livre penetrasse no arbusto. Sentiu cócegas enquanto avançava e a mão enluvada se fechava no objeto, antecipando que seria mais um pedaço de plástico ou de papel.

Arrebitou-se.

Retirou o braço do arbusto e endireitou-se, a mão à frente do rosto.

Era a presilha em falta do relógio de Leonardo Rosa. A cor correspondia na perfeição. Não havia dúvidas nenhumas.

— Prometo que irá ter resultados, inspetor-chefe — disse para si mesma, como se ainda estivesse ao telemóvel.

Ainda teria de o comprovar, mas era óbvio demais que Leonardo Rosa estava, de facto, envolvido na morte de Samuel Pinto. Tinham-se acabado as dúvidas, mas seguira-se uma sensação de enjoo por ter descoberto o lado negro do seu ídolo.

Perante esta descoberta, Núria Tavares deparava-se com uma questão de extrema importância. O que faria com aquela descoberta?

CAPÍTULO 96

LEONARDO E MARTA

Na parede mais larga do quarto tinham sido afixados vários quadros de cortiça. Pareciam ter sido adicionados à medida que a necessidade do utilizador daquele apartamento de Caneças assim o exigia.

Fotografias, recortes de artigos de jornal, de websites, mensagens escritas à mão, estavam ali reunidas informações sobre as quatro vítimas assassinadas até agora. Cada quadro representava uma vítima. Da esquerda para a direita estavam Alberto Duarte, Filipa Domingos, Tiago Brito e Aurora Miguel. Depois, existiam outros três quadros, com o que deviam ser as próximas vítimas, para completar a sigla LGBTQIA+. A quantidade de informação recolhida era absurdamente extensa e pormenorizada.

Depois, um último quadro, que deixou os inspetores apreensivos.

Era sobre eles mesmos. Maioritariamente, artigos sobre Leonardo nas Olimpíadas da Morte e tudo o que se falou sobre isso, as acusações no tribunal, o cancro, a colostomia, o final feliz em que ficou curado da doença. Tudo.

No centro desse quadro, sublinhado com fúria, estava a referência à irmã de Leonardo, casada com uma mulher e com três filhos. A parte «casada com uma mulher» estava riscada. Teria ele sido seguido pelo Justiceiro? Era inacreditável.

— Isto já está a ser planeado há algum tempo — notou Marta, estupefacta.

Leonardo nada disse, focado como estava na nota sublinhada com raiva.

— Leo?

— Eu nunca referi que a minha irmã era lésbica.

— O quê? — perguntou Marta, focando a nota que tomava toda a atenção do colega.

— A Mafalda.

— Sim, o que tem?

— Eu nunca referi publicamente que a Mafalda era lésbica.

— A sério?

— Claro. Por que razão falaria sobre isso?

— Mas o Justiceiro pode ter encontrado informação sobre ela para a pesquisa. Algum jornal pode ter descoberto. Não é propriamente um segredo, pois não?

— Há aqui alguma informação tão pormenorizada sobre a tua família?

Marta espreitou com intriga.

— Não...

— E não me lembro de terem falado da minha família após as Olimpíadas. Sempre os protegi do mediatismo.

— Será que...

— O Hélder.

Marta não estava a conseguir acompanhar o raciocínio do colega.

— O que tem o Hélder?

— Eu disse-lhe naquele dia, na AUPDL, quando o conhecemos. — Fechou a mão num punho cerrado e esmurrou a parede ao lado do quadro. — Caí no erro de revelar que a minha irmã era lésbica à frente dele.

— Achas que o Hélder...

— Por favor, liga para o Teodoro.

Marta acedeu e estabeleceu a ligação. A conversa foi curta e assertiva.

— Ele foi libertado há minutos. O advogado conseguiu que o juiz concordasse que o Hélder estava a ser incriminado. Ainda vai aguardar julgamento, porque há provas contra ele, mas em liberdade.

— Merda! Estamos a ficar sem tempo.

Marta bufou de impaciência.

— Eles são mesmo uma equipa — desabafou, olhando para os quadros.

— O Hélder e a Liliana?

— Sim, e talvez até o Sílvio. Estão os dois desaparecidos... Se bem que a rapariga do *Tuk-Tuk* confirmou que a cúmplice do Justiceiro era uma mulher, portanto acredito que seja a Liliana. É a única razão para que o Justiceiro continue ativo, apesar de o Hélder ter estado detido quase 48 horas.

— E por que razão se iria aliar a Liliana ao Hélder? Ele arruinou a vida do melhor amigo dela — lembrou Leonardo.

— A carta do Jota. Dava a entender que ele desejava que a comunidade LGBT deixasse de existir. O Hélder deve ter jogado com isso para a convencer que estava do lado deles.

— Será possível?

— Ele pode ser muito persuasivo.

— E o Jota?

— O Jota deve estar mesmo morto. Começo a achar que é apenas uma ilusão, algo criado pelo Hélder para nos despistar.

— Algo não me cheira bem neste caso. E não consigo explicar o quê.

— Eu talvez saiba.

A frase veio do agente da PSP com que tinham falado há pouco.

— Que queres dizer com isso?

— Esta casa. Nem sabem a que nome está associada.

— A quem?

O agente mostrou uns papéis que tinha na mão e estendeu aos inspetores. Marta pegou neles e começaram ambos a ler.

— Isso é o contrato da luz desta casa. Têm aí o da água e da televisão também.

— Não pode ser — comentou Marta, olhando para Leonardo, como que à procura de confirmação de que ela estava a ver bem.

— Que merda. Que raio se está a passar?

No cabeçalho do contrato, estava o nome de Luís Marques.

O pai de Jota.

CAPÍTULO 97

CARLOS

— Ainda estou para saber por que raio a Roberta Schulz escolheu vir para Espanha, tendo todo o resto do mundo para se esconder. Se fosse eu, tinha ido para um país árabe, seria difícil seguirem-me — comentou Margarida.

— Ela há de ter um motivo para isso. Não me parece que faça alguma coisa sem um propósito. O que nos interessa é saber como a vamos encontrar. Não tens nenhum contacto por aqui?

Margarida sorriu, o sol madrileno a conferir-lhe um ar sensual.

— Por acaso, até tenho.

— Há algum sítio onde não tenhas?

— Estás a reclamar? Madrid é uma cidade importante, claro que tenho um contacto aqui. Se me perguntasses por uma cidade qualquer, a minha resposta era outra.

— Vamos ter de fazer algo por ele?

— Não. Desta vez é ele que me deve um favor.

Carlos expirou sonoramente, aliviado.

— Já estou um bocado cansado desta viagem, para ser honesto.

— Estamos quase no final.

— Como é que esse teu contacto poderá ajudar-nos?

— Ele é informático. Digamos que foi um dos responsáveis por manter vivas as apostas na dark web durante as edições mais recentes das Olimpíadas da Morte. Eu ajudei-o uma vez a ganhar uma aposta avultada com uma informação confidencial.

— E onde é que o vamos encontrar?

Estavam naquele momento a sair do Aeroporto Adolfo Suárez Madrid-Barajas, e Margarida fez sinal a um táxi, cujo condutor saiu prontamente para lhes abrir as portas.

Entraram e o condutor perguntou o destino.

— *Calle Ventura de la Veja*.

— *Vale*.

O veículo iniciou a marcha.

— Sabes a morada desse tipo de cor? Impressionante — disse Carlos, intrigado.

— Não, *Carlitos* — disse o nome com um sotaque espanhol — É a morada de um dos restaurantes que mais amo nesta cidade, o La Vaca Argentina.

— Vamo-nos encontrar com esse tipo lá no restaurante?

Margarida sorriu e ergueu as sobrancelhas.

— Achas?

— Não estou a perceber.

— Contacto-o pela Internet, pois claro.

— Então, porque que é que vamos a esse restaurante agora?

— Porque tenho fome e saudades da comida deles. Falamos com ele enquanto comemos. É igual falar com ele aqui ou em qualquer outro sítio, por isso mais vale fazê-lo com o estômago cheio de comida da boa.

Carlos sorriu, mais de alívio por não ter de arriscar a vida para obter a informação do que propriamente por achar piada à ideia de Margarida.

No fundo, ele só queria terminar a missão.

Com sucesso.

CAPÍTULO 98

LEONARDO E MARTA

A nova viagem para o Cartaxo, em marcha de urgência, foi bastante acidentada em termos de acontecimentos.

A primeira situação foi provocada por Leonardo, que ligou ao funcionário da bomba de combustível do Cartaxo com quem tinham falado e de quem tinham ficado com o contacto. Perguntou-lhe se tinha visto novamente o homem que tanto parecera ser Jota a Hélder. O homem, com mil desculpas, disse que o tinha visto naquela manhã, mas que se esquecera de lhes ligar. Irritado, mas mais focado na informação que queria obter, Leonardo foi direto ao assunto e perguntou se sabia a identidade dessa pessoa.

— O tipo é apenas um familiar de um casal aqui da terra. Os Pachecos. É filho dos primos da senhora Pacheco. Estão cá de férias esta semana, pelos vistos, e ele veio comprar tabaco, mas com a confusão que se instalou acabou por não comprar nada na altura. Veio cá hoje para ver se era desta e meti logo conversa. Foi tudo um mal-entendido, inspetor.

Leonardo pediu mais informações e a morada, para enviar alguém a fim de confirmar a identidade do homem. Duvidava que eles tivessem tempo, dada a proximidade do Arraial.

Prosseguiram a viagem a alta velocidade, Marta com liberdade para pisar o acelerador a fundo, como gostava.

O segundo acontecimento foi através do rádio. Faltavam poucos minutos para as quatro da tarde, quando a notícia de abertura do

curto noticiário prendeu a atenção dos inspetores por razões óbvias, assustando Leonardo por razões menos óbvias para a colega.

«Acaba de ser encontrado, perto do Aqueduto de Belas, no conselho de Sintra, um carro incinerado, contendo o que as autoridades julgam tratar-se de três corpos carbonizados e inidentificáveis. Ainda não foi adiantada mais informação sobre a natureza do acontecimento, se foi acidente ou não. No entanto, testemunhas afirmam ter ouvido disparos perto do cemitério da localidade por volta das duas da manhã.»

Leonardo sentiu o corpo gelar e o coração acelerar. Não contava que descobrissem o carro incinerado tão cedo. Malditos fossem os que exploravam os locais com caminhadas ou com veículos todo-o-terreno. Sentiu a gola da camisa azul-celeste apertada no pescoço.

— Não me digas que temos outro assassino por aí?

— Tenho a certeza de que foi um acidente — garantiu, esforçando-se por mostrar desprezo pela situação. — Além disso, mesmo que se prove que foi assassinio, sempre há a outra equipa de Homicídios para tratar disso. Agora temos de nos focar no Caso Elementar, M&M. Temos de salvar a minha irmã.

Marta acreditou facilmente, como Leonardo previra. A cartada da irmã em perigo era irrefutável, e ela nunca poderia desconfiar seriamente dele. Se parecia diferente, agitado ou estranho, a toda esta situação se devia. Nada mais.

A terceira situação aconteceu com uma mensagem vinda de um número desconhecido, mas que Leonardo rapidamente deduziu a quem pertencia.

Sentiu um calafrio ao abrir a fotografia enviada anexo na mensagem.

Era uma imagem da presilha perdida do seu relógio.

Núria Tavares tinha encontrado o objeto no mato onde ele assassinara Samuel Pinto. A acompanhar, apenas uma palavra: «Encontrei.»

Leonardo virou o rosto para a paisagem que passava a grande velocidade. Tinha a cabeça à roda pela forma como o cerco se apertava em torno de si.

Núria não só encontrara a peça do relógio, como sabia que fora Leonardo quem matara Samuel Pinto daquela forma obscena. A

perspetiva do futuro risonho parecia, agora, uma miragem distante. Podia ter-se safado até agora, mas quando a adversária era uma inspetora da PJ bastante astuta e inteligente, o caso mudava de figura.

Para bem pior.

CAPÍTULO 99

NÚRIA

Nunca pensara ver-se envolvida numa situação daquelas.

Tinha descoberto que um colega tinha assassinado um homem e tentado esconder o corpo.

E ela era a única que o sabia.

Decidiu que iria seguir Leonardo de perto. Ia dedicar as suas horas livres para o seguir. Todos os seus movimentos seriam monitorizados por ela.

Núria estava tão séria quanto a este assunto que até estava a pensar deixar o resto do trabalho de lado por uns dias até conseguir colocar Leonardo na prisão.

Se havia coisa que ela odiava, era foras-da-lei.

Foi no meio deste novelo de cogitações, que se deu conta da notícia do momento. O carro incinerado com três corpos, no meio de nenhures. Como se alguém tivesse colocado lá o carro e o tivesse incendiado.

Alguém que quisesse esconder as suas identidades e quaisquer provas que tivessem nos corpos. A mente de Núria virou-se logo para Leonardo.

Não pode ser. Nem tudo o que se passa de mal teve mão dele. Recompõe-te, Núria.

Mas a verdade é que não conseguia dissociar o acontecimento dele.

Sem saber mais o que fazer, meteu-se no carro e conduziu até ao

local, em Belas. Meia hora depois, já estava a apresentar a sua identificação da PJ no posto de controlo. Vestiu o macacão branco e foi avançando até chegar à clareira onde se encontrava o veículo carbonizado. Naquele momento, era um esqueleto preto, chamuscado, sem vidros e com os pneus vazios. No ar pairava um cheiro forte a queimado, e várias pessoas vestidas como ela andavam em torno do carro.

Sem que se apercebessem da sua presença, ouviu o médico-legista, que estava debruçado sobre os três corpos, colocados em macas ao lado do carro para que ele fizesse a análise preliminar. Vestida de igual, estava a passar despercebida.

— A vítima mais velha não apresenta causas evidentes de assassinio. Embora haja algo aqui no pescoço que terei de analisar com calma.

— E os mais jovens? — perguntou um inspetor.

— Foram baleados no peito. Vejam aqui os orifícios de entrada da bala e aqui os de saída — referiu, mostrando os ferimentos. — Mas os tecidos estão demasiado danificados para compreender o calibre. — Após um momento em silêncio, acrescentou: — Houve pouca coisa que resistiu a este incêndio. Curiosamente, os documentos do carro estão parcialmente legíveis e conseguimos identificar o dono do carro; há cartões parcialmente queimados nas carteiras, mas que pouco ajudam; da vítima mais velha, só sobreviveu um cartão de um electricista, que parece ser de Fernão Ferro, lá da outra banda, e um cartão de uma imobiliária também da mesma zona.

— O que terá acontecido para uma pessoa da margem sul acabar queimada aqui em Belas?

— Cabe a vocês descobrir, já sabem.

Fernão Ferro?

Um alarme disparou na cabeça de Núria, o que a levou a deixar de escutar os colegas.

Qual a hipótese de encontrar uma pessoa morta de forma suspeita vinda precisamente da mesma zona onde Samuel Pinto fora assassinado? Seria uma ligação forçada ou...

De repente, a outra notícia que ouviu após a do carro carbonizado começou a martelar-lhe na cabeça, surgindo como uma ligação possível a este caso. Tiros perto do cemitério. Era perto daquele local,

podia perfeitamente estar ligado.

Seria possível?

Às arrecuas, afastou-se do local, voltando a andar normalmente quando se aproximou do posto de controlo. Caminhou depressa até ao carro. Despiu o macacão branco, enfiou-se no veículo e acelerou até ao parque de estacionamento do cemitério de Belas.

Testemunhas tinham ouvido tiros de madrugada. Havia quem afirmasse que foram três. Seria possível que ele tivesse falhado um e que a bala se encontrasse perdida naquele local? Afinal, pelo que ouvira, duas vítimas tinham sido assassinadas com uma bala e a terceira não. Se foram disparados três tiros, mas apenas dois acertaram nas vítimas...

Valia a pena insistir nessa teoria e assumir que ele tinha falhado. Precisava disso. O raio do seu instinto não a deixava descansar. Ainda seria a sua desgraça, um dia.

Saiu do carro ao estacionar no parque e olhou em volta. Os locais mais prováveis para ter sucesso seriam as paredes do cemitério e a parede que delimitava a parte traseira do parque.

Durante mais de uma hora, percorreu cada centímetro de parede, começando pela do cemitério e terminando na das traseiras do parque de estacionamento. Quando a noite começava a dar os primeiros sinais, descobriu o que, unicamente por teimosia e obstinação, procurara sem esperanças. O esforço fora recompensado.

No muro de cimento, junto ao jardim, encontrou um buraco com uma bala amolgada no interior. Imaginou o percurso da bala e tudo indicava que tivesse sido disparada no estacionamento.

O coração bateu com toda a força contra o peito.

Meu Deus, será que tenho mesmo razão? Ou estou a ver coisas? Se isto for mesmo verdade, o Leonardo já assassinou quatro pessoas. Pelo menos.

Enquanto tirava fotos com o telemóvel e recolhia depois a prova com os seus próprios instrumentos para um saco de provas, a fim de enviar para os peritos para confirmar se o calibre era o mesmo do da arma do inspetor, a conclusão daquele dia era incontornável, e instigava-a a executar o seu plano de seguir Leonardo para onde quer que ele andasse.

O inspetor era, muito possivelmente, um assassino em série.

CAPÍTULO 100

LEONARDO E MARTA

Aquela informação podia alterar tudo. Se os pais do Jota estavam a fornecer abrigo ao Justiceiro, significava que podiam saber quem ele era.

— Que se passa, inspetores? — perguntou o pai de Jota, Luís, quando avistou Leonardo e Marta entrarem em sua casa com brusquidão.

— Não brinquem connosco — atirou Leonardo, sem paciência para jogos. A vida da irmã estava por um fio e tinham de regressar a Lisboa antes de chegar a noite. — Vocês têm uma casa em Caneças, certo?

Os pais de Jota, com o seu aspeto frágil, enfraquecido pelo luto, pareciam que se podiam desintegrar se o inspetor falasse mais alto.

— Sim, temos.

A maneira inocente como o admitiam desarmou-os.

— Por que razão têm uma casa em vosso nome em Caneças? — prosseguiu Leonardo, refeito da surpresa.

— Essa casa é nossa.

— Eu sei que é. Por isso é que estamos aqui.

— Não estão a perceber. Nós vivemos em Caneças desde que nos casámos, nessa casa que estão a referir. Mudámo-nos para aqui quando o Jota estava no primeiro ano da faculdade.

— Está quase a fazer dez anos que viemos para aqui devido a uma oportunidade profissional da minha parte — referiu Clara. — Nada

mais.

— E o que fizeram com a casa?

— Deixámo-la para o Jota viver. Felizmente, não temos problemas de dinheiro e podíamos dar-nos ao luxo de lhe deixar a casa. Afinal de contas, provavelmente, ficaria mais caro se ele tivesse de alugar um quarto para estudar. Com os preços que se praticam...

— Mesmo assim, o nosso filho quis trabalhar para pagar as contas ele próprio. Era um querido — acrescentou a mãe, orgulhosa, com a voz tremida.

— Então a casa, na prática, era do Jota?

— Sim.

— E que uso lhe deram depois da morte do vosso filho?

— Nós... ainda estamos à procura do corpo dele... Não temos cabeça para pensar em burocracias numa fase destas, inspetores. Além de que não é urgente tratar disso agora. Acreditem no que vos digo. A morte de um filho mexe connosco de uma forma visceral e põe tudo em perspetiva. Essa casa não nos interessa minimamente neste momento.

Leonardo compreendia demasiado bem essa sensação.

— Só queremos fazer o luto do nosso filho — suplicou Clara. — E, com sorte, encontrar o corpo dele. Porque o meu coração de mãe sabe que ele está morto...

— Sabem se o Jota se virou para a religião nos últimos anos?

Os pais ficaram intrigados, o que lhes deu a resposta de antemão.

—Não, que nós saibamos, ele não era religioso. Digamos que a religião e a homossexualidade não andam propriamente de mãos dadas...

Os inspetores levantaram-se, compreendendo como Luís e Clara nada tinham que ver com o que se estava a passar no Caso Elementar. Fora uma viagem em vão. Tempo perdido. Sentiam-se enganados, furiosos.

Marta aproximou a boca do ouvido de Leonardo.

— Já não estamos a fazer nada aqui. Vamos salvar a tua irmã.

Leonardo não conseguiu falar. Tinha as palavras presas num nó na garganta.

CAPÍTULO 101

CARLOS

Saciados como estavam após comerem um *solomillo a la pimienta verde*, no caso de Margarida, e um *bife de chorizo*, para Carlos, decidiram caminhar um pouco até à Praça de Cibeles.

— Sabe bem serem os outros a dever-nos favores — admitiu Carlos, apreciando a magnificência da Praça, centrada pela icónica fonte com a deusa Cibeles num coche puxado por leões. Era a praça mais famosa de Madrid, com edifícios imponentes em redor da fonte, como o Palácio de Cibeles, o Palácio de Buenavista, o Banco de Espanha e o Palácio de Linares.

— Têm sido dias muito exigentes para nós, é verdade.

— Aqui temos Internet de borla, certo? — perguntou, pegando no telemóvel, mas a mão de Margarida impediu-o sequer de o desbloquear. — Que se passa, Margarida? Vou só ver as redes sociais e enviar mensagens aos meus pais. Devem estar preocupados.

— Não lighes a Internet.

— Porquê?

— Não nos podemos distrair com o que se está a passar em Portugal. Viemos para cá com um objetivo: capturar a Roberta Schulz. Não podemos deixar que nada nos distraia.

Carlos olhou-a com intensidade, tentando decifrar as suas expressões e ler nas entrelinhas.

— Tens medo que descubra o quê? Aconteceu alguma coisa de mal?

Margarida encostou-se à parede do Banco de Espanha, o rosto carregado de preocupação.

— No outro dia, quando o Leonardo me ligou para dizer à Marta que tínhamos descoberto que a Roberta estava em Birmingham...

— Pois é, o que foi isso? Nunca cheguei a perceber...

Ela ficou com o olhar ausente, pensativo.

— Acho que ele obteve essa informação de forma... não muito legal.

— Como assim?

— É a conversa que já tivemos, de que as Olimpíadas da Morte mudam uma pessoa. Ninguém fica incólume, nem mesmo a pessoa mais correta do mundo. Tenho a certeza de que a morte do Raul quebrou-o de vez. Senti isso quando falei com ele. Aquele homem a quem ele retirou a informação sobre a localização da Roberta apareceu morto, sufocado e com imensas facadas pelo corpo. Estava irreconhecível.

— E... achas que foi o Leonardo?

— Receio que sim.

— Então, quando conseguirmos capturar a Roberta Schulz e a entregarmos ao Leonardo...

— Ele vai matá-la.

— Jesus...

— Mas, Carlos, por favor, não nos podemos desviar do nosso caminho.

Estupefacto, andou às voltas com as mãos na cabeça, ligeiramente perdido, até que o telemóvel de Margarida tocou e chamou-lhe a atenção. Aproximou-se dela quando atendeu e o colocou em alta voz.

— Conseguiste alguma coisa, Pablo? — perguntou ela, em castelhano.

— Sim, mas não vais gostar.

— Não vou?

— Roberta Schulz aterrou, de facto, em Madrid, no mesmo aeroporto que vocês. Alugou um carro à saída. Estive a invadir o sistema da empresa de aluguer. Escreveram uma nota muito interessante no ficheiro dela que me fez pesquisar ainda mais um bocado.

— O que descobriste?

— Que ela pegou no carro e foi logo para noroeste.

— Quão a noroeste?

— Depois dos Pirenéus.

— Ela foi para França?

— Sim. E estive a investigar, e ela tem uma pequena casa, praticamente desconhecida por pertencer à mãe, que, segundo percebi, está morta. Pelo que vi, parece ser o local mais provável para onde ela se dirige. O que disse faz sentido, segundo o vosso contexto?

— Sim, faz todo o sentido.

— Ela veio para Espanha para nos enganar — percebeu Carlos. — Para nos despistar e ficar livre.

— Mas ela não sabia que eu tenho contactos em quase todo o lado — disse Margarida.

— Tens algum em França?

— Não que possamos usar neste momento. Obrigada, Pablo.

— De nada. Foi um prazer. Estamos quites, agora, certo?

— Exatamente. Depois envia-me a morada por e-mail.

— Combinado.

— Já agora, para que cidade está ela a ir, mesmo?

— Biscarrosse.

CAPÍTULO 102

LEONARDO E MARTA

Para quem não soubesse, era fácil ver que o Arraial Pride Lisboa era dos maiores eventos do mês do orgulho gay. Milhares de pessoas amontoavam-se no Terreiro do Paço, ainda iluminado pelo sol descendente, rumo à noite de festa que se avizinhava.

Apesar da ameaça que pairava sobre o evento, as pessoas pareciam perfeitamente tranquilas, celebrando o seu mês com todo o afinco. Afinal de contas, havia um enorme dispositivo de segurança em torno do evento, com dezenas de agentes da PSP destacados para se assegurarem que as celebrações decorreriam sem percalços e, de preferência, sem nenhum assassínio.

Marta Mateus e Leonardo Rosa cirandaram pelo meio das pessoas, atentos a tudo o que se passava. Apesar da seriedade da situação, não deixavam de admirar a animação. Vestidas a rigor, com as roupas mais coloridas e divertidas que já viram, sempre com a omnipresente bandeira arco-íris, as pessoas dançavam e cantavam ao som de um DJ que os inspetores não conheciam, mas cujo nome era bastante sugestivo: DJ Hot ‘n’ Long.

— É duro estarmos numa fase tão adiantada da investigação e termos tantas dúvidas — lamentou Marta.

— Nunca estivemos tão perdidos numa investigação.

E logo numa investigação onde a vida da Mafalda está em perigo, era o que eles pensavam, mas não verbalizavam.

— Está tudo dependente do que acontecer esta noite — vaticinou

Leonardo, sentindo na pele a importância das horas que se seguiam, não só para a resolução do Caso Elementar, como para a vida da irmã.

A dado momento, receberam uma chamada do inspetor-chefe, que fez de intermediário entre eles e um agente da PSP enviado com urgência para confirmar a identidade e álibi da pessoa que Hélder achara poder ser o Jota.

— Chama-se Adriano Pacheco e é um emigrante da Suíça que veio passar uma semana com a família. Está tudo confirmado.

Eles agradeceram e lamentaram a sua sorte. As dúvidas sobre Jota eram demais. Não sabiam o que pensar.

A noite caiu rapidamente e a animação aumentou. Quando o cantor e ativista brasileiro Johnny Hooker subiu ao palco para o seu concerto, o público foi levado à loucura. Assim se passaram mais duas horas, até que o concerto terminou e o presidente da Câmara de Lisboa subiu ao palco para um discurso marcado pela tolerância e respeito para com os outros, muito aplaudido pelo público.

Quando o discurso do presidente da Câmara se aproximava do fim, foi interrompido perante o súbito desinteresse do público nas suas palavras; o silêncio dera lugar a um burburinho cada vez mais ensurdecedor dado o elevado número de pessoas ali concentradas.

Os inspetores demoraram a perceber o que se passava, até ouvirem duas palavras que serviram para entenderem tudo: «Justiceiro» e «direto».

— Não pode ser... — murmurou Marta, enquanto ambos abriam as respetivas contas do Instagram e acediam ao direto do Justiceiro.

Leonardo sofreu um baque muito forte no coração.

Mafalda estava deitada no chão, as mãos e as pernas amarradas e uma toalha a cobrir-lhe a boca e o nariz. A parte visível do rosto estava cheio de nódoas negras e sangue pisado. Nem parecia ela.

Mas o que o deixou aflito foi quando a câmara se afastou, como se alguém tivesse puxado o tripé mais para trás para aumentar o plano. Depois, uma figura surgiu com um balde cheio de água. A cabeça estava coberta com uma máscara alusiva à série televisiva *La Casa de Papel* e a pessoa envergava um manto que ocultava a sua fisionomia.

A figura mascarada olhou uma última vez para a câmara antes de se focar em Mafalda. Depois, com uma mão numa extremidade do balde e outra na base, começou a despejar água sobre o pano no rosto

da irmã de Leonardo.

Os gritos não tardaram a surgir, excruciantes.

Estavam a torturar Mafalda Rosa em direto.

Com waterboarding.

CAPÍTULO 103

LEONARDO E MARTA

A água continuava a ser despejada, os gritos a serem abafados pelo gorgolejar característico de quem se estava a afogar. O som propagou-se por toda a Praça do Comércio, como se provocassem Leonardo Rosa de propósito. Centenas de telemóveis estavam a assistir ao direto.

A irmã de Leonardo estava a morrer.

— Filho da puta! — gritou, frustrado perante a impotência que sentia de ver a irmã a ser assassinada e de não poder fazer nada para a salvar.

— Olá a todos — começou o Justiceiro, assim que o balde ficou sem água. A sua voz alterada ressoou por todos os telemóveis da Praça do Comércio. — Disse-vos para que tornassem esta noite memorável. Esta noite marcará o início da expugnação dos pecados da Humanidade. Não tenham medo. Se acreditam nesta missão, não pode haver nada que vos impeça de a cumprir.

Uma forte agitação entre os agentes das forças policiais e o público percorreu a praça de uma ponta a outra, com imensos rostos e girarem, à procura de uma ameaça à sua segurança. O Justiceiro estava a instalar o medo no Arraial com sucesso.

Os dedos de Leonardo estavam brancos pela força que exercia sobre o telemóvel.

— Esta mulher é a irmã de um dos inspetores que me queria apanhar e dar cabo da nossa missão. Não podemos permitir que nos

intimidem, nunca! Isso acaba hoje. Espero que estejam todos a postos, porque o meu sinal de partir rumo à limpeza das nossas ruas começa...

A pessoa com a máscara de Dali mostrou outro balde, cheio de água até ao topo.

— AGORA!

O Justiceiro chegou-se perto da cabeça de Mafalda e, como anteriormente, fez pontaria e virou o balde com todo o cuidado para criar um fio de água que caía precisamente sobre o pano que cobria o nariz e a boca da vítima, provocando uma nova onda de gritos terrível, como nunca Leonardo ouvira na irmã. O inspetor, no meio do pânico, sentiu um déjà-vu que não sabia explicar. Algo despertara o seu instinto de inspetor. Um detalhe que, no meio do terror de ver a irmã naquele estado, estava a passar despercebido.

— NÃO! — gritou Leonardo, lágrimas a escorrerem perante o sofrimento mais que evidente da irmã. Marta começou a chorar e deu o braço ao colega, como para lhe mostrar que ela estava ali com ele.

Mas não era a isso que ele estava a dar importância.

Era ao chão daquela divisão e ao rodapé, com uma ligeira falha a meio.

De um momento para o outro, soube onde eles estavam.

Eles estão em minha casa! Mas como?!

Nesse momento, duas coisas aconteceram em simultâneo.

Um grupo numeroso entrou na Praça do Comércio e começou a agredir todas as pessoas por quem passavam, quebrando a ligação entre os dois inspetores. A confusão gerada instantaneamente foi intensa, e mais ainda quando a polícia interveio e começou a dar cacetadas em todos os desordeiros. Os gritos eram aterradores, a violência maior, e não se tardou a derramar sangue.

Apesar de estarem no meio da confusão e a segurança dos inspetores estar comprometida, Leonardo não pensou duas vezes e desatou a correr pela Rua Augusta, alheio à segurança dos restantes. Vivia a um quilómetro daquela praça. Tinha de chegar a tempo.

Só via o Justiceiro e a sua irmã no telemóvel.

Correu como há muito não o fazia. E deixou que a escuridão tomasse conta de si mais uma vez. Os gritos de dor da irmã eram motivação mais que suficiente.

A meio da Rua Augusta, viu o Justiceiro terminar o balde e ficar a observar enquanto Mafalda lutava pela vida, apesar de estar a ser afogada. A figura com a máscara do Salvador Dali pegou num terceiro balde, este possivelmente com o dobro da capacidade, e despejou-o sobre a cabeça de Mafalda sem piedade.

Leonardo sentiu as pernas fraquejarem e ameaçarem ceder perante o horror que observava. Não podia acreditar no que estava a acontecer. Não podia perder mais um familiar. Se alguém merecia morrer, era ele. Nunca ela. As pernas pareciam querer vacilar pelo medo que sentia por ela.

O Justiceiro terminou de despejar o balde, deixando Mafalda perto da morte. Acenou para a câmara e o direto terminou. Leonardo guardou o telemóvel no bolso enquanto corria, o cansaço a não ser problema nenhum. Um minuto depois, chegou ao Rossio e virou à direita, avistando o seu prédio. Da entrada, viu sair uma pessoa com o rosto tapado pela máscara de Dali.

O Justiceiro estava a uma centena de metros de si.

Correu com ainda mais ganância, mais vontade, mais raiva.

Mais fúria. Mais escuridão dentro de si.

O mascarado avistou-o quando estava a cerca de dez metros da sua posição. O inspetor aproximava-se como um touro furioso pronto para dar uma cornada fatal no inimigo.

Claramente assustado, o mascarado correu no outro sentido, percorrendo a Praça da Figueira na diagonal, na direção do Martim Moniz. Mas o combustível que fazia avançar o inspetor era mais potente que o do inimigo. Por isso, quando ele virou para uma rua mais estreita e recôndita, Leonardo conseguiu aproximar-se e atirar-se sobre ele, agarrando-o pelos ombros e provocando a queda de ambos.

Rebolaram durante uns metros até estacarem. Leonardo enrolou imediatamente os braços em torno do pescoço do adversário e apertou-o com força.

— Pensei... que fosses... salvar... a tua... irmã... — disse, mas Leonardo não estava a ouvir. No seu âmagô, embora o seu «eu» verdadeiro não quisesse acreditar, sabia que a irmã não tinha salvação. A quantidade de água despejada sobre ela mataria qualquer um. Nunca iria sobreviver. Mas o problema é que nem tentara salvá-la. Nem pensara em tentar.

O seu objetivo era aquele e apenas aquele.

Quando sentiu que ele ia falar mais, apertou-o com mais força. Ele esbracejou e tentou libertar-se, mas a força imposta pelo inspetor era avassaladora.

Reviveu as imagens da irmã a ser torturada e, num ato de loucura, partiu o pescoço ao Justiceiro, cego de fúria, ouvindo vários gritos de horror em torno de si. Em seu redor, reparou que várias pessoas o olhavam com medo. As mais corajosas, ou loucas, estavam a filmá-lo, o que o levava a uma conclusão terrível.

Leonardo levantou-se, deixando o corpo do inimigo cair no chão como um saco de batatas. Tinha acabado de passar a linha sem retorno.

Agachou-se ao pé do morto e retirou-lhe a máscara de Salvador Dali, deixando-a tombar ao lado do corpo inerte.

Foi então que percebeu tudo.

— Tu não és o Justiceiro. És apenas o cúmplice.

E partiu para sua casa, cego de fúria, a escuridão a dominá-lo por completo.

Não tinha nada a perder.

CAPÍTULO 104

LEONARDO

Leonardo chegou a casa e passou a porta escancarada. Aproximou-se do corpo da irmã e ergueu-lhe o rosto, as lágrimas a começarem a picar-lhe os olhos, a quererem sair, mas a sua escuridão a não querer deixá-las passar. Não queriam que se envolvesse em emoções. Ainda não estava a salvo para se libertar da escuridão.

Retirou o pano. O rosto de Mafalda ainda estava pior visto de perto. Estava desfeito, negro, sangrento, longe da mulher linda que ela sempre fora.

— Mafalda... consegues ouvir-me? Desculpa... eu...

Um movimento impercetível fê-lo calar-se. Seria a mão dela a mexer? Pôs de imediato os dedos no pescoço da irmã e viu, com alívio, que ela estava viva. Ligou de imediato para o 112, mas ninguém atendeu.

A guerra campal que se adivinhava na Praça do Comércio estava a entupir todos os canais de emergência, fossem médicos ou policiais. Não ia chegar ajuda a tempo de a sua irmã sobreviver. Por isso, num ato de loucura, tentou a manobra de ressuscitação cardiopulmonar. Com os braços esticados e os dedos entrelaçados, colocou o calcanhar da mão no centro do tórax.

Durante dois minutos, efetuou duas centenas de compressões, mas à parte de alguma água expelida, nada apontava para que a irmã estivesse viva.

Derrotado, voltou a medir o pulso da irmã.

Nada.

Estava morta.

Leonardo não conseguia acreditar que aquilo estava a acontecer.

— Desculpa, Mafalda! Não sei se conseguirás ouvir isto, mas... Só quero que saibas que merecias o melhor que a vida tem para dar e em vez disso... Desculpa.

Sentindo-se sem chão, perdido, Leonardo foi ao quarto buscar uma almofada e colocou-a com delicadeza debaixo da cabeça da irmã. Não fosse o cenário horripilante em que estava, pareceria que estava apenas a dormir.

Levantou-se em choque.

Foi buscar uma mochila e colocou uma muda de roupa no interior, assim como o passaporte e os seus documentos. Pegou na chave do carro e parou durante momentos na porta de entrada. Aquela casa tinha tantas memórias, tantas vivências. Tinha acontecido tanta coisa. Tinha perfeita noção de que seria a última vez que veria o apartamento. Tal como era a última vez que veria a irmã.

— Adeus, Mafalda. E desculpa... por tudo. Foste a melhor irmã que podia ter tido.

Com emoção contida pela fúria da sua escuridão, foi até ao carro a correr e partiu imediatamente, ignorando a confusão que se ouvia por todo o lado, incluindo o toque insistente do telemóvel.

Ainda não sabia para onde ia, mas sabia que tinha de sair dali.

Acelerou para longe daquele local. Tinha de pensar. No seu íntimo, algo lhe dizia que ele sabia quem era o Justiceiro. Só tinha de clarear a mente para o descobrir, mas isso era mais fácil de dizer do que de fazer. Depois de Mafalda morrer nos seus braços e de matar o cúmplice do verdadeiro assassino, a tarefa era hercúlea.

Decidiu reviver na sua cabeça os momentos finais de Mafalda sob tortura do Justiceiro, os baldes sucessivos despejados, o gorgolejar da irmã...

Os baldes. O Justiceiro a pegar em cada um e, com as duas mãos, a verter a água sobre o rosto tapado da irmã. A afogá-la. A torturá-la. O último balde estava mais cheio e exigiu outro cuidado ao ser manuseado, denunciando algo que só ele captara. Um gesto inequívoco, e o surgimento momentâneo, quase impercetível, de um fio de ouro.

O coração de Leonardo bateu com mais força.

Já sabia quem era.

Ignorando a décima sexta chamada de Marta, telefonou a Alexandre Mota, amigo de longa data e colega na PJ, no departamento de comunicações. Quando lhe pediu o favor de investigar o passado de um suspeito, Alexandre aceitou sem fazer perguntas.

Verificou no GPS que a morada da pessoa de interesse, registada no processo do Caso Elementar, ficava a cerca de meia hora; nesse tempo, o colega conseguiu as informações que ele desejava. Ao que parecia, corroborava com a sua teoria recém-formada sobre a identidade do Justiceiro. Leonardo agradeceu e pediu que enviasse tudo para o e-mail de Marta, para ela ficar a par. Abriu o e-mail e começou a ler enquanto conduzia rumo a Famões, em Odivelas, onde vivia o Justiceiro. Podia não encontrá-lo lá, mas era a única pista que tinha e precisava de a verificar.

À medida que leu sobre a pessoa de interesse, começou, por fim, a compreender o quadro geral do Caso Elementar. Apesar de toda a confusão por que ele e Marta passaram, agora tudo fazia sentido. Mas havia detalhes que queria ver esclarecidos.

Pela mente passavam-lhe um milhão de coisas que queria fazer ao assassino assim que o visse, mas a condução, aliada ao seu foco na parte racional, fê-lo compreender que matá-lo não era o melhor castigo.

Estacionou o carro à porta de uma moradia antiga com uma calma surpreendente e olhou para a fachada. Estava munido de todas as informações que precisava. Irrompeu pelo pequeno portão de ferro forjado e arrombou a porta de madeira da entrada. Foi recebido por dois aromas: um perfume adocicado e o que parecia ser um chá de camomila. O primeiro cheiro era mais uma confirmação da sua teoria. Avançou, decidido, pela casa, até reparar numa figura sentada no sofá da sala, as mãos a envolver uma caneca de chá. Como se tivesse estado ali a noite toda.

Olharam um para o outro com dureza.

— Então, és tu o verdadeiro Justiceiro.

A pessoa sentada à sua frente, numa pose inocente, confirmou com o olhar.

— Sabia que irias acabar por perceber tudo. Espero que o Hélder

esteja bem.

— Não me parece, mas vejo que chegaste a tempo de ter um álibi. Tens o chá pronto e tudo. De certeza de que fizeste questão de que os teus vizinhos soubessem que estavas por aqui a esta hora. Muito bem executado.

— Como é que me descobriste?

Num gesto lento, o Justiceiro pegou no bule de chá de porcelana e verteu o líquido dourado e fumegante para a chávena.

— Por isso mesmo. A forma como a tua mão de apoio se ajusta à base do bule para ajudar a verter o líquido é a mesma que identifiquei no vídeo em que estavas a torturar a minha irmã. É uma forma muito característica de servir chá ou de despejar água. O teu mindinho fica esticado de uma forma diferente, que ficou na minha memória e que fez com que percebesse que eras tu o Justiceiro.

— E como sabias que eu tinha essa peculiaridade? — perguntou, a confusão espelhada no rosto, mas momentos depois pareceu recordar-se e respondeu à sua própria questão: — Quando tu e a tua colega foram a casa do avô do Hélder fazer perguntas sobre ele. Servi água ao Agostinho à vossa frente. Nem acredito que esse pequeno deslize, esse detalhe, tenha arruinado tudo pelo que lutei.

Leonardo anuiu perante a figura altiva de Beatriz Cândida, a enfermeira que cuidava do familiar do escritor.

— Além disso, o teu fio de ouro surgiu num milésimo de segundo quando estavas a matar a minha irmã. E eu não me esqueço desses detalhes.

Estava pensativa e não mostrava estar minimamente assustada, o que só servia para enfurecer ainda mais o inspetor.

— És demasiado perspicaz para o teu próprio bem, Leonardo.

— Já me disseram.

— Tive de improvisar com a tua irmã. Achei que te íamos ganhar. Com a Mafalda envolvida, julguei que fosses quebrar e que não conseguisses pensar corretamente. Mas bom, ganhaste. O que acontece agora? — Beatriz tinha a expressão fria e calculista de alguém que não pretende ir a lado nenhum.

Bebeu o chá com tranquilidade e pousou a chávena na mesinha em frente ao sofá, como se estivesse a passar um serão normal com a família.

— A minha irmã morreu. Não ganhei nada. Mas tu perdeste. — Leonardo tinha vontade de matar Beatriz, mas a sua mente curiosa precisava de saber todos os detalhes. — Mas, antes, vais contar-me tudo. Desde o início.

Leonardo sacou da arma e apontou-a à cabeça da enfermeira.

— O que queres saber?

— Tudo. — Tirou a patilha de segurança da arma e sentou-se de frente para ela.

Beatriz olhou com ponderação para a arma e depois para o inspetor, a calcular.

— O primeiro a morrer foi o Jota — começou, recostando-se no sofá. — Para praticarmos. Depois, os seus fiéis amigos. Não podíamos correr o risco de que falassem.

— Onde estão os corpos?

— Tens de ver o meu jardim, cuido muito bem dele. Sabes, a terra é tão boa que os legumes crescem grandes e frescos.

Leonardo cerrou o punho livre. Tinha de se conter.

— Podes explicar-me por que razão te tornaste no Justiceiro?

Beatriz deixou escapar um sorriso orgulhoso, como se lhe estivessem a perguntar como fora capaz de fazer algo que lhe valera algum prémio e reconhecimento públicos.

— Fiz o que muita gente tem vontade de fazer, mas que nenhuma tem coragem suficiente para o pôr em prática.

— Porque é que odeias tanto a comunidade LGBT?

— Eles são umas aberrações, inspetor. Não vês isso? A Bíblia diz claramente que um casal é formado por homem e mulher. «O homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne». Estes desvios são imorais.

— «Os perversos não herdarão o Reino de Deus.»

Ela sorriu, orgulhosa.

— Porque é que saíste do hospital onde trabalhavas?

— Excelente questão, muito perspicaz — sorriu. — Fui apanhada pelo diretor do meu serviço no Hospital Santa Maria. Estávamos nos anos oitenta e...

— Houve a crise de sida, eu lembro-me de teres referido isso quando nos conhecemos.

— Exatamente — disse, impressionada. — E quem tinha essa

doença eram quase sempre os paneleiros, como também sabes. Eu era uma das responsáveis por cuidar deles. Naquela altura, a sida era uma doença mortal.

— E tu certificaste-te de que se manteria assim.

— Claro.

— Quantos homossexuais mataste no hospital?

— Centenas.

— Acabaste por ser apanhada e demitiram-te.

— Sim.

— Como é que isso não se soube?

— O diretor estava a apontar a uma promoção para sair dali e não queria que as minhas ações afetassem negativamente a reputação dele.

— Ter uma pessoa na equipa a matar doentes de forma propositada arruína qualquer carreira. Chegaram a algum acordo?

— Eu ia-me embora por minha iniciativa, sem levantar ondas, e ele não me denunciava às autoridades.

— O que fizeste a seguir?

— Virei-me para o Senhor.

— Igreja?

— Sim, fui para um seminário. Isolei-me do mundo durante alguns anos para me entregar a Deus.

— Conseguiu o que querias?

— Nunca estive tão em paz como nesses anos.

— E depois?

— Tinha contas para pagar, comida para pôr na mesa e não podia continuar sem trabalhar. Decidi trabalhar em lares privados que pagassem bem. A ajuda de uma enfermeira é preciosa e apreciada em todo o lado.

— O que despoletou para que te tornasses no Justiceiro?

— Estive sem levantar ondas durante vários anos. Trabalhava durante a semana e dava catequeses aos sábados. Tinha uma vida preenchida.

— Tu ensinavas a palavra de Deus aos miúdos, que são sugestionáveis e com as mentes mais moldáveis. Imagino que tenhas criado uma horda de homofóbicos.

— Espero que sim. Mas houve um que me deixou chocada. Era o Quim. Adorava-o como se fosse meu filho. Era um rapaz querido,

meigo, muito amoroso. — O seu rosto sorridente assombrou-se. — Até que um dia ele pediu para falar comigo depois da catequese.

— Confessou que era gay — deduziu Leonardo.

— Disse-me que sabia que era pecado e não queria sentir aquilo, mas que enquanto os seus amigos só falavam de meninas, ele só queria falar de meninos. Disse que se sentia atraído por outros rapazes e que não sabia o que fazer.

— E foste em seu auxílio.

— O meu mundo desabou quando isso aconteceu. Falei com o padre meu amigo, disse-lhe que Deus tinha falado comigo para acabar com essa epidemia de LGBT. Ele disse que devemos sempre dar ouvidos a Deus.

— Ou seja, é como se te desse autorização por meias palavras.

— Ele não podia dizer claramente para eu fazer o que fiz.

— E decidiste fazer algo com as tuas mãos.

— Na altura, já cuidava do Agostinho e ele partilhava das minhas crenças.

Leonardo recordou-se de como o avô de Hélder, em silêncio o tempo todo em que ele e Marta lá estiveram, apenas se manifestara quando passara a notícia do Caso Elementar. «Filhos da puta», dissera ele, mas o inspetor achara que ele se referira ao Justiceiro. Afinal, estava a falar para as vítimas, por serem como eram.

— Um dia, estava o Hélder a escrever o último livro, quando comentei com ele a ideologia do avô. Começou aí uma conversa muito esclarecedora.

— Descobriste que o Hélder também era homofóbico.

— E que foi um rufia do pior. A partir daí, passámos horas a falar de como o mundo estava errado e em como devíamos fazer alguma coisa. Aos poucos, fui sugerindo ideias que tive ao longo dos anos, mas que não o podia fazer sozinha com a minha idade.

— Acredito que não tenha sido difícil de o convencer a juntar-se a ti.

— Depois de termos tido a ideia de que ele devia escrever um livro para «apoiar» a comunidade LGBT, de modo a ter um bom álibi em termos de motivações, foi fácil juntá-lo à minha missão. Aceitou ajudar-me.

— Como era o vosso procedimento?

— Decidimos que o melhor era dominar as vítimas e paralisá-las. Depois, mataria como aparece na Bíblia. Deus sempre me guiou.

— Afogamento, incineração, apedrejamento e chicoteamento.

— Das maneiras de matar mais emblemáticas da Bíblia. E a opinião pública a achar que eram os quatro elementos... — riu-se desavergonhadamente.

— Como começaram?

— Primeiro decidimos experimentar para sabermos se resultava.

— O Jota.

— Sim.

— E depois o Sílvio e a Liliana?

— Também foram cobaias.

— As vítimas eram escolhidas pelo Hélder.

— Sim. Decidiu criar uma narrativa, como bom escritor que ele é, para que desconfiassem dele, mas sem nunca chegarem ao cerne da questão. A pegada, a lente de contacto, a pulseira foi tudo de propósito para criar a dúvida razoável que o libertaria mais tarde.

— Porque não foi ele a matar.

— Não.

Beatriz não mostrava vontade de se calar. Sentia-se orgulhosa do que tinha feito, como um legado a transmitir de gerações em gerações. A vontade de acabar com ela crescia a cada palavra, mas o inspetor deixou-se ficar. Baixou a arma.

Aprendeu que a enfermeira se fazia passar por uma velhota em dificuldades para que as vítimas a ajudassem, e era aí que Hélder entrava em ação, com uma seringa cheia de GHB e *Rohypnol*. O suficiente para ficarem paralisados, mas conscientes. A conta de Instagram tinha sido ideia de Hélder, com o objetivo de adicionar mais confusão e caos à investigação, principalmente pela escolha do nome no masculino.

Ela bebeu mais do chá, apreciando os últimos momentos de liberdade.

— Agora que foste apanhada, achas que valeu a pena?

— Não tenho a menor dúvida. Não sei o que resultará dos confrontos no Terreiro do Paço, mas só por isso já valeu bem a pena. Temos de ter coragem de lutar as nossas batalhas, de lutar pelo que acreditamos. O meu trabalho está feito.

Beatriz sorriu e a mão dela desapareceu no seu bolso, reaparecendo com um comprimido pequeno. Leonardo lançou-se sobre ela a tempo de evitar que introduzisse o medicamento na boca.

— Nem penses. Vais enfrentar a justiça.

Ao segurá-la no pulso com brusquidão para que ela largasse o comprimido do que parecia ser cianeto, sentiu o impulso de lhe apertar o pescoço e matá-la ali mesmo. Mas um ligeiro restolhar perto da sua posição despertou-o. Alguém devia estar a escutá-los. Sentiu pânico. Não tinha tempo a perder.

Pegou num par de algemas, levantou-a com força e puxou-a para fora da sala e da casa, com a porta escancarada. Empurrou-a com severidade pelo caminho. Ao sair pela porta, sentiu algo diferente no ar. Aproximou Beatriz do muro, arrastando-a sem que ela se manifestasse, e usou as algemas para lhe prender uma mão ao gradeamento que o encimava. Dali já não escapava.

Olhou para o interior da habitação de Beatriz. O cheiro de um perfume muito específico foi finalmente processado, depois de o ter sentido no interior.

Núria Tavares estava lá dentro. Escondida.

Estaria a segui-lo? Pelo menos, Beatriz serviria para a atrasar. Para Núria estar ali, significava que descobrira tudo e que o queria confrontar. Tinha de fugir agora, ou nunca teria liberdade para terminar o que tinha começado. Núria era demasiado boa profissional para abandonar uma suspeita amarrada ao muro e persegui-lo. Contava com o seu profissionalismo para conseguir escapar. Ela e Marta tratariam de tudo e fechariam o Caso Elementar por si.

Telefonou a Margarida. Era ela que lhe ia indicar para onde se devia dirigir agora.

Perdido por cem, perdido por mil.

Estava na hora de terminar o outro assunto pendente na sua vida.

Já não tinha nada a perder.

O Caso Elementar estava encerrado.

CAPÍTULO 105

MARTA

Ver o seu colega, o seu namorado, correr que nem um louco pelo meio da multidão até desaparecer pela Rua Augusta, sem saber o que o motivara a tal, deixou-a atarantada. Tentou ir atrás dele, tinha de o ajudar, não o podia deixar sozinho naquele momento tão difícil, mas não conseguiu.

Um manifestante foi contra ela e empurrou-a com violência, lançando-a ao chão. Furiosa, levantou-se e espetou-lhe um soco no estômago, apanhando-o desprevenido, para depois lhe dar uma joelhada no queixo quando ele se dobrou com dores. O homem caiu ao chão e um agente da PSP, fardado até aos dentes, fez sinal de respeito e tratou de o deter.

Voltou a procurar Leonardo, mas a multidão voltou a ficar mais densa, impossível de penetrar. O pânico da maioria dos presentes era audível: gritos de dor e de medo de serem apanhados pelos manifestantes cercavam-na e arrempiavam-na.

Enquanto avançou, deu uns pontapés aqui e socos acolá, até que se viu obrigada a sacar da pistola para parar um homem de sufocar um homossexual, deitado no chão e o rosto a ficar azul.

— Salta daí, cabrão!

Ao avistar a arma, este assustou-se e largou o outro homem, acabando por desaparecer. Marta guardou a arma e continuou a perfurar, até que, finalmente, conseguiu chegar à estrada que passava de forma perpendicular entre a Praça e a Rua Augusta. Atravessou-a e

percebeu que centenas de pessoas da comunidade LGBTQIA+ corriam na mesma direção que ela, a fugir a uma morte certa.

A progressão foi difícil, mas a meio do caminho compreendeu onde Leonardo fora com tanto afinco. Mafalda deveria estar a ser atacada em sua casa. Por que outro motivo iria ele naquela direção a correr?

Demorou quase dez minutos só para fazer a Rua Augusta. A confusão era enorme e não havia forma de ela a controlar. Ao chegar à Praça da Figueira entrou no prédio de Leonardo e subiu ao terceiro andar. A porta de casa estava escancarada e o cenário horripilante revelou-se diante de si.

Mafalda estava morta, deitada no chão com a cabeça pousada numa almofada. Esse detalhe fê-la ter a certeza de que Leonardo estivera ali.

Desesperada por saber onde ele se encontrava, procurou em todas as divisões da casa. A última, onde espreitou num ato de desespero, era a dispensa. Abriu a estreita porta de madeira e, claro, não o encontrou lá dentro; no entanto, algo lhe chamou à atenção.

Um saco do lixo amarrado com força.

Por que razão estaria um saco do lixo ali? Pegou no saco e observou o líquido por baixo. Parecia-lhe ser sangue. Mas... que sentido fazia?

Cada vez mais confusa e com o instinto a incitá-la a abrir o saco, pousou-o em cima da mesa da cozinha e rasgou-o. No interior, estava uma muda de roupa de Leonardo. Curiosamente, era a que ele tinha usado no outro dia. E estava manchada de sangue.

Marta largou as roupas como se estas estivessem contaminadas. Tinha de chamar a equipa da Polícia Científica para analisar a cena do assassinio de Mafalda e aquelas roupas.

O que estava a acontecer? Por que razão as roupas do Leonardo estavam com sangue? E porque tinha ele escondido a roupa?

Foi então que se recordou da notícia do dia, dos corpos carbonizados na zona de Belas e nos disparos ouvidos perto do cemitério.

Não. Não podia ser. O Leonardo nunca...

O desaparecimento de Samuel Pinto... A agressividade dirigida a Núria...

Marta colocou as mãos na cabeça. Tinha a mente desfeita com as ligações que o seu cérebro insistia em fazer, mas que não faziam sentido. Ou que não queria que fizessem.

No meio disto, o telemóvel tocou. Atendeu sem ver quem lhe ligava.

— Estou, sim?

— Inspetora Marta, sou eu.

Precisou de uns segundos para reconhecer aquela voz.

— Inspetora Núria Tavares?

— Exatamente. Neste momento, estou a conduzir. Estou a seguir o teu parceiro.

— Como assim? O que se passa com o Leo?

— Sugeria que te dirigisses para o teu carro imediatamente. Vou precisar de ti.

— OK, OK.

— Já agora: prepara-te, porque não vais gostar nada do que te vou contar. Nada mesmo.

— Dá-me só um momento para resolver aqui a situação antes de me ir embora.

Atarantada, sem acreditar no que estava a acontecer, colocou Núria em espera e fez um telefonema ao inspetor-chefe para que ele liderasse as operações em casa de Leonardo, explicando sucintamente o cenário, sem tempo a perder. Teodoro acatou tudo o que ela disse sem a atrasar, prometendo atuar imediatamente. Sabia que as explicações viriam a seu tempo e depositava nela toda a sua confiança.

Marta olhou para Mafalda uma última vez, as lágrimas a caírem-lhe livremente pela face, recordando como ainda há pouco a abraçava e brincava com ela. Agora estava morta.

Limpou as lágrimas e saiu do apartamento.

O alvoroço ainda era grande na rua. Por várias vezes, teve de ziguezaguear para não empurrar outras pessoas. A confusão era imensa, mas parecia haver uma estranha concentração numa rua paralela que ficava nas imediações da Praça Martim Moniz. Olhavam todas para o centro daquele círculo de pessoas, as mais afastadas a abanar a cabeça, as mãos a tapar a boca, os olhos arregalados, em choque.

Aproximou-se, o sentido da sua profissão a incuti-la para lá.

Percebeu, por entre braços e pernas, que alguém estava deitado no chão. E também avistou a máscara do Dali tombada ao lado dessa pessoa. Um homem executava manobras de reanimação.

O Justiceiro estava ali.

Aperceber-se disso foi como um choque de água gelada.

Afastou os mirones com assertividade, gritando para algumas mais teimosas em arredar pé.

— Polícia Judiciária. O que se passa aqui? — perguntou, quando conseguiu entrar no círculo central, no epicentro daquela pequena confusão.

As pessoas olharam para ela com espanto e não tardaram a atirar acusações que a deixaram sem chão.

— Foi o seu colega!

— Aquele das Olimpíadas da Morte!

— Leonardo Rosa!

— O que tem o meu colega? — gritou, querendo ordem no discurso das pessoas.

— Nós vimos... ele matou-o!

Mas ela não ouviu mais nada. Colocou-se de frente para a pessoa que estava a ser reanimada.

A máscara da *La Casa de Papel* virada para si, a troçar de si. O Justiceiro estava em paragem cardiorrespiratória.

Ajoelhou-se ao lado do homem jovem que executava as manobras de reanimação, exercendo pressão ritmada sobre o peito do homem.

Demorou uns segundos a situar-se, mas descobriu que Hélder Carvalho era, afinal, o Justiceiro. A conclusão deixou-a ainda mais confusa.

— Ele está morto. Tem o pescoço partido. É inútil reanimá-lo — afirmou para a pessoa ajoelhada ao lado do corpo, levantando-se em choque com mais outra conclusão terrível.

Com as mãos a tremer, pegou no telemóvel e alertou Paulo Teodoro desta nova ocorrência, a qual exigia a presença de algum colega para dar seguimento ao seu trabalho. Quando estava a terminar a chamada, novamente com o inspetor-chefe a mostrar-se solícito e a garantir que iria ele mesmo tratar da situação do Justiceiro, algo a assustou.

Leonardo matara-o.

O telemóvel tocou novamente. Esqueceu-se que tinha deixado Núria Tavares em espera e esta teria desligado a chamada para telefonar outra vez.

Reparou, também, que tinha um e-mail de um colega da PJ com o assunto «Info Beatriz Cândida», mas deixou-o para segundo plano. Naquela altura, não conseguia raciocinar.

Sentiu um pânico inexplicável e atendeu a chamada de Núria, não querendo encarar a realidade dos factos. A verdade podia ser destruidora.

CAPÍTULO 106

LEONARDO

Estava a conduzir há quase oito horas; parara apenas para reabastecer o carro, comprar alimentos e prosseguir caminho.

Roberta Schulz estava em Biscarrosse, uma cidade no sul de França, a dez horas de viagem de Lisboa. Pelos vistos, e segundo a explicação que Carlos lhe oferecera, Roberta fora a Madrid com o simples intuito de despistar possíveis perseguidores. E conseguira-o. Momentaneamente. Fora uma jogada inteligente, mas Schulz não estava a par dos contactos da mãe de Leonardo. Margarida e Carlos tinham, entretanto, chegado ao local e confirmado a presença da holandesa, estando Leonardo a duas horas de caminho.

No entanto, o inspetor parecia ter um obstáculo a eliminar antes de cumprir o seu destino. Ao chegar a Bilot, saiu da A63 e mudou para a D626, onde o caminho era mais tranquilo e deserto, principalmente numa altura em que o céu parecia estar a começar a clarear. Algumas centenas de metros depois de sair da autoestrada e de fazer a curva da estrada secundária, parou o carro na berma e aguardou. Vinte segundos depois, surgiram dois faróis que pareceram abrandar, movimentando-se quando o carro se desviou da estrada para parar atrás do de Leonardo.

O inspetor saiu do carro e, com a arma na mão, caminhou para o outro carro, ao mesmo tempo que do lado do condutor saía uma mulher negra.

— O que fazes aqui, Núria? Estás um bocadinho longe da tua

jurisdição. Além de que deixei uma encomenda para ti em Lisboa.

— Eu deleguei a detenção, não te preocupes. Não vou permitir que arruines ainda mais a tua vida.

— Não achas que já está arruinada o suficiente?

— Eu sei do Samuel Pinto.

Leonardo não disse nada, limitando-se a aquiescer silenciosamente.

— Também sei daqueles três corpos que assassinaste em frente ao cemitério de Belas, que os meteste num carro e lhe pegaste fogo.

— Como descobriste a ligação com esses crimes?

— Sou uma boa inspetora, pelos vistos.

— Nunca disse o contrário. É por isso mesmo que te peço para te ires embora. Não estragues a tua vida ao forçares-me a ir contra a minha vontade. Não me vou entregar.

— O que te denunciou primeiro foi o facto de uma das vítimas ser de Fernão Ferro. Achei demasiada coincidência encontrar uma pessoa da zona onde Samuel Pinto tinha sido assassinado por ti, morta ali tão pouco tempo depois de o matares. Depois, encontrei a bala perdida ao pé do cemitério; através da balística confirmei que é do mesmo calibre que as que a PJ utiliza. O registo de chamadas da vítima mais velha mostra que ela te contactou. Foste apanhado. O que aconteceu aí?

— Uma desgraça.

— Também sei que foste tu quem matou o Hélder a sangue-frio há bocado.

— Ele merecia.

— Não nos cabe a nós fazer de juízes e de carrascos. Sabes isso bem melhor do que eu. Mas surpreendeste-me. Deixaste a Beatriz Cândida, o verdadeiro Justiceiro, viver para enfrentar a justiça.

— Núria, por favor. Volta para Portugal. Não queres que o nosso país perca dois inspetores de uma assentada, certo? Só tenho pena de não nos termos conhecido antes. Teria sido um gosto.

— Ainda há uma hipótese. Tens de voltar comigo.

Leonardo apertou o punho da arma, ainda apontada para baixo.

— Ainda não terminei. Preciso de fazer uma última coisa antes de seguir com a minha vida.

— Mas o quê? O que é que te pode ter trazido até aqui?

— Não interessa. Vai-te embora.

— E a Marta?

O nome da sua namorada deixou-o sem reação.

— Ela não merece que tentes salvar-te?

Mas o inspetor não se deixou levar.

— Depois do que fiz, não terei salvação. Não há retorno possível e tu sabes disso.

— Eu posso ajudar-te. Farei tudo para que tenhas a ajuda que mereces. De certeza que poderemos alegar insanidade mental e a pena de prisão poderá ser reduzida. Depois de tudo o que passaste nos últimos meses, ninguém iria colocar isso em causa. Vem, por favor. Não me obrigues a levar-te à força. Pensa na Marta.

— Ela fica melhor sem mim. E nunca na vida me irias conseguir levar à força.

— Eu não o queria ter de fazer.

— Eu não vou contigo. Vou seguir o meu caminho, e preferia que fosse a bem e que não te tivesse de te magoar desnecessariamente. Volta para casa sã e salva. Adeus, Núria.

— Não te mexas! — gritou, erguendo a arma e apontando-a a Leonardo, que começara a dar meia-volta, a fim de voltar ao carro e prosseguir caminho.

— Eu disse que não te queria magoar — lembrou Leonardo.

— Não vais ter de o fazer. Fica quieto. Vou algemar-te e levar-te comigo.

— Não vai acontecer.

— Veremos.

No momento em que ela desviou a atenção por meio segundo, para retirar as algemas do bolso, Leonardo apontou a arma ao antebraço de Núria e disparou, perfurando-o de um lado ao outro e provocando um grito de dor que a levou a deixar cair a arma ao chão; os dois tiros seguintes foram dirigidos aos pneus do carro de Núria, furando-os. Imediatamente, o carro descaiu, inutilizado.

Sem olhar para trás, voltou ao carro e retomou o caminho.

Estava perto do destino.

Núria ia sobreviver; fora um ligeiro ferimento.

Mas Roberta Schulz não iria partilhar da mesma misericórdia.

CAPÍTULO 107

LEONARDO

Biscarrosse era uma pequena cidade à beira do Golfo da Biscaia. Pelos vistos, Roberta Schulz estava escondida na periferia da cidade, na Rue St. Martin. Ao chegar ao local, reparou em dois vultos ao pé de umas árvores que separavam a zona de habitações do arvoredo. Parou o carro, desligou o motor e saiu, respirando fundo.

— O que temos aqui? — perguntou ao chegar perto de Carlos e Margarida, sem qualquer preâmbulo. A conversa ficaria para depois. Agora era tempo de agir.

— A Roberta Schulz está lá dentro — confirmou Margarida, num tom profissional.

— Seguranças?

— Três, um perto da entrada da casa e dois lá dentro. Não dá para ver grande coisa daqui.

— Somos capazes de neutralizá-los à vontade — garantiu. — Vamos a isto?

Leonardo pegou na arma e começou a andar para a casa, mas Margarida segurou-o pelo braço. O filho olhou para a mãe com confusão e um toque de irritação.

— O que vais fazer quando chegares lá?

— Vou matá-la, claro. Acabar com isto de uma vez por todas.

Perante a confiança e atitude de Leonardo, tanto um como o outro pegaram nas suas armas e acompanharam-no até à entrada da habitação. Era uma moradia branca, pequena, de dois andares, de

aspecto frágil e telhado em bico com telhas laranjas.

O céu estava bem claro quando Leonardo bateu à porta da entrada, a imagem de Roberta Schulz bem presente em todos os seus pensamentos vingativos.

Assim que a porta se abriu e avistou um homem robusto de aspeto pouco amigável, Leonardo disparou contra o coração deste e avançou, passando por ele ainda antes de o corpo cair. Na sala de estar surgiu um homem de arma em riste, mas Leonardo disparou imediatamente, sem piedade, acertando-lhe em cheio na testa. Um tiro ressoou da direita e raspou-lhe no braço, assustando-o, mas foi Margarida quem o protegeu, disparando para o topo das escadas que levavam ao piso superior. Ato contínuo, o segurança caiu aos tombos, parando aos pés deles, sem vida. Viram as poucas divisões de baixo.

Nada de Roberta.

Com Carlos atrás deles, subiram as escadas a correr e inspecionaram a casa de banho e os dois quartos. O primeiro estava vazio e o segundo também, mas este último, que dava para as traseiras, tinha a janela aberta. Espreitaram pela mesma, e viram Roberta Schulz correr para o meio das árvores, lá em baixo.

— Carlos, esta é tua — afirmou Margarida.

O jovem, ainda perplexo pela transformação de Leonardo, assentiu e voou pela parede exterior até ao chão, perseguindo-a.

Leonardo e Margarida correram escadas abaixo, contornaram a habitação e correram na direção por onde Carlos seguira. No entanto, percebendo que a forma de Margarida não era a mesma de há uns anos, decidiram esperar no limiar do arvoredo.

Segundos volvidos, ouviram dois tiros mais à frente. Leonardo ficou inquieto, com receio de que ela tivesse escapado uma vez mais. Tinha de confiar no jovem fisioterapeuta. Avançaram pela orla, receosos.

— Será que o Carlos está bem?

— Tenho a certeza que sim, ele sabe safar-se — garantiu Leonardo.

Ouviram passos rápidos, passos mais leves e outros mais pesados, ecoando entre eles. Então, pareceu-lhes ver movimento mais à esquerda, umas centenas de metros mais à frente na estrada. Roberta ia procurar abrigo nalguma casa vizinha. Leonardo correu pela

estrada, de forma a intercetá-la. Com a arma em riste, viu Roberta surgir do interior do bosque. Com Leonardo à frente e Carlos logo atrás, Roberta ergueu as mãos, rendida, e parou de correr a meio da estrada.

— Ganhaste — disse Roberta Schulz em inglês. Tinha o rosto afogueado e a respiração ofegante. — Podes prender-me, eu rendo-me.

Leonardo não esboçou qualquer sentimento.

— Sabes bem que não vim aqui para te prender.

Roberta olhou-o com estranheza, duvidando se ele estaria a brincar ou não.

— O que queres dizer com isso?

— Querias ser presa para depois saíres ao fim de umas semanas, não era? A justiça não é justa. Já percebi isso. Portanto, cabe-nos a nós fazer o que está certo.

— O que... o que estás a dizer?

Agora sim, notava-se medo na sua voz.

— Estou a dizer que vim aqui para te matar.

Durante segundos, apenas o silêncio reverberou em torno deles. Tudo o que vivera nos últimos meses culminava naquele momento. Ia finalmente vingar a morte do seu filho. Bastava pressionar o gatilho e acabaria tudo.

— Não, Leo! Não faças isso!

Aquela voz. Viria do seu interior ou...

Olhou para trás. Marta Mateus corria desde a casa de Roberta até à posição deles, no limiar do bosque.

— M&M, que fazes... — não terminou a pergunta, porque percebeu o que acontecera. — Núria Tavares.

Marta abrandou ao chegar perto deles, ofegante, cheia de tristeza no olhar.

— Leo, não faças isto. Por favor. Porque é que... — Marta começou a chorar. — Porque é que mataste aquelas pessoas todas, Leo? O que foste fazer?

Mantendo a arma apontada a Roberta, aguardou que ela se aproximasse, ainda que ficasse a uma distância segura dele. O olhar perdido de Marta era uma faca no seu coração.

— Eu só queria vingar o meu filho, M&M. Só queria chegar até aqui e fiz o que tive de fazer para o conseguir. Mais nada. Depois vou

seguir com a minha vida...

— Como é que vais seguir com a tua vida depois de tudo isto? Como é que foste capaz?

— Desculpa, eu sei que estraguei tudo.

— Vem comigo, Leo. Não a mates.

— Porquê? Porque é que estás a proteger a Roberta?

— Porque, se a matares, é mais uma morte no teu currículo.

— Estás a proteger a mulher que matou o meu filho? Que diferença fará matá-la?

— Não te posso deixar fazer isso. Não posso permitir, em consciência, que te enterres ainda mais.

— O que queres dizer com isso?

Foi então que se ouviram sirenes ao longe.

— Tu chamaste...

Marta ficou séria, sentindo a inspetora a assumir o controlo em si.

— A polícia francesa. Sim.

Os olhos de Leonardo encheram-se de lágrimas perante a possibilidade de não concretizar a sua vingança. Ele estava perdido. Ia ser preso em França e recambiado para Portugal, onde seria julgado duramente.

Ninguém ficaria do seu lado. Pelo menos, ninguém que interessasse para o julgamento. Levaria uma pena de prisão máxima, de vinte e cinco anos. Quando saísse, já teria mais de sessenta. Não podia ser pai. Iria perder os melhores anos da vida que era suposto ter ao lado de Marta. Se era esse o futuro que o esperava, porquê ficar por ali?

— Parece que vamos ter o mesmo destino, Leonardo. Vamos ambos acabar na prisão — proferiu Roberta, novamente com confiança ao ouvir as sirenes mais perto. — A diferença é que eu vou conseguir arranjar forma de sair de lá, como bem disseste. Já tu, vais ficar lá até seres um velho flácido e rancoroso que, quando estiveres em liberdade, não te vais integrar em lado nenhum e morrerás sozinho.

Leonardo sentiu o sangue ferver. Cego de fúria, virou-se para Roberta e apontou-lhe a arma.

As sirenes estavam pertíssimo, possivelmente a um minuto de distância. Não podia deixar Roberta ganhar. Tinha de acabar ali

mesmo. Se ele ia bater no fundo, ao menos ia com a certeza de que fizera justiça pelo seu filho e por todos os que perderam a vida no Desastre de Lisboa.

— Leo, não!

Mas já nem a voz de Marta o conseguia parar. A escuridão, agora, era total.

Disparou um tiro e o ombro direito de Roberta explodiu, enviando-a uns passos para trás, o rosto mais surpreso do que sofrido.

As sirenes estavam mais próximas. Cinquenta segundos.

Outro tiro, explodindo o outro ombro.

Caminhou na direção dela.

Novo disparo, no abdômen.

Novo disparo, acertando no peito, levando-a ao chão.

Continuou a aproximar-se, decidido a destruí-la.

Trinta segundos. Pareceu-lhe ouvir Marta e Margarida gritarem e aproximarem-se, mas não prestou atenção.

Disparou mais uma vez e a cabeça de Roberta Schulz desfez-se. Continuou a caminhar na direção dela enquanto disparava mais um tiro.

Ia descarregar o cartucho todo nela.

Disparou mais outra bala na direção à massa disforme que outrora fora a cabeça dela, mas o braço foi desviado por Marta no momento do disparo. Ela puxou-o a fim de pôr termo àquela loucura. No entanto, fora demasiado lenta a retirar-lhe a arma da mão, pois Leonardo disparou a meio desse movimento. Em vez de a bala encontrar o corpo morto de Roberta, encontrou o corpo jovem e vivo de Marta Mateus, no abdômen, perto do peito.

Ao vê-la tombar no chão ao seu lado, agarrada à barriga, ficou chocado. Deixou cair a arma e tudo o resto desapareceu ao vê-la em perigo. Instintivamente, retirou a camisola, enrolou-a e colocou-a sobre o ferimento, pressionando-o com força.

Vinte segundos e a polícia francesa estaria ali.

— Chamem uma ambulância! — gritou para Margarida e Carlos.

— A polícia está a chegar, eles vão ajudar-nos — garantiu Margarida, apática.

Leonardo olhou para baixo, para Marta.

— M&M, que fui eu fazer?

Ela tentava parecer bem, mas um esgar percorria-lhe o rosto perante a dor que sentia.

Os carros da polícia estavam a meros segundos de chegar. Marta abriu a boca, parecendo querer falar, mas sem sucesso. Leonardo aproximou o rosto dos seus lábios.

— Ac... aceito.

Estaria ela a delirar?

— Aceitas o quê?

Pelo canto do olho, viu Marta a direccionar o olhar para o bolso das calças de Leonardo. Sem entender, seguiu-lhe o olhar e ainda demorou uns segundos a perceber ao que ela se referia.

— Casar-me... contigo.

Leonardo retirou o anel do bolso com uma das mãos, estupefacto, e entregou-lho, enquanto com a outra pressionava o ferimento. Sentiu as mãos dela fecharem-se e ficarem com o anel. Perdido, não conseguiu dizer nada.

Marta começou a tossir sangue no momento em que os carros da polícia francesa paravam com brusquidão atrás deles e vários agentes armados saltavam dos veículos.

— Ajudem-nos! Ela está gravemente ferida! — gritou em inglês.

Cinco agentes rodearam-nos com rostos de poucos amigos, a tentarem assimilar o que se passava. Quando Leonardo ia gritar a Margarida e a Carlos para que se fossem embora, o que seria tarde de mais, percebeu que eles tinham desaparecido momentos antes de a polícia chegar. Não estavam ali. Tinham-se safado.

Por isso, estavam apenas eles os dois.

Leo e M&M.

Mais o corpo desfeito de Roberta Schulz e a pistola ao lado do inspetor.

Ao analisarem a cena, compreenderam o cenário geral. Dois agentes puxaram Leonardo para trás com brusquidão e torceram-lhe os braços para os algemar atrás das costas.

Depois, contra a vontade do português, arrastaram-no para o carro oficial.

— M&M! Perdoa-me! — gritava, enquanto era arrastado pelo chão. Ele fazia de tudo para retardar esse afastamento. De seguida,

falou em inglês para os colegas franceses: — Levem-na para o hospital, por favor, ela está a perder muito sangue e não tem muito tempo para conseguir sobreviver! Rápido!

Viu dois agentes pegarem em Marta e procederem a comunicações em francês para a levarem ao hospital mais próximo. Enfiaram-no no carro e trancaram-no. Mas ele só tinha olhos para ela. Conseguiria Marta sobreviver?

Já não importava o que seria feito dele, qual seria o seu futuro. Só queria saber se ela sobreviveria. Gritou até lhe doer a garganta. Gritou ainda mais quando a viatura onde se encontrava arrancou e o afastou de Marta. Possivelmente para sempre.

— M&M! M&M!!

CAPÍTULO 108

NÚRIA

Foram realizadas centenas de detenções na noite do Arraial.

O sucedido naquela noite foi apelidado pela imprensa de Massacre do Terreiro do Paço. Morreram quinze pessoas da comunidade LGBTQIA+ e quatro manifestantes fundamentalistas. Foram detidas trezentas pessoas. A influência do Justiceiro revelara-se gigante. As suas redes sociais já contavam com centenas de milhares de seguidores, mas em breve seriam suspensas por ordem judicial, embora isso não eliminasse as ideias das pessoas. A história que revelou Beatriz Cândida, a enfermeira que cuidava de idosos, como sendo o Justiceiro, e Hélder Carvalho como seu cúmplice foi contada e recontada em todas as estações televisivas. O país estava em choque.

Núria Tavares assumiu o protagonismo nesta fase pela proximidade que tivera com os inspetores responsáveis pelo caso, sendo a escolhida para arrumar a casa e encerrar o Caso Elementar. Foi com enorme orgulho que aceitou a responsabilidade, atirando-se com determinação à resolução final do mesmo, terminando os relatórios para sustentarem a acusação do Ministério Público contra Beatriz. O facto de ter estado presente na conversa entre a assassina e Leonardo fora decisivo para fortalecer a posição da acusação.

No quintal de Beatriz foram descobertos cinco corpos enterrados. Entre eles, os de Jota, Sílvio e Liliana. Os melhores amigos mantiveram-se juntos até na morte.

Os dias passaram num enorme frenesim.

Marta Mateus estava hospitalizada no Hospital de Santa Maria, a lutar pela vida. Ainda não tinha vindo a público qualquer novidade sobre o seu estado de saúde, mantendo-se sempre com o prognóstico reservado. Nenhum familiar falara em público, reservando-se ao direito de manter o estado de Marta em privado.

Leonardo Rosa aguardava em prisão preventiva pelo julgamento das quatro pessoas que assassinara em Portugal e pela morte de uma mulher holandesa em território francês. Não tardou muito a que fosse descoberta a identidade dessa mulher e que fosse exposta a sua vida, destacando-se a responsabilidade de Roberta Schulz no Desastre de Lisboa e em vários assassinios em solo lusitano no Caso Segredo Mortal.

Nesta questão, a procuradora-geral da República, Teresa Lencastre, acabou por ser igualmente detida após a descoberta por parte de Núria do seu envolvimento nesse caso; Teresa fora responsável pela contratação do assassino em série que aterrorizara Portugal nesse período. Embora tivesse sido coagida por Roberta Schulz, a sua culpa era evidente, e, neste ponto, Leonardo Rosa fora julgado negativamente pela opinião pública e pelos seus pares por ter ocultado essa informação da justiça portuguesa.

Essa detenção foi de tal forma mediática que eram poucos os que estavam do seu lado. Leonardo estava a cair cada vez mais fundo.

E ninguém o poderia ajudar.

EPÍLOGO

Duas semanas depois

Uma mulher alta, loura, aguardava pacientemente ao lado da porta da clínica de fisioterapia. Usava roupas leves e de tons claros, e uma bolsa ao ombro.

Passavam cinco minutos das seis da tarde quando um jovem esguio, moreno e com uma mochila às costas, saiu, despedindo-se da rececionista, dando o dia de trabalho por concluído.

— Olá, Carlos.

O jovem foi apanhado de surpresa, dando um pequeno pulo ao ser interpelado à saída pela mulher.

— Margarida! Julgava-te bem longe daqui.

Abraçaram-se com ternura, o peso da experiência vivida em conjunto ainda bem presente. Caminharam lado a lado. Carlos costumava ir a pé do trabalho para casa, pelo que fizeram a caminhada juntos, embora ele não soubesse bem por que motivo estava ela ali.

— Tenho tido dificuldades em dormir, depois de tudo o que aconteceu — explicou Margarida, o olhar triste, em luto. — Têm sido umas noites difíceis. A minha filha...

O funeral de Mafalda Rosa havia sido uma semana antes, em Évora, e fora o momento mais triste da vida de Margarida. Nenhuma mãe devia enterrar uma filha.

— Lamento muito o que aconteceu à Mafalda... Se havia pessoa

que não merecia o que lhe aconteceu era ela. Nem imagino o que deves estar a sofrer.

Margarida deixou escapar umas lágrimas, que limpou com um movimento rápido.

— Eu sei. Obrigado. E o meu filho... Saímos dali de repente. Sinto que o abandonei quando mais precisou de mim — lamentou, referindo-se à situação em França.

— Eu sei, mas nenhum deles queria que fôssemos implicados no caso. Não podíamos ser detidos. A nossa missão foi cumprida.

— E o meu neto vingado.

Caminharam em silêncio durante alguns momentos.

— Sinto que terminou aqui um ciclo — confessou Carlos. — O fantasma da Roberta Schulz desapareceu das nossas vidas. Não foi da melhor forma, mas foi pelo melhor.

— Fico feliz por ti. Tens toda a liberdade, agora. Aproveita.

Caminharam um pouco em silêncio, o luto a impor-se entre eles. Em redor, as pessoas continuavam as suas vidas, indiferentes ao que lhes acontecera. Mas era mesmo assim, o pior dia da vida de uma pessoa podia ser o mais feliz de outra. E também eles teriam de continuar.

— Achas que há hipótese de o ajudarmos?

Margarida negou veementemente, os olhos aguados.

— Infelizmente, não me parece. As acusações contra ele são sólidas. Há imensas provas contra o meu filho. Ele... não se vai safar. Vai preso durante muito tempo.

— Sim, a inspetora Núria fez um bom trabalho — reconheceu Carlos.

— Demasiado bom.

— E a Marta, como se está a aguentar?

— O estado dela não evoluiu nem piorou nestes dias. O resultado é imprevisível.

— Isso nunca é bom. Quando dizem isso, significa sempre...

— Não o digas, pelo amor de Deus.

— Não te sabia supersticiosa.

— Não sou, mas não podemos pensar positivo uma vez na vida? Acho que ela precisa de todo o positivismo que lhe possamos enviar. Ela tem de sobreviver. Ainda por cima porque fui eu que lhe disse

onde estávamos. Foi por minha causa que ela foi a França impedir o Leonardo.

— Fizeste o que estava certo.

Ela assentiu, sem tanta certeza.

— Vais ficar por cá?

— Nunca cheguei a sair.

— A sério?

— Sim, mas estava farta de estar sozinha. Estava a precisar de uma cara amiga.

— És sempre bem-vinda em minha casa. O quarto das visitas é todo teu. Até foste tu que o mobilaste, portanto tens direito a residência honorária.

— Obrigado, Carlos — abraçou-o. — Estou a precisar de ficar perto deles os dois. Pelo menos mais uns dias.

— Percebo perfeitamente — disse, ao retomarem a caminhada, introspetivos.

Cobertos de incerteza sobre os futuros de Leonardo Rosa e de Marta Mateus, passaram por uma papelaria onde a notícia mais explorada da atualidade era bem visível em todos os jornais. As manchetes eram especulativas e retratavam o inspetor como o mau da fita, o vilão a ser eliminado. O monstro da história. Marta era a Bela que fora ferida em combate e que lutava pela vida.

A Bela e o Monstro.

Sabiam que nada poderiam fazer para os ajudar, e era esse sentimento de impotência que carregavam como uma cruz a cada dia que passava.

O que quer que o futuro lhes reservasse, estariam cá para lutar por eles.

Até ao fim.

NOTA DE AUTOR

Vingança Mortal marca um final de ciclo no enredo da série, mas não é o último livro da dupla Leonardo e Marta. Longe disso. A Saga Mortal vai continuar com Leo e M&M... resta apenas saber em que condições.

O tema principal deste livro é a discriminação da comunidade LGBTQIA+. A Associação Unida Pelos Direitos LGBT, que surge no decurso da narrativa, é fictícia e foi criada para não ferir suscetibilidades relativamente à instituição na qual foi inspirada, a qual tem feito um trabalho notável na luta pela igualdade e contra a discriminação das pessoas LGBTQIA+: a ILGA.

Se pertencem ou conhecem quem pertença à população LGBTQIA+ e precise de ajuda, a ILGA dispõe de diversos e variados programas de apoio para garantir uma maior qualidade de vida à sua comunidade. Tem vários serviços de apoio psicológico, de apoio à vítima, sociais e jurídicos, bem como vários grupos de partilha e comunitários. Aconselho, caso seja do vosso interesse, em explorar o site, que é bastante completo e esclarecedor: <https://ilga-portugal.pt/>

Este foi dos temas mais importantes que abordei até hoje e que mais cuidados me exigiu. Como sabem, tento envolver-me o mais possível com os leitores nas redes sociais, principalmente no Instagram, e uma das lutas mais importantes que vejo a decorrer é a luta por uma maior diversidade de autores e dos seus livros. Espero ter tratado o tema da discriminação LGBTQIA+ com o respeito que lhe é devido, e fico feliz se tiver contribuído um pouco que seja para a luta

contra a discriminação pela orientação sexual e identidade de género.

AGRADECIMENTOS

Vingança Mortal é um livro muito especial e que só foi possível graças a várias pessoas, as quais merecem o meu agradecimento e reconhecimento.

Em primeiro lugar quero agradecer à Diana Garrido, a minha editora dos últimos três livros, por me continuar a manter no caminho certo e por me fazer crescer e evoluir como escritor. Ainda tenho muito a melhorar, mas tenho a certeza de que ela de tudo fará para me ajudar com o seu pragmatismo e profissionalismo únicos.

Obrigado à Penguin Random House por continuar a apostar em mim e a toda a equipa que, de uma maneira ou de outra, contribui para a passagem do manuscrito para um livro físico. Dos meus quatro livros, os últimos três foram editados com o selo da Penguin, e espero estar sempre à altura da vossa exigência.

Como é habitual, quero enviar um agradecimento ao inspetor Romeu Ventura, pelos esclarecimentos sobre a Polícia Judiciária, e à Eunice Pedro, por ser a minha advogada preferida e estar sempre disponível para me esclarecer todo o tipo de dúvidas, mesmo as mais estranhas. Nunca é demais repetir que qualquer erro relacionado com estes assuntos é da minha responsabilidade e liberdade criativa.

Obrigado ao C. Santos pela revisão sempre pertinente e atenta e ao André Cardoso por mais uma capa maravilhosa e impactante.

Um agradecimento especial ao Filipe Heath pela sua leitura sensível e cuidada e por todos os conselhos muito importantes que me deu, de forma a que conseguisse abordar o tema principal do livro

com todo o respeito que lhe é devido.

Obrigado à minha família pelo apoio constante na minha carreira de escritor, que tanto me entusiasma e apaixona.

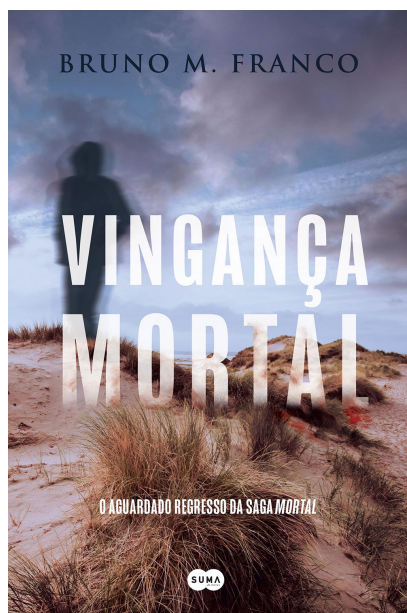
Obrigado a todos os leitores que mantêm a chama da «Saga Mortal» bem viva e que me fazem querer ir sempre mais além para vos surpreender e emocionar. Sem vocês, nada disto valeria a pena. Obrigado por tudo o que me dão, de coração.

Obrigado a todos os criadores de conteúdo que falam dos meus livros, seja nas redes sociais, nos blogues, em canais de Youtube ou em clubes de leitura. Tenho a certeza de que muitos dos meus leitores atuais me conheceram graças a vocês. Adoro o vosso trabalho e nunca é demais agradecer pelo reconhecimento que trazem ao que faço, bem como ao trabalho de outros autores portugueses.

Por fim, e como não podia deixar de ser, o meu mais sentido agradecimento vai para a minha mulher, Sara. É graças a ela e à sua enorme generosidade que eu consigo ter tempo e condições para manter o ritmo de escrita que os meus livros exigem. Sem ti, nada disto seria possível. Obrigado! Como sempre, tu, o Henrique e o Joey são tudo para mim. *Always*.

SOBRE ESTE LIVRO

«ERA UM CORPO. MORTO. UM CADÁVER. LARGOU-O E GRITOU ENQUANTO FUGIA, ATERROIZADA DE MORTE.»



Corpos de homens e mulheres começam a surgir em Lisboa e arredores. Cada morte, um *modus operandi* diferente. Cada cadáver mais mutilado que o outro.

O psicopata responsável pelos crimes auto intitula-se de «Justiceiro», empurrando os inspetores Leonardo Rosa e Marta Mateus para uma

investigação desenfreada para evitar mais mortes.

Entretanto, Leonardo tem de enfrentar um reencontro inesperado que remexe em sentimentos e cicatrizes antigas, ao mesmo tempo que ajuda Marta a superar um trauma recente.

No novo livro da saga *Mortal*, nada é o que parece e ninguém está a salvo... nem o próprio Leonardo, que se sente cada vez mais dominado pela sua escuridão.

Conseguirá escapar?

SOBRE O AUTOR

Bruno M. Franco é um escritor português nascido em setembro de 1990. Licenciado em Radioterapia, trabalha no IPO de Lisboa. Praticou natação de competição entre 2002 e 2016, representando o Clube Lisnave e o CIRL. *Vingança Mortal* é o quarto livro da saga *Mortal*. Podem (e devem) contactar o autor através das suas páginas oficiais:

Facebook: [BrunoMMFranco](#)

Twitter: [brunommfranco](#)

Instagram: [@brunommfranco](#)